

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

PAULA FABRICIA BRANDÃO AGUIAR MESQUITA

ENVELHECIMENTO FEMININO: ESTILO DE VIDA, AFETIVIDADE E
SEXUALIDADE AOS 60

FORTALEZA
2014

PAULA FABRICIA BRANDÃO AGUIAR MESQUITA

ENVELHECIMENTO FEMININO: ESTILO DE VIDA, AFETIVIDADE E
SEXUALIDADE AOS 60

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.
Orientadora: Professora Dr^a. Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques

JUNHO
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- M545e Mesquita, Paula Fabricia Brandão Aguiar.
 Envelhecimento feminino : estilo de vida, afetividade e sexualidade aos 60 / Paula Fabricia
 Brandão Aguiar Mesquita. – 2014.
 201 f. : il., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de
 Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2014.
 Área de Concentração: Sociologia.
 Orientação: Profa. Dra. Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques.
1. Mulheres de meia-idade – Fortaleza(CE) – Atitudes. 2. Envelhecimento – Aspectos sociais –
 Fortaleza(CE). 3. Idosas – Comportamento sexual – Fortaleza(CE). 4. Autonomia (Psicologia) em
 idosos – Fortaleza(CE). I. Título.

PAULA FABRICIA BRANDÃO AGUIAR MESQUITA

ENVELHECIMENTO FEMININO: ESTILO DE VIDA, AFETIVIDADE E
SEXUALIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal do Ceará como requisito
parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.
Orientadora: Professora Doutora Júlia Maria Pereira de
Miranda Henriques

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques (orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Alda Britto da Motta
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Ferreira Osterne
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Andrea Borges Leão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*Ao Enrico, meu filho
Ao Charles, meu marido
Aos meus pais*

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que foram entrevistadas, pela boa vontade em falar sobre suas questões mais íntimas e, por abriram as portas de suas casas.

Ao meu marido, Charles, pelo amor, dedicação sem limites e por ter possibilitado que, em alguns momentos, me dedicasse integralmente à tese. Obrigada também pelo constante interesse na pesquisa, dando sugestões e encontrando livros da área.

Ao meu filho, Enrico, amor incondicional, que aprendeu a esperar desde a barriga, ainda no primeiro semestre de doutorado. Hoje seu crescimento representa a materialidade de todo esse tempo dedicado aos estudos.

Aos meus pais pela confiança no meu trabalho e todo amor que só eles sabem dedicar. Especialmente ao meu pai, pela leitura do trabalho, ajudando na correção ortográfica e por ter deixado tudo na última semana de organização da tese para auxiliar as demandas objetivas para sua conclusão.

Aos meus irmãos, Marianne e Rodrigo, pela amizade e confiança.

À minha querida orientadora Júlia Miranda, presente em todos os momentos da tese, pelo seu entusiasmo e bate-papos alegres sobre as nossas descobertas, leitura criteriosa do trabalho e por toda a contribuição teórica e afetiva.

Aos Professores Alexandre Vale e Irllys Barreira, pelas contribuições na minha qualificação e generosidade acadêmica nos tantos ensinamentos em sala de aula que confluíram na minha formação.

Aos professores que aceitaram o convite para compor esta banca de defesa desde o primeiro momento, Profa. Dra. Alda Britto da Motta, Prof. Dra. Socorro Osterne, Profa. Dra. Andréa Leão e Prof. Dr. Alexandre Vale.

Aos professores da UFC que fizeram parte da minha trajetória na Sociologia, especialmente Glória Diógenes e Alba Pinho.

Às minhas amigas, Elivânia Moraes e Jane Meyre, interlocutoras nessa jornada.

Aos amigos Emanuel Bruno e André Meneses pela amizade e apoio ao me facilitarem o acesso a figuras-chave na minha pesquisa.

À Capes, pela fomento à minha pesquisa.

Via agora como se tornavam estranhas as pessoas que falavam de si, as pessoas que formulavam um discurso, as que diziam isto ou aquilo. Via agora como pareciam elementar àquele homem que desabafasse aqueles segredos, que livrasse a boca das palavras, porque ao menos as palavras partiam e partiam de dentro do peito, aliviando o peito, fazendo-o pesar cada vez menos como num certo milagre da confissão. (Valter Hugo Mãe) .

RESUMO

Esta tese versa sobre o envelhecimento de mulheres de idade entre 60 e 70 anos da cidade de Fortaleza – CE. A velhice é concebida como um estágio humano, cujo sentido é produzido de acordo com o contexto sociocultural no qual está inserida. Os aspectos mais significativos abordados são: compreender o “novo” envelhecimento feminino; as mudanças nos padrões de comportamento e no estilo de vida dessas mulheres; as trajetórias afetivas, considerando os amores de ontem e as reverberações nos novos relacionamentos pós-60 anos; e a sexualidade dessas mulheres que são solteiras, viúvas ou divorciadas. Foi percebido o fato do aumento do número de mulheres dessa faixa etária nos espaços de lazer da Cidade, que denota o protagonismo de um novo envelhecimento evidenciado por um contexto de superação de antigos modelos e comportamentos. É a primeira geração de mulheres a adentrar os muros das universidades e a trabalhar fora de casa. As suas aposentadorias lhes possibilitam vivenciar, hoje, a liberdade, mesmo que tardia, e a estabelecer uma nova relação com o lazer e o trabalho. A afetividade aponta caminhos diversos, ora de necessidade de encontrar companheiros diferentes dos de outrora, ora a denegação de relacionamentos nesses períodos mais avançados da vida. A sexualidade ainda contém resquícios de uma vida de repressão, e ao mesmo tempo, da busca de superação de antigos tabus. A proposta é refletir sobre essas questões, que revelam um novo modo de as mulheres envelhecerem, e as grandes transformações envolvidas nesse processo.

Palavras-chave: Envelhecimento feminino – estilo de vida - afetividade – sexualidade.

ABSTRACT

This thesis focuses on the aging of women between the ages of 60 and 70 years in the city of Fortaleza-CE. Old age is understood as a human stage whose sense is produced according to the sociocultural context in which it is inserted. The most significant aspects covered are: understanding the "new" female aging; changes in behavior patterns and lifestyle of these women; affective trajectories whereas the love affairs of yesterday and the reverberations in new relationships after 60 years; and the sexuality of those women who have remained single, or have become widows or divorcees. The fact that there has been a significant increase in the number of women in this age group in leisure spaces of the city has been perceived, something which denotes the role of a new aging as evidenced by a context of overcoming old models and behaviors. This is the first generation of women to enter the walls of universities and to work outside home. Their retirement, has made it possible to experience freedom today, even if late and to establish a new relationship between leisure and work. Affectivity points towards several paths, such as the need of finding new companions, these different from yore or the denial of relationships in more advanced stages of life. Sexuality still contains remnants of a life of repression and at the same time the pursuit of overcoming old taboos. The purpose of this work is to lead for reflection on these questions that reveal a new way of women growing old and large transformations involved in this process.

Keywords: female Aging-lifestyle-affectivity-sexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Círculo Militar.....	105
Figura 2 – Mercado dos Pinhões.....	106
Figura 3 – Flórida Bar.....	108
Figura 4 – Baile de Fichas Center Um.....	109
Figura 5 – Folder de divulgação da Festa de Fichas.....	110
Figura 6 – Alpendre da Vila.....	111
Figura 7 – BNB Clube.....	112
Figura 8 – Center Um.....	198
Figura 9 – Shopping Aldeota.....	199
Figura 10 -- Shopping Benfica.....	200

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA DE UMA PESQUISA ÍNTIMA: QUANDO O CAMPO É A CASA E A RUA.....	19
2.1 Quando o campo é a casa: a anfitriã e a pesquisadora – visita.....	22
2.1.1 <i>As entrevistas</i>	26
2.1.2 <i>O perfil do grupo</i>	27
2.2 A rua como expressão do envelhecimento.....	32
3 ENVELHECIMENTO FEMININO E AS PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS.....	37
3.1 Velhices: ressemantizações e transformações socioculturais.....	41
3.2 Envelhecimento feminino: a mulher de 60	55
3.3 A mulher cearense por Neli: uma trajetória de vida.....	67
4 MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS NO ESTILO DE VIDA DAS MULHERES DE 60.....	75
4.1 Aposentadoria e projeto de vida: sentidos do trabalho.....	79
4.2 A fonte do rejuvenescimento: viagens e lazer como sinônimo de liberdade.....	92
4.2.1 <i>Circuito do lazer: por onde andam as mulheres de 60?</i>	103
5 TRAJETÓRIA AFETIVA E ENVELHECIMENTO: AMORES DE ONTEM E DE HOJE.....	113
5.1 Os amores de ontem: idealizações sobre o amor romântico e o amor domesticado.....	116
5.2 “Toda mulher precisa de um homem”: <i>namoridos</i> e escolhas aos 60.....	123
5.3 “Eu não quero mais saber de homem”: a inteligibilidade da emoção.....	138

6	COMPORTAMENTO SEXUAL AOS 60: SEXO, MASTURBAÇÃO E TABUS.....	146
6.1	“A mulher que perdia a virgindade era puta mesmo”: virgindade e primeiras relações sexuais.....	156
6.2	“As velhas também tem cosquinhas”: sexo e masturbação.....	165
6.3	“Sinto como se estivesse capada”: a denegação da sexualidade.....	176
7	CONCLUSÃO.....	184
	REFERÊNCIAS.....	187
	ANEXOS.....	201

1 INTRODUÇÃO

Dia 23 de agosto, terça-feira, 21h. Aquele era o dia no qual as mulheres de mais de 60 anos estariam em um determinado recinto da cidade de Fortaleza, Ceará. Qual foi meu susto ao adentrar o Restaurante Alpendre da Vila, àquele momento transmutado em espaço acolhedor de um baile certificar-me de que havia ali cerca de 350 pessoas!

Foi interessante observar o caminho, antes de chegar ao local, que permite analisar o que é aquele dia, em termos de movimento, para a cidade de Fortaleza: as ruas encontravam-se semiescuras e vazias. Foi um choque de energia o ingresso nas imediações do local, quando, diante da penumbra das ruas, surgem luzes e pessoas vestidas com trajes elegantes em busca de frequentar a noite da Cidade. Lembro-me de que a primeira coisa que me ocorreu foi: “Bem, não é que essas mulheres têm as vidas muito mais movimentadas que a minha! Olha a vibração em pleno dia de terça.”

Ao adentrar, percebi os olhares de estranhamento para mim; certamente não achavam que pertencia àquele lugar. É imprescindível tempo para ganhar confiança do grupo e ser incorporada à paisagem.

Naquele dia, fiquei imensamente satisfeita por ter escolhido (ou sido escolhida) para estudar esse tema. O campo é agradável, seja pela música que há muito não ouvia, mas que tem familiaridade para mim, ou ainda pela descontração. O sentido de estar nele, claro está, não é diversão pura, mas é impregnado de intencionalidade, de rigor na observação, uma atenção escafandrista, e nada deveria ocupar mais a minha atenção, naquela situação, do que os meus interlocutores. O aguçamento dos sentidos no olhar, nos cheiros, no treino da escuta acontece devagar, mas, uma vez adquirida essa espécie de faro do etnógrafo, tudo adquire valor e nada se perde.

A música talvez dê pistas sobre o que quero saber naquele momento. A banda toca: *Bate, bate, bate coração/ dentro desse velho peito/ você já está acostumado a ser maltratado e a não ter direitos[...] Bate, bate, bate coração não ligue deixe quem quiser falar/ porque o que se leva dessa vida coração/ é o amor que a gente tem para dar¹!* As mulheres estão muito bem vestidas e alegres nas suas parcerias com jovens dançarinos. Os rapazes que dançam, de um modo geral,

¹ Composição de Céceu, eternizada na voz de Elba Ramalho.

acompanham o ritmo da idosa, inclusive com cuidados na condução das rodadas quando a música pede. Interessante é que os rapazes são muito jovens. Eles seguram as mãos das mulheres desde o momento em que vão ao seu encontro na mesa e as levam ao salão e isso arranca nelas um gesto de satisfação.

A noite segue e dois fatos chamaram-me a atenção em particular. Primeiro, a presença de uma mulher que tinha idade acima de oitenta anos, que passou boa parte do tempo dançando com um dos rapazes e este a acompanhou, tanto à mesa como nas danças, não sendo compartilhado com outras mulheres (exceção à regra). Além disso, ele pagou o que foi consumido. Esforcei-me para olhar para dentro da carteira e percebi que havia apenas uma cédula de R\$50,00, que foi usada para pagar a conta. Conversando com um dos garçons, ele me revelou que a família daquela senhora paga para que o dançarino a leve para a festa. Achei essa observação boa para pensar, sobretudo, pelo modo como foi conduzida toda a questão. Esse fato desencadeou a minha preocupação acerca de que talvez aquele não seja um espaço onde eu possa observar as paqueras, os convites espontâneos para dançar como me pareceram no Mercado Dos Pinhões e no Bar Flórida.

Aqui, o que se vê é uma prática instituída na qual as mulheres pagam aos rapazes para que dancem com elas e, ainda assim parece que há um grupo fechado dos dançarinos; ou seja, não se dança com qualquer um. Notei isso pela quantidade de mulheres que ali se encontrava e a pequena quantidade de homens, esses em geral já acompanhados. O segundo fato, que considero importante nesta noite, corrobora a reflexão anterior. Quase ao final da festa, chegou um motoqueiro, homem alto, forte, bonito e negro, de idade aproximada dos cinquenta anos. Ele pediu uma cerveja e começou a rodopiar e dançar sozinho passos ensaiados de forró, e demonstrava ansiedade em dançar, olhando para as mulheres e cantando. Elas, contudo, ignoraram a sua presença. Inclusive cheguei a perceber que algumas pareciam estar caçoando dele. Em seguida, a festa findou.

Essa foi uma das primeiras observações de campo que fiz. O objetivo era perceber algumas mudanças no comportamento das mulheres em processo de envelhecimento de Fortaleza. A longevidade e suas repercussões nas trajetórias de mulheres é um aspecto novo nas sociedades ocidentais contemporâneas. Essa tese abordará o envelhecimento feminino e as mudanças no estilo de vida após os 60

anos, a saber, as transformações na vida pós-aposentadoria e lazer, os relacionamentos afetivos e a sexualidade.

Desde minha primeira entrada em campo, a sensação que tenho é a de uma “euforia da ignorância”, tão bem traduzida por Ginzburg (2001), como “sensação de não saber nada e de estar a ponto de começar a apreender alguma coisa.” (P. 296). Essa tese começou de uma intuição, e sabia que iniciar do zero no doutorado me traria um ânimo e entusiasmo para enfrentar os quatro anos de estudos e pesquisas. Ao ver, porém, grande parte dos estudos doutorais dos colegas seguirem o caminho da continuidade de argumentações monográficas, ou mesmo dissertativas, isso me fez compreender que a minha empreitada era extensa! As categorias principais de análise, quais sejam, envelhecimento feminino, estilo de vida, afetividade e sexualidade eram excepcionais nos meus estudos, salvo leituras mais gerais apreendidas ao longo da minha trajetória acadêmica!

A investidura foi mais instigante do que eu esperava! O interesse surgiu após um convite que me foi feito para capacitar um grupo de servidores públicos sobre a situação do idoso nos marcos da atualidade. Este desafio, que inicialmente me causou certo desconforto, possibilitou-me adentrar universo novo, sobretudo por ter realizado minha pesquisa dissertativa sobre sociabilidades juvenis, aparentemente no polo oposto a este debate. Naquele momento, passei a supervisionar políticas públicas no âmbito municipal referente à pessoa idosa e o assunto continuou a me instigar: quem são esses sujeitos que estão envelhecendo em nossa cidade? Havia muitas lacunas que precisavam ser preenchidas, embora atualmente existam obras de referência sobre a velhice, mas muito ainda havia para ser explorado. Nos últimos 20 anos, à população brasileira - que se vangloriava de sua juventude, símbolo de desenvolvimento e modernidade - foi outorgada a alcunha de ser um país jovem, evidenciando os primeiros cabelos brancos.

Iniciei a minha pesquisa em 2010. O foco dos estudos convergiram para a compreensão de um “novo” envelhecimento que se diferenciava de outrora, e que logo foi evidenciado por um fluxo grande de espaços de lazer e festas voltados para mulheres de idade igual ou superior a 60 anos em Fortaleza – CE. As idas a esses lugares me permitiram observar um novo estilo de vida adotado por esse público que se caracterizava por gostos, estética, ambientes de lazer frequentados que as diferenciam do envelhecimento da geração anterior. Elas são frequentadoras

assíduas de bares, restaurantes e clubes da cidade e, nesses espaços de sociabilidade, refazem os caminhos para a afetividade e sexualidade.

A velhice é uma condição humana que reflete aspectos concernentes ao ambiente sociocultural no qual se vive. Passou por grandes transformações ao longo dos últimos 50 anos, enquanto perdurava até bem pouco tempo uma imagem da velhice associada a um período de perdas, a exemplo do que diz Todorov (1996):

A velhice, por sua vez, é um declínio não somente das forças vitais, mas também da existência. A causa primeira é o argumento da solidão. 'Comecei a morte com a solidão', escreve Victor Hugo: a existência pode morrer antes mesmo que a vida se extinga. O ser social do idoso é progressivamente desconectado das diferentes redes das quais participa; o tédio torna-se a principal experiência de vida. (P.71).

Hoje a velhice é mostrada como algo positivo e revela os ganhos de sua chegada. O que menos há é tédio e foge-se da solidão. Debert (1999) diz que

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. (P.14).

As mulheres em envelhecimento promovem verdadeira mudança valorativa e também de comportamentos, vivendo uma sexualidade mais livre de determinantes de gênero, garantindo o direito a flexibilizar os relacionamentos afetivos. Em parte, essas mudanças estão atreladas aos anos 1960-70, que significaram transformações em antigos padrões morais e de comportamentos. É a primeira geração de mulheres a frequentar universidades, a trabalhar fora de casa, mas, ainda assim, tiveram casamentos tradicionais e filhos.

O trabalho teve uma importância central em suas vidas e hoje são aposentadas. Mesmo assim possuem projetos de vida que apontam para a retomada de antigas vontades, como fazer especializações, tipos outros de trabalhos vinculados ao que já faziam ou voluntariado. O lazer é um dos pontos de significativa mudança. Enquanto as mulheres velhas, viúvas de antes, viviam voltadas para o âmbito privado, essas vivem a dimensão da vida pública, amplamente.

A afetividade revela trajetórias de mulheres que casaram por amor, aquele idealizado, mas que depois se separaram desses homens com os quais

tiveram filhos. As marcas desses relacionamentos tradicionais permanecem fincadas em suas vidas, umas relativizaram e buscaram novos relacionamentos diferenciados dos modelos antes vividos ao passo que, outras declararam que não querem mais vivenciar esse aspecto de suas vidas.

A sexualidade também passou a ser compreendida como algo a ser refletido com base nos seus discursos que evidenciaram o sexo como algo relevante nos relacionamentos pós-60, embora deva vir acompanhado de alguns outros atributos dentro de um relacionamento.

Os capítulos foram assim divididos, a partir deste introdutório:

O segmento 2, intitulado *Metodologia de uma pesquisa íntima: quando o campo é a casa e a rua*, versa sobre a pesquisa e todos os seus meandros. Aponta para um terreno caracterizado ora por entradas em ambientes de lazer frequentado por essas mulheres, ora por entrevistas em suas casas, a convite delas. Contém um perfil biográfico que caracteriza as interlocutoras e passagens do diário de campo.

O capítulo 3, *O Envelhecimento feminino e as principais transformações socioculturais* propõe-se discutir o envelhecimento em suas diversas formas e o ser mulher em decurso de envelhecimento. Alinhavadas a uma trajetória de vida, são discutidas as peculiaridades de ser mulher numa sociedade cearense profundamente marcada por valores tradicionais e machistas.

A seção 4, *Mudanças comportamentais no estilo de vida das mulheres de 60*, aborda as principais transformações vividas por essa geração ao longo dos anos e o diferencial que a entrada na universidade e o trabalho trouxe para as suas vidas. Também é mostrado um estilo de vida intensamente ancorado por atividades de lazer variados e a importância que as viagens ocupam na vida dessas mulheres.

O capítulo 5 – *Afetividade no envelhecimento: amores de ontem e de hoje* - revela os primeiros amores vividos pelas interlocutoras da pesquisa, ainda cercados de idealizações do amor romântico; depois, as vivências do amor domesticado nos casamentos, e o que procuram nos novos relacionamentos pós-60 anos.

Comportamento sexual aos 60: sexo, masturbação e tabus, título do sexto capítulo trata de tabus como virgindade e a carga valorativa que havia em perder antes do casamento, as primeiras relações sexuais com os maridos, a importância que o sexo ocupa nos novos relacionamentos e os depoimentos de mulheres que afirmam estar “aposentadas” sexualmente.

Segue a conclusão, capítulo 7, na qual procuro reafirmar as principais descobertas da tese e acrescentar elementos que ainda podem ser aprofundados em outras pesquisas.

2 METODOLOGIA DE UMA PESQUISA ÍNTIMA: QUANDO O CAMPO É A CASA E A RUA

A pesquisa de campo para esta tese foi feita ao largo dos quatro anos de doutorado, por vezes com assiduidade, outras constituídas por encontros esparsos. Ela se divide em dois momentos, não sequenciais ou excludentes, a saber, uma pesquisa de campo na qual frequentei os espaços urbanos destinados aos maiores de 60 anos em Fortaleza; e a outra é de entrevistas em profundidade com as interlocutoras.

Os sujeitos desta pesquisa são mulheres com idade desde 60 a 70 anos, com formação mínima de graduação, algumas delas tendo alcançado o pós-doutorado, solteiras, viúvas, desquitadas ou separadas, residentes em Fortaleza. Essas opções se deram intencionalmente mediante a busca de um “tipo” de mulher em decurso de envelhecimento que pretendia ouvir, qual seja, aquela que tinha adquirido a independência ao longo dos anos e, ao chegar à idade mais avançada, atravessava a vida sozinha. Essa consideração decorre do questionamento acerca dos novos investimentos afetivos, que nomeio de *relacionamentos pós-60 anos*.

Muitas questões mostraram-se importantes como ponto de partida, contudo, as que mais me motivaram podem ser expressas da seguinte maneira: que sentido essas mulheres atribuem ao envelhecimento e seus projetos de vida? Qual é o estilo de vida de uma mulher nessa faixa etária em Fortaleza? O que procuram quando saem com as amigas para os espaços de lazer em Fortaleza? Como vivenciam aspectos da sexualidade, tais quais: que lugar ocuparia um novo parceiro em suas vidas? No caso de procurarem novos parceiros, o que esperam desses relacionamentos? O que importava antes e que hoje perdeu relevância e, o contrário, o que antes não tinha importância e hoje é imprescindível? O sexo ocupa que lugar em sua vida? Os antigos relacionamentos servem de parâmetro para as novas vivências? Como relacionam idade-sexo, idade-sentido de vida? Essas são questões que considere nas minhas incursões. Ao adentrar com maior profundidade o campo de pesquisa, percebi a importância de questões específicas em seus discursos, como o aspecto que assumiram nas suas vidas as viagens para o Exterior como área privilegiada do lazer, assim como o trabalho pós-aposentadoria. Tive que incluir no meu percurso discursivo essas novas questões.

A pesquisa teve elementos captados no âmbito público e no terreno privado, evidenciando um itinerário das sociabilidades desse grupo; no primeiro caso, quando iniciei a observação direta nos espaços públicos frequentados por elas em Fortaleza. Essa foi a aproximação inicial que tive com as interlocutoras da minha pesquisa tendo como locais bailes da terceira idade e bares frequentados por essas pessoas. Esses espaços me permitiram construir uma cartografia urbana do lazer dessas mulheres, além de observar elementos fundamentais da pesquisa: olhar a desenvoltura delas na experiência cidadina, conversar informalmente, discutindo assuntos em filas de banheiros e mesas de bar, no entra-e-sai das pistas de dança. Outros ambientes informais também foram importantes, a exemplo de conversas em salões de beleza e em vários cafés da cidade. Esses lugares são privilegiados para a escuta, sobretudo, porque observei que as pessoas falam com maior facilidade sobre questões pessoais para estranhos, para as manicures, ouvidores anônimos de cafés, e com uma riqueza de detalhes surpreendente!

Senti, contudo, a necessidade de conversar com elas de modo mais próximo, de adentrar a intimidade de suas vidas, com suporte em questões mais focadas e que melhor orientassem minha pesquisa. Foi então que optei pelas entrevistas em profundidade; e essa abriu um nicho muito próprio, qual seja, ao ligar para as mulheres com fins de entrevistá-las em qualquer lugar que sugerissem, grande parte delas ofereceu seu espaço de maior intimidade: a casa. Eis que a escolha delas convergiu para meu interesse! Ir às suas casas me permitiu observar inúmeros elementos agregados ao seu estilo de vida que o encontro casual nos lugares anteriormente referidos não revelavam. Ou, como afirma De Certeau (1996), a moradia das pessoas, “eis o indicador fiel e tagarela com que sonham todos os inquisidores, da administração às ciências sociais.” Para o autor, o *habitat* das pessoas, faz, antes mesmo que “o dono da casa pronuncie a mínima palavra”, uma confissão involuntária!

Um lugar habitado pela mesma pessoa durante um certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem.[...] indiscreto, o habitat confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes. Tudo nele fala. (CERTEAU, 1996: p.204).

Esses elementos, elencados fortemente a minha percepção sobre cada uma dessas mulheres, de seus relatos de vida, por meio de objetos evidenciados na casa, o lugar que reservavam para me receber, a forma como estavam organizados os objetos ao meu redor, os móveis, tudo isso foi importantíssimo no delineamento do caminho que havia escolhido: a especificidade de a pesquisadora entrar nas casas dessas mulheres evidenciou todo o diferencial da minha pesquisa. Esse lugar pessoal também foi apontado por aquelas que ainda trabalhavam e sugeriram me receber no local de trabalho, que também é íntimo.

As mulheres pesquisadas foram indicadas por amigos, e depois formaram uma rede de relações, composta por uma entrevistada, que indicava outra. Portanto, a pesquisa teve uma *amostragem intencional* (PAHL, 1997):

Diferentemente dos etnólogos que despendem muito tempo com entrevistados inacreditavelmente chatos e confusos, tentei encontrar alguns produtivos e capazes de justificar os gastos, e de um modo geral a amostragem intencional foi muito bem-sucedida. Entrevistei ao todo vinte pessoas em duas ocasiões e uma em uma única.”(P.234).

O autor procurou colegas de seus colegas ou pessoas que havia conhecido em festas para formar sua amostragem. Embora essa técnica seja comumente chamada de rede, ele considera esse termo falacioso, optando por chamar de amostragem intencional. Os motivos pelos quais abordo sua pesquisa nada tem de relação com os seus, qual seja a suposta perda de tempo com “os chatos e confusos,” mas essencialmente por ter me encontrado numa situação de muita dificuldade de fazer com que as mulheres mais velhas falassem de sua intimidade com uma pessoa que não conheciam, mas que não era igual à anônima da rua. Esta última fala-se e a sensação é de que ali ficará, enquanto a pesquisadora além de interpelar irá refletir sobre seu discurso.

Assim, usei a estratégia desse autor de solicitar que colegas me indicassem pessoas de sua convivialidade para que eu pudesse conversar sobre a pesquisa. Naturalmente, todas as que aceitaram já tinham alguma ideia do que se tratava e estavam dispostas a falar. Assim, embora tirando o prazer de ir ganhando as pessoas no cotidiano da pesquisa para que aos poucos fossem falando, me foi permitido abordar diretamente aquelas que não ficavam tão constrangidas de conversar comigo sobre sexualidade e afetividade.

Quanto à pesquisa dita intencional, a rede de sociabilidade foi iniciada da seguinte maneira: liguei para uma profissional conhecida e pedi que me indicasse uma colega e ela indicou duas; outra amiga indicou-me sua orientadora de doutorado e outra profissional de seu ambiente de trabalho; outra apontou-me uma tia; outro colega indicou-me a mãe de sua amiga. E, depois, uma indicava outra para a pesquisa. Ao todo, foram realizadas dez entrevistas com mulheres de mais de 60 anos das seguintes profissões: assistentes sociais, economista doméstica, escritoras, pedagogas, historiadora e advogada. Tinham especializações variadas e até doutorado. Contudo, uma delas foi anulada², a grande maioria em suas residências; mas houve também aquelas entrevistadas em ambientes de trabalho ou mesmo em um café da cidade.

2.1 Quando o campo é a casa: a anfitriã e a pesquisadora-visita

Quando o campo é a casa da pesquisada, é tentador refletir com Damatta (1997) sobre a casa e a rua³. O autor fala das regras de receber em casa que amortecem a passagem entre a casa e a rua, ou seja, entre o contato de fora e a intimidade do lar, criando assim duas figuras centrais, a saber: os *anfitriões*, que conhecem a regra de ouro da hospitalidade, qual seja, o “respeito pela pessoa da visita e na satisfação de tê-la dentro do nosso teto” (p. 11); e a *visita*: “entidade definida com extrema precisão social no caso brasileiro e portanto sujeita a uma série de atenções altamente conscientes – ritualizadas e solenes.”(P. 11)

O cuidado em deixar tudo arrumado e perfeito para receber a pesquisadora-visita não foi prontamente percebido. E a formalidade foi logo quebrada em virtude das perguntas sobre questões pessoais, os namoros da juventude, e a recordação ia ganhando vida em suas palavras, nos olhares que

² A oitava entrevista foi cancelada em virtude do receio da mulher em revelar os aspectos abordados na pesquisa. Depois de mais de 20 minutos transcorridos do início da entrevista, na qual ela mantinha-se monossilábica, ela me revelou que foi amiga do meu pai na época em que eram bancários e que me conhecia desde pequena. Assim, tornou-se inviável continuar, pois ela estava pouco à vontade para apontar tais questões.

³ Ao tratar da Casa e Rua, DaMatta (1997) as faz considerando-as como duas categorias sociológicas fundamentais para compreender a sociedade brasileira. São entidades morais e só existem em oposição, embora, às vezes, uma englobe a outra. A casa é mostrada como um espaço moral, de intensidades emocionais, um espaço onde temos todos os direitos. E a rua é o lugar da lei, dos discursos rígidos e da emoção disciplinada.

sorriam nas beiradas lembrando de suas traquinagens e comportamento ainda jovem. Acredito que este tipo de pesquisa foi facilitada pelo fato de eu ser mulher, ainda que mais nova do que elas. Tenho impressão de que se fosse um jovem pesquisador ele teria recebido mais rejeição do que eu ao telefone.

Nas considerações sobre essa relação, que é estabelecida entre aquela que está à espera em casa e a que vai chegar mediante convite, forja uma relação que DaMatta (IDEM) atenta para as normas de receber. Mas elas não se detiveram a esses aspectos, o que talvez, me coloque de volta ao lugar de pesquisadora e não apenas de visita; pois, a esta última, se oferece algo para beber ou mesmo comer. À pesquisadora, nem sempre. Ao final da entrevista, quando já me dirigia à porta, unanimemente, as mulheres diziam, surpresas, que não tinham me oferecido um suco ou café, e era nesse momento, à saída, que ofereciam. Houve uma exceção apenas: na última entrevista, fui agraciada com uma ampla mesa de café da tarde e com a amizade da interlocutora. Hoje faço parte de seu grupo de amigos das redes sociais ⁴e formamos um laço afetivo.

Espero que esse indício signifique que estavam envolvidas demais com a entrevista para terem algum tipo de cerimônia como esta. Pelo menos, assim prefiro crer. Afinal, as entrevistas duravam em torno de três a quatro horas. Também não me esqueço de que De Certeau (1996) diz que o visitante é sempre um intruso e deve saber abreviar a sua visita sob o risco de ser “importuno”. Em alguns momentos, senti que a casa anunciava a minha partida pela mudança nos ritmos: ou pelo acender de luzes, fato demonstrativo de que já ia ficando tarde, ou pela chegada de um filho da faculdade noturna ou ainda pelo desligamento do televisor. Quando estávamos na entrevista, não víamos muito o tempo passar.

Esse tipo de entrevista em profundidade busca

[...] vasculhar mais a fundo a experiência do entrevistado, já que ela visa, principalmente com ajuda das técnicas da reformulação, levar a descrever detalhadamente as dimensões abordadas. Além disso, o entrevistado gozaria de mais tempo para se expressar. Nesse sentido, uma boa entrevista se definiria como aquela em que o entrevistado fala sobre o que é verdadeiramente importante para ele, e em que o pesquisador obtém uma certa saturação dos temas tratados. (POUPART, 1997: p.225).

⁴ Depois das entrevistas passei a fazer parte da rede social daquelas que me convidaram e a compartilhar pensamentos e afetos.

Ainda assim, essa foi uma possibilidade, dentre tantas, de tentar chegar ao lugar mais íntimo da vida dessas mulheres, este de difícil acesso, e pelo qual se caminha, pisando devagar, embora com firmeza. Nem sempre conseguimos, como pesquisadores, chegar a essa estação, se o que é pretendido é saber da realidade. Afinal, Machado Pais (2012) revela: “Os discursos não correspondem obviamente aos fazeres. O que nos interessa, sobretudo, é interpretar os dizeres como fazeres discursivos.” (P.16). O autor enfatiza que as palavras são chaves de acesso ao mundo das representações sociais. Esse material empírico constitui-se de discursividades que, oriundas das entrevistas, podem ser vistas como realidade indiciante; são discursos sobre o modo como as pessoas interpretam a sua vida.

Com esse material em mão, coube-me buscar dar sentido a esses discursos. Essas entrevistas incidiram sobre a cotidianidade da vida dessas mulheres e foram de grande importância para minha empreitada metodológica, sobretudo por se tratar de narrativas íntimas da vida delas, contadas na maioria das vezes no âmbito doméstico, o que me fez conhecê-las mais de perto. Assim escrevi uma dessas experiências próximas.

Cheguei à hora marcada: 9h. Ela me esperava ao portão de sua casa, e encaminhou-me para a sala. O televisor de 42 polegadas estava ligado em desenhos animados. No sofá, havia diversos caderninhos e lápis. Ela pegou um deles e me surpreendeu com uma poesia que ela escreveu, sobre envelhecer, enquanto me esperava. A casa era bastante confortável, o piso de porcelanato denotava certa simplicidade ao ambiente, principalmente se comparado às outras casas que visitei para entrevistas. Ela me disse que acaba de reformá-la fazendo 5 suítes. Mesmo com o aumento dos compartimentos da casa, seu quarto parecia bastante pequeno: era o primeiro da casa, simples, com uma rede, ventilador e armários cheios de livros que vem escrevendo à mão, depois manda digitar e encadernar para, em algum momento mais à frente, quem sabe, serem publicados como outros o foram. Ao final da entrevista, fez questão que eu a acompanhasse ao seu quarto para me mostrar o que realmente valorizava: seus escritos! Aos 66 anos, parece, à primeira vista, ser uma mulher frágil, pequena, mas ao falar, mostra-se enorme, fugaz, cheia de projetos de vida e expectativas. Enquanto conversamos, a empregada doméstica fazia o serviço lá de longe. E entre uma conversa e outra, somos interrompidas pela ligação das filhas ou pela netinha que mora com ela. Todas me olham de longe como se achassem esquisito essa mulher a entrevistar a patroa, ou a mãe, avó, e eu me sinto um pouco sem graça de estar tão cedo invadindo suas vidas. Mas não é esse o trabalho do pesquisador? Lançar-se a campo, esperando que desse encontro saia o que há de melhor? (DIÁRIO DE CAMPO: 02/10/20013).

A casa é por excelência o espaço de maior intimidade das pessoas, aquela que só é dada a conhecer pelos próximos, mas essas mulheres sempre me chamavam para lá, para seu cantinho mais íntimo. É o território de seu saber e fazer

cotidiano. As casas eram as mais diversas, nos bairros mais nobres da cidade ou não; as interlocutoras também eu não conhecia, apenas pelo contato telefônico, e eu era sempre aquela que indagava sobre as experiências de vida mais íntimas! Observei que, em algumas casas, as mulheres tinham feito algum tipo de reforma recentemente. Inclusive, em uma casa, foi marcada e remarcada algumas vezes a entrevista, pois ela só queria que eu fosse quando a reforma de sua casa fosse terminada, afinal “estava uma bagunça.”(Sic).

O desafio maior ainda era ir avançando com delicadeza por outros aspectos da sua cotidianidade bem mais pessoais. Em dado momento, cheguei a pensar o motivo pelo qual me chamavam para suas casas, uma vez que as deixava muito à vontade, a despeito de local da entrevista, oferecendo opções próximas às residências delas, mas sentiam-se à vontade em casa mesmo, ou por comodismo, ou ainda por ali não ficarem com receio de encontrar a entrevistadora.

As entrevistas feitas no trabalho correspondem, justamente, às mulheres que continuam trabalhando, talvez para mostrar que ainda estão “na ativa.” Uma das pesquisadas entrevistada em sua sala da Universidade diz que não recebe ninguém em casa, só no trabalho e na rua.

A experiência da entrevista é uma longa série de trocas e não encontros contingentes e arbitrários feito às pressas, diz Bourdieu (1997), ao mesmo tempo em que mostra essa situação sempre como uma intrusão arbitrária, podendo essa dessimetria ser diminuída, ao passo que o pesquisador procura reduzir a violência simbólica que constitui essa relação. A complexidade da minha pesquisa nem reside tanto nesta característica peculiar a qualquer situação empírica, mas a diferença etária constituiu, isto sim, entrave para troca de informações. Percebi isso principalmente na fala daquelas que negaram participar da pesquisa e foram enfáticas que não falariam sobre essas coisas com uma pessoa que tinha idade para ser filha ou quem sabe até neta. Foi preciso certa intuição, o uso de pronomes pessoais como *tu* e *você*, chamá-las pelo primeiro nome sem usar o termo *senhora* antes, que reduziu essa distância. E essa experiência transformou-se em uma oportunidade, segundo elas mesmas, de pensar nesses aspectos de suas vidas que não paravam muito para refletir.

2.1.1 As entrevistas

Foram realizadas, conforme esboçado, entrevistas em profundidade com essas mulheres, moradoras da cidade de Fortaleza – CE, com formação mínima universitária, e cuja situação pessoal fosse de solteira, viúva, divorciada, separada, ou seja, que não fosse casada.

Nas entrevistas, foi utilizado um gravador *mp3* ou *iphone*. Percebi como esses novos instrumentos tecnológicos facilitaram a pesquisa, uma vez que, na pesquisa de Mestrado, ainda utilizei o gravador com fita cassete, mais pelo desejo da iniciante de ter um trabalho mais próximo das antigas artesanias dos antropólogos do que por não ter à mão os novos meios. Lembro-me de que o trocar de fitas parecia produzir uma pausa desnecessária para a coleta do relato, muitas vezes, produzindo certo embaraço do entrevistado. Dessa vez, ao colocar os novos instrumentos em cima da mesa, e por ser tão comum no dia a dia das pessoas, parecia ficar esquecido. Parecia romper com aquela formalidade de início, meio e fim, e o discurso transcorria livremente. Depois fazia todas as transcrições, sozinha.

Embora as entrevistas fossem abertas, havia um roteiro que abrangia aspectos sociofamiliares e escolaridade, processo de envelhecimento, relacionamentos afetivos e sexualidade. Isso permitia que as perguntas fossem no sentido de pensar a formação e o trabalho das mulheres, aposentadorias e novos trabalhos; sobre suas famílias, se já haviam casado, se tinham filhos etc; como vivenciavam o envelhecimento; pedi que falassem sobre os namoros da juventude, se já vivenciaram um grande amor e virgindade; qual a importância do sexo em suas vidas, hoje, da masturbação, perspectivas de novos relacionamentos.

Como é possível observar, o tema é da vida íntima dessas mulheres e, por se tratar de questões tão pessoais, observei desde desabafos sobre os filhos que não se preocupavam com elas, mas queriam que estas vivessem à sua disposição, assim como mulheres que diziam que não gostariam de ser entrevistadas ao receber minha ligação, mas que, ao telefone mesmo, relatavam sobre suas vidas, seus namoros, os das amigas, fato este que me rendeu muitos blocos de notas. Aquelas que esticavam as conversas por telefone, geralmente depois cediam à entrevista, e quando as encontrava, parecia que já nos conhecíamos.

Todas as mulheres ouviram de mim a garantia do sigilo de suas identidades, por isso achei de rebatizá-las, de modo que eu pudesse me lembrar da trajetória de vida de cada uma com base dessas personagens criadas.

2.1.2. O perfil do grupo

As mulheres entrevistadas, ou as anfitriãs da pesquisa, possuíam as seguintes profissões: assistente social, historiadora, pedagoga, escritora, economista doméstica, advogada e professora universitária. Tinham especializações (apenas uma não tinha), uma tinha até pós-doutorado.

Elas se reconhecem como pertencentes aos grupos de classe média de Fortaleza, tendo o mesmo estilo de vida, frequentando iguais espaços de lazer, com pequenas diferenças de renda. Estão aposentadas, contudo, algumas continuam trabalhando um expediente por dia nas suas antigas profissões, ou ainda, em outras atividades diferentes daquela que passou sua vida toda exercendo. Houve também quem passasse a se dedicar a atividades voluntárias, projetos sociais voltados para as classes populares, inclusive uma dessas mulheres me falou de pelo menos uns dez projetos sociais nos quais está envolvida. Elas procuram ocupar o tempo que era antes voltado para o trabalho em outras atividades sociais, ou complementares para suas rendas.

Embora tendo feito uma pesquisa com pessoas dos setores médios, por opção própria, não me detive, em momento algum, a respeito da renda financeira das mulheres, sendo possível observar o *status* de vida que tinham pelos signos que portavam, no qual observei desde a sua aparência, o modo como se vestiam, as casas próprias (apenas uma era alugada), os passeios, viagens que faziam, escolaridade e uso das novas tecnologias, a saber, telefones celulares caros e computadores, que carregam em si mesmos evidências de sua classe; além de elas mesmas assim se reconhecerem.

Estudar os segmentos médios urbanos significa observar o *ethos* e o estilo de vida de um grupo que pertence a estratos sociais similares e que têm acesso a um conjunto de valores materiais e simbólicos que os qualifica como tais. Os marcadores sociais também possuem relevante papel, uma vez que configuram

as características gerais desse grupo, contudo, do ponto de vista das individualidades, é heterogêneo e diversificado.

A Antropologia brasileira vale-se da discussão da importância do estranhamento como instrumento metodológico. DaMatta (1978), ao analisar a tarefa do etnólogo, diz que consiste em transformar o exótico em familiar e/ou transmutar o familiar em exótico. O primeiro é o movimento original da Antropologia para conhecer as culturas ditas primitivas. Transformar o familiar em exótico é o movimento mais do presente, no qual a disciplina se volta para a própria sociedade complexa.

O problema é o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir [...] o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. (P.28-29).

Pertencer à classe média fez-me reconhecer indicadores próprios que me facilitaram perceber que mulheres entrevistar, e, ao mesmo tempo, como me aproximar delas. O marcador etário, no entanto, nos diferenciou substancialmente e teve caráter decisivo na pesquisa. Por mais que pertencesse e reconhecesse signos de identidade social, outros fatores, evidentemente, causaram certo estranhamento, sobretudo a diferença etária. Assim, tive momentos de avanços e recuos nas entrevistas, para tentar saber qual o melhor momento de fazer determinadas perguntas. Isso me fez, por vezes, caminhar por outras trilhas.

As mulheres entrevistadas sustentam-se com suas aposentadorias. Uma delas tem também alguma pensão herdada do pai, outra do marido falecido. Há também aquelas que fazem trabalhos por temporada, como consultorias, que injeta dinheiro para suas viagens e *hobbies* variados, bem como para cuidados de si, como academias, fisioterapias e medicamentos/suplementos alimentares. Usam suas rendas para passear, espetáculos, teatro, enfim, para manter o estilo de vida que possuem.

Um dos grandes focos do lazer delas são as viagens. A metade das pessoas entrevistadas sentem-se agora livres para investir no lazer, e, para elas, não há como as viagens feitas para o Exterior. Preferem guardar seu dinheiro para esse fim que sair aqui em Fortaleza. Para algumas, uma coisa não invalida outra, mas houve quem dissesse que não gostava de sair para esses lugares onde as mulheres vão para dançar, pois é muito mais interessante viajar, até quatro vezes ao

ano. Uma das entrevistadas disse viajar para o Exterior até uma vez por mês, para conferências com suas alunas, com amigas, ou pelo *Rotary Club*. Os lugares variam desde a Europa, como também, África, Japão, dentre outros.

Apenas pessoas com relativo poder aquisitivo podem levar essa vida, mas, para aquelas que passaram a vida em seus cotidianos, massacradas pelo trabalho-casa-filhos, bem consegue reconhecer o valor que tem para elas esse novo momento. As viagens talvez sejam o grande símbolo de suas liberdades e de seu *status* de classe média! Afinal, para quem tem determinados afazeres domésticos, torna-se difícil passar um mês viajando. Velho (2008) ao analisar o estilo de vida da boêmia intelectual de classe média do Rio de Janeiro, diz:

Ter vivido ou viajado pelo exterior é importante símbolo de prestígio, sendo que conversas sobre viagens, vida no estrangeiro etc. constituem importante tópico dentro do grupo.[...] Para “curtir” as coisas boas da vida é fundamental ter dinheiro, mas, entre essas coisas boas, uma das mais essenciais é não ter horário fixo, trabalhar no que realmente se gosta. (P.26-27).

As interlocutoras desta pesquisa são mulheres dos segmentos médios da cidade de Fortaleza e possuem um estilo de vida concomitante a essa pertença. Para que possam viajar, é fundamental o fato de seus trabalhos novos não exigirem rigidez de horários! Esse ponto será explorado logo adiante, no segundo capítulo.

Traço um breve perfil biográfico com informações que possam tornar mais compreensível a trajetória das mulheres entrevistadas, de modo a revelar apenas o que não possa comprometer suas identidades, como parte do pacto estabelecido entre nós antes de cada entrevista. Todos os nomes foram substituídos. As informações pretendem organizar para o leitor indicadores etários, familiares e de lazer.

- Isabel, 62 anos, nascida em Fortaleza, aposentada desde os 50 anos. Trabalha ainda um expediente em atividade similar a que desenvolvia antes da aposentadoria. Solteira, nunca se casou e nem possui filhos, embora seu último relacionamento tenha durado 26 anos e tenha sido noiva duas vezes. Mora com a mãe e seu cotidiano é organizado entre o trabalho, saídas com as amigas solteiras para os restaurantes da cidade e praia.

- Angélica, 62 anos, nasceu no interior do Ceará. Não é aposentada. Ela não trabalhou muito tempo na sua atividade de formação, porque desde cedo teve que cuidar dos pais doentes e assim herdou o apartamento deles e a pensão do pai, *ex-combatente*. Foi casada uma vez, separou-se antes dos 30. Tem três filhos e seis netos. Namora há 10 anos. Moram com ela o namorado e um filho separado. Suas atividades de lazer giram ao redor de saídas para festas dançantes no Círculo Militar, BNB Clube e Mercado dos Pinhões, além do Flórida Bar.

- Zuleica, 63 anos, possui graduação, especialização e identifica-se como escritora; tendo livros publicados. Nunca se aposentou, pois trabalhou em diversas áreas informais. Casou-se uma vez e é viúva. Tem três filhos e um neto. Tem uma vida cultural ativa e circula nos espaços de festas como Círculo Militar, BNB além de atividades culturais e jantares sociais.

- Ana Maria, 64 anos, oriunda do interior do Ceará. Teve dois filhos porém nunca se casou com o companheiro, tendo mantido o relacionamento até à sua morte. Formada, aposentada do Estado, faz trabalhos não remunerados no âmbito doméstico. Gosta de sair para dançar nos mais diversos espaços de lazer de Fortaleza: Círculo Militar, Caravele Bar, Alpendre da Vila, dentre outros lugares que promovem as chamadas “Festas da Terceira Idade”. Possui um namorado que mora em outro Estado e diz que é um romance via ponte aérea.

- Conceição, 65 anos, aposentada no magistério desde os 54 anos. Do interior do Ceará, casou-se uma vez e separou-se ainda com 45 anos. Tem quatro filhos, dos quais dois ainda moram com ela, e dois netos. Depois da aposentadoria, tentou abrir um comércio mas não tinha habilidade na área e não deu certo. Daí em diante, vive dos cuidados domésticos e consigo, e é frequentadora assídua do Clube Militar, BNB Clube, Caravele, Flórida Bar e Alpendre da Vila.

- Verônica, 65 anos, aposentada desde os 50 anos. Possui duas Especializações. Casada apenas uma vez, separada de corpos mas não formalmente, o que a levou a assumir o *status* de viúva quando o marido morreu. Mãe de dois filhos e avó de dois. Diz que seus programas cotidianos

são com as amigas casadas no horário de almoço, lanche no final de tarde e atividades culturais de um modo geral. Dedicar parte da sua vida a conhecer outros países, viajando até quatro vezes ao ano para o Exterior.

- Neli tem 66 anos, oriunda do interior do Ceará e mora em Fortaleza. Foi casada apenas uma vez e seu casamento durou 22 anos. Teve três filhos e duas netas. Graduada, com Especialização, professora aposentada, jornalista, faz trabalhos voluntários nos mais diversos projetos sociais da Cidade. Seu cotidiano decorre em torno de atividades de trabalho não remunerado e saídas com amigos para espaços onde possa dançar e conversar.

- Vera, 68 anos, aposentada desde os 49 anos. Nascida no interior do Estado. Casou-se duas vezes: a primeira quando ainda tinha 17 anos e morava no interior. E depois contraiu segundo casamento aos 30 anos com quem manteve-se casada por 30 anos, até o falecimento do marido. Não possui filhos. Trabalha ativamente e viaja bastante ao longo do ano com amigos ou ainda em viagens do *Rotary Club*. Não frequenta apenas espaços de lazer destinados às maiores de 60, pelo contrário, vai dos bares, *boites* e restaurantes mais bem frequentados de Fortaleza.

- Anna, 69 anos, aposentada, também advinda do interior do Ceará. Nunca se casou contudo tem um filho de seu relacionamento mais duradouro e duas netas. Seu tempo é preenchido com atividades e cursos feitos no SESC em projetos voltados para a pessoa idosa, além de ser voluntária em projetos sociais dirigidos à velhice das periferias. Suas saídas limitam-se à companhia da família e às vezes aos “chorinhos” no SESC.

Além desse perfil, senti a necessidade de organizar trajetórias afetivo-sexuais de duas pesquisadas por considerar que suas narrativas subjetivas traziam mais elementos para caracterizar aspectos sociais relevantes. Born (2001) considera a trajetória de vida como um conjunto de eventos que marcam a vida de uma pessoa. As percepções das trajetórias de mulheres e homens são diferentes. É determinada pela duração dos acontecimentos e sua localização. A trajetória de vida é formada tanto por instituições reguladoras (escola, trabalho etc) quanto pela

padronização que se dá mediante as normas que dizem em que idade se deve casar ou morrer, por exemplo.

2.2 A rua como expressão do envelhecimento

A segunda parte da minha pesquisa se deu na rua⁵, ou seja, com apoio em observações de campo, em percursos constituídos, desde o discurso de minhas interlocutoras. Elas traçaram o que depois vim a nomear de *Circuito da Terceira Idade*, ou seja, lugares frequentados por homens e mulheres da faixa etária pesquisada.

Esse momento de reconhecimento de área foi de grande riqueza, conforme esboçado, uma vez que esse circuito é bastante movimentado, diversificado, e me permitiu observar nuances diferentes dos discursos objetivos fincados nas entrevistas. É importante enfatizar, contudo, que esse retrato feito na pesquisa de lazeres traçados para as mulheres de mais de 60 anos não traduz as formas de lazer na cidade para todas as mulheres entrevistadas, ao contrário, parte delas diz que frequenta todos os lugares de Fortaleza, como restaurantes, bares variados, não havendo um lugar por excelência e dias da semana, e elas não frequentam esses espaços propriamente de danças, paqueras, encontros sociais.

Outra parte, contudo, se identifica com esse cenário, sendo interessante conhecê-lo para trazer mais elementos para esta pesquisa. Adentrei, gradualmente, fazendo um mapeamento desse espaço urbano que, embora seja de conhecimento do público da terceira idade, funciona quase de modo (in)visível para os demais habitantes da Cidade. Nessa etapa da pesquisa, busquei analisar esses cenários, observando os detalhes nas entrelinhas do campo, a sociabilidade das pessoas e como usam esses espaços, abrindo caminho para ouvir e conversar com essas mulheres.

⁵ O sentido de rua não é exatamente aquele dado por DaMatta (IDEM), qual seja, o lugar do subcidadão, das regras duras e do formalismo. Aqui simplesmente se delineia como espaço público, em oposição à pesquisa feita na casa das “anfitriãs”.

À semelhança da etnografia, busquei aproximação com o método indiciário morelliano,⁶ que se inspira na busca de pormenores que em geral são negligenciados (GINZBURG, 1989). Foi em busca de indícios sobre a velhice em Fortaleza que fugi dos caminhos mais óbvios, como os salões dos idosos e lugares funcionais, e encontrei pistas que não negligenciei: lugares que os velhos reivindicam para si na Cidade, o que se constituiu o segundo momento da pesquisa.

Constatarei que a grande novidade que esses lugares representam é que são espaços de paqueras para mulheres mais velhas, ao contrário do que preconizam aquelas que não os frequentam, atribuindo aos mesmos, atributos pejorativos. Seguramente, são ambientes para os quais as mulheres vão em “busca de homens” [sic], de paquera, de flertar e conhecer alguém. O objetivo de estar nesses lugares foi, acima de tudo, para conhecer e conversar com mulheres desde os 60 anos e analisar suas biografias individuais, para compreender o envelhecimento hoje, e as suas trajetórias afetivas e sexuais.

Inspirei-me em procedimentos da observação participante, por propiciar um montante de descrições detalhadas, escutas diferenciadas; embora seja aqui utilizada menos em seu sentido tradicional (MALINOWSKI, 1978), e mais na apreensão da *observação flutuante*, tal qual definida por Goldman (1995) como aquele trabalho de campo próprio das sociedades complexas, nas quais a observação direta e contínua, à semelhança da escuta do psicanalista, situa o observador sempre em circunstância de pesquisa, e cuja atenção pode ser exigida a qualquer instante.

A pesquisa teve como cenário uma cidade contemporânea, qual seja, Fortaleza, cujo desafio é olhar *de perto e de dentro*, “a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade [...] estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer [...]” (MAGNANI, 2002: p.18). Nessa elaboração das impressões de campo, utilizei como ferramenta básica o diário de campo (GEERTZ, 1989), fiel companheiro nos caminhos da pesquisa. Uso a técnica da entrevista (HAGUETTE: 2007), para melhor compreender quem dizem ser essas mulheres e os sentidos do envelhecimento para elas.

⁶ Trata-se de um método criado no século XIX por Giovanni Morelli, para investigar a autoria de obras de arte, a qual observa como um detetive, ao procurar dados marginais, como formato da orelha, das unhas etc. para indicar a autoria dos quadros.

Na pesquisa feita com base na observação participante, foi possível experimentar o que Oliveira(1988) traduz como sendo o trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. O olhar e ouvir constituem duas muletas que permitem o caminhar rumo ao conhecimento. É o tempo das sutilezas, nas quais mais importante do que sair indagando é parar e se deixar capturar pelo campo, ouvindo, olhando, influenciando o mínimo possível aquele cenário. Esse aspecto também foi muito importante para compreender esse processo de envelhecer.

Dessa forma, foi possível observar que há um itinerário específico para essa faixa etária no que concerne ao lazer-consumo, que posso mesmo definir como um circuito no sentido enunciado por Magnani (2003). *Esse Circuito da Terceira Idade* é composto por festas, bares, academias, lojas, enfim, espaços variados para esse público, de acordo com o dia da semana⁷. Uma de minhas interlocutoras afirma:

Dependendo do dia, há um desses lugares para ir. Eu tenho amiga que é médica, juíza aposentada, que não passa uma noite dentro de casa. Me ligam direto. Quando eu não vou, elas se oferecem até para pagar a minha saída. Aí eu vou. Ficar em casa fazendo o quê? (DIÁRIO DE CAMPO: JULHO DE 2010).

Também fez parte das minhas descobertas, mas dessa vez de modo não intencional, que esse público frequenta cotidianamente um *Shopping Center*, que é o mais antigo de Fortaleza - Center Um.

Saí de casa para fazer gravações em objetos pessoais e bordados em toalhas para a entrada do meu filho na escolinha e não teve jeito, a todos que perguntei a resposta é que só havia ainda esse tipo de trabalho do Shopping Center Um, principalmente o primeiro que é gravação manual em objetos de inox, plástico etc. Tentei evitar ir lá porque sempre achei o lugar meio acabado, as lojas feias, não sei, nada me atraía lá, sobretudo se comparado aos demais *shoppings* da nossa cidade.

Ao chegar, aproveitei para esperar que os objetos ficassem prontos e como muitas mães ali já esperavam, resolvi tomar um suco e dar uma olhada ao meu redor. Qual não foi a minha surpresa quando me deparei com uma enorme quantidade de mulheres e homens com idade entre sessenta e oitenta anos, circulando com a maior intimidade pelo local! Enquanto eu saía tateando as lojas, uma por uma, eles movimentavam-se com a segurança de quem faz parte do pedaço. E fazem! Descobri, conversando com vendedores das lojas, que eles frequentam o local o dia inteiro. Antes

⁷ Alpendre da Vila (terça-feira), Mercado dos Pinhões (sextas e sábados), BNB Clube (sexta-feira), Círculo Militar (sábado) e Flórida Bar aos domingos. Outro espaço que no início da pesquisa era muito frequentado, *Boite Oásis*, às terças e quintas-feiras, fechou.

do *Shopping* abrir todos os dias, tem ginástica para os velhos na parte de baixo, no estacionamento, depois vão tomar café no supermercado ali existente.

Durante a manhã e tarde dispõem de aula de dança de salão para a terceira idade, de uma academia de famoso professor cearense que tem sua loja lá. Também nesse dia havia uma feirinha de artesanato que um dos vendedores disse que era voltado para os idosos. Passei toda a manhã conversando com um e outro e escutei coisas muito relevantes. Uma vendedora chegou mesmo a dizer, que as senhoras dizem que frequentam o *shopping* desde a juventude e assim tem muita identidade com o local. Percebi o que me afastava de lá e o que as aproximava: o clima antigo! A evolução técnica das lojas de departamentos com anúncios sofisticados, telões virtuais, nada disso entrou naquelas portas. Há apenas um elevador e duas escadas rolantes. O mesmo abre às 8hs, ao contrário dos demais da cidade cujo horário de funcionamento vai de 10hs às 22hs. Esse horário, segundo os comerciantes locais, justifica-se para atender os idosos que saem mais cedo de suas casas. Voltarei muito aqui para observações e conversas informais. (DIÁRIO DE CAMPO: JANEIRO DE 2011).

Dos espaços que observei, todavia, dois pareciam intuitivamente se aproximar bem mais como *locus* da minha pesquisa: o Mercado dos Pinhões e o Bar Flórida. O primeiro porque, desde o momento inicial, me mostrou um movimento diferente. Animei-me por deparar com um lugar para esse público que fugisse da “pasteurização”, da harmonia instituída dos bailes da terceira idade e seu grupo de dançarinos “a reboque”. Lá era diferente: as mulheres pareciam mais soltas, dançavam com homens de idades variadas, contudo, a maioria possuía idade similar. Conversavam, dançavam e beijavam. Sim, beijavam muito! O lugar traduziu-se em espontaneidade, leveza e alegria. Os relacionamentos eram ali anunciados, entrevistados. Havia possibilidades! Conversei, observei, percebi que elas tomavam cervejas e caipirinhas, pediam tira-gostos, sorriam. Importante é registrar que não observei nos bailes da terceira idade mulheres consumindo bebidas alcoólicas, havendo raras exceções. Embora grande parte das mulheres eventualmente frequente um espaço ou outro desse circuito, perfazendo bailes e bares, acredito que esses espaços de bailes tenham um caráter mais terapêutico, de saúde. Uma das minhas entrevistadas disse-me:

Ali (Mercado dos Pinhões) é muito misturado...O povo parece que fica fazendo hora com as pobres. Tem uma lá que tem mais de 60 anos, mulher, mas essa mulher tem uma vitalidade tão grande, ela dança tanto solta e se treme, não tem aquele povo que se treme? E se vira assim pra detrás e se treme, não sei como aquela mulher tem osso pra aguentar aquilo. Já o Flórida Bar, você pode até fazer um paralelo, porque, menina, eu sei que lá dá muita mulher velha rapariga, rola muito é bebida! Mulher e homem tudo bebendo. Não sei se é porque eu não gosto de beber. No Círculo Militar o povo não bebe não, é só água. Porque também no Círculo Militar é um ambiente militar e tu sabe, se as pessoas tiverem se beijando já fica o povo tudo olhando pra botar pra fora. Eles querem o maior respeito do mundo. (ANA MARIA, 64).

Interessante é notar que há o lugar destinado àquelas que têm comportamento errôneo, segundo informações daquelas que se julgam moralmente direitas. As mulheres que afirmam ter um comportamento acima de suspeitas levantam questionamentos sobre aquelas que frequentam determinados lugares que seriam para “as raparigas, aquelas que bebem e andam atrás de homem.”(Sic). Isso remete a Giddens (1993) que, ao discutir a intimidade acentua que

[...] as mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e as mulheres perdidas só existiram à margem da sociedade respeitável. Há muito tempo a virtude tem sido definida em termos de recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante. (P.16).

Esse lugar proscrito evidenciado nesta pesquisa foi o Flórida Bar⁸. Existe desde os anos 1960, na rua do Rosário, no Centro de Fortaleza. Fechou em 1997 neste endereço e hoje localiza-se na rua Dom Joaquim – 68, Praia de Iracema. A minha primeira visita a campo deixou-me segura de que aquele seria o *locus* da pesquisa, aquele que me permitiria observar uma variedade grande de aproximações, situações de namoros, convites para conversar, dançar etc.

Por volta das 19h cheguei ao Flórida Bar. A situação de ter visto aquela quantidade de pessoas e carros fugiu ao que eu imaginava. A rua estava lotada de carros já fazendo fila tripla. Recorri a estacionar na avenida perpendicular, a Monsenhor Tabosa, que havia àquela hora um estacionamento improvisado em cima das calçadas das lojas. Esse sim, se constitui um espaço importante para minha pesquisa! Pelos mais diversos motivos percebi isso: seja pela animação, ou pelo movimento de pessoas com mais de sessenta anos ali presentes, o modo como se vestiam elegantemente que denota um certo preparo anterior e principalmente, por aparentarem estar dispostas a se relacionar. Procuro uma mesa para sentar e já não havia nem uma! O bar que possuía mesa dentro de sua estrutura, na calçada e na rua, não tinha lugar desocupado e não havia interesse algum dos garçons lá presentes, em me acomodar e ao meu companheiro. De repente surge uma mesa e consigo pegá-la. O garçom aparece e me diz: “*Olha, para sentar é preciso pagar o couvert que no caso é 12 reais dos dois.*” Eu fiquei calada com a abordagem brusca e ele continuou: “*E aí, vão ou não vão querer?*” Aceitei e comecei a observar as cenas. Ali é um ambiente propício para observar as paqueras, o flerte mais inusitado entre homens e mulheres mais velhos. Percebi logo que foge do lugar convencional dos Bailes, afinal um bar traz consigo a espontaneidade, a leveza das conversas e as pessoas parecem mais abertas ao convívio entre si. Ali as mulheres têm aproximadamente a

⁸ Reduto da boêmia fortalezense desde os anos 1960, esse bar até meados dos anos 90 não tinha banheiro feminino, por caracterizar-se por um bar de público masculino. Fonte: Jornal *O Povo*. 01/03/97. Hoje é um bar frequentado por ambos os sexos, inclusive, nos dias de domingo, o público maior é de mulheres.

mesma idade, pertencem à mesma classe social – o que dá para observar pelos seus trajes e carros que chegam dirigindo – e parecem estar dispostas a paquerar. Não há limitação das atitudes de como se deve agir, tal qual os bailes que refletem um ambiente com relações instituídas, onde quem paga, dança. O Flórida Bar é leve, de relações a constituir-se! No Flórida beija-se! E observei um “fica”. Passou uma mulher, por volta de 62 anos, finíssima, com vestido colorido acinturado e salto altíssimo (isso foi observado em quase todas as presentes), cabelos escovados. Ela chegou com uma amiga e sentou-se numa mesa com outras duas que ali já estavam pelo menos há duas horas. Como a mesa era em um canto fora do bar, comentei: *“Como é que pode aquela senhora na maior produção e sentada escondida?”* Não passou muito tempo e ela resolve dirigir-se ao banheiro que fica no centro do bar. Não sei se havia, naquele momento, a necessidade fisiológica de ir ao banheiro, ou se era uma necessidade de mostrar-se, de ver e ser vista. O fato foi que na volta do banheiro, foi conversando junto com sua amiga com as pessoas que foram encontrando no caminho, e aproximou-se um senhor e a chamou para conversar, encostando-se no carro. A amiga habilmente saiu de perto e quando ambos estavam a sós conversaram e ele começou a abraçá-la contra o carro que estava estacionado na rua, e beijava seu pescoço, cheirava, até que deu um beijo na boca! Conversaram mais um pouco e ele tirou de dentro da sua bolsa o celular dela, e parecia registrar o número, que imagino ser de seu celular (NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO: MARÇO DE 2012).

Esta pesquisa pretendeu, portanto, compreender algumas facetas do envelhecimento contemporâneo, sobretudo no que refere aos aspectos da intimidade dessas mulheres. Não se tratou de um estudo sobre as festas da terceira idade, embora as mulheres pesquisadas frequentem também essas festas, mas esses espaços foram concebidos como locais privilegiados de observação. Assim, entrei em seus cotidianos por meio de práticas para compreender a novidade desse envelhecer. A pesquisa consolidou seu material de análise com base nas seguintes fontes: entrevistas em profundidade, observação de campo, participação em espaços de sociabilidade da terceira idade, conversas informais e diários de campo.

3 ENVELHECIMENTO FEMININO E AS PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo.
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo.
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo.[...]
(CAETANO VELOSO. ORAÇÃO AO TEMPO).

[...] Perguntei outro dia a um homem, o que ele achava do estilo de vida das senhoras que iam dançar. Ele disse: “Isso é muito bom, é ótimo! As pessoas se sentem mais gente. Há 40 anos atrás as pessoas não eram assim.” Eu mesma paguei um mico. A mulher estava aqui pagando a entrada dela e a do dançarino. E nisso, o dançarino não chegava. E ela dizia assim: “Ô que esse dançarino não chega!” Aí eu fui comprar a entrada minha e a de minha amiga e disse assim para ela: “Minha filha, me desculpe a curiosidade (isso na hora que o dançarino já estava se aproximando) quantos anos a senhora tem?” Ela respondeu: “Minha filha, eu não sei!” A minha amiga disse que eu era doida por perguntar uma coisa dessas para a pobre da mulher na frente do dançarino. Eu, sem maldade, queria era elogiar, porque ela naquela idade, com a cabeça

bem branquinha...olhe se ela não tiver 90 anos! Toda arrumadinha! Olha, eu vejo muitas mudanças.” (ANA MARIA, 64).

O envelhecimento passou por significativas modificações ao longo dos últimos 50 anos. Essas podem ser refletidas em continuidades e rupturas com o antigo modo de ver a mulher e seu envelhecimento na sociedade ocidental. Isso me obriga a pensar nessas mudanças dentro de uma dimensão maior, qual seja, aquela sinalizada pelo processo civilizador, de Elias⁹ (1994). Ao tratar do processo civilizador, descreve as mudanças no comportamento das pessoas, com procedência na tentativa de controle de tudo o que era considerado vergonhoso ou embaraçoso. Avalia, ainda, o comportamento publicamente permitido e o que não é, e as sanções sociais impostas às pessoas como forma de autocontrole.

Inspirada nas reflexões do autor, proponho uma pergunta que é fundamental: quando e por que, no processo de desenvolvimento das sociedades humanas ocidentais, a mulher mais velha deixa de se esconder na privacidade de seu lar e passa a se evidenciar na vida pública, carregando signos de liberdade e independência? As mudanças tão enunciadas pelo novo modo de envelhecer fazem parte do engendramento das estruturas sociais, que registram um progressivo aumento de pessoas com idade superior a 60 anos, evidenciando uma prorrogação das idades da vida. Isso transformou as sessentonas em regra e não mais em exceção.

As estruturas sociais, ao incidirem sobre o comportamento humano denotam como são incorporadas as proibições e sanções. A recriminação vem por via do olhar, ou ainda ao tentar tensionar determinadas situações sociais. Talvez isso demonstre o motivo de tantas continuidades no modo de ver a mulher e de ela mesma se significar. As mulheres mais velhas ainda são recriminadas, de um modo ou de outro, por exercerem sua liberdade, seja pagando para dançar em festas, ou pagando para namorar homens mais jovens. Ana Maria, citada na epígrafe, não hesitou em questionar um relacionamento que não se encaixava nos seus padrões

⁹ Elias(1994) analisa os comportamentos sociais do século XII ao século XV, com base em manuais de civilidade, avaliando as principais funções do corpo humano, como modos de comportamento à mesa, de assoar o nariz, copular, de lavar-se.

morais. Por outro lado, a mulher inquirida saiu-se muito bem ao não “lembrar” da sua idade. Estratégia ou não, esquecendo, ela evitou ouvir sanções.

Como e quando, no entanto, entre a população feminina dos meios urbanos, a imagem do envelhecimento deixa de ser a da vovó cuidando dos netinhos, ou da aposentada que vive para os cuidados domésticos e religiosos, enfim, da mulher que vive no âmbito privado, e chegamos à mulher emancipada, livre (ou não) dos afazeres familiares, e disposta a investir em si mesma e nas suas prioridades?

Pensar a velhice na sociedade brasileira que começa a dar os primeiros sinais de envelhecimento¹⁰ é um desafio, pois requer especial sutileza, uma vez que implica lidar com uma nova geração, composta de pessoas que seguramente conviveram com valores culturais que mudaram o seu envelhecer, quais sejam, a liberdade, a emancipação feminina, a descoberta da pílula anticoncepcional, as revoluções tecnológicas e as novas formas de comunicação. Essa geração que possui idade acima de 60 anos, independentemente do nome atribuído a ela, revela novas formas de envelhecer e um estilo diferenciado; estilo de vida compreendido como um conjunto de comportamentos, gostos e modos de vida distintos e agrupados em capitais de espécies variadas; ou seja, “preferências, sistemas de disposições, distintos e distintivos, definidos tanto pela relação estabelecida entre si quanto pela relação que os une às suas condições sociais de produção.” (BOURDIEU: 2008 , 243).

Consideração preliminar é a de a velhice ser uma condição humana, vivenciada das mais diversas formas em sociedades e épocas diferentes e seu lugar na sociedade varia de acordo com sua (des)importância e com os valores comunitários. Beauvoir (1970) diz: “O momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares. Não se encontram em parte alguma “ritos de passagem” que estabeleçam um novo estatuto.” (P.9).

No Brasil, à medida que surge o interesse por essas pessoas, se buscam sinônimos para designar o que, para o Estatuto Nacional do Idoso¹¹, tem início aos 60 anos: idoso, melhor idade, *sênior*, terceira idade são algumas das designações

¹⁰ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a média de vida dos brasileiros em 1940 era de 45,5 anos e em 2008 aumentou para 72,7. De acordo com o Instituto, o Brasil continuará crescendo progressivamente até 2050 e a estimativa é que essa expectativa de vida chegue aos 81,9 anos, equiparando-se a países como o Japão e China.

¹¹ Lei Federal nº 10.741/2003.

para mascarar o que a sociedade moderna preferia esconder, e refletem uma desconfiança de que algo mudou para este segmento, sobretudo nas últimas décadas. A velhice, contudo, parece limitar-se menos a uma faixa etária e mais a um conjunto de signos, perda de alguns lugares sociais e ganhos de outros espaços jamais pensados. É claro que também devem ser considerados aspectos inerentes ao modo como cada um envelhece, quais sejam, o biológico - relativamente desconsiderado nas pesquisas de Sociologia como se não fosse relevante - o social e o cultural.

Para tanto, faz-se necessário compreender as mudanças na vida dessas pessoas de mais de 60 anos. Bobbio (1997), em um texto autobiográfico, no qual pede autorização ao leitor para falar como velho e não como professor, diz que

Hoje um sexagenário está velho apenas no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma pensão. O octogenário, salvo exceções, era considerado um velho decrépito, de quem não valia à pena se ocupar. Hoje, ao contrário, a velhice, não burocrática, mas fisiológica, começa quando nos aproximamos dos oitenta, que é afinal a idade média da vida. [...]. O deslocamento foi tamanho que o curso da vida humana, tradicionalmente dividido em três idades [...] foi prolongado para aquela que se convencionou chamar de “quarta idade”. No entanto, não há nada que melhor comprove a novidade do fenômeno do que constatar a inexistência de uma palavra para designá-lo. (P.18).

3.1 Velhices: ressemantizações e transformações socioculturais

A discussão da categoria velhice ainda hoje é algo complexo nas Ciências Sociais. Costuma ser relacionada com a sociedade capitalista moderna, que traz signos de movimento, rapidez e liquidez, conforme descrito em passagem anterior. Isso supostamente situaria o velho no posto dos aposentados, antiquados e que lá já estariam à espera da morte.

Debert (1999) diz que, em meados do século XIX, a velhice era tratada como período de decadência física e ausência de papéis sociais. Foi forjado nesse momento um conjunto de imagens negativas da velhice o que propiciou a legitimação de direitos para os idosos, como a universalização da aposentadoria. Na contemporaneidade, entretanto, a autora diz que houve uma “reprivatização da velhice”, qual seja, uma transformação da velhice em responsabilidade individual, diminuindo o conjunto de preocupações sociais antes implicadas.

A tradição da Gerontologia Social que se instaurou nos anos 1960 concentrava-se em dois campos: as teorias da atividade e do desengajamento. Para ambas, a velhice é definida pela perda de papéis sociais e busca-se entender como acontecem o ajustamento pessoal a essas perdas e o nível de atividade dos idosos. A teoria da atividade acredita que a felicidade dos idosos decorre da busca de atividades compensatórias, em ser ativo (DEBERT, 1999).

Esse debate se esvaiu ao longo dos anos e a discussão da Gerontologia Social hoje é centrada na polarização entre o empobrecimento em que se encontra o idoso hoje, ou então, no oposto, que são idosos ativos, plenamente capazes de dar respostas criativas às demandas surgidas com a chegada da terceira idade, contrapondo-se, de modo radical, aos antigos modelos da velhice.

Ao rever os estereótipos que circundavam o tema do envelhecimento, os mitos e tabus que rodeavam essa atmosfera foram postos do avesso, ou seja, a idade das perdas passou a ser vista como um dos estádios mais avançados da vida, movidos por projetos pessoais antes abandonados por falta de tempo, pela busca de prazer pessoal e satisfação. Essa nova perspectiva da velhice, porém, traz consigo a própria reprivatização, assim observada:

A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. A dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência. (DEBERT, 1999, p.15).

O envelhecimento como empreendimento individual e de sucesso teve, para a autora, três grandes mentores: a Gerontologia, a mídia e as pessoas de mais idade. Os gerontólogos – e acrescento a Geriatria e o discurso de verdade impresso sob a rubrica da ciência – e outros *experts*, são agentes privilegiados dessa reprivatização. Igualmente as pessoas em envelhecimento que respondem de modos variados ao que delas é esperado. E a mídia, com seu papel de dar visibilidade, desestabiliza os dois agentes anteriores e ainda aponta novas demandas políticas e mercados de consumo.

Chauí (1994), ao apresentar a clássica obra de Ecléa Bosi, em fins dos anos 1970, diz que a tese da autora é “o velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele.” (P.18) E prossegue, desenvolvendo sua tese de que a função social do velho é lembrar! A velhice é oprimida e banida socialmente. Embora seja imensa a contribuição de *Memória e Sociedade* – lembranças dos velhos - uma das primeiras obras a retratar a questão do idoso no Brasil, incitando por suas memórias e retratando seus testemunhos de vida, hoje seria impensável não o descrever como protagonista de sua condição: ele é que teria a chave para desvendar o próprio presente e modificá-lo.

O emprego do termo idoso surgiu nos anos 1960, assevera Peixoto (2007), já refletindo uma mudança na estrutura social com o aumento do prestígio dos idosos desde a elevação das pensões. Os textos oficiais passaram a suprimir vocábulos então considerados pejorativos.

A velhice é alvo de ressemantizações que refletem a possibilidade de um novo lugar. Essa “invenção” contínua de vocábulos para substituir a palavra *velho* parece ter como referência a ideia de que esta carrega uma conotação negativa. Peixoto (2004) refere que, na França, até os anos 1960, as pessoas acima de 60 anos eram chamadas de velhas, ou, num sentido pejorativo, velhote. Aquelas, porém, que possuíam um estatuto social, como presidentes da República, atores e empresários, não eram jamais considerados velhos. Nas classes abastadas, a velhice não era aparente.

Depois disso é que, na França, surgiram as novas políticas de integração da velhice, implicando modificações político-administrativas e transformação da imagem das pessoas envelhecidas. Esse último fato decorre das novas práticas sociais adotadas por tais pessoas associadas aos hábitos de classe média. Eis que surge a dicção terceira idade! Com a criação da terceira idade, Peixoto garante que o foco passa a ser a sociabilidade deles e não mais a ociosidade. As palavras-chave passam a ser integração e autogestão. Essa criação, para a autora, nada mais é do que

[...] Um produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do consequente surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice, e que prescrevem a esse grupo etário maior vigilância alimentar e exercícios físicos, mas também necessidades culturais, sociais e psicológicas. Desse modo, a expressão 'terceira idade' não é um simples substituto do termo velhice.[...] tem por objetivo tornar nominável aquilo que até agora foi rechaçado e não pôde se exprimir, como por exemplo tudo o que se relacionava a vida sexual. (PEIXOTO, 2007: p.76).

A terceira idade surge, sobretudo, para que se possa criar uma série de artifícios a fim de caracterizar esse público. Tudo o que antes era dito sobre ser velho, principalmente no que concerne a um período de descanso do trabalho, melancólico, muda repentinamente os ventos que passam a soprar favoráveis à terceira idade. Esta é considerada uma fase na qual nem se é mais adulto e nem se é velho. Esse espaço só foi possível com a orquestração de “novas” verdades sobre o envelhecimento que o deixasse mais leve, e que trouxesse consigo o frescor da juventude. Como ser, porém, jovem e velho ao mesmo tempo?

Eis que surge outra categorização denominada de *quarta idade*, que compreende aqueles que possuem idade igual ou superior a 75 anos. É uma compreensão de que ainda existem aquelas pessoas que não se enquadram nesse modelo forjado de total independência e que seriam mais próximas aos velhos de outrora. Parece-me um reconhecimento de que pertencer à terceira idade é não se vincular ao *ser* velho tradicional pois busca aproximação maior das primeiras e segundas idades da vida. E, mais ainda, o que parece estar em questão é ser ativo ou não, ter saúde ou não, pois aqueles que têm 75 anos e ainda estão em pleno vigor e são independentes, certamente, não devem se encaixar em todos os predicativos da idade quarta.

Com suporte em todas essas transformações, o vocábulo também é posto em xeque no que se refere ao sentido a ele atribuído. Pelo menos é assim que percebo, ao longo desta pesquisa. Ser velho hoje é diferente de há 50 anos; ainda assim, percebendo que houve essa mudança substancial, permanece o temor de envelhecer. É como se fosse incorreto dizer que alguém é velho, como assinala Paiva (2012), dialogando com outros autores:

[...] as atuais práticas de dominação do envelhecimento, sob o impulso do politicamente correto, impõem severas restrições discursivas, cujo resultado indistigível é a denegação da velhice e da exclusão dos velhos. (Elias, 2001). Assim, *velho, velhice, envelhecer, envelhecimento* passam a ser palavras malditas na atual distribuição social das idades. Podemos enxergar nessa ditadura do linguisticamente correto a consolidação da experiência social dos “homens sem futuro”, apontada por Bourdieu (2001), isto é indivíduos igualmente sem passado, sem presente interpelado pelo estofado das lembranças (socialmente úteis e valorizadas como relevantes) e sem expectativas de projetos. A ficção médica e mercantilizada de um corpo em eterna juventude numa primeira, numa segunda e numa terceira mocidade, ou na “melhor idade” produz imagens de uma “terceira idade” enfeitada de “chocalhos simbólicos” (Bourdieu, *idem*) – a academia, as excursões, as vitaminas, a obrigação incessante de distrações etc – que apagam a relação fundamental do envelhecimento com a temporalidade e com a morte. (P.90).

Fui e voltei várias vezes tentando não dizer essas palavras mas resolvi dizê-las. Afinal, quando as coisas são nomeadas, elas ganham sentido. As mulheres pesquisadas falavam de estar envelhecendo, mas nenhuma usou o termo idosa, ou terceira idade, para se definir. Além do mais, algumas ridicularizaram a expressão “melhor idade”.

A psicanalista Sueli Santos (2003) faz uma consideração que sempre me inquietou desde quando comecei a estudar este tema. Ao refletir sobre sexualidade e o amor na velhice, ela faz uma escolha:

Usamos aqui o termo velhice, evitando tratar esse período da vida com uma adjetivação que não leve em consideração esses aspectos. Além disso, a derivação do termo velhice para outras designações como: terceira idade, melhor idade, idoso, pode estar encobrindo um preconceito com relação a uma etapa da vida de qualquer ser humano, uma etapa da condição humana. (P.13).

Em alguns momentos desta pesquisa, refleti na ideia de que hoje deve ser muito cansativo envelhecer, pois o envelhecimento foi capturado por engrenagens complexas que exigem uma vigilância permanente, provando que “a corrida não acabou”. Até o último vestígio de tempo, precisa-se organizá-lo de modo minucioso, objetivando utilizá-lo a favor do rejuvenescimento. Mesmo nesse período, não se tem tempo. Os agentes desse fenômeno conseguiram fazer com que, na sociedade contemporânea, não houvesse um momento para o descanso, de parar tudo e viver sem uma reflexividade¹² tão intensa, sem tanta programação. As

¹² Para Giddens (1991), a reflexividade consiste “no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.”(P.45).

mulheres com quem conversei malhavam nas academias, dançavam à noite, faziam excursões até quatro vezes por ano. Isso tudo parece dotado de certa precisão que me parecia, por vezes, mais cotidiano do que lazer, mais dever do que prazer. Afinal, obedecer a receitas e regras em qualquer fase da vida é normativo, é comum e nem sempre prazeroso.

Claro está que essas ressemantizações passam pelo interesse de empresas e de um mercado para o consumidor, que busca reconstituir essa condição de um modo vinculado a plenas atividades e consumo. Peixoto (2005) adverte para o fato de que, nos anos 1990, em França, os empresários passaram a ter grande interesse nesse público por ter o maior poder de compra. E diz

Surgiram, nessa década, revistas e estações de rádio voltadas para esse público, reforçando a noção do “sênior marketing” introduzida por um publicitário francês para designar as pessoas com mais de 50 anos, aposentados ou não, e que detém melhor poder aquisitivo. Diz ele: “Eles sabem que lhes restam 10 ou 15 anos de vida com boa saúde. Eles querem aproveitar e consumir mais.”[...] A expressão sênior se disseminou de tal maneira que o uso de terceira idade e “idosos” foi totalmente abolido nas empresas, nas instituições públicas e mesmo em textos sociológicos. (P.37).

É necessário dizer, todavia, que esse discurso homogeneizante da velhice não comporta as diferenças sociais, de gênero, culturais, dentre outros aspectos. Teixeira (2008) ensina que o envelhecimento é multidimensional, e tem pressupostos diferenciados de acordo com a classe, *status* e hierarquias sociais, assim compreendidas:

[...] o homem envelhece sob determinadas condições de vida, fruto do lugar que ocupa nas relações de produção e reprodução social, não se podem universalizar suas características no processo de construção das bases materiais da existência, porque os homens não vivem e se reproduzem como iguais. (P.30).

Essa autora compreende o envelhecimento como um problema social para as classes destituídas de propriedade e de controle do tempo de vida na sociedade capitalista. Assim, ela visa a romper com as perspectivas teóricas de *experts* do envelhecimento que tendem a unificar esse processo.

Não importa como sejam aferidos os ganhos consideráveis no envelhecimento - sejam eles pronunciados como oportunidades de rejuvenescimento, de ocupação do tempo, tornando-o mais útil, aumento da saúde e

qualidade de vida desses sujeitos – eles implicam um esquecimento de determinados sinais de envelhecimento que podem ser até amenizados, mas não deixam de existir. Foi Verônica, 65 anos, que, de modo contundente, me chamou atenção para isso:

Tô sentindo mais agora (o impacto do envelhecimento), na impotência do corpo que pesa, pesa mais. Por exemplo, não penso como uma velhinha. É muito diferente da época das mães da gente. Você e os outros também tratam de forma normal. Mas eu tô sentido é essa coisa da decadência física. Aquela piada da idade do “com dor” é verdadeira. Começa desgaste daqui e dali, coisas que você não repõe, tenta, mas não é a mesma coisa, não é a mesma disposição.

Pergunto, então: você quer dizer que sente o corpo mais limitado? E a mente?

É! O corpinho não acompanha. Eu leio muito, uso internet, a memória falha um pouco, mas igual a todo mundo. Mas o corpinho já reclama... quando dorme tarde demais, quando viaja cansa mais(...)Sua cabeça. Um dia desses quando fiz 65 pensei, meu Deus, até quando eu vou poder dirigir? Comecei a ficar preocupada em deixar de dirigir, significa certa dependência né?! Tem taxi, mas tem que ter aquele dinheiro na hora. Aí fiquei pensando até 70 dá pra dirigir? Mas já com a idade visual, atenção cai um pouquinho. Eu não me considero velhinha. Hoje eu estava fazendo fisioterapia e tinha duas velhinhas e uma dizia pra outra que tinha 75 anos, que não se considerava velhinha. Não tinha jeito de velha. Ela disse: ‘Velho pra mim é mais de 90 anos.’ Hoje vejo na televisão mostrar o velho sempre levantando eles, namorando. E hoje você tem informação de como rejuvenescer, manter-se mais jovem: plásticas, a própria alimentação, antioxidantes retarda o envelhecimento, isso tudo ajuda. A velharada toda fazendo malhação, mantendo o tônus muscular. (VERÔNICA, 65)

Com a proliferação da imagem da velhice positiva, a autoestima dessas pessoas foi elevada de forma brusca. O que antes era visto como algo de conotações apenas negativas adquire outra roupagem. Parece, entretanto, que ficou proibido falar sobre os aspectos biológicos do envelhecimento. É como se, ao inventar uma terceira idade, ela só pudesse existir de um jeito, aqueles aspectos decadentes da velhice devem ser escondidos ou responsabilizadas pelas pessoas que não se esforçaram o suficiente. Embora percorram todo o caminho orquestrado, existem as características físicas, psíquicas e motoras das quais não há como fugir, pois estão sendo sentidas por essas pessoas, mesmo que não se fale delas.

Percebi que a maioria das pesquisas sociológicas se esquece desse outro lado, como se não fosse competência da nossa área reforçar certas características historicamente enfocadas quando se tratava desse assunto; ou ainda que só

interessasse mostrar essa “velhice positiva”, correndo o risco de cair nas teias do discurso oficial da Geriatria e Gerontologia. Não há como silenciar, contudo, as vozes de mulheres como Verônica e tantas outras, ao insistirem em que há limitações crescentes com a irrupção da idade e que isso, mesmo com os progressos, é sentido em seus corpos.

Pais (2010) lembra que as fases da vida não são compartimentos isolados e as categorias etárias são elaborações sociais e, como tais, variam de acordo com os contextos históricos e culturais que configuram tais categorias. E afirma que, transpondo um enfoque puramente biológico, trata-se de um campo de luta simbólica:

Por isso, os investimentos na imagem corporal e na própria longevidade legitimam a existência da idade como um capital simbólico que, não por acaso, conta com o assédio das indústrias cosméticas, farmacêuticas e biotecnológicas, para além do suporte das políticas públicas dirigidas ao bem-estar social. (P.20).

Nos meios aristocráticos do século XVIII, de acordo ainda com Pais (2010), a socialização dos jovens acontecia por antecipação da velhice - eles queriam ter aquele ar caduco, esboçado por perucas esbranquiçadas para encobrir as suas poucas idades. Hoje é exatamente o contrário: os mais velhos fazem de tudo para parecer mais novos, pois a idade de referência passou a ser a juventude. Essas idades passam, portanto, por decursos de manipulação e dissimulação, fazendo com que as identidades dos cursos de vida se definam pelo que parecem ser.

Consoante com sua pesquisa, Pais (op.cit) informa que os marcadores¹³ de passagem entre as várias fases da vida continuam a ser socialmente valorizados. Assim, assinala o autor, as fronteiras das fases da vida continuam sujeitas a uma crescente indeterminação, embora os marcadores tenham seu valor. Respeitando as singularidades das trajetórias de vida e as crescentes estratégias de autonomização e individualização, elas inscrevem-se em regularidades. “Se existem fases da vida é porque se encontram sujeitas a padronizações sociais, embora cada indivíduo possa viver singularmente seu percurso de vida.” (P.22). Os marcadores não colam as pessoas às fases da vida, justamente porque elas hoje manipulam as

¹³ Esses marcadores de passagem são normas etárias que definiriam: “[...] idade consideradas mais apropriadas para a iniciação sexual (entre os 16 e 18 anos), o acasalamento e o nascimento do primeiro filho (entre os 20 e os 26 anos), a saída de casa dos pais (antes dos 30 anos), a fecundidade (até os 45 anos) e a reforma (a partir dos 50 anos).” (P.21).

representações da idade. O autor assevera que, como há um claro “esbatimento das fronteiras que separam as gerações, fala-se de modo corrente em *gerações de fronteira* ou *gerações sanduíche*, como seriam os *jovens adultos*”.

Como essas fronteiras entre as fases da vida estão cada vez mais fluidas, me ocorreu a ideia de que podemos tratar essas mulheres de 60 a 70 anos desta pesquisa como fazendo parte de gerações de fronteiras, pois elas estão entre a vida dita adulta e a quarta idade, nomeada velhice propriamente dita. Elas não se consideram “velhas” porque têm identidades forjadas num tempo de grandes manipulações e transformações não apenas na aparência do corpo para torná-lo mais jovem – que qualifica seu capital simbólico – mas também nos seus projetos de vida, intensamente ancorados nos discursos da aposentadoria mas não na ausência de trabalhos. Isso decorre, também, no entanto, do prolongamento das fases da vida. Foi assim que deparei os seguintes depoimentos:

Achei ótima a chegada dos sessenta anos. Ainda acho melhor porque quando entro nas filas preferenciais, tem umas criaturas que chegam com gaiatice e ficam dizendo ‘Cê tá na fila errada? O que está fazendo aqui?’ Aí eu digo: ‘Você quer minha identidade?’ Não houve conflito a chegada dos 60 anos, porque sou uma pessoa tão ativa que eu nem tomei conhecimento. Só achei bom entrar nas filas preferenciais. Se bem que a fila para idosos hoje é maior que a dos outros. Não tem mais idoso dentro de casa não. É tudo caindo, se acabando, mas tudo no meio da rua, batendo perna. (ISABEL, 62).

A gente nota as pregas que não tinha, mas a gente acha que isso aí é da idade, tem que aceitar. Para mim, eu achei ótimo! Mas a melhor idade para mim é depois dos 30. Depois dos 30 não tem ninguém que mande em você.” Angélica, 60 anos.

Eu tenho 63 anos, que ninguém saiba né, aparentemente sou mais jovem. (ZULEICA, 63).

Não sentir a chegada dos 60 anos ou vê-la sem conflitos significa que não houve essa grande mudança, uma vez que se envelhece no sentido burocrático. E, por isso, aceitam com bom humor a entrada nas filas preferenciais, embora as restitua ao lugar da velhice. Nesse intervalo etário de 60 aos 70 anos, as mulheres se colocam ora do lado oposto, qual seja, o de negação do envelhecimento, ora, talvez nos momentos mais convenientes, do outro lado, nas filas para idosos, nos discursos que afirmam não ter mais idade para namorar, constituindo um quebra-cabeça de variados peças a ser montado.

Pais, *op. cit.*, diz que esse prolongamento pode assim ser concebido:

[...] Hoje pode ser-se jovem aos 35 anos ou mais, enquanto, em contrapartida, uns 60 anos bem conservados não são necessariamente um atributo de velhice. Curiosamente, o inquérito realizado mostra-nos que, quanto mais idade se tem, mais se tende a pensar que é preciso ter mais idade para se ser considerado velho; ou seja, quanto mais velho se é, mais se tende a fugir da velhice (em Portugal, os inquiridos com mais de 60 anos tendem a considerar velhos os de mais de 70; para os jovens, a média da idade normativa da velhice é de 67 anos). (P.23).

Observei, não só nesta pesquisa, como também na vida cotidiana, a seguinte asserção: velha é sempre a outra. Quando entrevistava uma pessoa com 60 anos, ela considerava que precisava mais de uns oito anos para ser considerada velha ou dizia “a ficha ainda não caiu”. Já aquela com 68 anos dizia que também ainda não era velha, mas precisava de mais alguns anos para o ser. Elas acreditavam que não poderiam ser enquadradas na idade da velhice. Quanto ao fato de elas ainda “estarem bem conservadas,” foi para mim a primeira grande lição em campo: nunca dizer que uma mulher está conservada. Isso soa como algo bem ruim para elas. “Conservada? Acabou comigo! Conservada é comida! Melhor dizer que ainda estou com boa aparência, jovial.” (DIÁRIO DE CAMPO: MARÇO DE 2011).

Enquanto aquelas que estão com idades mais próximas dos 60 dizem não sentir tanto esse impacto, contudo, ter mais de 65 anos evidenciou um discurso de sentir-se mais próxima à velhice, num contexto no qual emanam discursividades em torno de doenças, dores, maiores fragilidades da idade. Ao ser perguntada sobre a existência ou não de impacto pós-60 na sua vida, Verônica diz que não, mas já a proximidade dos 70 a faz mudar o discurso:

A chegada dos sessenta anos, não, fora meu filho me lembrar que eu era uma sexagenária e prestar atenção nessa coisa de ter direitos, mas ainda tenho um pouco de vergonha. Normalmente quando eu entrava nas filas o pessoal ficava olhando...eu geralmente estava com roupa de ginástica, aí o povo olhava de cara feia aí eu tinha um pouco de vergonha, mas agora passou. (VERÔNICA, 65).

As interlocutoras revelaram, não sei se por vaidade ou mesmo pelos galanteios que recebem na rua, que não têm ‘cara’ de tal idade. Não ter quem diga que são portadoras de determinadas idades as envaidece e as faz achar injusto ter uma idade já mais avançada, enquanto os outros não atribuem. Uma delas me disse que só revelava a idade porque era para mim, mas que ninguém sabia que ela já

tem 62 anos. Outro fato interessante foi uma mulher indicada pela mãe de uma amiga que sempre dizia não poder participar da minha pesquisa por não possuir ainda os 60. Isso era alvo de contestação da pessoa que a indicou que dizia: “Mas olha, ela tem sim, muito mais. Ela era da turma de minha irmã mais velha.” O fato é que acabei perdendo algumas entrevistas porque as pessoas não queriam assumir a idade que tinham. Elas podem até mesmo ter alterado a idade informada a mim uma vez que isso é comum.

As pessoas tendem a empurrar o envelhecimento para adiante, para a casa do vizinho. Velha é sempre a outra. Assim, como assevera Beauvoir (1990), a *velhice para si* é mais difícil de ser percebida, se comparada à *velhice em si* que é notória, desde o olhar do outro, evidenciada, nesses momentos, com força total.

“Olá, estranha!” dizia Elza,¹⁴ personagem de 83 anos ao deparar o espelho. Essa frase deve ter sido dita inúmeras vezes pelas minhas interlocutoras nos últimos anos, bem como a própria Beauvoir certificou-se de que, quando chegou aos 40 anos, olhou-se no espelho, incrédula, por já ter tal idade. E considerou:

A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma? “Falso problema – disseram-me.- Enquanto você se sentir jovem, você é jovem.” Isso é desconhecer a complexa verdade da velhice: esta é uma relação dialética entre meu ser e outrem – tal como se define objetivamente – e a consciência que tomo de mim mesma através dele. Em mim, é o outro que é idoso, isto é aquele que sou para os outros: e esse outro sou eu. (P. 348).

Essa consciência de envelhecer se dá de forma diferente para as pessoas. É assustador não se reconhecer no espelho! Ao mesmo tempo, porém, a recusa permanente deve ser mais dolorosa. Envelhecer é um processo que acontece desde o momento em que a pessoa nasce, mas envelhecer sentindo os primeiros sinais do enfraquecimento do corpo é difícil. Não há permissão para envelhecer hoje, sobretudo para as mulheres.

Verônica refere-se à sua idade como idade do “com dor”, que é representada também por outras mulheres em seus depoimentos sempre depois dos 65 anos. É nesse momento que a velhice chega de forma traiçoeira: são as dores no corpo, as limitações que começam a ser narradas. Sair à noite já não interessa tanto

¹⁴ Esta frase foi retirada de uma cena ficcional do filme *Elsa e Fred: um amor de paixão*, na qual a personagem, antes de sair para um jantar com o novo namorado, olha-se ao espelho, e reflete sobre a velhice. Filme de 2005, de Marcos Carnevale, co-produção hispano-argentina,

porque, no outro dia, o corpo fica cansado. Há uma “artesanaria” nos cuidados de si movida pelos discursos médicos e de rejuvenescimento que reverberam até na alimentação. As vigilâncias são reveladas ao afirmarem que não costumam jantar, só um lanche, pois a comida pesa no estômago e a noite é mais difícil, assim preferem sair para almoçar com as amigas! São cautelas que passam a tomar, somadas à fisioterapias, reposições hormonais e busca de alimentação mais saudável.

Ao chegar à casa de Anna, 69 anos, ela parecia muito abatida, e logo foi-me advertindo:

Estou com aparência abatida nesses últimos dois meses, nem pareço com uma pessoa de poucos meses atrás que tinha bunda, pernona, você precisava ver! Mas comecei a sentir uns problemas intestinais, perdi peso, e fiz uma bateria de exames, e em todos os buracos do meu corpo foi enfiado aparelho! Eu pensava que era câncer, mas não era, graças a Deus! Acho que é mais nervosismo! Tenho problema de coração também, apareceu uma labirintite que nesses dias, tive que ir arrastada para o hospital! (ANNA, 69).

A questão da saúde não pode ser desconsiderada, pois nesse momento pesa a ausência dela. O medo de adoecer, de estar só e não ter com quem contar, é evidenciado. Isso esteve presente nos discursos delas.

A proximidade dos 70 anos, apareceram também as doenças. Mas não fico só. Eu tive duas crises de labirintite que eu fui me arrastando para o hospital. Eu tenho medo de ficar sozinha, mas tem final de semana que eu durmo só. Não sou de andar me queixando pra ninguém, dizendo as coisas. Agora tem dias que não dá mesmo, aí eu digo ‘vou manear uma coisinha.’ (ANNA, 69).

Até os 60 anos eu tinha uma saúde muito boa e depois dos 60, eu senti que quando eu fiquei em casa, eu fui vendo o que é realmente a terceira idade.[...] é aí que vem o medo, a insegurança, a falta de esperança, a gente achando que não serve mais para nada, e as pessoas chamando você de idosa, e aí eu já cansada. (ANA MARIA, 64)

A minha irmã tem 70 anos e escorregou quebrando um braço. O Doutor resolveu operá-la para que ela ficasse com um “braço perfeito”, foi o que ele disse. Achei arriscado, e como o braço dela estava engessado achei que não era necessária essa cirurgia já que seu braço iria ficar bom. Mas ela quis. Sabe o que aconteceu? Ela saiu do centro cirúrgico cega! Ninguém sabe dizer como isso pode ter acontecido! Agora está cega e quebrou o outro braço, afinal tem 70% de osteoporose. Para quê isso? Fico com pena. Agora eu já vou fazer é 80 e tô para cima e para baixo, não tô doente e sim em pleno vigor! Ontem mesmo estive em Sobral com meu filho, hoje estou aqui na praia aproveitando! (Conversa no banheiro de uma Barraca de Praia. (DIÁRIO DE CAMPO: NOVEMBRO/2013).

A ideia de que uma máquina-corpo quando em pleno funcionamento não pode parar, mas que ao desacelerar ou mesmo desligar o motor, às vezes, começa a dar os primeiros sinais de desgastes, é como a chegada da idade se evidencia. Por terem estado ocupadas por muito tempo com trabalho, filhos, família, a desocupação desses encargos as conduz a terem mais tempo para sentir, mais consciência do seu corpo, e essa parada súbita deixa o corpo em evidência mais facilmente. Eis que surge um filão no mercado de saúde com promessas de restituir-lhes a saúde, de rejuvenescê-las: tratamentos tradicionais e homeopáticos encontram um público altamente carente desses serviços.

Balandier (1997) ensina que, na Modernidade, o próprio corpo se torna reduto de informações imprecisas: “[...] as idades da vida não são mais claramente separadas, a saúde é cada vez mais assistida pela medicina, o envelhecimento e, com ele, a morte recuam ou são escamoteados.” (P.141).

A saúde é assistida pela criação de medicamentos e de uma medicina que prima pelo rejuvenescimento, e encontra seu espaço de saber legitimado no campo da Geriatria e da Gerontologia, que se outorgam o direito de dizer o que é envelhecer e *reprivatizam* a velhice (DEBERT, 1999). Esse saber busca renovar o conceito do que é ser velho, e do alto de seu estatuto científico, responsabiliza essas pessoas pela sua saúde que deve ser minimamente vigiada e mantida por meio de exercícios físicos, dietas e cirurgias plásticas que possibilitem a eles uma aparência mais jovem (ou não tão velha) e uma qualidade de vida melhor. Essa é a nova imagem da velhice criada na Modernidade!

O corpo é submetido a todo tipo de intervenção médica e, se assim não o for, a pessoa deve se responsabilizar pela velhice *escamoteada* (BALANDIER, OP. CIT.). Campos que se legitimaram como portadores de discursos sobre a velhice, a Geriatria e a Gerontologia, por vezes, parecem preocupar-se com a responsabilização individual das pessoas por um envelhecimento saudável. Entra em cena o discurso da ciência, e a velhice bem aceita requer, sobretudo, olhar atento e cuidados permanentes com a saúde do idoso.

Ao ser entrevistado por Paul Rabinow (1999), Michel Foucault fala sobre suas inquietações com relação à Ciência-Política-Ética e assinala como os discursos da Medicina têm efeitos de liberdade sobre a sociedade. Procura entender como esses processos puderam “interferir mutuamente na formação de um domínio

científico, de uma estrutura política, de uma prática moral.” (P. 22). Assim, percebo, no meu campo de pesquisa, a influência dessa cientificidade constituída com objetivos de legitimar discursos em prol de um tipo de velhice, mantendo modelos ideologicamente pensados. Quais são esses discursos da Ciência sobre o envelhecimento?

A pedagogia médica, que assiste ao processo de envelhecimento, mostra as maneiras de atingir um modelo de bem-estar na velhice que é desejado, aquele perfeitamente orquestrado no discurso científico de uma velhice bem-sucedida: perfeitamente saudável, autônoma e em busca de novos meios para melhoria permanente. Essa lógica conduz, em si, intensiva conotação de pertença a uma determinada classe social, pois aquele velho que é pobre e não tem acesso a todas essas novidades para envelhecer bem deve se contentar com políticas públicas que criam salões de idosos, que mais parecem creches para velhos. Esses, sim, podem estar a anos-luz dos novos sentidos do envelhecer¹⁵.

A velhice hoje aceita e bem-vinda é aquela que pode ser responsabilidade pessoal do indivíduo em pleno gozo de sua saúde, independentemente, e de uma classe social que permita a ele utilizar todos os meios à disposição para rejuvenescer, para uma qualidade de vida melhor. A velhice, inclusive, é tida como bela¹⁶ e é festejada, de um modo que desconfinado seja exacerbado o lado eminentemente positivo e camuflado o lado negativo, mas também real do envelhecimento. No risco de cair nos erros dos estudos mais antigos sobre velhice, que só abordavam os aspectos da perda, não podemos cair no outro lado, evidenciando apenas o saldo positivo, afinal o envelhecimento, como todos os outros momentos da vida, contém os dois lados.

Houve uma degradação de modelos, antes estabelecidos, que forneciam elementos para as condutas sociais. O passado é levado em conta para ser desconstituído e modificado, informa Balandier (1997), que ainda garante que isso reflete até mesmo o que nomeia “fases da vida”, cada vez mais imprecisas:

¹⁵ Durante o período em que trabalhei em um órgão municipal de Fortaleza que atendia idosos pobres, beneficiários do Programa Bolsa-Família, angustiava-me a situação dos idosos assistidos pelo Estado. Eles eram bastante debilitados física e também moralmente, viviam plenamente suas funções de avós, inclusive sua renda era a principal da família. Esses idosos iam para os “salões dos idosos” para lanchar, aprender alguma atividade artesanal e dançar forró.

¹⁶ Goldenberg (2013) lançou um livro de grande sucesso nas editoras nacionais e programas televisivos, no qual festeja o envelhecimento feminino como sendo aquele que é belo, com frases do tipo “ser velho é lindo!” e no qual a autora se assume festivamente sendo velha, embora tenha 55 anos e revelando o direito de sê-la.

A imprecisão das fronteiras entre gerações, a substituição da maturidade pela juventude como ideal, a flutuação dos sinais em uma cultura continuamente mutante, que leva ao sentimento de uma constante imigração no tempo, a escolha do instante cortado do passado e contrário a todo projeto e a toda herança são as manifestações mais frequentemente expostas do pagamento ou da confusão dos referentes temporais. (P.160).

As pessoas de mais de 60 anos, ao saírem dos espaços convencionalmente atribuídos a elas, ocupam um não-lugar e o último nome que surge para tentar explicar o fenômeno é *ageless*¹⁷, pessoas que não veem a velhice como uma restrição e sim como continuação da meia idade. Isso reflete exatamente o que escutei de uma mulher que busca definir sua referência depois dos 60 anos: *“sou nova demais para ser velha e velha demais para ser nova.”*

A possibilidade da abertura para pensar a velhice enseja um espaço de desconforto. Os lugares, antes a ela determinados, eram de papéis sociais dissonantes no contexto do século XXI, quais sejam, o de cuidar dos netos, de ter suas vidas conduzidas por seus filhos e familiares, de aposentar-se do trabalho e da vida ativa. As mulheres desse século não querem assumir essas funções e ainda procuram identificações que possam nortear seus comportamentos. Esse novo lugar de visibilidade pode ser pensado com origem nas características da Modernidade líquida. Aquela velhice excluída socialmente, enfatizada nos anos 1970, nas palavras de Beauvoir (1970), como uma espécie de segredo vergonhoso para a sociedade, tanto que a autora se propõe quebrar a conspiração do silêncio, certamente, é uma voz cada vez mais ruidosa!

3.2 Envelhecimento feminino: a mulher de 60

Essa é uma tese sobre a velhice e suas novas facetas, delineadas da análise de alguns pontos que são imprescindíveis para compreendê-la nos dias atuais, a saber, as continuidades e descontinuidades com antigos modelos já descritos, e aspectos da afetividade e sexualidade dessas mulheres. Gênero, porém, é uma categoria transversal à pesquisa e merece algumas reflexões.

¹⁷ Casotti e Campos (2011) analisam uma pesquisa feita por Smith e Clurman (2007) que nomeiam a geração nascida entre os anos 1946-1964 como “geração sem idade”, *ageless*.

Os estudos de gênero nascem junto ao movimento feminista nos anos 1970, na Europa e nos Estados Unidos, inquirindo os lugares sociais considerados comuns para as mulheres e reclassificando a ordem das coisas. Britto da Motta (1999) diz que a categoria analítica gênero constitui-se de

[...] um certo gesto político, no conter, por definição, a negação da existência de uma “natureza” feminina e outra masculina.[...] postula ainda expressar a existência de um sistema de relações em que o homem está mais diretamente incluído, num movimento que expressei como de ‘recomposição da totalidade.’ (P. 201)

De fato, conforme Sarti (1988), os estudos sobre mulheres ignoram frequentemente o seu ‘consorte’ (Sic). Embora concorde com Sarti neste ponto, Heilborn (1992) diz preferir ater-se ao genitivo da mulher, já que acredita que este aspecto é o que melhor retrata os estudos de gênero, uma vez que esse campo se define por dimensões oriundas das formulações feministas. Acompanhando tal raciocínio, nesta tese, delimito meu olhar com origem no envelhecimento de mulheres, sem deixar de interpelar o gênero e o sexo, que não se deve restringir à divisão binária homem/mulher. A ordem simbólica que origina o gênero trata de descontinuidades. Ser masculino e ser feminino possuem significados diferentes de acordo com a cultura.

Vale (2005)¹⁸ acentua que grande parte das sociedades estabelece papéis para dois gêneros, o masculino e o feminino. Logo, fabricam

[...] Ideais de masculinidade e feminilidade aos quais os indivíduos se referem para agir e se comportar a partir do pertencimento a um sexo ou ao outro. Em algumas sociedades o sexo biológico determina o sexo social, sendo a divergência entre os dois impensáveis para os atores sociais implicados. (P.53)

Parece então, mais um jogo de construção de papéis para os sexos baseadas em identidades socialmente elaboradas, desde o momento em que se diz: “É um menino!” Ou “É uma menina!”¹⁹ Daí em diante, todo um cenário social e

¹⁸ Sobre trajetórias das travestis e transgêneros brasileiros em seu processo de migração Brasil-França, Cf. VALE, Alexandre Fleming Câmara. *O Vóo da Beleza: travestilidade e devir minoritário*. Tese Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós Graduação em Sociologia. 2005.

¹⁹ Existem camisetas que podem ser compradas em qualquer loja da Cidade, que contém a frase: “It’s a girl” ou o inverso “It’s a boy”. As grávidas adoram desfilarem seus barrigões com essas roupas. A construção social do gênero evidentemente começa nesse momento e no uso de cores rosas para elas e azul para eles.

cultural é forjado para receber o bebê do sexo feminino ou masculino em rosa ou azul,²⁰ respectivamente. Desde os brinquedos para a menina, que remetem ao âmbito doméstico e aos cuidados com os outros, como bonecas, fogões, casinhas, e para os meninos são entregues carros, bolas, instrumentos de trabalho para médico, dentista, arquiteto etc.

Butler (2012) em *Problemas de Gênero*, trata da concepção de gênero como discursiva, pois o sujeito se torna masculino ou feminino de acordo com a *performance*, constituída de atos repetitivos desde o primeiro momento em que é tratado como homem ou mulher, numa sociedade de olhar *bipolar heterossexual*. Portanto, são constituídos pelos discursos tanto o *ser* mulher quanto o próprio sexo, que não é natural, como se poderia crer, mas é um tornar-se, um devir! Essas normas incorporadas de acordo com o gênero são constantemente reiteradas pelo reforço das autoridades. A autora diz:

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria “cristalização” é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais. Para Beauvoir, nunca se pode tornar-se mulher em definitivo, como se houvesse um *telos* a governar o processo de aculturação e construção. O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (P.58-59).

O gênero é devir, um processo que rompe com o discurso naturalizado do “macho” e “fêmea”, portanto, não é algo que somos desde que nascemos. É mais uma espécie de imitação persistente que passa como real. Ser mulher não é uma identidade, de acordo com Butler (op.cit.), os traços predefinidos de gênero transcendem a parafernália (sic) específica de seu gênero:

[...] o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.”(P.20)

²⁰ Arend (2012) diz que foi na década de 1940, nos Estados Unidos, onde primeiro aconteceu a associação da cor azul ao masculino e da rosa ao feminino, principalmente para os bebês, com fins de padronizar a produção em larga escala.

A autora também trata dos chamados gêneros “inteligíveis”, aqueles em que há relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. A noção de verdade do sexo ²¹é produzida por práticas reguladoras que ensejam identidades coerentes por via da matriz de normas de gêneros coerentes; ou seja, aqueles que são incoerentes, espectros de descontinuidade, são interditos. E assim diz Butler

A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de identidade não possam existir – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. (p.39).

Há, sobretudo, uma heterossexualização do desejo que requer a oposição assimétrica entre “feminino” e “masculino”, como sendo atributos de *ser macho e ser fêmea*.

Sobre as diferenças de poder de um sexo sobre o outro, Héritier (2002) analisa o conceito de *valência diferencial dos sexos* que significa a valorização de um sexo e a desvalorização do outro. Considera essa categoria como “uma liga sem a qual as outras condições do social[...] não poderiam ter sido instauradas.” (P. 17) Ou seja, a valência diferencial dos sexos é:

A tela de fundo, a matriz que ordena e rege as variantes da relação do masculino e feminino [...] a invariância não é uniformidade invariável. Pelo contrário, admite para prova da sua existência, a instabilidade de suas formas. Histórica e etnologicamente falando, cada sociedade, cada época, e até elementos parciais próprios de uma sociedade dada, numa época dada podem apresentar à análise conteúdos variáveis, que por vezes se opõem. (P. 56-57).

Ao tratar desse modo binário de pensar as relações de gênero, Heritiér diz que remete inevitavelmente a uma desigualdade de valor. O discurso que se detém apenas nas possibilidades de ser homem ou ser mulher surgiu da observação da diferença sexuada que marcou as mulheres pela força da ideologia ou pela interiorização.

Portanto, gênero é uma noção que, além de designar as diferenças/coincidências entre os sexos, revela as distinções entre os atributos culturais atribuídos a cada um (HEILBORN, 1992). Essa autora o define como um constructo que parte da observação real, e que assume contextos culturais de

²¹ A noção de haver uma ‘verdade’ do sexo, Butler (2012) afirma ter sido tirada de Foucault que assim o diz ironicamente.

acordo com o ambiente onde emerge. Essa ordem simbólica que origina o gênero trata de descontinuidades. Assim, masculino e feminino são concepções relacionais e, ao mesmo tempo, possuem significados diferentes de acordo com a cultura.

A mulher cearense traz consigo uma carga cultural que a define em seu devir mulher. Ela desde cedo foi educada para incorporar determinados modos de comportamentos femininos, repetir padrões e compreender características da suposta “natureza” de *ser* mulher. Na modulação de seu comportamento, inúmeros discursos foram proferidos, seja por autoridades escolares, em sua formação nos colégios de freiras, bem como por líderes religiosos das Igrejas por elas frequentadas. Estas mulheres tiveram uma formação muito rígida, na qual os próprios pais ocuparam o lugar que é por excelência o da autoridade.

Depois passaram para “as mãos dos maridos” (sic) que é esse homem, *grosso modo*, também socializado com os valores masculinos, resquícios de uma sociedade patriarcal²², profundamente marcada pela autoridade do homem que mandava na mulher. Para Ary (2000), no Brasil, a outra face do machismo é o marianismo: “estereótipo derivado do culto católico feito à virgem Maria.”(P.72). E define que machismo, de acordo com Stevens(1977) é um culto da virilidade agregado à agressividade, intolerância nas relações entre os homens, arrogância e agressão sexual nas relações entre homens-mulheres. Ary analisa ainda a questão de como a mulher é vista pela Igreja Católica²³, inclusive o fato de que há uma elevação da mulher como se fosse a transfiguração da virgem Maria. Percebe, contudo, que “[...] as mulheres são reificadas, quer dizer, são consideradas como coisas ou sexo-objeto, como “sedutoras”, “servas” ou “salvadoras do sexo-sujeito”, os homens, e de suas criações sociohistóricas muitas vezes mortíferas.”(2000: p. 79)

As mulheres e seus relatos estão repletos dessas informações que reverberaram na forma como percebem a sua sexualidade, antes vista para ser contida, circunscrita pela aura da donzela, moça pura e recatada, que vai de

²² THERBORN, G (2013) revela que o mundo por volta de 1900 era patriarcal, caracterizado pelo fato de “Os direitos dos pais governavam o mundo dos filhos, incluindo dos filhos adultos, ao menos, enquanto fossem solteiros [...] as esposas estavam institucionalmente subordinadas a seus maridos [...] e os casamentos eram normalmente arranjados pelos pais em todo lugar.”(P.109-110)

²³ A Igreja Católica desvalorizaria as mulheres a partir de 3 aspectos: a) Gênesis na criação do mundo anunciado na Bíblia afirma que a mulher, Eva, foi feita da costela de Adão para tira-lo da solidão e procriar; b) Herdeiras de Eva, todas as mulheres seriam culpadas pelo pecado original e pela expulsão do paraíso; c) vistas como sexo frágil, vulneráveis à tentação da serpente, as mulheres seriam sexualmente perigosas. (ARY, 2000).

encontro a novos comportamentos transmutados e flexibilizados em alguns momentos, e, em outras ocasiões, esta rigidez aparece com toda a sua potencialidade.

Angélica, 60 anos, diz que a chegada dos 60 não a impactou tanto quanto a dos 30, por conta de ter o direito de governar a própria vida, assim afirmando: “*Depois dos 30 não tem ninguém que mande em você, ninguém manda mais em você!*” Essa idade coincidiu com o seu divórcio, e a sua primeira chance de liberdade. Ela repetiu esse padrão da mulher que saiu das “mãos” do pai e passou para as do marido, significando que eles decidiam e dominavam a sua vida. Não é à toa que Lipovetsky (2000) afirma que não houve revolução social mais rápida e profunda do que a emancipação feminina, e proclama o nascimento da terceira mulher:

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, instaurou-se uma nova figura social do feminino, instituindo uma ruptura muito importante na “história das mulheres” e exprimindo um último discurso democrático aplicado à condição social e identitária do feminino. Chamamos essa figura sócio-histórica de a terceira mulher. Pela primeira vez, o lugar do feminino não é mais preordenado, orquestrado de ponta a ponta pela ordem social e natural. O mundo fechado de antigamente foi substituído por um mundo aberto ou aleatório, estruturado por uma lógica de indeterminação social e de livre governo individual, análoga em seu princípio à que organiza o universo masculino. (P.12)

É na ânsia de libertar-se desse controle, e tomar as rédeas da própria vida, que essa *terceira mulher* procura se afastar do modelo tradicional apregoado desde que nasceu, rompendo decididamente com essa dependência masculina: “não quero mais saber de homem.” Assim como também existe mulher que acredita que “não passa sem homem”(sic), justificando sentir-se valorizada socialmente apenas se tiver um homem ao seu lado para impor respeito. Ana Maria, interlocutora desta pesquisa, exhibe bem esse modo de pensar, ao dizer que, até para comprar um carro com seu próprio dinheiro, só vai se for com o namorado, para impor respeito. Esses dois pontos serão explorados no capítulo posterior sobre afetividade.

Por mais que tenha havido a incorporação de valores por demais conservadores nos ditos “anos dourados”, como o fato de uma mulher nos anos 1950-60 não encontrar casamento caso perdesse a virgindade, também elas conviveram com os ardis da revolução feminista e com as novas descobertas e

conquistas dos anos 1960-70, entre elas: o advento da pílula anticoncepcional, a revolução tecnológica, o divórcio, dentre tantas outras novidades. Elas fizeram parte desse movimento!

Héritier (2002) defende a tese onde afirma que, para as mulheres, a revolução, ou seja, o que fez mudar o paradigma da submissão do feminino ao masculino, foi efetivamente a contracepção, ou seja, o direito da mulher de decidir se pretende ter filho, quando e quantos, ou se não terá filho na circunstância da relação sexual. Ela cita um inquérito²⁴ de opinião pública, organizado por sociólogos, para entender quais os principais acontecimentos do século XX. “Os homens respondem majoritariamente que se trata da conquista do espaço. Noventa por cento das mulheres põem em primeiro lugar o direito à contracepção.”(P.102) E assim revela que essa é a alavanca de emancipação do feminino.

A grande revolução da nossa época não é a conquista espacial. É antes a conquista das mulheres do Ocidente de um estatuto de pessoas autônomas juridicamente reconhecido que lhes era negado até então. Na minha opinião, o eixo desta conquista é o direito de dispor de si própria que lhes dá a contracepção através da retomada do controle da fecundidade nas suas mãos. Graças a contracepção, a mulher torna-se dona do seu corpo e já não é considerada um simples recurso; utiliza seu livre arbítrio em matéria de fecundidade, inclusive na escolha do cônjuge, na escolha do número de filhos que deseja e o momento em que deseja tê-los. (P.102)

Para si as mulheres ainda querem até ter filhos, mas em virtude de sua realização individual. Isso consiste no que a autora acredita ser a grande “viragem”, pois coloca as consequências da contracepção nas mãos da mulher e, por conseguinte, a sua autonomia e a sua liberdade.

Reforça, ainda, a ideia de que a responsabilidade contraceptiva só não foi dada aos homens porque logo foi considerada “uma intervenção que ameaça a integridade física do corpo masculino, com consequências orgânicas, psicossociais, sobretudo identitárias, devido a ideia que se liga da natureza do esperma.”(HÉRITIER, 2002: P.177)

As mulheres foram beneficiadas, para a sua autonomia, com o advento da pílula anticoncepcional, mas não foi até hoje descoberto um estimulante sexual; pelo desinteresse de financiadores de medicamentos ou pela falta de compreensão de que esse é um aspecto importante na vida, não só dos homens, mas também das

²⁴ Héritier (idem) não apresenta a fonte dessa pesquisa, ou qualquer informação sobre ela.

mulheres em envelhecimento. Há, portanto, uma denegação advinda do próprio discurso da Medicina.

Associada à contracepção, somaram-se outras mudanças na sociedade ocidental. Atribuo ao divórcio um ponto de fulcro na liberação da mulher da submissão masculina. No Brasil, o divórcio é algo bem recente, configurando um cenário de menos de 40 anos pois sua aprovação foi nos fins do ano 1977; ou seja, essas mulheres, também, são as primeiras desquitadas, que carregavam a “vergonha” de casamentos destruídos. Essas conquistas feministas, hoje, parece que estão dadas, mas são frutos de lutas sociais históricas nas quais as mulheres reivindicaram os seus direitos e a mudança na forma como eram vistas.

As mulheres que entrevistei e que se identificaram como viúvas, logo depois eu descobria que, na verdade, já eram separadas do marido quando ele veio a falecer. Às vezes já estavam divorciadas há muito tempo, mas se afirmavam como viúvas.

Além dessas dimensões apresentadas que delineiam um modo de vida e valores das mulheres dessa região, ainda há um ponto que se mostra evidente nos seus discursos. É que elas estão inseridas na sociedade brasileira²⁵ que valoriza o corpo, a juventude, a beleza feminina, de modo muito mais evidente do que a do homem. A obsessão pela aparência e juventude se reflete na busca pelo “modelo de beleza apregoadado pela sociedade atual, que afeta especialmente as mulheres: ‘É o corpo feminino, perfeito, magro e esguio.’”(GOLDENBERG, 2004: p. 45)

Em depoimento espontâneo, uma professora universitária que me procurou após me ouvir falar sobre o tema da velhice, disse-me o seguinte: desde que fez 55 anos resolveu parar de pintar o cabelo deixando-os no tom natural, preto e branco. O aparecimento dos grisalhos a tornou alvo de muita crítica por parte de suas colegas de Departamento, que pareciam se achar ofendidas com sua ousadia em quebrar a regra que todas seguiam, qual seja, pintar mensalmente os cabelos. Assim, sentiu-se rejeitada por algumas colegas que eram de sua idade como se o fato de andar com ela implicasse reconhecer também o próprio envelhecimento. Para ela, passou a ser uma rebeldia deixar os cabelos brancos e assim o fez! Isso reflete na prática o que Debert (1999) verbalizou: “O corpo ingovernável, as traições que o corpo faz às vontades individuais são, antes, percebidas como frutos de

²⁵ Para aprofundar essa questão cf. GOLDENBERG, Mirian. De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: record, 2004.

transgressões conscientemente impetradas, abominações da natureza humana.” (P.22).

Para as mulheres em decurso de envelhecimento, ser mulher tem essas incontestáveis questões estéticas, comprovadas por via de pequenos procedimentos, cirurgias plásticas e cuidados exagerados com o corpo para que possam reunir valor ao envelhecimento.

A sociedade marginaliza, porque o belo é o jovem, o novo. É difícil de você lidar! Você só sabe, quando está acontecendo na íntegra! Se tudo é convenção, vamos convencionar? Abrir a mente da pessoa. Se a pessoa chega ao ponto de querer manter um relacionamento contigo, é sinal que viu alguma coisa que não seja o sexo também, que ele não procura uma pessoa mais jovem. (ZULEICA, 63).

É interessante reafirmar que é nesse momento de suas vidas que essas mulheres têm mais tempo para se dedicar aos cuidados consigo. Conceição, 65 anos, diz que se eu a visse há 20 anos, quando ela tinha 45, eu acharia que era a mãe dela. Quando era ainda casada, tinha certo descuido com o corpo, diante tantas obrigações preeminentes. Ao se separar, todos notaram a diferença: emagreceu, fez uma abdominoplastia, cuidou da alimentação. Hoje é uma bela mulher, com aparência mais jovem, e certamente eu não atribuiria a ela a idade de 65 anos.

Para a mulher, o envelhecimento tem vários aspectos, quais sejam, social, cultural e estético. Del Priore (2000) adverte para a noção de que:

No campo da aparência, da sexualidade, do trabalho e da família houve conquistas, mas também frustrações[...]Nossa sociedade mira cada vez mais nos valores de juventude e progresso[...] todos os esforços são investidos para dissolver a velhice. Para reduzi-la. O aumento da esperança de vida tornou-se um problema, pois as mulheres não querem mais envelhecer. Elas negam-se a mudar, transformar-se. (P. 13).

São exigidos da mulher determinados atributos que não são para o homem. E a imagem que estabelecem para si mesmas é bastante vinculada a uma feminilidade constituídas desde que nasceu, no seu jeito de ser mulher, a saber, a vaidade de andar sempre bem vestida, principalmente nas festas e bares que frequentam, acompanhadas de saltos altíssimos, cabelos escovados, maquiadas e com joias. Embora, no depoimento apontado anteriormente, a mulher tenha deixado surgir seus cabelos brancos, todas as mulheres entrevistadas tinham os cabelos pintados para escondê-los. Além disso, fazem parte dessa identidade as roupas

mais “femininas”, ou seja, sexys e decotadas com que tantas vezes admirei seus corpos esguios constituídos através de dietas rígidas e atividades físicas, das quais a dança é apenas uma delas.

Ao homem não são exigidos tantos cuidados, uma vez que a identidade do homem de sua geração é de não ter preocupação excessiva com sua aparência. Conforme elas mesmas narram, o homem mais velho é sempre desarrumado, barrigudo: “Hoje a mulher pega qualquer porcaria de homem, com mau hálito, sovaqueira, o que vier pela frente, só quer saber se é homem.” - diz Zuleica.

Para uma mulher, envelhecer numa sociedade cearense, que segundo elas próprias é uma sociedade machista, de valores muito tradicionais apregoados desde o berço, é diferente de envelhecer em outros centros urbanos brasileiros e do Exterior²⁶. Anna, 69 anos, acredita que essa diferença existe até para namorar, e diz: “Acho que o homem mais velho ainda procura sim, mulher da idade deles. A gente vê muito, principalmente nessas cidades como Santa Catarina que tem as praças para sair.” Essas mulheres vivenciam rupturas abruptas e bem significativas para conseguirem vivenciar o seu novo estivo de vida, qual seja, mulheres solteiras, que vivem as mais variadas formas de sociabilidades, viajando e gozando da liberdade tardia.

Ainda que valorizem a sua liberdade hoje, essas pessoas também lembram de “sua época” com certo saudosismo. E, quando assim falam remetem-se a períodos que vão dos anos 1960-70, quando eram jovens, estudavam, trabalhavam e casavam.

Acompanhei a época das tertúlias era bom demais. Pra mim eu não curtia mais, porque lá em casa a gente só ia se a mamãe fosse, ela tinha de acompanhar e uma coisa é você se divertir só com suas amigas e outra coisa é com sua mãe olhando. Não que a minha mãe... ela gostava de dançar, meu pai também, eles levavam a gente pra dançar e tudo. Quando entrei pra faculdade eles já me deram uma certa liberdade. Eu já ficava aqui, que eu morava em Caucaia, ficava aqui em Fortaleza na casa de minhas amigas. Aí a gente ia pras festas que nas Faculdades, tinha essas festa de calouros, aí eu curti um bocado. (CONCEIÇÃO, 75).

Outra narrativa da Anna, 69 anos:

²⁶ Cf. Goldenberg (2008) que trata das marcantes diferenças entre as mulheres cariocas e as alemãs.

Tertúlia no Maguari, eu não perdia uma. Era sagrada! Eu já estava namorando com ele (o companheiro, futuro pai de seu filho), quando ele dobrava na Liberato Barroso(rua), a menina lá da frente da minha casa já estava pronta. Aí ia para as Tertúlias. Ele nunca descobriu. Tinha também os Clubes da Praia do Futuro que, Ave Maria! O Bola Preta. Era um seguido do outro. Era entre a Engenharia e a Medicina. Era bom!

Essa é a geração dos “brotinhos”, que frequentavam as famosas tertúlias, das festas dançantes nos clubes tradicionais da Cidade. A liberdade da sua mocidade passa pelas músicas pedidas na *musicbox*, e pelas danças. Foi nas primeiras festas organizadas para jovens que elas puderam desfrutar momentos de lazer a sós entre sua geração. As moças passaram a ficar na companhia dos rapazes, já que estudavam em colégios divididos por sexo, eram os famosos colégios de padres e freiras. Santos (2011) ao analisar os jornais do período dos anos 1950-1960, traz uma contribuição para nos aproximar do contexto dessa época:

Em Fortaleza, a se crer no noticiário do colonismo social, eram cada vez mais comuns bailes, piqueniques, festas de aniversário, vitrolas-com-pista organizadas exclusivamente para jovens, em cujos ambientes longe dos pais pareciam se sentir mais livres para dançar, paquerar, divertir-se. (P. 94).

E cita um trecho, de O Jornal ²⁷que assim dizia:

Quem teve oportunidade de ver a “New Face” reunida não pode duvidar de muita animação e categoria da sociedade futura [...] São dezenas de superbrotinhos que mantêm a pista cheia em todos os momentos. Sabem realmente se divertir. Há alguns anos, as festas da nova geração eram fracas. Quase ninguém dançava. Rapazes de um lado e moças de outro[...] Com essa geração a coisa está diferente. Já se formam rodas de moças e rapazes, os assuntos fogem do medíocre, há maior interesse numa boa apresentação, dança-se mais. (SANTOS, 2011: p.94).

Essas mulheres trazem desde cedo a animação e a dança no pé, que mudou o seu modo de envelhecer. Algumas começaram a frequentar, ainda nos anos 1950, as primeiras tertúlias “[...] `a meia luz, moças e rapazes dançavam de rosto colado ao som de boleros românticos, tocados por Ivanildo e seu conjunto, ou se agitavam no ritmo frenético do mambo e até do *rock in roll*.” (SANTOS, 2011, p.95). Isso talvez possibilite compreender por que essas mulheres gostam tanto de dançar, de sair à noite para ouvir músicas em bares e clubes da Cidade.

²⁷ Artigo de Lúcio Brasileiro, 30 de julho de 1958.

Elas têm uma percepção de que muita coisa mudou de lá para cá, e há aquelas que acreditam que as mulheres de sua geração assim são vistas:

Eu acho que mudou muito. As mulheres da minha idade estão muito oferecidas. Tão pior do que os jovens! Querem ser novinhas e vão pros cantos, ficam dançando. Eu sou muito danada, gosto muito de dançar, mas sou normal, tranquila! Eu acho que são bem oferecidzinhas. Eu não sinto necessidade de namorar, dessas coisas não! Tô tranquila! (ANNA, 69).

Enquanto Anna avalia que as mulheres, que hoje têm a oportunidade de gozar da sua liberdade, são “oferecidzinhas” porque rompem com o modelo feminino que ela conhecia, para outras, essa é a oportunidade de rever o que foi perdido pela sua geração, enquanto eram ainda jovens. Como foram muito reprimidas quando eram jovens, agora elas rompem as amarras de outros tempos. Conceição assim diz, quando eu pergunto como acha que é vista por sua família:

[...] Eu sou viúva, mas antes da viuvez eu já era divorciada. Tinha 45 anos quando me divorciei. Eles (os filhos) dizem que eu repensei toda a minha vida, meu modo de ver o mundo e eu mudei até fisicamente.

[...] voltei a ser meio adolescentes, eu não tô nem mentindo. Eu voltei assim, até porque na minha juventude nós éramos muito reprimidas pelos pais, a gente não tinha liberdade nenhuma. Eu tinha só uma irmã. Quando eu me separei do meu marido, aí eu me senti de novo aquela moça solteira, ávida de diversão, e isso tudo mexeu com minhas estruturas. Eu passei a me cuidar mais, a ser mais jovem, a ir as festas, ter mais amigas e sair de casa. Quer dizer, mudou completamente!

Eu mesma vejo, depois de tanto eles começarem a dizer “mãe a senhora nem imagina como está melhor assim”, mas essa mudança eles gostaram. Eles brincam com isso.

Não tem que ficar dando satisfação: “Ah, o que você acha de ir para tal lugar?” “Ah, não, a gente fica aqui mesmo”. Hoje não, eu tô aqui, a minha amiga liga e diz “Conceição, tem tal coisa hoje, vamos?” “Vamos!” Eu não tenho que perguntar a ninguém. Isso é uma coisa muito boa na vida da gente. Liberdade, Ave Maria, liberdade! (CONCEIÇÃO, 65).

Para as mulheres, essa oportunidade de ser solteira novamente é a chance de recuperar o que ficou perdido durante a juventude. A estrutura desmonta porque ela foi constituída por normas de gênero que apreendeu e comportamentos repetidos e vigiados como o certo para uma moça da sua idade. Britto da Motta(1999) assevera que a expectativa de uma “feminilidade” como obediência e conformismo encontra-se em franco desmonte, mas:

[...]norteou a vida das mulheres que hoje são velhas. Do mesmo modo que a prescrição, ora cômoda, ora desconfortável, de uma fórmula de intensa e variada parceria sexual, afirmação de “masculinidade” como dominação da mulher e filhos, obrigação de ser o provedor único da família e a expectativa de recebimentos de “serviços” domésticos das mulheres, foi o que vigorou - e em parte ainda persiste – para os homens dessa mesma geração. (P.210).

Convém afirmar, que isso decorre das diferenças de expectativas sociais que orientam a trajetória de homens e mulheres de mais idade, diz a autora. A possibilidade de agência faz que essa mulher em envelhecimento perceba o fracasso do modelo anterior, no qual ela precisava reafirmar suas virtudes desde um modelo oposto ao que seria esperado do “homem”. A performance que foi exigida dela nada mais do que um modelo forjado para mulheres que viviam no Ceará, tanto na Capital quanto no restante do Estado, na metade do século XX.

3.3 A mulher cearense por Neli: uma trajetória de vida

Nesta pesquisa, há pontos que se unem nas narrativas das mulheres analisadas, assim como existem outras que se diferenciam completamente das demais. Claro está que as medidas individuais para viverem suas vidas, buscando um novo modo de envelhecer, certamente, se diferenciam, sobretudo no modo como experimentam os constrangimentos sociais e ideológicos. Suas trajetórias pessoais, no entanto, mostram como lidam com tais experiências e conseguem definir-se apesar delas.

Lahire (2002) ensina que cada indivíduo é depositário de disposições de pensamento, sentimento e ação que são produtos de experiências socializadoras múltiplas. O indivíduo é, portanto, definido por essas relações e pertenças a diversos grupos. Assim, por ter uma vida multifacetada, constitui-se por vários aspectos ao mesmo tempo; ou seja, ao analisar essas mulheres que pertencem às camadas médias urbanas de Fortaleza, é necessário perceber o conjunto de relações variadas a que ela pertence, qual seja, a dimensão cultural, de escolaridade, dos relacionamentos amorosos, intergeracionais, familiares etc.

Para o autor, não há nada mais social do que os problemas pessoais, aqueles não indiferentes a nenhum ser humano. Nas diversas escalas de atividades, existem incompatibilidades entre o que somos e o que exigem de nós. O mundo

social está dentro e fora de nós. Lahire (2002) acentua, ainda, que, quando refletimos sobre os hábitos dos indivíduos devemos apreender como esses foram adquiridos e do momento da biografia individual que encontra disposições para agir de determinada forma. É necessário compreender os agenciamentos individuais para conduzir, a exemplo de minha reflexão, uma velhice com projetos de vida positivos. Como esses novos sujeitos reagem às tensões da Modernidade depende também de vivências, como deram respostas ao longo de sua vida a determinadas situações, dos investimentos pessoais em diversas escalas da vida.

Uma das minhas interlocutoras permite concatenar a sua trajetória individual e projeto de vida com o de outras mulheres, especialmente no que as define do ponto de vista do gênero e das implicações culturais de viverem na mesma sociedade. Neli, 66 anos, descreve sua trajetória do seguinte modo:

Eu sou graduada e possuo pós-graduação. Fui professora, orientadora e jornalista. Eu tinha banca de revista e sou a primeira mulher cearense jornalista. Quando eu cheguei para ser jornalista, ficavam me discriminando dizendo que eu era “mulher macho”, naquela época não diziam “sapatão”. “Essa é mulher-macho fazendo serviço de homem.” Aí não tinha dinheiro, né, tive que pedir emprestado para o papai, ele me emprestou, aí investi na banca. Depois paguei papai, pois éramos 8 irmãos, para eles não ficarem chateados. Juntei o dinheiro, no final do mês pagava aos poucos ao papai e no final tinha 4 bancas.

Dividia meu tempo bem direitinho: de manhã, 5hs, trabalhava na Banca de Revista. 7:15 ia para escola e levava os meus meninos(filhos) comigo, estudavam comigo até os 5 anos. Passei 7 anos sem ter filho, tive meu menino e ele ficava comigo. À tarde, eu ficava em casa.

À noite, ia para outro colégio (dar aula). Quer dizer, eu nunca deixava só (os filhos). Tinha que dar assistência para marido e filho e ainda tinha dois empregos. Me aposentei em 2011 da Prefeitura.

O impacto da aposentadoria em minha vida é que fui trabalhar mais! Porque mesmo antes tendo 2 empregos, eu aproveitava sábado e domingo para fazer voluntariado. Eu trabalhei muito tempo no *Domingo da Criança* no Parque das Crianças, porque sou artesã também. Gosto muito. Trabalho com massinha, garrafa pet, miudezas, crochê, molde vazado em pano de prato. (NELI, 66).

Essa é a história de uma mulher cearense que se assemelha a tantas outras dessa geração, narrando seu dia a dia de lutas, de muito trabalho para serem reconhecidas. Ela é uma pioneira no ramo que, à sua época, era essencialmente de domínio masculino. Uma mulher não saía sozinha, às 5h da manhã para trabalhar em uma banca de revistas, situada em praça pública, vendendo jornais e revistas, cigarros, cafezinhos para os trabalhadores que se constituíam maciçamente de homens; mas ela assumiu esse desafio, mesmo em um contexto cultural

desfavorável, com forte divisão sexual do trabalho, no qual, de um lado, eram estabelecidos socialmente o lugar que era conveniente para as mulheres e, do outro, aquele que era feito para homens. Esse era o código social de conduta que constituía os indivíduos naquela época. Aqueles que não obedeciam sofriam interdições sociais como Neli, ao ser rotulada de “Mulher macho, fazendo serviço de homem”. Era chegado o tempo, porém, de questionar essas posições e sanções, e é nesse momento que a personalidade do indivíduo consegue modificar a estrutura e o código social vigente²⁸.

Neli revela como dividia o seu dia entre o trabalho e a família. E aprendeu a fazer tantas atividades ao mesmo tempo, que à medida que ia falando, consegui anotar as seguintes: jornaleira; professora; artesã; escritora – diz escrever crônicas e poesias para um determinado jornal da cidade desde 1951, além de ter cerca de 30 livros escritos e encadernados, dos quais dois já foram publicados, e fez questão de me mostrar todos em seu quarto; trabalhou como atriz em um determinado filme cearense; desfila em eventos do SESC; e trabalha como voluntária em diversos projetos sociais²⁹ há mais de 50 anos. Ao ser interpelada como consegue fazer tudo isso, responde:

É saber dividir o seu tempo, quem sabe dividir o seu tempo, ainda sobra. Agora, quem tem muito tempo, não tem tempo entendeu? Tem gente que é ociosa e não tem tempo para nada. Ontem, por exemplo, fui ao Projeto *Era Uma Vez*, que eu faço parte, deixar um papel. Depois fui para a Assembleia Legislativa, voltei para O (projeto) *Leitura Dramática*, de lá fui para o *Abraço Literário*, voltei pra casa 9hs da noite. Isso é uma coisa de quando eu era nova.

À vista de tantas atividades profissionais e voluntárias, perguntei a ela como se apresentaria, qual seria um ponto importante de sua trajetória de vida.

O ponto culminante de minha vida que lhe diz quem eu sou é ser voluntária! É o que me enaltece mais. Uma missão árdua, você chegar numa favela e ser bem recebida, todo mundo me conhece, não sou maltratada.[...] Eu poderia ter crescido muito do jeito que quisesse, tinha abertura, eu tinha tino político. Até entrei para a política como suplente[...] Mas fui pelos idosos, apresentei projetos para eles.

²⁸ Sobre essa discussão, cf. Elias (1994).

²⁹ Os projetos de que ela participa que foram citados são: Cidadania Ativa/SESC, Pastoral do Idoso (Bodas de amor), Domingo da Criança, Era uma Vez e Abraço Literário/SESC.

O meu projeto de vida é dar continuidade ao que faço. Quando uma coisa é sólida na vida da gente, a gente não abandona porque tá dando certo. Eu entrei agora para a Pastoral do Idoso, (o projeto é) o Bodas de Amor. Faço parte de diversos grupos na ACEP, SESC, eu tô sempre participando pra poder resolver melhor a questão do idoso. Então através de parceiros, eu fortaleço o meu projeto de vida que é o voluntariado, meu objetivo maior e que me agarro mais.

Primeiro, eu amo minha família. Sem família não tenho nada. A família me dá o alicerce da base principal pra ser feliz e plantar a semente pra eles (os filhos) serem no futuro. O exemplo de uma mãe que nunca botou um homem dentro de casa. Não que eu me preocupasse com isso, mas eu digo assim, uma mãe que sempre deu bom exemplo. Se eu morresse hoje, eu morreria feliz, porque eu já tinha deixado minha semente para eles seguirem.

E no voluntariado, em todo momento da minha vida, eu me sinto feliz. E mesmo eu estando nesse projeto da Pastoral do Idoso, eu também fiz um projeto e entreguei nas mãos (cita dois políticos da cidade).

Aqui é só o tópico pra vocês verem como é meu projeto – eu disse: Sabe quanto que você vai gastar com isso? Nenhum centavo[...] Esse projeto é bem fresquinho, tem umas duas semanas. O idoso não tem com quem conversar hoje em dia, é o mundo do isolamento. A pessoa chega em casa, seu marido vai pro computador, você vai pro computador... na existe mais conversa jogada fora. Como antigamente, que a gente sentava na calçada, com cadeira de balanço e o vento batendo nas orelhas da gente... não se pode mais fazer isso. (NELI, 69).

O seu projeto de vida é o voluntariado, que ganha reforço nessa fase de sua vida. Desde os 16 anos, ela faz esses trabalhos não remunerados, ainda que estivesse envolvida sempre em várias atividades profissionais e domésticas. Isso a define mais do que ser escritora, trabalho em que percebi dedicar também tempo, cuidado e alegria. Ao me levar ao seu quarto, abriu o guarda-roupa e foi tirando aqueles diversos volumes encadernados me falando que na sua arte, primeiro escreve a mão, depois entrega para outra pessoa digitar e encadernar. Faz parte de espaços literários e vai publicar mais um livro. Será uma biografia. Tive acesso a esse volume que conta sua vida em fotos que contêm cenas do cotidiano familiar, bem como de formaturas, festas, premiações.

Embora tenha começado sua trajetória de vida retratando suas rupturas e mostrando-a como mulher forte, atuante politicamente, vanguarda em seu tempo pelos relatos revelados, a sua história também tem um outro lado.

Sou divorciada, nós somos amigos. Ele é um bom pai, excelente avô, a gente viaja junto, mas fica em quartos separados, lógico, mas somos superamigos. Ainda ontem mesmo ele almoçou aqui. Nunca joguei meus filhos contra ele, acho que o que traumatiza muito o povo, a droga, é a desunião da família. Por mais que você não queira, deve falar pela união, pois favorece as crianças pequenas. Ficar discutindo na frente das crianças, ficar esculhambando o pai mesmo que não preste[...]denegrir a imagem da pessoa, sempre trabalhei essa parte. Eu nunca fiz um insulto ou falei mal dele para os filhos.

Ao começar a falar sobre a vida conjugal, ela entra no caminho inverso ao que vinha narrando, logo diferente do que havia mostrado de si. Ela diferencia os papéis de marido e o de pai dos seus filhos, como se o homem não fosse o mesmo. Com efeito, quando afirma que ele era um bom pai, os elementos que aponta refutam esse discurso. Ser bom pai pode justificar para ela ter passado tanto tempo, 22 anos, casada com um homem cujos relatos são de violência e maus-tratos? Talvez. Da mesma forma, que ela não foi a única que asseverou ter aceitado “muita coisa em nome da família, que estava acima de tudo!”(Sic). Dizer que o marido é um ótimo pai de família parece uma defesa social³⁰, que às vezes é usada para representar a família. Ela mesma não consegue manter por muito tempo à medida que avança a conversa e aumenta a intimidade entre nós duas.

O meu marido quis me bater, aí eu fui estudar judô. Estudei 4 anos de judô. Quando ele vinha... um dia peguei nos peito dele, ele ficou estatelado no chão. Ali mesmo ficou, sem briga nem nada. Ele tava muito bêbado e pensou que caiu da cama, tacou a cabeça na parede.

Um dia eu estava costurando, porque eu adorava costurar também, ele pegou a tesoura e disse: “vontade de enfiar essa tesoura em ti”. Eu disse: “Você enfia, mas você me mate, porque se você me deixar viva eu te mato dormindo. Eu vou ferver o óleo mais vagabundo que tiver, aquele Pajeú, bem grosseiro, faço um funil de papel, boto no teu ouvido e te mato. Tido como morte cerebral. Aí limpo teu ouvido e não deixo fazer autópsia”. Daí em diante, ele só dormia com algodão nos ouvidos.

Tudo é verdade! Eu pensei até em escrever um livro sobre isso, mas sem dizer personagem né, porque não se pode dizer os personagens né, mas depois eu deixei. Mas pensei em escrever esse livro no sentido de dizer: “Reaja!” Mas reaja não com briga, reaja sabendo trabalhar a coisa, pra não sofrer. Aí a minha atitude foi essa.

³⁰ Ainda em 2002, eu discutia essa representação que se tem da família ao abordar os discursos de crianças abandonadas em determinada instituição pública e assim escrevia: “Bernardo, que mora há 2 anos no Abrigo e foi abandonado pelos pais desde então, afirma que achava “muito boa” sua casa e que sentia falta de sua mãe, pois ela “fazia tudo” por ele e de seu pai que era trabalhador. Essa é uma idealização de família que ele tem, contradizendo os dados de seu prontuário que apontava que sua mãe o espancava cada vez que ele tentava entrar em casa, e o padrasto também usava de brutal violência contra ele, o que o obrigou a viver na rua.” (MESQUITA, Paula Fabrícia Brandão Aguiar. *No abrigo da fala: as referências familiares das crianças e adolescentes das Casas Abrigo de Fortaleza*. Monografia de conclusão de curso. Universidade Estadual do Ceará – UECE. 2002, P.53)

As amigas vinham, ele ficava... as meninas diziam que era ciúme, mas eu sei quem ele era! Eu não podia ter nem empregada... Aí um dia eu disse: "Rua!" e ele disse: "Daqui eu não saio!" porque eu já tinha dado a casa pra Ana Rita(filha), a casa não é sua! Ai eu falei com o oficial de justiça, ele veio e botou pra fora. Eu, na minha vida eu sou assim, eu demoro pra tomar atitude. Eu perdoei 5 vezes, foram 5 voltas. Mas eu disse: "A próxima eu não vou perdoar".

Então, é uma atitude que a gente tem que tomar. Mas não é pra fazer isso abruptamente não, pra fazer isso eu já vinha pensando. Não é ser maquiavélica, não é isso. Mas é que eu tinha que me libertar de uma pessoa que estava me prejudicando. Eu sou da teoria que "primeiro eu" e depois o próximo. Como é que eu posso ser boa com os outros, se eu não sou boa comigo? É *na minha fragilidade que me fortaleço pra poder servir*. Então se eu tiver frágil demais, como eu vou servir? Eu primeiro me fortaleço pra depois... aí pronto, somos amigos e pronto, a vida continua. Eu não quero mais ele, pelo gosto dele ele ainda vinha pra cá. Ele tá com 70 e eu com 66, ele é mais velho que eu 4 anos. [...] porque a gente não discutia, era nós dois juntos.. eu queria soluções e não achava. Aí eu disse, não vou passar pela minha vida me anulando não, vou fazer faculdade, vou fazer mestrado, aquilo outro.

Casada com ele, ele dizia, "tu vai sair é atrás de macho. Se tu separar de mim vai virar rapariga". Passei 22 anos casada, separei em 86.

Esse relato mostra o retrato de um casamento cheio de fissuras, de lugares do masculino associado à força, da masculinidade vinculada à violência e da presença de infidelidades conjugais praticadas pelo marido. Por conseguinte, gera uma reflexão de como ele pode ser um bom pai se é violento ou mesmo o que representaria para ela ser bom pai. Não me proponho discutir a representação de família³¹, uma vez que essa categoria requer uma profunda análise que não é central nesse momento; contudo, essas reflexões poderiam ser fonte de investigação para outros pesquisadores.

A relação de diferença de classe é evidenciada quando ela revela o desnível entre eles, e cujo casamento foi desejo dela e não de seus pais. O pai já alertava: "Meu pai dizia muito, não é discriminando a pessoa que não tem nome, não tem família, (ao mesmo tempo estou fazendo isso né), mas para se unir a uma pessoa tem que olhar o pedigree". A diferença social para Neli seria algo incontornável no seu casamento, afinal "como ele poderia ser um bom pai, bom marido se nunca viu isso?" O pai do seu marido era agricultor, e ele era seminarista, depois tornou-se sargento e isso tudo para ela complicava sua relação, uma vez que ele era oriundo de uma família do interior, sem educação formal, e ela oriunda de uma família mais abastada, cujo pai era diretor de colégios

³¹ Para uma análise densa sobre família e gênero, cf. OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. *Família, Pobreza e Gênero: um lugar da dominação masculina*. Fortaleza: EDUECE, 2001.

e político em Fortaleza. Esse homem a acusava quando saía para estudar ou com as amigas de que ela ia “*atrás dos machos!*” (Sic)

Os relatos mostram uma situação-limite de violência do marido, que poderia ter sido efetivada, se ela não tivesse se aproximado do discurso masculino. Essas são marcas de uma sociedade profundamente machista, e é daí que vem o argumento de que existe uma especificidade desse olhar de gênero sobre a cultura na qual essas mulheres vivem que enraizou nelas valores e atos performativos repetidos: ser mulher é ter certa “fragilidade” e ser homem carrega características superiores.

Essa é, de fato, a *valência diferencial dos sexos*, destacada por Hérítier (2002), na qual se evidencia o poder de um sexo sobre o outro. A divisão binária dos sexos produz uma definição e separação das características do masculino e feminino, respectivamente: “quente/frio, seco/úmido, activo/passivo, rugoso/liso, [...] forte e fraco.[...] aventureiro/caseiro.”(P.16). Assim é que acontece a denegação das capacidades femininas, dirigidas sempre para o que é nobre, estabelecendo juízos de valor que se baseiam no descrédito que ainda se opera nas sociedades até hoje, segundo a autora.

A mulher retratada é uma chefe de família, que sustenta a sua casa, portanto, realiza o autossustento e, no entanto, não consegue restituir sua vida afetiva, porque tudo o que fez, até hoje, pode ser desacreditado se ela colocar um outro homem na sua casa. Por mais que essa sociedade na qual vive a autorize a infringir algumas regras, aquela da sexualidade e que regula os desejos femininos é mais grave e mais íntima.

O ex-marido aparece em suas narrativas com características de um homem vigoroso e cheio de desejos sexuais por outras mulheres: da empregada às amigas, tinha também casos com mulheres que ligavam para sua residência para falar com ela. Com interferência policial, realizou incursões de carro para flagrá-lo com sua amante, como único recurso para afastá-lo de sua casa. Tudo isso foi devastador, embora hoje comente com certo humor, isso fez com que ela mudasse a percepção que tem dos homens e se afastasse deles até hoje.

O que ela não troca mais, porém, a liberdade que sentiu após sua separação, afinal, pensa que ter novo relacionamento consiste em “se anular”, e não abre mão de seus sonhos.

A liberdade é importante, mas o medo de sofrer, de ficar submissa aquela pessoa. A liberdade pra mim é tudo, por que eu tenho 66 mas meus sonhos não acabaram. A cada vez que consigo um sonho na minha vida vem outro sonho maior. A minha vida é dirigida e orientada por Deus, e meus sonhos são muitos. Eu acho que a pessoa envelhece, não é na idade, é quando ela não sabe mais sonhar. A pessoa que não tem mais objetivo na sua vida, ela vai morrer, mesmo tendo 15 anos. Por isso que a gente vê tanto suicídio aí... a pessoa que não sonha mais, que não tem ideal...que acabou tudo pra aquela pessoa, a pessoa não tem mais vontade de nada. Pode ter 15 anos mas é um velho, uma pessoa de espírito velho que não tem mais perspectiva na vida. Então a pessoa que tem sonhos a realizar, nunca envelhece.

É essa a novidade do processo de envelhecimento feminino: nunca envelhecer como o velho de outrora, que não tinha objetivos, projetos de vida, e essas mulheres fizeram um pacto com esse momento da contemporaneidade, que consiste em ser livre! Por todas essas mudanças e continuidades, essas pessoas estão a constituir-se no seu cotidiano. Houve rupturas significativas no modo como essas pessoas envelhecem, dentre elas o trabalho, a vida pós-aposentadoria e o lazer.

4 MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS NO ESTILO DE VIDA DAS MULHERES DE 60

Ao analisar as mudanças nos padrões de comportamento das sociedades ocidentais no século XX, Elias (1997) diz não ser possível compreendê-las adequadamente sem analisar “certas mudanças estruturais na sociedade como um todo.”(P.35). O autor evidencia alguns aspectos imprescindíveis para compreender essas transformações.

No século XX, o PIB da maioria dos países europeus teve uma taxa de crescimento sem precedentes. Assim, velhos problemas, como a fome, a subnutrição e o trabalho manual foram superados e novos problemas, oriundos da vida em comum das pessoas em sociedade, emergiram. Então, houve uma série de movimentos emancipatórios que alteraram a relação de forças entre os grupos estabelecidos e os marginais. Houve uma

[...] inversão na relação de forças em favor do grupo marginal” e o grupo antes detentor do monopólio deixou “de desempenhar qualquer papel que seja como fator de poder independente na interação de forças, no seio da própria sociedade. (P. 36).

Com o decréscimo do gradiente de poder entre os grupos mais fortes e os mais fracos, houve consequências significativas nos comportamentos e sentimentos das pessoas em seus relacionamentos mútuos, principalmente entre os seguintes grupos: na relação homens e mulheres; nas relações pais e filhos, ou entre gerações mais velhas e mais jovens; relações das sociedades europeias com suas colônias antigas; e entre governantes e governados. Essas mudanças nas relações de poder foram tantas que ensejaram um sentimento de incerteza, ocasionando a modificação no código convencional que rege o comportamento entre grupos. Houve uma mudança na formação da consciência.

Elias adverte para o fato de que, em níveis mais incipientes do desenvolvimento social, as pessoas tinham aceitado o próprio modo de vida e convicções sociais. Na atualidade, contudo, por conta da tomada de consciência dos

padrões mais diversos e mutáveis, o autor se propõe analisar quatro tipos³² de coações fundamentais para compreender o processo civilizatório, uma vez que uma das características deste consiste na mudança de relação entre as coações sociais externas e as autocoações individuais. E isso leva aos problemas criados por uma tendência contemporânea - a informalização.

Elias afirma que um bom modo de observar o impulso da informalização é na manifestação dos relacionamentos entre homens e mulheres, jovens e velhos, comparando antigos códigos de conduta com o que está se desenvolvendo hoje. Para dirigir-se a uma mulher jovem de mesma classe social, havia um código antigo estritamente formalizado de como deveria ser o tratamento. Na Alemanha, sociedade que toma como base de análise o ritual pedia que fosse usado o “*Gnadiges fraulein*” (generosa senhora) ou o “*Sie*”(formal vós), mas hoje pode-se comprovar a mudança radical pelo uso informal do “*du*”(informal tu).

Essa informalidade, que é uma “tendência contemporânea”, pode ser perfeitamente evidenciada na busca das mulheres mais velhas de mostrarem-se aderentes a essas mudanças na sociedade brasileira também. As mulheres entrevistadas, e não apenas estas, mas praticamente todas que encontro no meu cotidiano, recusam-se a serem tratadas pelo respeitoso “senhora”³³, exigindo o tratamento direto e informal “você” ou “tu”. Essa foi uma das primeiras observações de campo. O uso de “senhor” ou “senhora” é muito comum ainda nas relações familiares no Nordeste brasileiro, principalmente entre gerações diferentes. Então, ao primeiro encontro, me dirigia a elas desse modo. Percebi, entretanto, que o uso da informalidade criava uma aura de leveza e de aproximação entre as nossas gerações, favorecendo a intimidade que pedia a minha pesquisa.

A primeira constatação já evidencia mudanças comportamentais e, se comparando discontinuidades nas estruturas de uma fase anterior com as atuais, é possível ter uma ideia dessas mudanças. A emancipação de um grupo mais fraco

³² 1. Coações impostas pela natureza animal: fome, impulso sexual; coações associadas ao envelhecimento, ser velho e morrer; 2. Coações baseadas nas circunstâncias naturais não humanas: intempéries e rigores do clima; 3. Coações sociais- aquelas que as pessoas exercem mutuamente por causa da sua interdependência; e a 4. Coação individual – Autocontrole. Autocoação Difere das outras 3 que tem origem nos impulsos naturais. “O grau e o padrão de sua ativação depende da sociedade em que uma pessoa cresce, e mudam, de modos específicos, ao longo do processo contínuo de desenvolvimento humano. Os padrões de autocoação são extremamente dessemelhantes.

³³ Ouvei as seguintes frases: “*Senhora está no céu*”, referindo-se a Nossa Senhora, santa da Igreja Católica; ou ainda “*Não sou velha assim não, pode me chamar de você*”.

em relação a outro permitiu que as moças entrassem nas universidades e tivessem praticamente os mesmos direitos dos rapazes. Esse é um marco que diferencia antigos códigos de conduta do atual. A entrada das mulheres nas universidades está estreitamente atrelada à mudança estrutural da sociedade brasileira.

Embora tenham seguido carreiras predominantemente vinculadas ao cuidado com o outro, consideradas eminentemente femininas, como professoras, assistentes sociais e enfermeiras, elas compreenderam sobremaneira o sentido que a formação universitária tinha para sua geração. Assim, Conceição, 65 anos, me explica sua trajetória de estudos e trabalho:

Eu comecei profissionalmente no magistério, como as mulheres da minha geração eram preparadas para serem professoras e mães de família. Muito bem, mas em toda vida tive uma cabeça assim de viver além do meu tempo, eu sempre fui além. Eu nunca fui aquela pessoa acostumada a viver dentro dos costumes do momento, eu sempre dei um passo pra frente. Então aos 22 anos, eu saí daqui e fui para São Paulo. Eu já tinha entrado na Faculdade de Direito mas era professora do ensino fundamental aqui em Fortaleza. Fui para São Paulo ser bancária porque não consegui entrar no magistério paulista. Fui ser bancária e como bancária que eu financiei o final de minha faculdade lá em São Paulo e aí comecei a viver da profissão de advocacia. Trabalhei 10 anos como advogada lá, mas num dado momento, em virtude de problemas familiares, eu retornei aqui a minha terra e chegando aqui os primeiros convites foram para eu retornar para a questão do magistério. Aí aceitei de bom grado porque é da minha família isso. A minha mãe tinha sido professora a vida toda, o meu marido era professor e eu fui e entrei de cabeça. Deixei um pouco dormindo a questão da advocacia e voltei para o magistério e nesse magistério, me entreguei tanto e gostei tanto das questões que se discutia lá, dentro das escolas, e fui ganhando terreno. Passei para ser coordenadora, passei para ser vice diretora e diretora e me esqueci totalmente do escritório de advocacia. Então eu vivi um tempo da advocacia mas a maior parte do tempo fui mesmo diretora. A minha aposentadoria foi no magistério. (CONCEIÇÃO, 65).

Conceição é um bom exemplo dessas mulheres que são as primeiras a possuir uma graduação, mas também a reivindicar a mudança do lugar que era naturalmente destinado a elas, a saber, os caminhos do magistério. Arend (2012) afirma que

Paulatinamente, o saber escolar deixou de ser um privilégio dos meninos. Porém, enquanto vários desses meninos continuavam seus estudos até galgarem o diploma universitário, um número significativo de jovens mulheres até os anos 1950, mal conseguiam concluir o ensino secundário. As que seguiram em frente nos estudos quase sempre optavam pelas carreiras profissionais consideradas femininas, ou seja, o magistério e a enfermagem. (P.72).

Minha interlocutora conseguiu romper com o caminho do magistério ainda que para isso precisasse se sustentar como bancária, profissão historicamente masculina. Ao retornar para o Ceará, foi logo recolocada em seu lugar original, o de professora. Embora não esteja desconsiderando a subjetividade de cada trajetória, bem como a dimensão individual da tomada de decisão, mas o cenário social e cultural que a recebe de volta, a insere no lugar que considera por excelência feminino: o de cuidar.

Uma abordagem mais promissora é pensar que foram diversas e consistentes as mudanças no código que rege as relações entre os sexos. Elias (1997) reafirma que, nos últimos cem anos foi consumada uma mudança radical. Para ele, uma prova disso é

De todas as mudanças nos padrões de formalização ou informalização e no equilíbrio de poder entre as gerações que ocorreram no decorrer desse século, uma das mais perceptivas é o recrudescimento de poder das mulheres jovens e solteiras. (P.51).

A tomada de decisões e de regulação passa a concentrar-se nas mãos das mulheres jovens e detentoras de grande poder, o que denota o relaxamento do código de comportamento e sentimento. Ouso afirmar que esse recrudescimento do poder não está apenas nas mãos das jovens, mas das mais velhas também. Ainda que nas trajetórias femininas percorridas por meio dos discursos, observe diversas continuidades com antigos modelos; algumas já exploradas no capítulo anterior e outras a serem abordadas nos seguintes.

Essa mudança traz outra que difere essa geração das anteriores, qual seja, as mulheres passaram a ter uma profissão e administraram (ou não) com os casamentos adquiridos. Enquanto as mulheres das gerações anteriores tinham que ficar em casa cuidando dos filhos depois de casadas, aquelas não tiveram que abrir mão do trabalho para ter filhos ou maridos, e conseguiram administrar os dois lados. Essa é a “dobradinha infernal” definida por Del Priore (2000) como: “sacrifícios da mulher quando ela quer conciliar seus papéis familiares e profissionais. Ela é obrigada a utilizar estratégias complicadas para dar conta.”(P. 12-13). Assim, a mulher hipoteca a vida familiar ou sacrifica seu tempo livre que seria para o lazer em nome de organizar essa astuciosa bricolagem.

Foi possível compreender que, depois dos filhos se tornarem adultos e as obrigações principais já terem escasseado, restou pela primeira vez para as

entrevistadas a liberdade de manter as próprias escolhas. Essas mulheres trabalharam desde cedo, algumas ainda com 16 anos, e o trabalho deu um novo sentido aos seus cotidianos. Até mesmo o trabalho adquirido pós-aposentadoria é essencial para esse momento da vida. Com efeito, a chegada aos 60 anos não teve impacto grande, segundo elas, porque, após se aposentarem, continuaram trabalhando, ainda que com uma carga reduzida.

A liberdade conquistada ao longo dos últimos 50 anos, advinda dessas mudanças estruturais na sociedade ocidental, configura um dos valores centrais de suas vidas, hoje. Essas transformações podem ser ilustradas pelos seguintes fatores interligados: lazer, aposentadoria e afetividade/sexualidade.

4.1 Aposentadoria e projeto de vida: sentidos do trabalho

Ao estudar segmentos de classe média, Velho (2008) observou que, mesmo advindos da mesma posição socioeconômica, as pessoas possuíam estilos de vida diferentes baseados em trajetórias individuais. Essas trajetórias explicam, consoante o autor, a escolha de um projeto compreendido como conduta que privilegia a escolha consciente individual para compreender determinados aspectos globais de transformação da sociedade.

Para Velho (2004), os projetos individuais são intensamente embasados nos aspectos social e cultural do ator, portanto, não há um “projeto puro”. O discurso é uma ferramenta para se efetivar um projeto, pois há tomada de consciência, reflexão e explicação da conduta daquela pessoa. Esses projetos não são totalmente individuais, ao contrário, eles, por serem elaborados socialmente, carecem de um campo de possibilidades para sua ação. O fato, porém, de cada um possuir uma biografia abre margem para a possibilidade de mudança, de renovação deles. O projeto move-se pelas emoções individuais e comportamentos tolerados ou não pelo grupo a que se pertence.

O projeto, enquanto conjunto de ideias, e a conduta estão sempre referidos a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço. Por isso é fundamental entender a natureza e o grau maior ou menor de abertura ou fechamento das redes sociais em que se movem os atores. (P.28).

Quando chega a aposentadoria, há uma reorganização dos projetos de vida das mulheres, antes voltados para a família, o trabalho, e determinados afazeres dos quais agora se sentem liberadas, e são estabelecidas negociações em torno da sua condição recente e daquele que seria seu grande projeto de vida. O envelhecimento faz com que as pessoas mudem o projeto de suas vidas? Depois dos 60 anos, o que não importa mais e o que ganha relevância?

Velho (2004) diz

O projeto, sendo consciente, envolve algum tipo de cálculo e planejamento, não do tipo *homo economicus*, mas alguma noção, culturalmente situada, de riscos e perdas quer em termos estritamente individuais, quer em termos grupais. (P.29).

As mulheres pesquisadas até o momento revelam a importância desses novos projetos: desde a busca de qualificação profissional depois da aposentadoria, ou aquelas que possuem novos trabalhos para se manterem na “ativa”(sic), como aquelas que devotaram o seu tempo para os cuidados físicos, espirituais e emocionais.

Embora não apareça como uma categoria central na pesquisa, foi ante as próprias expressões e posicionamentos das mulheres acerca do trabalho que me fez considerar a importância dele em suas vidas, seja o que gerou as suas aposentadorias ou aqueles pós-aposentadoria. Isso por que o trabalho impactou suas trajetórias de vida. Assim me propus a pontuar os seguintes aspectos: quais os sentidos atribuídos à vida pós-aposentadoria? Que tipo de trabalho e ou atividades são buscadas e que negociações são feitas nesse intento?

Netto (2006) analisa o trabalho como uma categoria central para a compreensão do humano-social, uma vez que essa atividade é o que diferencia o homem dos outros animais. Atividade teleologicamente direcionada para o fim desejado pelo homem, ou seja, possui uma intencionalidade, é coletivo e tem o caráter social de modificar os homens.

As transformações ocorridas ao longo do século XX no trabalho, configuradas, desde o fordismo no Brasil dos anos 1960-70, traz as lutas operárias e sociais que, além das conquistas trabalhistas, refletem também o seguinte cenário: precarização do mercado de trabalho, desregulamentação, trabalhos parciais e desemprego. Das mulheres que entraram nesse mercado naquele momento, era

exigida uma capacitação mais rigorosa, mesmo que adentre áreas mais femininas. Antunes (2009) assinala que se exige do trabalhador(a) ³⁴ que seja polivalente, multifuncional, e ao mesmo tempo o trabalho é precário, instável, temporário e terceirizado. O autor defende a centralidade do trabalho ³⁵ na formação societária contemporânea, mostrando a nova configuração da divisão sexual do trabalho e da classe trabalhadora.

Ainda que as mulheres queiram continuar ativas no mercado de trabalho, há uma perenidade do trabalho: homens e mulheres trabalham mais e ganham menos. Desde os 1990, a reestruturação produtiva na indústria e nos serviços promoveu uma diminuição nos trabalhos de carteira assinada, crescendo a informalização do trabalho e a substituição de mão de obra humana pela informatização de alguns serviços. As mulheres também acabaram tendo de aposentar-se mais cedo em razão dessas mudanças, sendo um discurso recorrente que se aposentaram muito jovens ainda por uma necessidade externa aos seus desejos. Foi assim que uma mulher aposentada, precocemente, aos 45 anos, me informou ter sido praticamente “obrigada” a aposentar-se quando era funcionária do Banco do Brasil em um tempo recorde de uma semana. Referia-se ao Programa de Desligamento Voluntário - PDF ³⁶ do Banco do Brasil, que visava a modificar o perfil do funcionário do Banco.

Não é possível abordar esse tema sem referenciar essas questões específicas sobre o trabalho. Esses valores também estão presentes em outros discursos das mulheres entrevistadas. Mulheres que tiveram de se aposentar antes do tempo previsto, que não estavam preparadas financeira nem emocionalmente para dar tal passo, o que impactou severamente em suas vidas. Elas muitas vezes precisaram rever as suas escolhas e tomar um novo caminho, inclusive pelo fato de

³⁴ ANTUNES (2011) pontua que o “mundo do trabalho” modifica-se com o aumento do trabalho feminino. As mulheres embora tenham mais estudos e estejam mais qualificadas ganham comparativamente menos que os homens; desigualdade esta de direitos sociais e trabalhista, perfazendo uma quantidade de 60% dos salários dos homens.

Cf: ANTUNES, Ricardo. *O Continente do Labor*. São Paulo: Boitempo, 2011.

³⁵ Para aprofundamento dessa questão, cf. ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.

³⁶ RODRIGUES (2004) afirma que o PDF, em 1995, era um programa que tinha como objetivo reduzir o quadro profissional da empresa Banco do Brasil. Tendo sido: “o mais amplo e bem sucedido programa de demissões incentivadas já levado a efeito numa única empresa no país.” (P.31). A autora conta como esse programa modificou a vida de trabalhadores(as) que tiveram que se aposentar subitamente, do dia para a noite, e seus impactos para esses indivíduos. Cf: Rodrigues, Léa Carvalho. *Metáforas do Brasil: demissões voluntárias, crises e rupturas no Banco do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004.

precisarem de um reforço de renda; mas não estavam preparadas para isso. Lúcia, outra interlocutora, diz que colocou um pequeno negócio mas logo acabou, pois não tinha o menor jeito para o ramo.

Aquelas que aprenderam um só ofício se acham “perdidas” conforme seus próprios depoimentos. Foi assim que por acaso conheci uma delas.

Eu estava em um café e de repente fui abordada por uma mulher que começou a conversar comigo seriamente. Era uma mulher bonita, muito bem vestida e com a aparência muito “nova para a idade”, como costumam dizer. Ela me contava que tinha se aposentado recentemente ao fazer 60 anos e agora estava perdida, não sabia o que fazer. Sua afirmação me tomou de modo tão inesperado que remeteu-me a essa novidade do tempo pós-aposentadoria e aquelas pessoas que forma pegadas de surpresa e não sabem o que fazer pois nunca fizeram um projeto de vida para esse período. Ela pensava se ia estudar, sempre teve vontade de fazer doutorado, mas perguntava: “Mas para quê? Quanto tempo é mesmo?” Quatro anos pareceu muito tempo. Imagina que ela estava “enrolando” o tempo nesse café porque não queria ir pra casa.

Seu modo de falar acelerado, urgente, me pareceu característico daqueles que estão no auge da tensão causada por essas rupturas! Diz que sua mãe tem quase 101 anos e ainda é lúcida e ela adia a hora de ir pra casa porque a mãe estava às voltas com a demissão de uma empregada doméstica. [...] Quando eu estava saindo uma outra pessoa me chamou e disse que aquela pobre mulher estava perdida! “Coitada! Diz que não sabe o que fazer depois que se aposentou. Sabe porque eu não fico assim? Porque eu faço mil coisas, sei fazer de tudo, não passo necessidade quando eu me aposentar! Tenho muitas coisas para fazer! Agora mesmo estou me dedicando a fazer comidinhas deliciosas e assim vai! (DIÁRIO DE CAMPO: JULHO DE 2013)

Nesse momento de suas vidas, aquelas mais altruístas têm projetos, como o de Neli, de constituir uma significação pessoal com origem em projetos sociais. Anna, 69 anos, enfermeira, aposentou-se com 25 anos de trabalho, não teve nenhuma crise por estar aposentada, pois, além de frequentar os vários cursos e atividades do SESC³⁷, também encontra no voluntariado um projeto de vida:

³⁷ O SESC desenvolve, desde 1983, um programa denominado *Trabalho Social com Idosos - TSI*. Nele são desenvolvidas diversas atividades e projetos. Dentre eles, o projeto Cidadania Ativa, no qual três (3) entrevistadas participam, que é composto por idosos de classe média aposentados, que trabalham nas comunidades mais pobres da cidade. Segundo informação retirada no site dessa instituição: “Consiste em um projeto de protagonismo na velhice e visa promover a cidadania e a participação da pessoa idosa, incentivando a reivindicação de seus direitos e a execução de projetos para melhorar a qualidade de vida nas comunidades onde vive. O Projeto é desenvolvido em cinco comunidades de Fortaleza: Bom Jardim, Monte Castelo, Henrique Jorge, Papicu e Joaquim Távora.” Cf. www.sesc-ce.com.br.

[...] Trabalho como voluntária no Bom Jardim (Projeto Cidadania Ativa). Agora tô querendo trabalhar no *Menino Jesus* que faz acolhimento das famílias do interior que vem para cá se tratar. O meu aniversário de 70 anos, tô pedindo alimentação e brinquedos pois o presente será revertido. Vou até ligar para o projeto e saber o que preferem. (...) Quando me aposentei passei também a frequentar o SESC, os projetos de lá voltados para idosos, tem vários projetos! Você pode fazer computação, ginástica, francês, vôlei adaptado, tem pegar um livro e contar histórias para crianças.

Numa manhã, depois de ouvir diversos relatos sobre o SESC e seus projetos, fui conhecer essas atividades mais de perto e assim as descrevi em meu diário de campo:

Cheguei ao SESC às 10hs e desde a entrada comecei a cruzar com homens e mulheres de mais de 60 anos. Muitas cabecinhas brancas, outras pintadas e charmosas, o fato é que nunca tinha visto um ambiente como aquele. Uma espécie de clube para idosos de classe média que mais parecia uma cena do filme *Cocoon*³⁸: mulheres saindo da piscina conversando num bate-papo animado, homens (em menor quantidade) da mesma idade sentados ao redor de mesinhas na qual lanchavam e conversavam alegremente, outro grupo de mulheres que estavam numa reunião do Projeto Cidadania Ativa. Tudo muito organizado e limpo, até mesmo o banheiro no qual uma senhora me explicava que não tinha álcool gel porque elas observaram que ressecavam as mãos delas, assim agora só sabonete e água. Confesso que nunca imaginei que existisse tantos projetos interessantes nessa instituição. Os anúncios de cursos e atividades estavam por todos os lados, e as pessoas que por lá circulavam estavam bem vestidas, ocupando seu dia em um espaço de sociabilidade que oferece muitas possibilidades. Agora entendo o que uma das minhas interlocutoras disse ao afirmar que vindo para o SESC no mínimo ela tinha com quem conversar. E como tem! (DIÁRIO DE CAMPO: OUTUBRO DE 2013).

Outras mulheres dizem ter passado toda a vida fazendo tantas coisas, inclusive cuidando da família, que agora o foco é em si mesmas, estão interessadas em suas necessidades e são menos altruístas. Os caminhos que traçaram para o envelhecimento se caracterizam em interesses de cunho mais individual, assim observados: experiências que privilegiam o aprendizado – por exemplo, ao falarem das especializações feitas pós-aposentadoria por sentirem necessidade de continuarem “na ativa”, ou ainda cursos de línguas, artesanato etc; cultural – assistindo/atuando em peças, cinema e concertos, bem como do forte relato de viagens como forma de movimentação de suas vidas, de sociabilidade, e de conhecimento; trabalhos de um só expediente, voltados para atividades que já tinham interesse em se dedicar, e agora o fazem de uma maneira mais “leve”.

³⁸ *Cocoon*, filme estadunidense de 1985, no qual um grupo de idosos de um asilo começa a tomar banhos em uma piscina que se transforma na fonte da juventude.

É assim que Conceição narra sua vida pós-aposentadoria, sem um projeto de vida específico, mas composta de atividades pessoais de que ela se beneficia sem o menor constrangimento.

Me aposentei acho que com 53, 54 anos, porque eu completei os 30 anos e houve um momento em que teve um problema na empresa que eu trabalhava, então eu achei melhor pra mim me aposentar, junto com os colegas. Porque tivemos medo de que se ficássemos mais tempo, perdêssemos os nossos direitos, que a empresa estava mal das pernas, financeiramente. Todo mundo que estava com tempo de serviço se aposentou.

Tive outros convites para trabalhar, mas eu comecei a achar tão bom ficar em casa, porque desde os 18 anos que eu trabalhava, trabalhando e fazendo faculdade e criando os filhos, educando os filhos, e ajudando o marido e não sei o quê, que quando chegou esse momento eu disse: 'acho que agora tá na hora de dar uma parada, vou fazer coisas que sempre gostei de fazer e não tinha tempo'.

Fiquei em casa um ano, depois quando me chamavam eu dizia 'quero não, tá tão bom assim, vou não!'. Aí pronto, não voltei mais. Meus filhos dizem 'mamãe você é tão nova ainda. Tem certeza que quer ficar em casa?' Respondo: 'Eu quero, porque eu não tô parada.' Eu sou uma pessoa que gosto das coisas da minha casa, gosto de costurar minhas roupas, gosto de bordar, eu gosto de ler, gosto muito de ler, leio demais, eu gosto de televisão, do *face* (*facebook*), de dançar demais, de namorar, eu gosto de tudo, entendeu? Eu pensei, eu vou assumir um compromisso que vai ficar tolhendo minha liberdade novamente?

[A aposentadoria] Foi uma opção minha, eu poderia perfeitamente ter dado continuidade porque para professor nunca falta emprego na verdade. Mas eu senti assim, que tava querendo um momento para mim. Meus filhos já estavam todos criados, naquele momento se formando, e eu resolvi viver um pouco os meus prazeres, hobbies que eu nunca tinha tido tempo.

As atividades [que se ocupa] são minhas mesmo. As vezes isso até me leva a me questionar, por que eu não me doava um pouco, voluntariado, dando um pouco da minha experiência, ajudando um pouco, mas sabe, ficava no pensar, não levei adiante. Eu me envolvi muito com as minhas próprias coisas. Aí veio a minha filha, que veio morar na minha casa com minha neta, me envolvi com as coisas da família. Não que eu fosse cuidar da criança não, mas assim, eu fui me envolvendo mais de querer ficar mesmo na minha casa, não pensei mais em nenhuma outra atividade. (CONCEIÇÃO, 65).

Poder-se-á supor que as mulheres trabalharam muito ao longo de sua vida, seja trabalho remunerado ou atividades não pagas, a exemplo das domésticas ou voluntárias, logo se sentem cansadas. Ao se aposentarem, não vivenciam crise alguma, porque para elas a sensação que possuem hoje é de dever cumprido; a exemplo de Conceição que, além dos trabalhos remunerados, agregou outras tarefas como educar os filhos, cuidar do marido e isso escasseou o tempo que tinha para si. É assim que Pinsky (2012) descreve as mulheres dos anos 1960, que viveram a transição de dois modelos: o da dona de casa e da mulher profissional,

modelos que se confundiram e muito do velho permaneceu no novo, assim revelando:

O modelo tradicional da dona de casa foi sendo aos poucos depreciado, relegado as “mulheres incultas”, senhoras mais velhas, “matronas gordas”, “esposas bibelô” ou “bonequinhas de luxo”, em oposição ao ideal da “mulher realizada profissionalmente”, “dona do próprio nariz” e com interesses culturais. Agora, a mulher deve trabalhar mesmo que não haja necessidade econômica, que o marido ganhe bem ou que ela seja uma rica herdeira. O trabalho evita que a mulher seja “sugada pela futilidade” e lhe permite dialogar de igual para igual com o homem construindo relacionamentos pessoais sob novas bases. (P.533).

Por conseguinte, esse era o novo modelo a seguir, no qual as mulheres precisavam ser polivalentes, como diz a autora. Agora, que estão livres das atribuições domésticas, priorizam usar o tempo livre em seu benefício. Pensar em regras e horários não lhes convém mais, pois preferem fazer os próprios. É nesse momento que quem decide os rumos de sua vida são elas mesmas e que optam por usufruírem dos espaços de sociabilidade da Cidade com amigas de sua geração para passear, dançar, namorar, enfim, dedicarem-se a si mesmas.

Também não é possível esquecer de que a referência da sociedade capitalista, baseada na produção e no consumo, é ser ou não ativo, contribuir ou não com esse mercado. Não é à toa que Bosi (1994), ao estudar a memória de velhos operários, representantes das camadas pobres brasileiras, acentua criticamente:

A sociedade industrial é maléfica para a velhice [...] A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência a sua obra. Perdendo a força do trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor [...] o velho não participa da produção, não faz nada. (P.79).

Ao contrapor a sociedade industrial à velhice, e reafirmar ser a primeira prejudicial à segunda, a autora questiona o discurso capitalista referente, elaborado para desmerecer as pessoas idosas pelo fato de elas não continuarem ativas no mercado de trabalho. O envelhecimento é sinônimo de ganhos e perdas para pessoas que possuem uma trajetória de vida que lhes permita gozar a “melhor idade.”

As mulheres entrevistadas, ainda que não estimuladas por mim, narraram agora ter tempo para pequenas atividades prazerosas, como costurar as próprias roupas, bordar, fazer crochê. Configurando um costume bem antigo, meados do

século XX, a educação das moças levava em conta certas prendas, que todas deveriam conhecer. “Eram apresentadas aos segredos do bordado, da confecção de rendas e da costura pelas mãos de mães, tias ou amas de leite.”(AREND, 2012:P. 67).

Metade das minhas interlocutoras, no entanto, construíram o seu projeto de vida focado na qualificação profissional e/ou nos novos trabalhos. Esse era um antigo sonho, cotejado há anos, mas só possível com o tempo de que dispõem agora.

[...] Também, depois que me aposentei, fui fazer dois cursos de especialização. Achava que tinha que melhorar meu currículo. Foi gostoso. Eu morria de preguiça de estudar. Até assim, acho que bobeei. Na minha instituição, (quem trabalhava antes de se aposentar) se você se aposenta com diploma x tem aumento de salário, isso eu não pensei não, mas depois senti necessidade. Foi legal a especialização, eu adorei. Fiz novas amizades, a cabeça pra funcionar. Agora ‘tou’ mais quieta, ‘tou fora do mercado, deixa pra lá [...] É, agora que tenho tipo de vida de aposentada e legal porque você tá assim com saúde ainda, me aposentei com 50 anos, ainda muito nova. Ainda com disposição. (VERÔNICA, 65).

A especialização, além de ocupar o tempo, é fonte de conhecimento, de “sentir-se ativa” e de sociabilidade. Mesmo para aquelas que não buscaram uma formação acadêmica após se aposentarem mas procuraram outras áreas, como teatro, artesanato ou curso de línguas. Anna e Neli envaideciam-se ao falar de suas apresentações no Teatro José de Alencar. Elas começaram um curso de teatro no Sesc depois dos 60, e tomaram gosto pela atuação. Anna revela: “Lá no SESC fiz mais ou menos 8 anos de teatro. Só no palco do teatro José de Alencar, a gente se apresentou umas 10 vezes.” Neli, além do teatro, fez também um curso completo de francês. Seu dia é organizado por essas atividades. “Quando chegou a velhice, fiz todos os cursos de francês. Eu sabia bem, mas fico inibida por ter deixado de falar, mas procuro fazer para não perder o sotaque.”

Para algumas mulheres, como não conheceram a vida sem trabalho, não conseguem ficar longe dele. Decidem continuar trabalhando depois de aposentadas, mas em um ritmo mais leve, apenas um período do dia. É o caso de Isabel, 62 anos, que relata seu trabalho iniciado quando ainda era adolescente aos 14 anos, mesmo seu pai tendo alto cargo do Governo Federal e tendo a possibilidade de não trabalhar; mas para ela isso não era opção, pois dizia que fazia parte do seu temperamento. Desde cedo desejava ganhar o próprio dinheiro, afinal “queria crescer”, sobretudo, porque esse também era o modelo da nova mulher. E aí

evidencia-se, mais uma vez, a diferença de outras épocas, e das mudanças nos padrões e nos códigos de conduta: ela queria crescer com as “próprias pernas”(sic), não mediante um casamento que lhe trouxesse privilégios financeiros.

O trabalho passa a ter um outro sentido pós-aposentadoria. Serve para mantê-las em circulação, fazendo novos amigos, informando-se, afinal, ele se consolidou como parte de suas vidas. Na interessante biografia de Jane Fonda (2012), que discute o seu processo de envelhecimento, ela diz que, como as mulheres de sua geração não esperam estar vivas aos 80, tudo adquire um novo significado. Mesmo porque, “antes, a maioria de nós era definida pelos outros – os maridos, os filhos, os pais, os empregos. Chega então o momento em que passamos a nos definir sozinhas.”(P.78) E adverte que o aprendizado e o trabalho poderiam ser pensados como desafios que se estendem ao longo da vida e não como algo que termina com a aposentadoria, assim informando

E se os idosos que ainda têm vinte anos ou mais de capacidade produtiva pudessem aproveitar momentos de lazer enquanto permanecem de algum modo no mercado de trabalho e cuidam da educação, mesmo que sem outro propósito que não o de desafiar a mente? (FONDA, 2012: P. 08).

Verônica, 65 anos, aposentada, mantém um discurso similar:

Sou assistente social aposentada desde 96. Trabalhei um tempo depois em projetos. Depois de me aposentar, trabalhei ainda uns dez anos mais ou menos, independente, com consultoria. Primeiro numa empresa, depois já independente em projetos (...)Eu trabalhei nisso uns 10 anos de 96 a 2006. Depois que minha filha teve o primeiro filho, que hoje são dois netos, então comecei a ir mais à São Paulo para ver meus netos enquanto são pequenos, daqui a pouco eles crescem e eu perdi esse pedaço. Eu queria tá disponível pra viajar umas quatro vezes por ano e ficar com os nenês quando nascessem, aí eu parei de trabalhar. De vez em quando aparece uma coisa. Mas tem os intervalos que você tem que inventar o que fazer. Não vivo só pra curtir neto, então o tempo que tô aqui em casa, tenho que inventar o que fazer.

A aposentadoria não significou parar de trabalhar, continuou a buscar desafios e novos empreendimentos. O conforto de ter um emprego de poucas horas, fruto de um capital cultural acumulado ao longo de anos de trabalho e estudos, fez com que pudesse adquirir um trabalho mais flexível. A relação com a família também muda. Ela quer acompanhar o crescimento dos netos, fazer parte dessa troca familiar, mas, ao mesmo tempo, foge da responsabilidade por eles; ou seja, do modelo da velhice voltada para os cuidados exclusivos com os netos. Além do que o

seu tempo também é voltado para viajar quatro vezes ao ano para conhecer outras culturas, em países diversos. Ela revela que não troca essa liberdade por nada no mundo!

Isabel, 62 anos assim descreve seu retorno ao trabalho pós-aposentadoria:

A única condição que coloquei para voltar a trabalhar depois de aposentada foi que fosse só um expediente. Não queria mais aquele negócio, porque minha vida como funcionária do Estado foi sobrecarregada, sabe, cuidava de projetos superimportantes [...] Sempre fui uma pessoa que trabalhou muito, muito. Agora quero trabalhar porque quando você está trabalhando tem oportunidade de conhecer outras pessoas, tá se atualizando, é obrigada a está se atualizando, se ficar em casa você morgan. [...] O trabalho foi muito importante toda vida. Com 14 anos comecei a trabalhar. Sempre gostei de trabalhar, meu pai era da receita federal, então eu podia me dar o luxo de ser só estudante, mas eu nunca quis. Toda vida eu gostei de crescer, fazer curso trabalhar, ser útil.

O sentido ao trabalho passa a ter como referência o prazer e a satisfação, focando no que gostam de fazer, de fato, ou no que quiseram desenvolver e nunca tiveram tempo. A aposentadoria para elas - e não apenas para os homens - enseja inseguranças e medos, sejam financeiros, com a diminuição dos salários pós-aposentadoria, ou ainda pela perda do papel social de trabalhadoras.

Souza – Lobo (2011), em seus estudos sobre gênero, assinala que a Sociologia do Trabalho até os anos 1970 denota grande invisibilidade da mulher e seus trabalhos. Ainda neste período, no Brasil, permanecia uma visão homogênea da classe trabalhadora como se essa fosse eminentemente masculina. Foi com o movimento feminista na Europa e nos Estados Unidos que tiveram início os questionamentos das diferenças de gênero no trabalho. Naquele momento, a ênfase ainda era em mostrar que o trabalho doméstico, era um trabalho. E a autora ainda revela que o trabalho é determinante na organização da vida das mulheres operárias, ao analisar dois aspectos: o trabalho como sobrevivência e o trabalho assalariado como um emprego, que produz a divisão entre o trabalho doméstico e outros espaços. Segundo a autora, contudo, essas mulheres não têm um projeto de carreira como um sonho.

Transpondo sua análise das operárias para esta pesquisa, posso afirmar que as mulheres de classe média, da mesma forma, têm o trabalho como determinante em suas vidas. Asseguro que também possui a função de dividir o

trabalho doméstico de outros espaços. Talvez não tenha se evidenciado a questão do trabalho como sobrevivência material, pois muitas afirmaram que trabalhavam porque queriam ter sua independência; mas, certamente, como sobrevivência psicológica e social, uma vez que, quando saíam para trabalhar deixavam para trás o que era doméstico, ainda que ao chegarem em casa, muitas tivessem o segundo turno de atividades.

Vale ressaltar que algumas possuíam ou ainda têm empregadas domésticas, muito comum no Nordeste brasileiro. As mulheres que saem para trabalhar fora de casa se valem do trabalho de outras mulheres para organizar sua vida doméstica, consistindo, ainda hoje, numa forma de trabalho questionado pela forma de exploração que exerce sobre as mulheres das camadas populares³⁹, mão de obra para esse tipo de trabalho. Um exemplo disso, aconteceu em uma das entrevistas realizada na própria casa da interlocutora, e fiz a seguinte observação:

Fui recebida pela empregada doméstica de Verônica, em uma casa elegante e bonita em bairro chique de Fortaleza. Entrei por uma sala que desembocava em amplo jardim com mesa e quatro cadeiras. Ao vê-la, apressei-me em me apresentar e cumprimentá-la. Adiei meia hora de minha chegada à sua residência pelo fato de quando liguei, ela havia saído para fisioterapia.

Sentamos no seu jardim e começamos uma conversa leve e agradável. Enquanto isso, sua empregada ficou o tempo todo fazendo o seu almoço e limpando a casa.

Verônica passou a sua vida trabalhando e passava o dia fora de casa. Teve dois filhos. Assim, evidentemente, durante muito tempo, precisou recorrer a uma mulher que conduzisse o trabalho doméstico,⁴⁰ enquanto estava fora. Embora, não tenha como objetivo da minha pesquisa detalhar essa questão, é interessante ressaltar esse aspecto, no qual, para que uma mulher trabalhasse fora, tendo filhos e marido, muitas vezes, foi preciso que outra mulher vivesse a domesticidade.

Refletindo ainda sobre os incômodos de aposentar-se antes dos 60 anos, Vera diz que, na primeira semana de aposentadoria, em casa, sentiu-se mal. Ali, os

³⁹ Sobre esse tema ver ARY, Zaíra. *Domesticidade: Cativo Feminino?* Rio de Janeiro: editora, 1983.

⁴⁰ Atualmente, o Brasil passa por uma mudança de comportamento com relação a empregada doméstica com a aprovação do Projeto de Emenda Constitucional(PEC) das Domésticas/2013, que assegura a elas uma série de direitos e regulamentos, como pagamento de FGTS, 8h de trabalho diário, dentre outros pontos. Assim, as pessoas estão mudando o modo como viam o trabalho doméstico pelo seu encarecimento e procurando outras opções.

males que para ela poderiam brotar do ócio da aposentadoria, se manifestaram. Logo, porém, seu trabalho foi reconhecido e ela foi solicitada para os mesmos espaços de antes, dessa vez como assessora, o que a enche de orgulho e a faz envaidecer-se da sua biografia. Além das perdas advindas do processo de envelhecimento e aposentadoria, contudo, ocorreu, na mesma época, uma contingência da vida: a perda do marido na transição para os 60 anos. Isso a conduziu por um caminho diferente daqueles até aqui narrados. Ela constrói um projeto para sua vida voltada para a autoanálise e o espiritismo, evocando um novo olhar para as trilhas percorridas até ali, e depois reconstituí-la em conformidade com o que esperava que fosse o seu envelhecimento.

Depois dos 60 anos, a mudança que teve na minha vida para olhar para uma outra dimensão foi quando eu perdi o meu marido aos sessenta anos (...) Me aproximei do espiritismo. Eu era católica, aquela que todo mundo é, que não se projeta muito no catolicismo, mas todos os seus valores são cristãos. Aí que procurei o espiritismo como uma forma de consolo. E aí eu saí do espiritismo e fui para área da espiritualidade. É mais ampla. Comecei a fazer constelações familiares, comecei a me autoconhecer melhor, sofri muito! Conheci o sofrimento porque embora eu tenha sido casada uma primeira vez antes desse, mas eu não tinha sentido a perda do primeiro, que era um casamento ainda de adolescência. Eu tive sentimento de perda, tive graves problemas de saúde nesses cinco anos, então eu mudei a dimensão desse trabalho. Embora fosse importante (o trabalho) o mais importante foi circular por essas outras áreas. Eu andei em dinâmicas de grupo, eu andei em Yoga, eu andei em constelação familiar, toda uma nova dimensão mais vinculada a física quântica. Eu estava buscando o equilíbrio que eu tinha perdido, que é o que eu ainda tô buscando, já evolui muito nessa parte.

E outra, eu pensava, meu Deus, eu vivi tanto tempo sem consciência dos meus sentimentos, sentia, mas não tinha consciência de que grau era esse sentimento, como é o amor na minha vida. Nunca tinha me perguntado sobre essas coisas mais espirituais. Essa mudança se deu na perda do meu marido e não na busca de uma área nova. Era como se essa área fosse a única a me dar suporte, porque aí veio tudo que não tinha vindo antes, vieram tudo: angústia, os tempos de infância, perda total dos dentes, problema no joelho, tive que fazer prótese no joelho, perda de cabelos, a solidão, a não-sexualidade, que eu não me relacionei com ninguém até hoje. Uma situação que eu busquei um apoio ou eu certamente teria entrado numa depressão. Entrei mas foi numa briga, numa luta, muito difícil, fui indo, recolocando, e só depois de cinco anos é que estou tendo uma dimensão do meu equilíbrio. Um equilíbrio entre o racional e o emocional, eu era muito mais racional, antes a minha forma de ser. Talvez seja até uma coisa decorrente da própria idade, talvez até tivesse vindo se ele não tivesse morrido, mas veio com a perda, perda radical da pessoa que amava. (VERA, 68). (Grifei).

A velhice vem para Vera com todos os dilemas de uma vida inteira. Aquele sentimento deixado de lado por conta da correria do dia a dia, a falta de tempo para uma maior reflexividade parece que chegam como um vendaval,

espalhando as folhas por todos os cantos e as pessoas nem sabem por onde começar a organizar. Essa é uma intuição minha! Vera foi uma interlocutora que me deixou dias pensando sobre suas reflexões de vida. Pareceu-me pouco o suporte da Sociologia para enfrentar seu discurso que é tão rico, durante toda a entrevista, em aspectos psicanalíticos, psicológicos e espirituais. Nesse trecho acima, até menos do que em outros. A sua abordagem do sentido que atribui ao seu envelhecimento traz em si uma abordagem espiritual, de busca de uma espiritualidade que em sua trajetória de vida foi esquecida em nome da racionalidade e do pragmatismo do seu trabalho.

Para ela, isso a levou a vários lugares na busca de sentido para esse momento de sua existência. É a busca pela sua espiritualidade, que a tira de uma profunda depressão. O envelhecimento para ela a faz procurar sentido em outras vidas e eis que ela se dá conta da infinitude da sua alma ao se deparar com outras vidas suas. Ela diz que pelo seu trabalho espiritual descobriu que já foi uma índia pajé. Isso dá sentido a sua vida e, quem sabe até possibilita um envelhecimento menos duro. Ela recorda-se de que, quando era adolescente, acabou um casamento e para ela não teve grande impacto. Essa perda, porém, já na velhice, seria insustentável sem uma mudança radicalmente ideológica e espiritual.

A sabedoria de envelhecer consiste nessa capacidade de saber ou de ter tempo para pensar o que é mesmo que importa para si e aquilo que não faz mais sentido algum. Não faz mais sentido para ela viver só para o trabalho, sem ter a sensibilidade de reconhecer o amor que estava ali ao seu lado – grande ressentimento que Vera tem – e esquecendo a vida espiritual. O que ainda vale a pena? Recuperar um projeto de vida voltado para a espiritualidade, conhecer mais profundamente a si mesma, nem que seja na busca por outras encarnações. A velhice talvez seja uma grande chance de retomar o que ficou perdido ao longo do caminho. Tudo aquilo que ficou para trás por falta de tempo, pela correria cotidiana, pela ausência de maturidade para apreender a essência das coisas.

4.2 A “fonte do rejuvenescimento”: viagens e lazer como sinônimo de liberdade.

Seis mulheres chegam ao café da Livraria Cultura. Todas bem arrumadas e com idade entre 60 e 80 anos. Duas tinham os cabelos totalmente brancos e uma delas usava andador. São dezessete horas. O que me fez percebê-las foi o alvoroço ao meu redor causado pela chegada delas: as pessoas que estavam sentadas naquele lugar, todas pararam suas atividades e olharam para elas, umas sorrindo com jeito carinhoso, e outras comentando. Eis que escuto de uma das senhoras: “Porque nos olham? Devem estar nos achando bonitas!” Todas sorriem.

Fiquei me indagando qual o motivo daquela reação. Será porque aqui, nesse momento, não havia ninguém da idade delas? Aqui sempre tem jovens adultos, mas mulheres nessa faixa etária são menos comuns, ou vem em menos quantidade.

Para elas aquele ambiente era um lugar de puro lazer. Não estavam lá como as demais mulheres mais novas para ler, fazer cara de inteligentes, escrever. Estavam ali para se divertir. Tanto é que sorriam alto e conversavam numa altura relativamente mais elevada que os demais presentes. Uma delas observava e comentava que tinha muita gente lendo!

Era de fato um encontro entre amigas. Conversaram primeiro sobre os netos. Trocam fotos e comentários acerca dos mesmos. Outra fala sobre ter começado a utilizar o andador e diz: “É melhor que andar de cadeira de rodas, pois ao chegar aqui todos iriam gritar “Ahhhh!” Todas sorriram.

Experimentam comidas variadas: tapioca com leite, chocolate quente, cuscuz e água sem gás. Avisam que não tomam mais café naquele horário.

Retornam a conversa animada em torno das profissões dos maridos, e dos maridos das netas. Até que chega ao grande momento da conversa, a saber, quando falam das suas viagens!!! Uma fala da sua viagem ao Canadá, a outra conta que conhece Miami como a palma de sua mão. Sabe andar para todo canto. Outra surpreende a todas pela “exótica viagem” à África. Ela diz que o Hotel se localizava dentro da selva. E que lá tinha um banho de lua maravilhoso! Todas ficaram curiosas, querendo saber mais detalhes, até que soltam: “Era nua? Sozinha? Fica nua sozinha nesse banho?” Ela responde: “É o jeito, nua e sozinha, mas não por querer!” Todas sorriem muito!

Foi assim que procurei olhar o lazer dessas mulheres. Por onde ia, nos usos da cidade, observava o que essas mulheres “andavam fazendo”. E foi assim que, numa tarde inesperada de leitura no Café da Livraria Cultura me surpreendi com o que acontecia ao meu lado e fiz as anotações acima. Sempre atenta ao que Becker (2008) afirmou – que “os sociólogos têm muita dificuldade em fazer trabalho de campo, porque não reconhecem a sociologia tal como a leram, na atividade humana que veem em toda parte.” (P.191). Procuram o excepcional e ignoram o que acontece à sua volta, deixando de anotar os detalhes da vida cotidiana em seus diários.

As mulheres retratadas há pouco representam as minhas interlocutoras, tanto nas suas euforias, bom humor, na representação que fazem do lazer nos seus discursos. Elas estão por aí, passeando pela cidade de Fortaleza. E, embora existam os espaços voltados para elas, a saber, os bailes da terceira idade, os bares e festas, elas dizem ir a quase todos os espaços de lazer da Cidade; mas, ainda assim, um aspecto importante que retrata a novidade de envelhecer mulher em Fortaleza é o relevante número de solteiras nos bares e festas voltados para a dita terceira idade, que gozam de certa autonomia na noite cearense. É aqui que as mudanças nos padrões de conduta, nas diferenças entre um código antigo, regido por comportamentos do que se esperava de uma mulher de mais de 60 anos e um novo, evidencia-se em todas as suas nuances. Na busca de recuperar o tempo perdido, elas usam os espaços de lazer como fonte de juventude, momentos de descontração com as amigas e de diversão que as renovam.

Há um contexto diferenciado de visibilidade desses sujeitos. Embora assumam determinados *points* como seus, elas denotam uma quebra com os modelos convencionalmente destinados a elas, tais como o de pertencer aos grupos de orações das igrejas, as festas familiares e de amigos – esses ainda são lugares de referência – mas deixaram de ser o espaço por excelência de sociabilidade.

A família não é mais a única fonte de alegrias e sociabilidades. Observei, contudo, um fenômeno bem diferenciado, qual seja, embora solteiras, algumas ainda possuem filhos morando consigo. Essa questão não é algo almejado, pelo contrário, elas anseiam que eles saiam de suas casas e tomem conta de suas vidas. Não por não gostarem dos filhos, mas pelo fato de que a companhia de um modo ou outro torna-se um pesar.

A questão de os filhos continuarem com a mãe e, mais dificilmente, com o pai quando separados, denota a continuidade de antigos aspectos familiares que ainda hoje perduram. Zuleica assim representa a questão:

Eu sempre fui uma pessoa que primei pela família. Prioridade. Por causa dos filhos, Deus sabe, talvez eu tenha dado um passo muito errado de ter ficado com esse homem, pai dos meus filhos. Os filhos sempre foram prioridade. Acho que vai ser toda a vida. É inerente à mulher, sempre vai ser. Raramente você vai encontrar um homem que se preocupa assim com o futuro dos filhos.

[...] O lazer em certas ocasiões é uma fuga dos problemas, que absorvemos muitos problemas. Porque seus filhos saem de casa, depois voltam. Você pensa que eles vão assumir os rumos da vida deles mas eles voltam para você assumir os problemas deles. Você trabalha dobrado, você sofre dobrado e detalhe, eles acham que você é uma rocha eterna, você tá ali ó. Eu trabalho muito mais do que eles, tenho muito mais coragem do que eles, a minha geração tem muito mais coragem que a deles. Sabe o que que eu acho? Eu tenho uma força incrível, acho que falo não só por mim, a minha geração tem. A mente está sempre pronta, o corpo é que não resiste. Mas eles não tem nem o pensamento forte, nem o corpo resiste. Minhas filhas não fazem um terço do que eu faço, das atividades domésticas que eu faço. Eu subo e desço escada as 24 horas do dia. Tenho muito mais força que elas, raciocínio mais rápido.

Dos meus filhos, cada um tem uma concepção diferente, pelas atitudes a gente percebe. O meu filho é aquela pessoa cuidadosa, que acha que a mãe é mãe, é intocável, sinal de pureza, pudica, não pode nem olhar para os lados. A minha filha já é diferente, incentiva, briga comigo porque eu não arranjo namorado. (ZULEICA, 63).

Os filhos de algumas dessas mulheres continuam em suas casas, se não todos, ao menos um deles. Essa relação é fonte de tensão, por eles ainda esperarem que suas mães resolvam seus problemas: contextos de vida em crise, exigências de ajuda financeira e, às vezes, voltam com netos para que elas ajudem. Desse modo, o tempo não é totalmente delas, entretanto, elas não aceitam sem reclames, mas “que jeito terá?”, dizem. A companhia que poderia ser boa a essa altura da vida passa a ser um continuísmo de determinadas situações de cuidados que existiam.

Ana Maria também, diz que se aposentou e fez muitos planos, mas acabou ficando em casa, cuidando dos filhos que já são adultos, mas ainda não saíram de sua casa: “cozinhando, lavando, passando para eles, ainda mais nos dias de hoje que você não acha mais empregada.” Um dos filhos casou e ainda levou a nora para morar em sua residência. Quando eu estava na sua casa, pude observar que esse é um elemento a mais de tensão, pois a nora chegou, buzinou e ela que teve de abrir o portão para o carro dela entrar. Depois ela me revelou pormenores

dessa situação com a nora, que para ela é complicada e passa além de sua responsabilidade.

Elas não aceitam, porém, essas novas ou contínuas responsabilidades com comiseração ou escondidas em suas casas. Mesmo com esses entraves, usam os momentos de lazer para se divertir e mostram suas faces no cotidiano urbano, usando a cidade das mais variadas formas. Isso acontece, sobretudo, por serem portadoras de um *status* social, cultural e econômico que garantiu que chegassem onde estão com certa confiança nos novos papéis, que portam como protagonistas de um novo envelhecimento. De acordo com relatos de campo, observo, cada vez mais, que essas pessoas se diferenciam e se afastam de lugares antes relegados à velhice. Elas namoram, se exercitam nas academias e à beira-mar, trabalham, entram em salas de bate papo *on line*, buscam engajamento em novos projetos sejam eles sociais, religiosos ou culturais.

O lazer faz parte de toda a vida humana, independentemente da idade que se tenha. Elias (1985), ao analisar a origem do desporto e o lazer, sugere que as rotinas das sociedades mais diferenciadas exigem um autocontrole muito grande de seus impulsos, afetos e emoções e o lazer é que permite que essa energia seja liberada. Assim reflete

[...] Enquanto, o conjunto de oportunidades de manifestações de sentimentos é pouco claro, ou confinado a sectores especiais, as atividades de lazer destinam-se a apelar diretamente para os sentimentos das pessoas e animá-las, ainda que segundo maneiras e graus variados. Enquanto a excitação é bastante reprimida na ocupação daquilo que se encara habitualmente como as atividades sérias da vida – excepto a excitação sexual, que está mais estritamente ligada à privacidade -, muitas ocupações de lazer, fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitação, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos. Filmes, danças, pinturas, jogos de cartas [...] estas e muitas outras actividades de lazer pertencem a esta categoria. (P. 70-71).

O lazer é, para Elias (1985), uma renovação emocional diante da vida ordinária com tantas lutas sérias e constrangimentos. E é sobre esse lazer que estou refletindo nesse capítulo. O lazer como forma de estimular as emoções, permitindo que essas mulheres se revigorem de uma vida mais dedicada às atividades 'sérias da vida'. É fundamental e está diretamente ligado aos passeios, mais com as amigas do que com a família. Para grande parte delas, esse é um bom momento em suas vidas, pois o tempo que possuem é investido, quase que totalmente em seus

interesses! Todas as mulheres que entrevistei, com exceção da anteriormente citada, possuíam empregadas domésticas para cuidar dos afazeres cotidianos de seu lar. E mesmo Ana Maria já assim dizia:

Sabe por que essas mulheres saem tanto? Porque não tem mais nenhuma responsabilidade. Uma pessoa que nem você ainda está cuidando dos filhos, não pode sair e deixar os filhos em casa, né? É quando a gente mais tem energia, mas não pode fazer o que quer!

Mesmo ainda possuindo demandas familiares, muito se diferenciam das mulheres quando são mais jovens que possuem uma série de atribuições que as impedem de vivenciar plenamente as suas vidas. Goldenberg (2013) diz que “a última idade é muitas vezes uma liberação para a mulher, que, submetida durante toda a vida ao marido e dedicada aos filhos, poderia, enfim, preocupar-se consigo mesma.” (P. 51) E insiste, ainda em que, nas suas pesquisas recentes, elas dizem que se trata da melhor época de suas vidas, mas não porque estão velhas, mas por terem a liberdade de fazer o que bem entendem!

Elas libertam-se das aflições que as mais jovens ainda têm com relação à busca de sucesso profissional, com as questões eminentemente familiares, os cuidados com os filhos são menores ou nenhum e, na divisão do tempo, sobra mais para elas. Esse lazer é rico e, de fato, as mulheres têm aproveitado muito suas velhices. Vera explica qual o sentido de lazer para ela e narra seu estilo de vida no auge dos 68 anos:

(Lazer é) Música, cinema e viagem. Música a toda hora, onde entro eu boto: no meu rádio, boto no meu carro, eu vivo muito em função da música. Pode ser brega, chique, uma coisa assim, principalmente nessa última fase que tô te falando. Na outra fase, eu não tinha muito tempo pra dedicar ao lazer, era uma viagem uma vez por ano, um cinema uma vez ou outra com uma amiga porque o meu marido não gostava. Nessa época, eu não sentia falta, estava muito focada nessa outra coisa, o casamento e o trabalho.

Para mim o lazer é algo que vai contribuir para o meu equilíbrio. Eu não consigo mais viver naquela racionalidadezinha bem do trabalho, eu agora preciso do trabalho, sinto que eu preciso de companhia desses grupos, pois tenho vários grupos. Eu saio sistematicamente, toda semana, ou com sobrinho, ou com minha irmã ou com amigos. Frequento todos os espaços da cidade: restaurantes, pré-carnaval vou pra todos os botecos, pois tenho um sobrinho que é médico e me leva. Jantar, eu tenho um casal que ela é minha aluna e a gente sai pra jantar quase toda semana e vai pra restaurantes, Lô Bistrô etc. Têm as amigas do Rotary que gostam do Bar do Papai, aí eu vou também.

Eu circulo pela Cidade, mas com diferentes pessoas. Muitos aniversários, convites, e todo mundo sabe que vou. Foram muito companheiros nessa minha fase [...] Vou pras tapioqueiras, qualquer lugar da Cidade. Até o

Mucuripe, minha irmã vai com os filhos, eu vou, mas eu danço na mesa. Carnaval da saudade, vou e danço na mesa. Bar do Papai, Cantinho do Frango, O Boteco, Alpendre da Vila. Como eu tenho um círculo de amizade bem grande, cada um gosta de um modelo, então eu acho bom né.

Como Vera mesma diz, ela “circula” em toda a Cidade. Vai para todos os lugares mais badalados e famosos de Fortaleza. Tem muitos amigos do trabalho e do Rotary, outros de longas datas, alunos que a chamam para sair, assim, mesmo tendo enviuvado após os 68 anos, nunca está sozinha! A importância das amizades, para as mulheres que estão envelhecendo, é grande! Muitas vezes, da família guardam-se rancores, apreensões e um distanciamento da intimidade. Já para as amigas tudo pode ser dito e compartilhado! As amigas sempre são evidenciadas em seus discursos, sendo para algumas melhor do que uma companhia masculina. Ou, ainda, são suas companhias!

Uma delas, Verônica, chegou mesmo a dizer que a maioria de suas amigas é casada e, portanto, seu dia gira, sobretudo, em torno de saídas mais leves.

Os programas que eu fazia antes de barzinho, show, festa, eu tô fora. Essa coisa de barzinho não combina muito comigo. O que eu faço hoje é sair pra almoçar, ou tomar um lanche no final da tarde, jantar raramente, prefiro não comer à noite. Cinema, tudo que é atividade cultural!

Diz que não sente falta de programas noturnos mais arrojados, nem mesmo para paquerar; mas suas amigas são parte importante de sua vida, mesmo porque adora viajar com elas.

Essa importância da amizade também foi enfatizada em Goldenberg (2013) ao afirmar que, para essas mulheres, as amigas são fontes de apoio, cuidados e amor, apontadas como a verdadeira riqueza que adquiriram em vida.

São as amigas que acompanham nas consultas médicas, cuidam da alimentação delas quando estão doentes, ficam no hospital quando fazem algum tipo de operação, ligam ligeiramente pra saber se estão bem. São as amigas que estão presentes nos momentos de tristeza e alegria. (P.64).

Isabel é uma dessas mulheres que possui uma rede de amigas que completam a sua vida. Ela acabou um relacionamento há dois anos, com um homem que ela sentia ser o seu grande amor de uma vida. Com ele viajava muito, vivia “com o pé na estrada”; contudo com o sofrimento que ainda parece sentir por essa perda, são as amigas sua grande alegria!

Meu lazer são os restaurantes da vida. Prefiro sair de dia. À noite se eu sair é tipo *happy hour*. Eu não gosto de sair pra varar a noite, sempre de dia. Adoro ir para uma barraca de praia, comer um caranguejo, tomar uma cervejinha, jogar conversa fora. Tipo 2hs venho embora. A noite fico vendo televisão, mudo de um canal para outro. E os aniversários, tenho muitas amizades, toda semana tenho um, dois ou três aniversários. Terça feira, saí eu e mais duas amigas, fomos ao Camarões (Restaurante na beira-mar). Jantamos, 9h eu estava em casa. Tomamos um *choppinho*, comemos um camarão e fomos embora. Eu e uma dessas amigas, gostamos mais de sair de dia, mais cedo. A outra já é mais bandoleira. Ela gosta de ficar, por ela varava a noite conversando. Eu não!

Primeiro porque eu não tenho com quem deixar minha mãe agora, de segunda a sexta tenho uma pessoa que trabalha em casa, por sinal nessa semana nem veio porque a pobre tá doente. Não, o problema que minha mãe é depressiva, hipocondríaca, toda vida foi. Uma pessoa...que tem uma saúde muito fragilizada, se eu tenho que ir pra um casamento chamo uma babá da minha sobrinha pra dormir com ela. E também gosto de dormir cedo, sempre foi assim. Com o meu ex eu saía, mas dez, dez e pouco já estávamos em casa. (ISABEL, 62)

Os seus momentos de lazer são preenchidos pela presença das amigas que com ela passeiam, se divertem, vão para aniversários e, assim, segue seu cotidiano! Conversando com Maria, outra mulher prestes a completar 70 anos, que acabou de ficar viúva, ela me narrava um pouco do seu dilema, pois queria ficar só em sua casa, na qual tinha o apoio das suas amigas, além dos passeios que faziam juntas; entretanto, estava entrando em choque com os filhos que queriam que a mesma morasse com eles. Eles não entendiam de onde surgiram tantas amigas repentinamente e a importância delas também na vida dela. Pensavam que naturalmente com o falecimento de seu pai no interior, ela passaria a viver com eles, ajudando com os netos e cuidando da vida familiar; mas não, ela chorou ao me dizer que queria ficar só e que eles não entendiam. A mudança em sua vida foi significativa após a morte de seu companheiro. Ela ficou mais leve, parece ter rejuvenescido muito e começou a fazer viagens curtas para visitar conhecidos em interiores próximos, já que não tem capital para fazer longas viagens para o Exterior. Agora ela não precisava estar sempre em casa, cuidando do marido doente, ela pode gozar um pouco da sua liberdade, embora tardiamente.

A liberdade é um valor de grande importância para essas mulheres, justamente porque elas sabem quanto custa não tê-la. O trabalho delas foi sobretudo o primeiro passo para o começo da sua liberdade. Enquanto os relacionamentos as seguravam, as prendiam nos afazeres domésticos, o trabalho, e agora, o envelhecimento, as libertava! A liberdade das mulheres passa pela sua independência financeira. E hoje, com seus filhos fora de casa, casamentos

desfeitos, ou a viuvez aparece como a retomada de suas vidas independentes de filhos e homens. Elas simplesmente podem fazer tudo o que quiserem e esse valor para elas não tem preço!

Liberdade, primeiro, é a independência financeira. Sempre tive liberdade solteira, porque quis trabalhar desde cedo. Agora depois de casada foi diferente, ele era ciumento e tolhia a liberdade. Tinha um grupo de estudos lá em São Paulo e cada semana se reunia na casa de alguém. Quando eu saía e chegava, tinha uma tromba desse tamanho. Quando a gente se transferiu para cá, para Fortaleza, parece que aumentou. Achei, quando cheguei aqui há 35 anos atrás, muito machismo. Acho que mudou muito hoje. Aqui tinha uma coisa de ser moça ou não ser moça. Parece que o ciúme ficou mais forte, não podia ir a praia de jeito nenhum porque “os homens são terríveis” dizia.

Com 37 anos houve a separação. Numa época ótima da vida da gente. Essa faixa perto dos 40 é a melhor fase, aproveite bem a sua idade. Em tudo! 35, 45 foram os melhores anos da minha vida, de ter certa independência financeira. (VERÔNICA, 65).

Assim, ao envelhecer, elas conseguiram juntar um capital que lhes permite usufruir de suas vidas de um jeito que não sabiam fazer antes, com viagens para lugares exóticos, passeios só com as amigas, tomar cervejinha nos bares etc. Esses são hábitos recém-adquiridos, contudo de frequência assídua.

Não se pode ignorar o fato de a velhice chegar de modo diferente para homens e mulheres, de classes sociais distintas, e que uma coisa é ser uma *idoso-turista*⁴¹ e outra bem diferente é ter mais de 60 anos e pertencer as classes populares. Aquela que tem meios para ser cidadã do mundo e que tem o tempo ao seu favor para desenvolver projetos de vida antes arquivados por falta de tempo, e a outra que, tem um tempo excessivo e nada para fazer (BAUMAN, 1999).

Essa é a “nova” velhice, que se configura de modo diferente para aquelas que tiveram uma vida que permite um envelhecimento mais rico em possibilidades. A idosa-turista pode vivê-las plenamente. O contexto social em que vivem essas mulheres favorece certas disposições que as faz promover uma mudança no roteiro de suas vidas. A velhice sobre a qual reflito, e que difere daquela de outros tempos,

⁴¹ Categoria criada por mim com base em duas outras anunciadas por Bauman (1999), qual seja, o turista e o vagabundo. O turista é aquele indivíduo que tem uma vida de alegria – de consumir - que pode estar onde e quando quiser, e, naturalmente, guia sua vida de acordo com seus desejos de consumo. O vagabundo é o refúgio humano, aquele que não se prende a nenhum lugar porque não pode. É a população sobrando, que não se encaixa em lugar algum. Esses formam contingentes humanos que não têm a escolha de decidir plenamente seus destinos pela limitação de capital. São estimulados, tanto quanto os outros, a consumirem, no entanto, isso é desleal, sobretudo, por não possuírem o poder de compra do outro grupo, restringindo-se, muitas vezes, àquilo que é necessidade.

é, portanto, a das camadas mais abastadas da sociedade, pois é, sobretudo, ela que é portadora de novos signos e que carrega consigo o germe de um novo envelhecimento que será almejado e copiado por outras. Talvez essa seja a vanguarda do novo envelhecimento.

Nosso tempo é de capitalismo leve, fluido, líquido.⁴²O indivíduo passa a ser responsabilizado plenamente pelos seus atos. Paradoxalmente, enquanto para o autor o trabalho perde a sua centralidade em tal sociedade - por deixar de ser um eixo seguro para fixar identidades e projetos de vida, adquirindo um sentido estético - o consumidor passa a ocupar um papel importante. É nele que reside o conceito de liberdade, mas a de consumir. Há um excesso de ofertas e ele deve consumir como se estivesse numa esteira de corrida. Será que o trabalho perdeu a centralidade? Para as mulheres em decurso de envelhecimento, parece-me que sempre ocupou um lugar de destaque em suas vidas. E hoje, porém, suas identidades se constituem tanto pelo trabalho quanto pelo consumo/lazer.

O papel das viagens para elas tem um lugar especial no ato de envelhecer! Significa que têm liberdade de ir e vir, desprendendo-se de uma vida anterior cheia de compromissos diários, rotinas, agendas que não dispunham de tempo para elas. Hoje a viagem ocupa um papel central em suas vidas:

Tenho viajado sistematicamente. Profissionalmente, por ano, dá umas 6 viagens, para seminários, congressos etc. Fora isso faço viagem de lazer com o pessoal do Rotary, ou com amigas ou ainda com alunas. Então viajo uma vez por mês. O Rotary faz muito passeio de companheirismo.[...] Hoje posso dizer que tenho mais lazer que trabalho. Segunda, terça e quarta, eu tô concentrada no meu trabalho, e sexta, sábado e domingo, não trabalho. (VERA, 68).

Meu lazer é mais o SESC. Fora o SESC, é viajar. Tenho uma irmã que gosta muito de viajar e eu acompanho ela. Já conheci vários países: Roma, França, Venezuela, passei 7 meses nos EUA com minha sobrinha. Brasil eu conheço quase todo, Ceará todo. Eu gosto de fazer viagens em grupos. A gente se diverte, tem tudo programado e fica melhor pra gente do que viajar só duas pessoas. Por exemplo, agora eu tenho Labirintite, tenho problema de coração também, pode dar uma dor...Só uma pessoa, ela perde a viagem. Por isso, só viajo em grupo, seja do SESC, do Hospital que trabalhei, da Igreja. Aparece aquela oportunidade, vai um bom grupo que eu goste, eu conheço e vou. (ANNA, 69).

⁴² Bauman (2001) propõe refletir sobre a Modernidade de nossos dias a partir de sua liquidez. Para tanto, traz como pano de fundo as vivências e experiências líquidas da Modernidade. Os líquidos possuem uma fluidez tal que não mantém uma forma com facilidade - ao contrário dos sólidos, que ao se formatarem dificilmente mudam suas composições - podendo se moldar a um aspecto e muito rapidamente adotar um novo formato. Por isso, cria-se uma associação com a leveza.

A viagem é um signo de prestígio. Verônica, que já viajou para Marrocos, Turquia, Japão, dentre outros países, conta que tudo é interessante: desde o “antes”(sic) que é a compra dos guias, ler sobre o país que vai visitar, a seleção dos lugares que tem que conhecer, tudo isso produz grande excitação nela e em suas amigas, havendo uma energia despendida com o planejamento; o “durante” é a viagem propriamente dita, direcionada para conhecer o “lugar e sua cultura” que, para ela, tem efeito de enriquecimento de conhecimento; e o “depois”, que é o retorno com revelação de fotos, contar para as pessoas o que conheceu, e já começar a selecionar e planejar a nova viagem.

Velho (2008) assinala que as viagens têm como finalidade “conhecer pessoal e diretamente certos locais” (p.30), bem como contar a experiência é fonte inegável de satisfação e prestígio. Ao contar os fatos do cotidiano desenvolvidos nas tramas da viagem, há um caráter de excepcionalidade, mostrada como uma época ritualizada. Ter testemunha então é muito importante. As mulheres que fazem da vida uma grande viagem contínua têm como testemunhas as amigas, companheiras de viagem.

Uma amiga me confidenciou, que sua “velha” mãe tinha uma vida tristíssima! Dentista, mãe de três filhos, ao se separar do marido, vive para o trabalho. Passa o ano guardando dinheiro para viajar para a Europa. Ao receber a notícia de que seria avó, brigou com a filha porque ela acreditava que devia aproveitar a vida, conhecer a Europa. Para ela, nada é mais interessante e excitante para dedicar sua vida, seu trabalho árduo, suas economias e sua dedicação, que viajar pelo mundo, nem mesmo o neto que estava por vir. Em sua última viagem, em 2013, percorreu todo o leste europeu em um mês! Viagem garantida, mas o ano é todo de economias para que esse passeio possa acontecer.

A viagem tem o sentido de “aproveitar a vida” e, para determinadas interlocutoras sua vida pós-60 gravita a esta órbita. Alguns médicos contaram-me sobre uma colega da área, que dava plantões todos os dias! Fiquei interessada em saber mais! Ela já contava mais de 60 anos, apenas uma filha casada, que morava fora. Então ela dizia que não tinha nada para fazer em casa ocupando todas as suas noites em plantões. Quando cansava, tirava férias, viajava para o Exterior e gastava o dinheiro que tinha acumulado.

Para outras mulheres, a viagem para o Exterior é um mito, um sonho que é esperado, buscado:

Pretendo viajar para a França. Já marquei 2 viagens com passagem marcada e tudo, e na hora não deu certo. Mas é porque Deus não quer que eu vá agora, ele tem alguma coisa guardada para mim, não sei. Tudo na vida da gente a gente tem que entregar na mão de Deus.(...) Teve até uma viagem do curso de francês que fiz pelo Sesc que era para França, uma maravilha, em 10 vezes você paga, mas não deu certo! A minha amiga de infância foi agora para Holanda, me chamou, mas não deu certo! (NELI, 66).

Ela sonha com a viagem para França. Alimentar esse sonho faz bem para sua alma. Viajar está diretamente relacionado a ter liberdade. Para as mulheres que ao longo de sua trajetória de vida estabeleceram uma carreira profissional, dedicaram-se à vida acadêmica e ainda tiveram filhos, é possível compreender os motivos que as levam a entender o envelhecimento como o momento por excelência de usufruir da liberdade.

Britto da Motta (1999) diz que “o ponto nodal da diferença entre práticas e representações de velhas e velhos” [é que] estes ficam mais “realistas” ou mais dominados pela “ideologia da velhice”, enquanto elas se deixam levar pelo entusiasmo dessa “liberdade” recém-conquistada e se tornam ativas, meio triunfalistas.”(P.211) A autora diz, contudo, que essa é uma “estranha liberdade” pela sua dupla valência:

[...] como liberdade de gênero, assinala-se positivamente – mulheres que podem circular, viver conforme a sua vontade; mas como liberdade geracional e, sobretudo, existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair porque já não importam tanto; já não serão bonitas (velho=gasto, feio), não irão atrair os homens – nem os da sua idade; já não reproduzem, não há muito o que preservar. (P.213).

Essas mulheres namoraram, casaram e hoje estão separadas ou enviuvaram. A experiência que tiveram deixou marcas, denotou perdas de um tempo em que eram mais jovens e não tinham liberdade. Só saíam acompanhadas dos maridos e, caso permitissem, e isso gerou um discurso pautado no ressentimento. Assim, a juventude é que foi para elas um tempo de perdas. A velhice é um período de ganhos, de liberdade de viajar, de passear, frequentar lugares antes impensáveis, como cinemas, teatros, *shows* etc. Os maridos preferiam ver futebol com os amigos, ir a churrascos e praia. “Não sou mais obrigada a ir a churrasco, que

eu detesto, ou à praia, que eu não tô afim” – dizia a minha interlocutora sobre sua vida hoje.

4.2.1 Circuito do lazer: por onde andam as mulheres de 60 de Fortaleza?

Temos vários lugares para dançar. Por que eu não gosto de dançar onde tem jovem porque as músicas de jovem são diferentes para nós, são muito agitadas, não tenho mais tanta energia para gastar. Então eu vou para o Clube da terceira idade, que é onde a música atende a nossas necessidades. São mais lentas.

BNB dia de sexta. Sábado à noite Círculo Militar e domingo à tarde Círculo Militar. Às vezes, a gente vai dia de terça para o Alpendre da Vila ou sexta-feira para o Caravele, quando a gente quer uma música assim diferente.

Os clientes do Círculo Militar são muito fidelizados. Sempre o mesmo público tanto faz se é sábado ou se é domingo. São casais. No Baile vai casal e domingo, abrem os portões e vai todo mundo. Vai mais é mulher. Muita mulher, muita mulher.[...]

No Mercado dos Pinhões é muito misturado...O povo parece que fica fazendo hora com as pobres. Tem uma lá que tem mais de 60 anos, mulher, mas essa mulher tem uma vitalidade tão grande, ela dança tanto solta! E se treme, não tem aquele povo que se treme? E se vira assim pra detrás e se treme, não sei como aquela mulher tem osso pra aguentar aquilo.

Você pode até fazer um paralelo porque, menina, eu sei que lá no Flórida bar rola muito é bebida! Mulher e homem tudo bebendo. Não sei se é porque eu não gosto de beber. No Círculo Militar o povo não bebe não, é só água. Porque também no Círculo Militar é um ambiente militar e tu sabe, se as pessoas tiverem se beijando já fica o povo tudo olhando pra botar pra fora. Eles querem o maior respeito do mundo. (ANA MARIA, 64).

As mulheres desta pesquisa frequentam espaços variados da Cidade, todos os dias, sozinhas ou acompanhadas. Ficou evidente, porém, um mapeamento dessas redes de sociabilidade voltadas para o lazer desse público na cidade de Fortaleza⁴³. Observei que há um *Circuito*⁴⁴ da Terceira Idade,⁴⁵ formado por estabelecimentos de lazer reconhecido pelas usuárias, da qual fazem parte festas, bares e clubes.

⁴³ Aqui em Fortaleza, como em outros grandes centros urbanos, existe um lazer voltado para cada faixa etária. Em minha dissertação intitulada *Roleplaying Games: O imaginário e a sociabilidade de jovens contadores de outras histórias* (MESQUITA, 2006), já fazia essa discussão acerca de um Circuito dos jovens jogadores de RPG na Cidade.

⁴⁴ Magnani (2002) assim define Circuito: Oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos e espaços que não mantém entre si uma relação de contiguidade especial, sendo reconhecido por seus usuários habituais. Por exemplo, o circuito gay (...) dos salões de dança.”(p.23-24)

⁴⁵ Esse nome *Circuito da Terceira Idade* foi atribuído propositalmente para evidenciar que também há uma conotação comercial nesse Mercado, conforme discutido anteriormente.

O circuito engloba “pedaços”, categoria definida por Magnani nas pesquisas urbanas, como lugar dos chegados, dos colegas, é aquele no qual

[...] todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer.[...] Não necessariamente se conhecem, mas *se reconhecem*: venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores de seu pertencimento. (1998, p.12).

Os frequentadores portam signos de pertença a determinadas classes sociais, no caso, as mulheres se afirmam como pertencentes à classe média, e no lazer se evidenciam mais claramente esses códigos. Sendo o lazer o espaço por excelência da descontração, da alegria, as pessoas de um modo geral, se arrumam mais, utilizam as suas melhores roupas, seus adereços mais sofisticados para que possam desfrutar desses momentos com prazer.

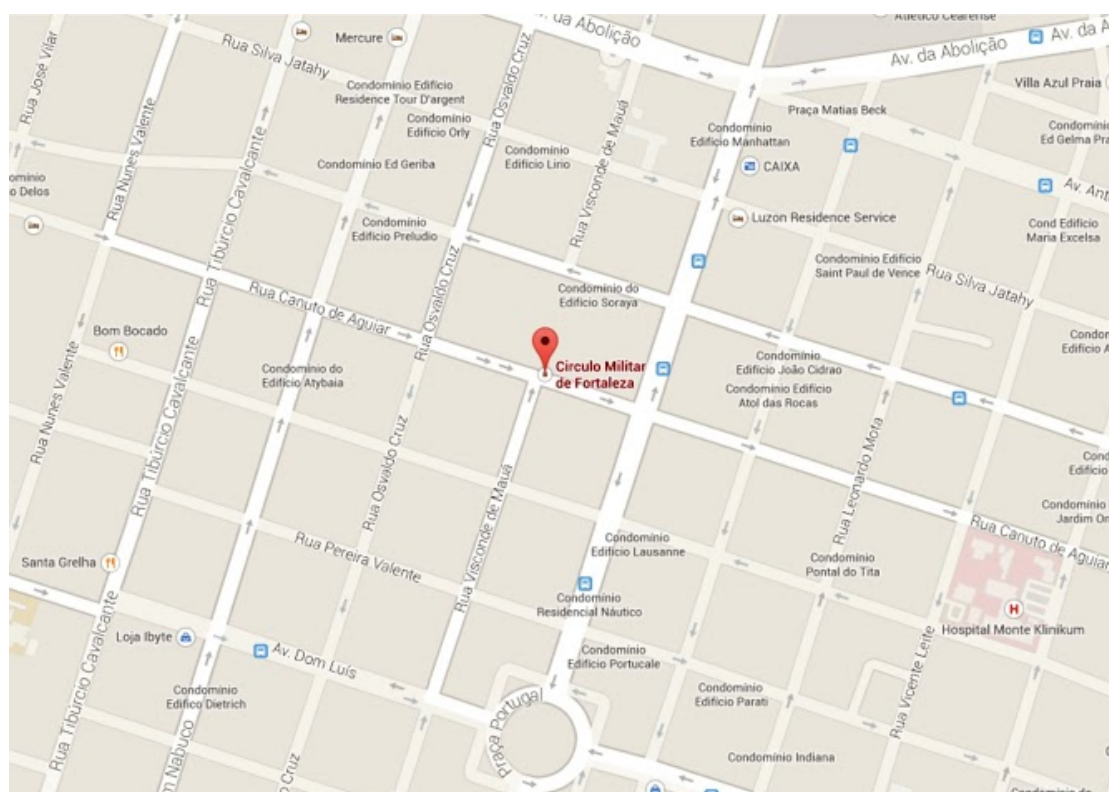
Os “pedaços” dessas mulheres se localizam essencialmente nos bairros nobres da Cidade, a saber, Meireles, Praia de Iracema e Aldeota, embora tenha exceção. Isso, por si, já caracteriza um lazer voltado para o público de classe média, mas também é onde há grande concentração de bares, restaurantes e clubes. Esse lazer é feminino, pois elas mesmas dizem que nesses espaços o que há mais são mulheres. Anna, 69, assim exprime: “Elas vão com esses rapazinhos porque os homens não gostam desse tipo de festa de mulher. Nessas festas de mulher, 90% é mulher. O resto são os rapazinhos dançarinos e alguns idosos.” A olhos nus observei isso, sem precisar recorrer a estatísticas. Ao chegar a qualquer desses lugares evidenciados na fala de Ana Maria, o público é essencialmente feminino.

O “Circuito da Terceira Idade” é assim constituído de acordo com o dia da semana: Alpendre da Vila, terça e quinta-feira, das 20h30min em diante; Mercado dos Pinhões e BNB Club, na sexta-feira; Círculo Militar, sábado, das 21h30min e domingo, desde 14h; Flórida Bar por volta das 19h, aos domingos. Também faz parte desse circuito, frequentado por algumas entrevistadas, o chorinho às sextas-feiras no SESC Clarindo de Queiroz, esse no Centro da Cidade; além dos Shoppings Centers Aldeota, Center Um e Benfica, estarem promovendo festas de fichas⁴⁶ aos sábados à tarde.

⁴⁶ Festa de Fichas é aquela na qual compra-se fichas que correspondem ao número de danças com os profissionais.

É possível identificar, nesses lugares, as marcas de um selo social que diferencia quem frequenta um lugar de outro. Ana Maria diz abertamente que há um grupo mais selecionado e elitizado que frequenta o Círculo Militar, símbolo antigo de *status* social. Ali seria frequentado por mulheres de classe média alta consideradas “chiques.”(sic). Para ela, o público que frequenta o Mercado dos Pinhões é muito misturado. O Clube Militar tem festa sábado à noite e domingo à tarde. Esse baile é tradicional para elas, sendo o domingo um dos dias preferidos segundo elas. Assim, há símbolos escolhidos para demarcar a diferença entre elas.

Figura 1 – Mapa do Círculo Militar



Fonte: *Google maps*.

O Mercado dos Pinhões localiza-se também no bairro Praia de Iracema, e suas festas são às sextas-feiras. O que observei, que talvez justifique o argumento de minha interlocutora de que lá não é um lugar “legal, mas misturado,” é que lá frequentam mulheres mais despojadas, e que se vestem de modo mais simples do que as do Círculo Militar. O espaço é aberto e não muito limpo, sobretudo, por localizar-se entre duas ruas com relativo tráfego, além de funcionar durante o dia a feirinha com venda de frutas e verduras. Às vezes, ainda há vestígio desses

Também considerado assim por algumas mulheres entrevistadas foi o Flórida bar. O dia eleito por esse público é domingo. As mulheres diziam que ali seria um lugar de bebedeiras, mais baixo, e no qual as mulheres iam em busca de homem (sic). Zuleica assim descreveu quando perguntada se frequentava o Flórida bar: “Sabe por que eu não vou para esses lugares? Porque fico deprimida!(silêncio) Olha, você vai pra qualquer lugar hoje, encontra todas as gerações, e homens mais velhos com mulheres mais novas.” Esse mesmo sentimento foi compartilhado por uma colega da pós-graduação, que me disse que havia se separado, e que tinha ido com a mãe de um amigo em um domingo para o Flórida bar. Ela disse: “Me deu foi uma depressão. Pensei: será que é isso que espera por mim?”

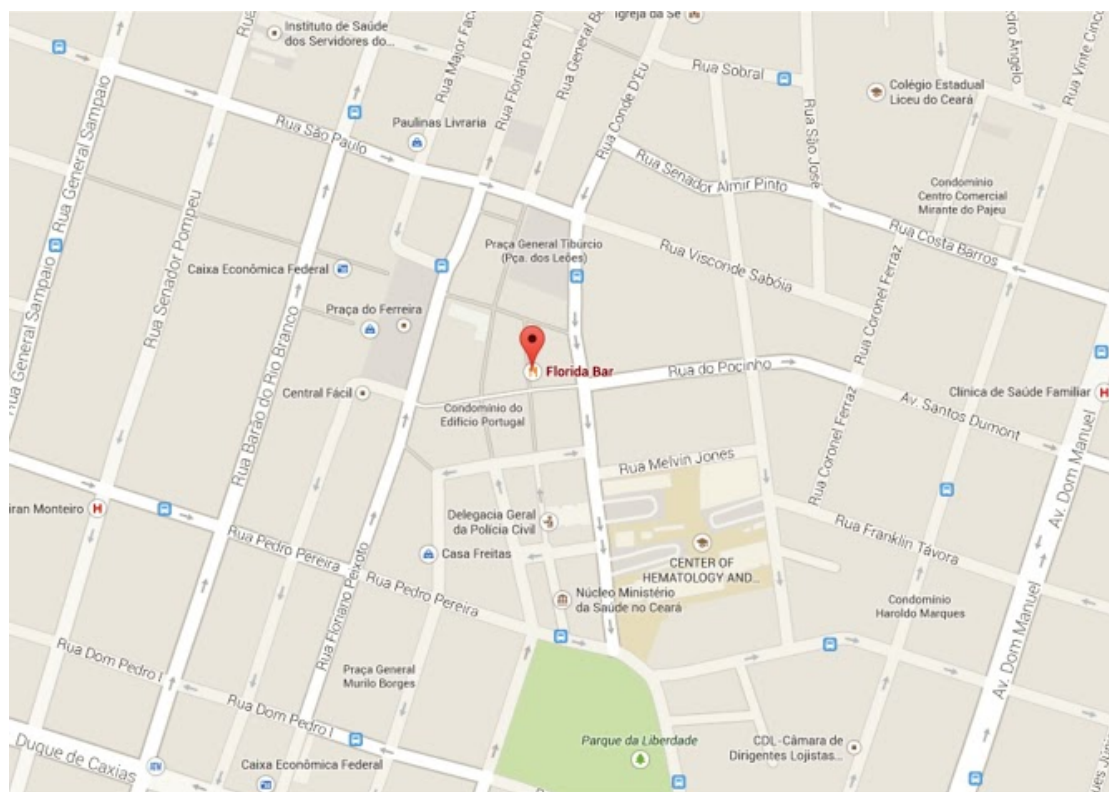
O Flórida Bar, portanto, reúne um grande grupo de mulheres que sentam às mesas, tomam uma cerveja com as amigas e paqueram. Elas dançam sozinhas, ou duas mulheres juntas, ou ainda com homens; mas o fato de lá não haver fichas, nem dançarinos, pode levar a essa caracterização de que as mulheres estão atrás de homens (sic). Afinal, como são poucos, vi que elas olham, conversam, paqueram e convidam para dançar. Às vezes, os homens que chegam, da idade delas, já vêm acompanhado de mulheres mais novas. Isso é possível ver; mas, claro, também os homens vão para paquerar! Assim observei um dos dias:

As mulheres circulavam muito bem vestidas: camisas finas ou batas bordadas, vestidos tomara-que-caia, shorts com brilhos e invariavelmente sandálias altíssimas, salto tipo luís 15. Fiquei preocupada até com uma que vinha andando numa calçada irregular e quase caiu. Imaginei que eu mesma não aguentaria ficar muito tempo com um salto daquela altura! Sim, porque elas ficavam sempre de pé. As mesas ficavam ocupadas com bolsas e copos apenas para marcar os seus lugares, mas todas as cadeiras ficavam desocupadas, pois as mulheres estavam dançando com seus saltos gigantes ou passeando entre o bar e o banheiro.

A paquera também acontecia livremente. O grupo de amigas ficava junto, todas dançando. De repente passava um homem e puxava uma conversa, sorria ou simplesmente olhava de modo insistente, como diziam “encarando” (SIC) mesmo. Vi apenas um casal de idade bem diferente: ele aparentava ter uns 20 anos a menos que ela e já chegaram juntos. O que achei interessante é que ele se vestia com roupas e adereços que diferiam muito da forma como ela se vestia. Usava ele um boné e camiseta da marca Ferrari, bermuda e tênis. O estilo de modo algum tentava disfarçar sua idade, que também não era compatível também com as roupas usadas pelos outros homens que por lá andavam. Eles, a maioria mais velhos, usavam em geral calça jeans e camisa de tecido.

As mulheres chegavam em carros chiques, são louras e usam adereços dourados que simbolizam pertencimento às classes mais abastadas. Lembrei de que lá foi considerado lugar de baixo escalão por algumas de minhas informantes, mas que não observei isso pelo público que frequenta. Acredito que o preconceito deve surgir pelo fato das mulheres estarem ali mais para paquerar e sem o intermédio da desculpa da dança e de pagar dançarinos. Ali é lugar de paquera mesmo! (DIÁRIO DE CAMPO: ABRIL DE 2012).

Figura 3 – Flórida Bar



Fonte: *Google maps*.

Durante a pesquisa, uma das *boîtes* mais frequentadas por esse público foi demolida na Avenida Santos Dumont, cedendo lugar para a construção de um prédio residencial. Era a *Boîte Oásis*, que tinha *shows* com cantores mais antigos e festas. Acontecia às terças, depois do Alpendre da Vila, e muitas mulheres com as quais conversei disseram que saíam de um para outro, uma vez que as festas do Oásis aconteciam mais tarde. Essa ausência fincou um vazio na vida de muitas delas que recordam com saudosismo.

Do mesmo modo, porém, que fecham alguns lugares, abrem outros, pela própria demanda de espaços para essas mulheres. O Shopping Center Um, conforme já observei, caracteriza-se fortemente pela presença de mulheres e homens da faixa etária analisada aqui, além de possuir o Espaço de Dança

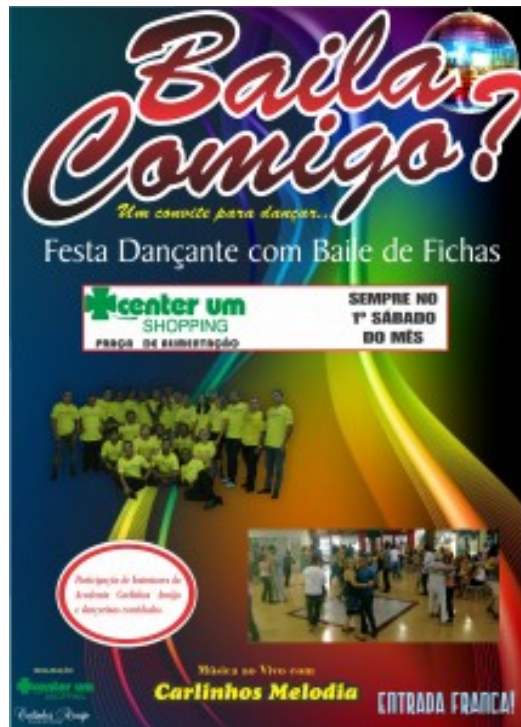
Carlinhos Araújo, que ensina dança de salão e também promove uma festa dançante no próprio *Shopping*, na Praça de Alimentação. Denominado de Baile de Fichas, começa s 17hs, no primeiro sábado do mês. O Shopping Aldeota também oferece esse tipo de entretenimento, no terceiro sábado do mês. Já no Shopping Benfica acontece no segundo sábado do mês, com oficinas de dança. Ambiente que se caracteriza pela presença maciça de mulheres com mais de 60 anos e dançarinos para com elas dançarem no sistema de fichas. As mulheres vão para se divertir com as amigas dançando com os dançarinos pagos.

Figura 4 – Baile de Fichas Center Um.



Fonte: site do *Shopping Center Um*.

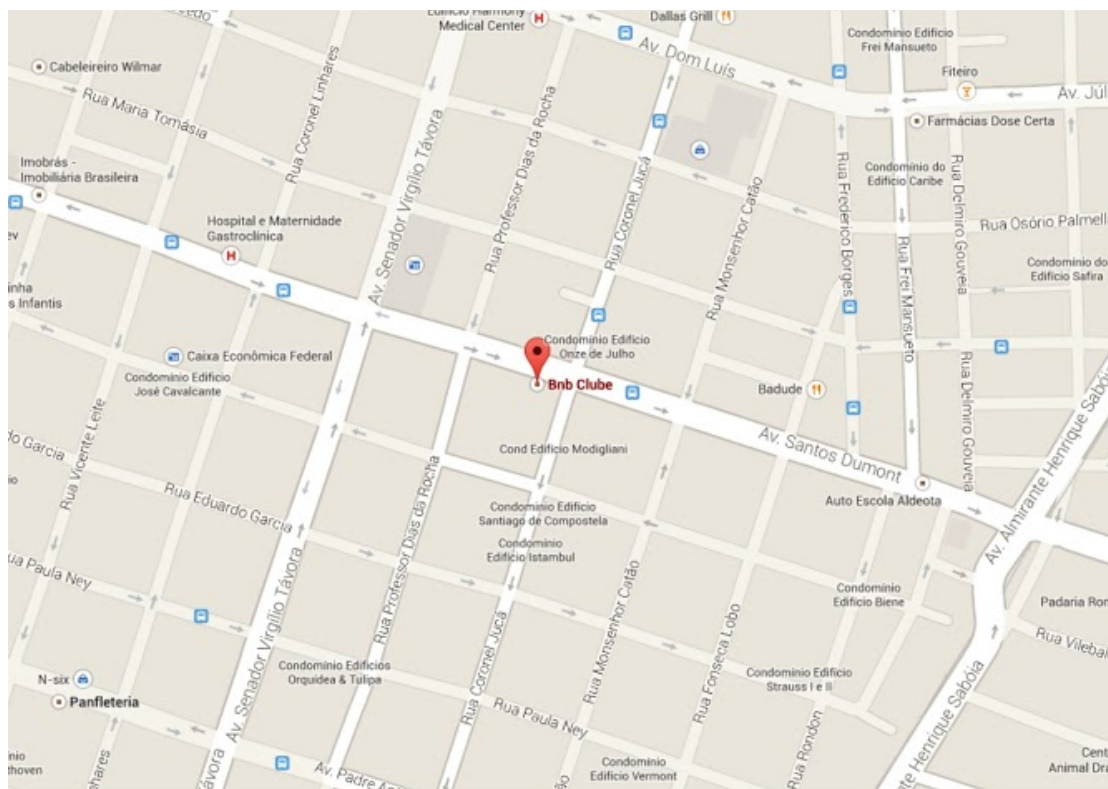
Figura 5: Folder de divulgação da Festa de Fichas.



Fonte: site do *Shopping Center Um*.

O Alpendre da Vila, localizado na rua Armando Monteiro nº 555, no bairro Vila União, oferece festas às terças, quartas, quintas, sextas-feiras e domingos, às 20h30min. O dia principal para minhas interlocutoras, contudo, é a terça-feira. Nesse dia, o espaço fica lotado, conforme relatei no capítulo um.

Figura 7: BNB Clube.



Fonte: *Google maps*.

Essa caracterização dos espaços, de acordo com o dia da semana, é muito evidente, e inicialmente me pareceu esquisito. Ao mesmo tempo, porém, como são muitos os lugares, os dias da semana organizados desse modo, permitem que a rede se mantenha viva e não impeçam que haja um fluxo permanente entre esses e outros espaços.

Os mapas permitem observar que os lugares que constituem esse Circuito, localizam-se muito próximos uns dos outros. Pertencem à Regional II⁴⁷ de Fortaleza, que de acordo com dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE, é a que concentra os 10 bairros mais ricos da Cidade, dentre eles o Meireles, Aldeota, Mucuripe, Praia de Iracema, Varjota, dentre outros. O primeiro possui uma renda média 15,3 vezes maior que a do bairro Conjunto Palmeiras, que tem o menor. Isso denota que a população que frequenta esses ambientes pertence às classes médias e altas da Cidade. O Alpendre da Vila não se

⁴⁷ Fortaleza divide o seu território por Regionais, sendo seis ao todo.

localiza nessa regional, mas na IV. Os shoppings (anexo) Aldeota e Center Um, que possuem Bailes de Fichas, estão no coração da Aldeota.

5 TRAJETÓRIA AFETIVA E ENVELHECIMENTO: AMORES DE ONTÉM E HOJE

Existem pessoas que nunca teriam se apaixonado se jamais tivessem ouvido falar do amor. La Rochefoucauld.

Não estou mais casada, mas de fato caminho com o meu – de que chamar o homem com quem estou aos 72 anos e com o qual não sou casada? ‘Namorado’ soa tão juvenil, não acha? Então, o que é? Amante? Dá uma impressão bastante agressiva. (FONDA, 2012).

O tempo, como canta o poeta, transforma as formas de viver. Por vezes, com voz inaudível e deformada pela passagem dos anos, os amantes de outono falam desse tempo em que, com olhar distanciado, podem deixar vir a si todas as coisas, até mesmo as do coração. A partir desse limite, seu tíquete não é mais válido? Puro engano. Aceitar as perdas, substituindo-as por alegrias; tentar se libertar do passado para viver o presente ou preservar uma maneira de amar e de criar dão nova dimensão a essa fase da vida – fase, aliás, que tende a se prolongar.” (DEL PRIORE, 2013:P.267)

Neste capítulo, tratarei da afetividade feminina como elaboração histórica e cultural, apreendendo os seguintes aspectos: a trajetória afetiva das mulheres, analisando como o amor é idealizado, articulando os amores de ontem e os de hoje, e ainda como encaram seus novos relacionamentos ou a denegação deles na velhice. Em se tratando de relacionamentos das mulheres entrevistadas seis foram casadas, duas conviveram maritalmente e uma jamais casou. Dessas, apenas a última não teve filho.

As minhas interlocutoras casaram-se com homens conservadores, quando jovens, e os casamentos eram considerados “eternos”; contudo, elas não seguiram o modelo orquestrado nos contos de fadas no qual a princesa se casa com o príncipe e vivem felizes para sempre. Não! Elas conseguiram reescrever suas trajetórias afetivas. Foram as primeiras divorciadas em suas famílias e conseguiram criar os filhos, trabalhar e aposentar-se.

Algumas mulheres decidiram não mais aceitar novos relacionamentos por pretenderem preservar a liberdade individual. Essa não seria, contudo, mais uma forma de aprisionamento? Necessariamente, seria preciso escolher entre relacionamentos e liberdade? Talvez pelo fato de essas mulheres terem passado tanto tempo oprimidas pelos maridos e pelas normas sociais, não consigam pensar em relacionamento sem opressão, em afeto sem anulação.

Le Breton (2009) acentua que sentimentos e emoções são relações social e culturalmente modeladas. Ao serem naturalizadas, parecem emanar do lugar mais íntimo e secreto do sujeito. O autor revela, no entanto, que de uma sociedade para outra “os homens sentem afetivamente os acontecimentos de sua existência por intermédio de diferentes repertórios culturais.”(P.09). As emoções são consequências íntimas de um aprendizado social ocorrido em primeira pessoa, e de uma identificação com os outros. Essas duas dimensões alimentam a sociabilidade e assinalam o que o sujeito deve sentir, de que maneira e em que condições precisas.

Portanto, se os sentimentos e afetos são aprendizagens, essas mulheres gravaram os acontecimentos provenientes de situações diversas anteriores que reverberam no seu modo de olhar para esses sentimentos hoje. O autor acrescenta que: “Existe um trabalho do tempo e da memória sobre as emoções, um trabalho de significado, que leva, por vezes, à modificação da forma como um acontecimento é

experimentado.”(P.118). Observei que os fatos do passado e os sentimentos vividos são confusos, um misto de alegrias e dúvidas. Foi assim que se expressou Verônica:

Olha, é porque hoje eu não sei se foi um grande amor. Mas eu vivi um relacionamento depois do meu casamento que durou muitos anos, 20 anos. Mas foi descontínuo[...] hoje eu não sei, por exemplo, se ele dissesse “vou morar aí”, não sei se eu toparia. Por isso questiono se era amor. Antes eu achava que o grande amor da minha vida era esse, hoje nem sei. Fico meio com peninha de mim! Mas nem se era. Se bem que os grandes amores são vividos naquele momento e com a distância começamos a analisar e questionar. (VERONICA, 65).

À medida que essas mulheres falam sobre o amor, ele aparece sempre como uma experiência. Jamais *o amor é*, mas *o amor foi*, e não há perspectiva de revivê-lo, para a maioria. Se as emoções são elaboradas social e culturalmente, elas parecem ter aprendido que os amores e os relacionamentos que mais exigiram investimento afetivo estariam circunscritos a algum canto esquecido do passado. Na pergunta feita por mim – ‘Você ainda espera viver um grande amor?’, Angélica responde: “Já vivi um grande amor (bem enfática)! Meu ex-marido foi meu grande amor e não deu certo com ele porque ele era um cafajeste, mas ele foi meu grande amor.” (ANGÉLICA, 60).

Por outro lado, elas revelam versões diferentes do que compreendem ou experimentam como amor. Invariavelmente, porém, foi algo que ficou lá atrás, no passado. Será que essa compreensão de que o amor seria algo da juventude não foi estabelecido culturalmente? Claramente, sim! Afinal, por que seus grandes amores foram vividos sempre quando jovens? Para essas mulheres, amar faz parte do estilo de vida da juventude e foi assim que foram educadas a pensar: que encontrariam seu grande amor quando jovens e *fim*. Como ensina Le Breton, as emoções são emanações sociais ligadas ao indivíduo que “as desenha de acordo com sua história pessoal, sua psicologia, seu status social, seu sexo, idade etc”(2009, p.120). A história de cada uma faz com que seu percurso afetivo seja também ímpar. Santos (2003) diz que

[...] a trajetória de vida dos seres humanos é um somatório das experiências vividas, dos valores, das metas, da compreensão e das interpretações pessoais que cada um tem do mundo em que vive. [...] a forma como cada pessoa envelhece está determinada por suas condições subjetivas. (P.13).

Assim, há também aquela que está sempre disposta a amar, desde que o homem seja do jeito que ela quer – “inteligente, cheiroso, gentil”(sic) - ou seja, ele é fruto de sua invenção e precisa se adequar ao modelo que ela espera. Essa é diferente daquela que aceita o que vier, que é menos exigente, por acreditar que não tem mais direito a escolhas: “Só até os 18 você escolhe, depois é o que vier”, já dizia Ana Maria.

Os relacionamentos amorosos constituídos ou desfeitos ao longo de suas trajetórias marcaram indelevelmente a forma como pensam os novos relacionamentos, se os querem ou não. Assim, proponho-me analisar os amores de ontem e a idealização do amor, os novos amores, bem como a denegação do direito de amar.

5.1 Os amores de ontem: idealizações sobre o amor romântico e o amor domesticado.

A história das mulheres contada até agora é perpassada por outras, como a do amor e da sexualidade, constituídas por grandes transformações experimentadas ao longo dos séculos. Essas mudanças podem ser evidenciadas principalmente nos dois últimos séculos, qual sejam, o XIX e o XX. Dos manuais do confessor que orientavam as relações entre marido e esposa, definindo o lugar que cada um deveria ocupar na manutenção do casamento às transformações dos comportamentos sexuais que aconteceram nos últimos 50 anos, as relações entre homem e mulher foram modificadas radicalmente.

Lipovetsky (2000) diz que a invenção ocidental do amor transformou profundamente a sensibilidade, as maneiras e as relações entre homens e mulheres. Esse amor imprime um estilo, um ideal e papéis diferentes para ambos. Para as mulheres, durante muito tempo, mais precisamente do século XVIII ao XIX, o amor era um sonho, um polo constitutivo da identidade feminina; também um destino, fomentado pelos folhetins, que forjavam uma literatura feminina, cujo enredo era a paixão, o casal e o adultério; ou seja, “generalizou-se uma sentimentalidade açucarada, assim como uma ideologia que identifica felicidade feminina e realização amorosa.”(LIPOVETSKY: 2000, p. 26-27).

O autor compreende o amor como um dispositivo que se edificou pela diferença entre homens e mulheres, uma invenção ocidental. E diz que nas sociedades modernas, o amor é como um guia constitutivo da identidade feminina, essa historicamente concebida como sensível e voltada para o amor absoluto. Identifica-se a felicidade feminina com a realização no amor.

Para Giddens (1993), o amor romântico coincidiu com a emergência da novela e da associação do amor com a liberdade e autorrealização. Implica “atração instantânea – ‘amor à primeira vista’; entretanto, na medida em que a atração imediata faz parte do amor romântico, ela tem de ser completamente separada das compulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado.”(P.51) A ideia de romance que está presente no amor romântico influencia as mulheres desde o século XVIII, principalmente na criação da noção de lar e de maternidade.

Lobato (2012) assinala, contudo, que a pressuposição de que o amor romântico é um fenômeno peculiar à sociedade ocidental, é mostrada, desde os primórdios, pelas investigações antropológicas. Ela diz que essa ideia vem desde Morgan e sua concepção evolucionista do amor romântico, no qual seria um atributo das sociedades civilizadas, levando em consideração o fato de que “os povos primitivos ou bárbaros seriam incapazes de vivenciar emoções mais refinadas, intensas e persistentes do que o mero desejo sexual.”(P. 13). Mais tarde, em 1928, Mead adverte para a noção de que o casamento como arranjo social, e o amor romântico como exclusividade, não existem entre os samoanos. Lobato afirma que todos esses autores anglo-saxões, incluindo Evans-Pitchard e Radcliffe-Brown, negaram haver experiências amorosas mais refinadas nos povos “primitivos”.

Para negar essas considerações, Jankowiak, antropólogo estadunidense, propõe-se estudar uma cidade chinesa e comprova que o amor romântico é um sentimento universal. Lobato (2012) adverte, contudo para que, antes de chegar à conclusão de que o amor romântico é limitado à cultura ocidental, deve-se primeiro compreender o que nomeia de amor romântico. Se o definimos apenas como a capacidade de as pessoas se apaixonarem ou sofrerem por amor não correspondido, esse é, sim, um sentimento universal. Enquanto, no Ocidente, as emoções e os sentimentos são glorificados e havidos como base do casamento, na China, a paixão amorosa é rara e desprezada como doença. Afinal, na última sociedade, os sentimentos pessoais se submetem aos interesses do grupo, cujos valores prevalecem sobre os pessoais.

Lobato (2012), para escapar dessas duas armadilhas de – ora considerar o amor romântico de modo particularista, como um sentimento raro ou ocidental ou de, ora olhá-lo sobre o ponto de vista universalista – propõe dois conceitos: o de *amor disciplinado* e o de *amor domesticado*. E também utiliza a noção de *selvageria*, para nomear os aspectos passionais.

Os *amores disciplinados* são os típicos das sociedades holistas – termo baseado da obra dumontiana⁴⁸ – nas quais os valores do grupo se sobrepõem aos individuais. A selvageria típica do amor passional é inaceitável, uma vez que se exigem o controle e o autossacrifício, a abnegação e a renúncia, em favor dos interesse grupais. A autora se propõe refletir⁴⁹ sobre esse tipo de amor com proveniência nas sociedades indianas, que se diferenciam das ocidentais sob vários aspectos: desde a sexualidade mais livre, ao modo como a mulher é vista como parceira, em vez de instrumento dominador ou passivo.

Os *amores domesticados* são aqueles típicos das sociedades ocidentais, nas quais os indivíduos são a realidade primeira e a sociedade é um meio de satisfazer suas necessidades. A selvageria é glorificada. Domestica-se o amor não no sentido de docilizá-lo, mas no senso de utilizá-lo para obter relações amorosas gratificantes. É este o conceito que melhor operacionaliza as relações estudadas nesta tese. As múltiplas formas de sentimentos e emoções narrados pelas interlocutoras desta pesquisa remetem a esse modelo tipicamente ocidental.

Na avaliação de Lobato (2012) esse tipo de amor permite privilegiar duas noções, que permeiam o imaginário dessas sociedades, nos últimos séculos: o *amor-paixão* – aquele dos adúlteros e marginais à ordem social -; e o *amor romântico* – o das relações que devem ser consumadas no âmbito conjugal. Interessante é notar, ainda, que a autora pretende dissipar os problemas dessas duas formas de amor nas culturas diversas, cujo enfoque é diferente de acordo com o contexto cultural. E reafirma:

A concepção peculiar ao amor domesticado de que a paixão amorosa é o prelúdio natural e indispensável à vida conjugal se constituiu e desenvolveu em um contexto bem específico: o da cultura ocidental posterior à idade média. Ausente em sociedades onde se valoriza o amor disciplinado. (P.101).

⁴⁸ Cf. DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

⁴⁹ A autora faz sua análise partindo de narrativas mítico-amorosas dos trovadores do século XII, qual seja, *Tristão e Isolda*, de Bérout e Thomas; *Layla e Majnun*, de Nizami; e *Gita Govinda*, de Jayadeva.

Na revelação da autora o que diferencia o romantismo ocidental daquele de outras culturas não é a intensidade com a qual os indivíduos experimentam sentimentos, mas a crença de que a paixão amorosa, que surge incontrollável, pode ser domesticada e posta a serviço da ordem social.

Uma de minhas interlocutoras permite analisar como os sentimentos amorosos são vivenciados ao longo de sua trajetória afetiva. Zuleica narra a idealização do primeiro amor, ainda em sua infância, depois os arroubos da juventude, nos quais os sentimentos amorosos são vividos intensamente de modo incontrollável e desmedido. Esse amor é permitido e aclamado pela sociedade na qual vive, desde que esse possa desembocar no relacionamento estável, o casamento. Embora extensa, vale a pena transcrever o trecho na íntegra para que possamos compreender o processo que não é pertinente apenas a sua trajetória amorosa, mas que ilustra os variados discursos ouvidos pela pesquisadora:

Minha primeira paixão aconteceu aos 7 anos de idade. Primeiro dia de aula, lendo um poema de Casimiro de Abreu, *Meus 8 anos*. O que eu entendia de amor? Mas na minha cabeça naquela época, poema você sempre relacionava ao amor. Colégio de Estado, no interior, só tinha esse de colégio. E esse menino estava de castigo atrás da porta. Peguei o poema, copiei e dei pro menino. Foi a primeira paixão. E ficamos apaixonados, mas só se olhava de longe. Eu da porta de minha casa, e ele da porta da casa dele. Nunca se concretizou. Engraçado era uma paixão que se eu tivesse visto a pessoa *tête-à-tête* o amor acabava ali, por causa da minha seletividade.

[...] Na minha juventude, vou lhe dizer, me apaixonei várias vezes. Me apaixonei por um Seminarista, quando o rapaz largou a batina eu não quis mais. Fui embora pra São Paulo e me apaixonei por um equatoriano. Esse foi o primeiro que me beijou e foi uma paixão horrorosa! 16 anos de idade, paixão graaaaande! Passei quatro anos apaixonada por esse cara. Os homens davam em cima de mim, menina, era uma loucura.

Uma vez fui a um festival do vinho lá em São Paulo, em São Roque. Eu nem sabia que ia, minha vizinha me chamou pra ir. Ela tinha filho pequeno, aí eu fui. Eu estava vestida com um *tailleur* cor de vinho, coincidentemente, cabelo louro na cintura e os homens me arrastando pra me colocar no palco para sair na revista Cruzeiro, na manchete, porque eu estava estereotipada para ser a rainha do vinho. “Você vai ganhar, você é a mais bonita”, diziam. Eu não queria ir porque eu era, sou adventista, e sair na revista o que iam pensar? Nesse dia conheci um cara e me pediu em casamento no primeiro dia. Passei uma semana, não me apaixonei, larguei. Porque estava apaixonada pelo equatoriano há 4 anos. Assim de homem atrás(fez gesto com as mãos) e nada!

Deixa te contar a melhor. Voltei pra cá. (Fortaleza) Fui para Igreja quando chego lá encontro minha amiga da época, de quatro anos atrás. “Zuleika, o equatoriano está aqui”. Eu disse “Não acredito, onde ele está?” Na primeira fila. Aí, sentei na última. Pela ordem os primeiros vão saindo até chegar ao último. Quando ele passar por aqui já sei. Lembro até a roupa que estava

vestida: vestido rosa salmão, eu adoro, decote como este (mostra a própria roupa que está vestida) quadrado, aquela costurinha de elastano aqui embaixo todinho, até aqui preso. Na época era minissaia. Eu era a rainha do sapato alto. Sapato alto preto dessa altura, cabelão na cintura. Na época ele não me quis porque disse que eu era muito criança. O que queria era uma mulher culta. E a mulher que ele ficou com ela só tinha o curso normal. E eu sou o quê? (...) Aí eu peguei, o cabra vem descendo aqui, bem 10 degraus. Fiz questão de descer passo bem lento. Ele foi o primeiro que saiu. Quando se virou e ele disse: “menina, você está aqui?”. Menina, faltava um dente bem na frente. O amor bem ali morreu. Depois de quatro anos apaixonada, morreu ali. Tu acredita? Eu sou muito ligada na questão de estética, pode ser até uma coisa bipolar, sei lá.

Depois disso, fim da década de 60, com dois anos me casei. Sim, havia um médico que era apaixonado por mim quando fui a São Paulo. Ele quis ir atrás de mim fazer medicina lá. Nunca tinha pego nem no meu dedo. Aquela coisa só de olhar. Eu voltei pra cá, e ele soube que eu estava aqui. Ele estava no Piauí fazendo medicina. Veio bater aqui atrás de mim.

Só que eu tinha conhecido um dentista que era meu vizinho. Década de 70, aquela loucura, chamada “década de ouro”. Minha filha pense aí. Simplesmente quem tinha uma Caravam... naquela época era o melhor carro do mundo. Meu namorado da época era um engenheiro, ele tinha. Era o dono da empresa X. Paixão medonha, aquele homem que tinha pegada, fiquei com esse daí. Mas minha irmã dizia: “fique com o dentista, o rapaz que vive pra estudar, esse outro cara aí só chega aqui com uma cerveja na mão”. Pra você ver o que é o princípio da educação, que você obedece o mais velho. Fui ouvir minha irmã. Peguei larguei ele para ficar com o dentista!

O médico encontrou-se comigo, quando eu tinha brigado com o dentista, e ele pegou e me deu o telefone: “Tá aqui ó, se você quiser casar comigo, me liga”. Liguei com um mês pra dizer que ia casar com o dentista. Pouco tempo depois de casada já estava na maior cachorrada do mundo. Já tinha uma filha. 1973. Peguei e liguei pro médico. Você assim com um homem que lhe trata mal, você vai atrás do que estava apaixonado. Corri e liguei pra ele. (o médico). Estava noivo e disse: “se você quiser eu largo minha noiva, assumo sua filha e caso com você”. Isso é que era amor. Aí vem de novo a criação. Pensava: criar a minha filha sem o pai?

De novo (outra gravidez). Já tinha três filhos, tinha uma briga ligava pra ele. Ele largava o consultório, os clientes tudinho e vinha se encontrar comigo só pra conversar. (RISOS). Zuleica.

Lembra, com os olhos brilhando do primeiro amor, aquele vivido na ingenuidade da tenra infância. Zuleika recorda o verso⁵⁰ de Casimiro de Abreu no

⁵⁰ Oh! que saudades que tenho/ Da aurora da minha vida/ Da minha infância querida/ Que os anos não trazem, mais!/ Que amor, que sonhos, que flores,/ Naquelas tardes fagueiras / À sombra das bananeiras, / Debaixo dos laranjais!/ Como são belos os dias / Do despontar da existência!/ Respira a alma inocência/ Como perfumes a flor;/ O mar é — lago sereno, / O céu — um manto azulado,/ O mundo — um sonho dourado, / A vida — um hino d'amor!/ Que auroras, que sol, que vida,/ Que noites de melodia / Naquela doce alegria,/ Naquele ingênuo folgar!/ O céu bordado d'estrelas, / A terra de aromas cheia, / As ondas beijando a areia / E a lua beijando o mar!/ Oh! dias da minha infância! / Oh! meu céu de primavera! / Que doce a vida não era/ Nessa risonha manhã!/ Em vez das mágoas de agora, / Eu tinha nessas delícias / De minha mãe as carícias / E beijos de minha irmã!/ Livre filho das montanhas, / Eu ia bem satisfeito,/ Da camisa aberto o peito, / Pés descalços, braços nus / Correndo pelas campinas / À roda das cachoeiras, / Atrás das asas ligeiras / Das borboletas azuis!/ Naqueles tempos ditosos / Ia colher as pitangas, / Trepava a tirar as mangas, / Brincava à beira do mar;/ Rezava às Ave-Marias, / Achava o céu sempre lindo, / Adormecia sorrindo/ E

primeiro dia de aula dela, numa escola mista, ou seja, onde estudavam meninas e meninos. Talvez tenha sido seu primeiro contato, fora de casa, com um menino e, ainda que fosse criança, a sua imaginação avançou rumo ao amor romântico, aquele idealizado e que não pode ser concretizado. Dá-se apenas pelo olhar, acontece à primeira vista, característica da idealização do amor romântico!

Os amores da juventude são retratados com toda alegria e ludicidade possíveis. Afinal, quando se é jovem, o que se espera e é, de certa forma encorajado, é que se viva grandes amores. Pode-se apaixonar pelo dentista, engenheiro, médico. Esse é o amor domesticado, no qual o indivíduo se envolve numa paixão descontrolada antes de aderir a uma relação estável. Na sobreposição dos interesses particulares aos familiares, há as pressões sociais e familiares, contudo, a decisão última é a pessoal. Portanto, o amor domesticado subjaz à ideia de que o matrimônio deve brotar da atração pessoal e a escolha do cônjuge passou a ser um “direito do indivíduo”.

Vários fatores são determinantes nessa escolha feita ainda na juventude. As mulheres, ainda muito jovens, estimuladas pela literatura romântica da época a casar por amor, escolhiam tendo como referência primeira esse sentimento afetivo, mas a escolha também passava por interesses familiares e sociais. Apenas uma delas casou-se com um homem de classe inferior a sua, as demais procuravam casamentos que se adequassem a sua posição⁵¹, ou ainda mais elevada. Então, esse era um fator importante.

Já vivi um grande amor com 13, 14, 15 anos. Era beijo na boca, abraço, coisa assim. [...] eu era namorada, mas não fixava muito tempo não. Não sei se era por que eu gostava de dançar e eles não, aí eu ia dançar e lá arranjava outro. Eu nunca senti assim “ai, acabou, vou ficar triste!”, ia era arranjar outro. Nunca fui de ficar triste. Namorei muito! Todo domingo a gente primeiro ia pra missa perto da Praça do Carmo. Depois íamos ao São Luís [cinema] assistir filme e depois para casa. Nesse intervalo a gente namorava.

despertava a cantar! / Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais! / Que amor, que sonhos, que flores, / Naquelas tardes fagueiras / À sombra das bananeiras, / Debaixo dos laranjais!” (CASIMIRO DE ABREU – *Meus oito anos*).

⁵¹ Desde o começo tive o interesse de perguntar a todas elas: o que importava antes e que hoje não tem mais relevância? Nesse ponto, queria entender o que pesava mais nas escolhas feitas nos relacionamentos anteriores e que nos relacionamentos procurados depois dos 60 anos perderam a importância.

[...]Mas teve um que era desembargador. Naquela época a gente abrir a porta numa serenata era muito difícil. Principalmente o pai estando presente. Ele levou nada mais, nada menos que Altamar Dutra para fazer seresta para mim e meu pai não deixou eu abrir a porta. Ele nunca mais foi lá. Porque Altamar Dutra naquela época era como Roberto Carlos hoje, e ele deve ter pago uma fortuna para fazer essa seresta para mim! Eu quase morro de tristeza! (ANNA, 69).

Anna remete-se à sua juventude como um momento no qual era muito namoradeira. Houve quem dissesse um ditado da época: “namore um mas, deixe o outro de molho.” Afinal, como Anna relata, todos os términos de seus vários namoros eram por “bobagem”. E se assim era, mais fácil ainda era “arranjar” outro; contudo houve um homem que ela destacou na sua vida amorosa de jovem: um desembargador. Ele terminou porque ela não abriu a porta durante a seresta ao que ela responde: “era falta de postura, era como se fosse uma invasão”. Ainda hoje, ela se arrepende de não ter rompido com esse costume, e não abrir a porta. Diz que queria encontrá-lo ainda hoje para dançar.

Foi nos anos 1960, todavia, com o advento do movimento feminista, que teve início a crítica da submissão da mulher ao ideal romanesco.

As mulheres tomaram distância da linguagem romântica, aceitaram cada vez menos sacrificar estudos e carreiras no altar do amor, mas seu apego privilegiado ao ideal amoroso perdurou, elas continuaram maciçamente a sonhar com o grande amor, ainda que fosse fora do casamento. (LIPOVETSKY, 2000, p.28).

Foi, sobretudo, Ana Maria que conseguiu exprimir essa fissura no modelo de amor romântico:

Mulher, grande amor não existe. Essa história de amor não existe. A gente fica! Digo até que nunca escolhi! Nunca! A gente se apaixona, gosta, quer tá perto, e tudo, mas não é aquele amor que você só falta morrer não. Nem outro que veio, nem outro que veio, nem outro que veio...(risos) Eu era considerada louca, danada, porque todo namorado meu, eu ó (fez sinal que transava). Mas só foi até os 24 anos, porque conheci o pai dos meninos. (ANA MARIA, 64).

Del Priore (2011) aviva esse modo de pensar: “Sabemos, depois de tudo, que o amor não é ideal, que ele traz consigo a dependência, a rejeição, a servidão, o sacrifício e a transfiguração.”(P. 321). De um extremo a outro a mudança cria outro modo de ver e sentir os novos relacionamentos.

5.2 “Toda mulher precisa de um homem”: *namoridos*⁵² e escolhas aos 60

No auge das novas teorias feministas, retratando as rupturas entre o que era ser mulher antes dos anos 1960 e o que desejavam ser doravante, muito foi dito e repensado nos últimos anos. Remexendo nessas teorias que, de certo modo, refletiram sobre a geração que hoje, escuto na minha pesquisa, deparei-me com Dowling (1982) e sua teoria do *Complexo de Cinderela*, que tanto sucesso fez à época e que refletiu, de imediato, o discurso de uma de minhas interlocutoras.

Na reflexão da autora, as mulheres são educadas desde tenra infância, para a dependência, ou seja, sentir necessidade de se apoiar em alguém. Aquele que vai “salvá-las e cuidar delas para o resto da vida”. A ausência de sensação de segurança e autossuficiência é contraposta ao que, desde cedo, é ensinado aos homens, a saber, a autonomia e a liberdade. E dizia:

As transformações sociais não ocorrem da noite para o dia. O papel da mulher estava em processo de mudança muito antes de se propor um nome à libertação das mulheres [...] Inadvertidamente a maioria dos pais das décadas de 1940 e 1950 falhou na educação das filhas, pois não podia prever para que as preparava. Obviamente não era para a independência[...] A necessidade psicológica de evitar a independência – o desejo de salvação – me parecia muito importante, provavelmente o mais importante no que concerne às mulheres hoje. Fomos criadas para depender de um homem e nos sentimos nuas e apavoradas sem ele. Fomos ensinadas a crer que, por sermos mulheres, não somos capazes de viver por nossa conta, que somos frágeis e delicadas demais, com absoluta necessidade de proteção. De forma que agora, na era da conscientização, quando nosso intelecto dita autonomia, o emocional não resolvido derrubamos. A um só tempo almejamos nos libertar dos grilhões e ter quem (cuidando de nós) os recoloque. (DOWLING, 1982: p.25-26).

Essa autora, portanto, avança no que chama de Complexo de Cinderela:

[...] uma rede de atitudes e temores profundamente reprimidos que retêm as mulheres numa espécie de penumbra e as impede de utilizar plenamente seu intelecto e criatividade. Como cinderela, as mulheres de hoje ainda esperam por algo externo que venha transformar sua vida. (P.27) .

⁵² Foi recorrente entre as entrevistadas usarem o termo “namorido”, junção de namorado com marido, quando se referiam aos parceiros que tiveram ou têm. Parecia haver certo constrangimento em chamá-los de namorados apenas, como se isso soasse juvenil. Reflete mais um desconforto das novas posições ocupadas por elas, que continuam namorando pós-60, e sentem a inadequação de alguns termos para os novos comportamentos.

Parte da percepção de mulheres que, como esta, viviam nos anos 1970-80 os desafios de romper com um padrão de vida no qual as mulheres viviam sob a sombra de um homem, trabalhando, cuidando de seus filhos, ou separadas de seus maridos. Mesmo com a busca e conseqüente autonomia das mulheres de sua geração, ela diz que elas não conseguiram ter independência total, uma vez que, embora tenham entrado maciçamente nas universidades, nas décadas de 1960-70, procuravam cursos em que havia discriminação de sexo, como atividades de escritório, serviço social e magistério, e enfermagem.

Acreditando ou não na existência de um complexo que direcione as mulheres a caminhos e atitudes que bloqueiem sua independência, que as façam procurar carreiras com características eminentemente femininas, que tragam características de cuidados com o outro, houve, sim, mulheres que poderiam ser pensadas dentro desse perfil.

Uma delas é Ana Maria, 64 anos, que fala da sua frustração com a saída da Universidade, na qual escolheu uma dessas áreas reconhecidamente femininas e da dificuldade de arranjar o primeiro emprego, os baixos salários ao longo da vida e a decepção da sua aposentadoria, que não a deixa à vontade para viver como gostaria. Ainda assim, o que mais a assusta é a solidão, não ter alguém do seu lado, por outro lado, revela também dependência.

Eu sempre tive alguém comigo. A minha solidão não é aquela de 'Ai, tô sozinha'. Eu quero tá perto de uma pessoa que atenda minhas necessidades. Hoje em dia não é nem por causa 'daquelas questões'(sexo), é porque você precisa de um companheiro, de uma pessoa para você conversar, uma pessoa para lhe ajudar nas decisões porque a gente tem insegurança e, também, aquela presença masculina! Eu penso que é porque quando meu pai morreu, eu tinha 2 anos de idade e quem cuidou da gente foi meu irmão mais velho, aquela coisa muito rígida.

Eu sempre sinto falta de ter um homem perto de mim! Eu quero um homem perto de mim, dormir segura... se um ladrão vier? Eu peço pra ele resolver! Para fazer um negócio, pra comprar os negócios que eu quiser, um carro se eu quiser comprar, vai o homem. Porque eu valorizo muito o homem! Porque eu valorizo muito o homem, Paula? Eu sou de uma geração que o homem tem uma importância muito grande para nós. Ele é..., não que seja o provedor, mas sabe, é uma companhia masculina para se sentir segura. Por isso que eu fico com ele aí! A trancos e barrancos, os filhos gostando ou não. Eu sinto também que os filhos acham que a gente não é mais uma pessoa, agora é uma coisa, que só serve para fazer as coisas para os filhos. Muitas mulheres da minha idade conversam isso comigo. Os filhos vivem fazendo da gente escravas deles: vão pra fila fazer pagamento nas filas preferenciais que hoje é a maior ilusão! Agora a gente já pega é a senha dos novos e dos velhos. A que chama primeiro a gente vai! Eles

pensam que você não precisa mais de um companheiro, não tem mais nada!

Para Ana Maria, o homem incorpora exatamente o papel de um superprotetor, aquele que pode protegê-la de todas as adversidades que possam vir a surgir em sua vida. Desde o ladrão imaginário, àquele que pode vir a surgir a qualquer momento e, se não tiver um homem, como poderá ela se sair nesse assalto? E se ela for comprar um carro e não tiver um homem a acompanhando? Ela acredita que, se for com o companheiro, não será enganada na compra do carro, embora ela seja a detentora do dinheiro para a compra. Interessante para ela não é a questão de o homem ser o provedor que revela sua importância, mas por ser uma presença masculina! Isso implica uma teia de significados elaborados culturalmente nesse universo pesquisado, no qual as mulheres se sentem importantes e valorizadas socialmente, se houver um homem ao seu lado. O fato de ter compreendido que a sua presença solitária não era suficiente nessa sociedade em que vivia para resolver suas questões sozinhas fez com que ela considerasse importante esse capital simbólico: a presença de um homem!

E ela acredita, ainda, que esse não é o ponto de vista dela, mas de toda a sua geração que valoriza o papel do homem em suas vidas. Para ela, o homem teve e tem ainda um papel de apoio, mesmo na velhice. E questiona que a geração mais nova, a de seus filhos, pensa que só eles precisam de um relacionamento. Nesse processo de envelhecimento, porém, que identifica como sendo um momento de muitas perdas, ela se acha muito sozinha, principalmente por não ter o apoio dos filhos.

A presença do homem é necessária em toda a sua vida, e diz que, desde cedo, aprendeu a não arranjar confusão porque não tinha o pai para protegê-la. Assim afirma:

Eu acho que estou do mesmo jeito. O que eu sempre priorizei num relacionamento? Eu nunca bato de frente com ele, eu cedo aprendi que, sabe qualquer coisinha eu acho que pode gerar grande confusão. Se eu fizer uma confusão, fica mais difícil de me defender. Fui criada assim, sem pai, minha mãe me dizia: 'Você não tem pai, não arranje confusão!' Aí a gente vai...minha personalidade foi em cima disso! Mas todas somos assim! [...] Fiquei pensando, como vou entrar num carro sozinha? Até o limpador de vidro no sinal, se eu disser que não quero que limpe o vidro, ele limpa. Se for ele [o homem] que diz, não limpa. Por isso que eu valorizo, pode até ser uma grande besteira. Eu peguei um homem que até que não é muito ruim! Por ele eu nem cozinharía dia de sábado, mas cozinho pelos meus filhos. [...] Eu acho que nunca mais vai ter uma geração como a nossa em todos os

aspectos. Porque nós somos guerreiras, que não se envergonham de ir dançar, de resolver as coisas, tomar decisões, estudar, pois tem amigas minhas que estão estudando de novo, dirigindo. Quando uma mulher de 60 anos há quarenta anos atrás ia dirigir? Era uma ou outra, mas a maioria era só em casa.

[...] Não tem quem tire da minha cabeça que você estando com um homem não seja diferente. Até para fazer uma compra, o homem pode até não pagar. Você vai numa oficina, você chama um homem pra fazer um serviço em sua casa, tendo um marido é tudo diferente. É tudo diferente! Nós, mulheres, a gente avançou demais, mas ainda tem esse aspecto aí que eu sinto que toda mulher precisa de um homem!

Ana Maria internalizou um padrão de moralidade que regulava a relação entre os sexos: bom para a mulher é não arranjar confusão, principalmente se não tiver um homem para ajuda-la a resolver! Quando criança, não tinha o pai para defendê-la. Assim ela escreveu sua trajetória afetiva baseada em valores morais que define culturalmente o que se esperava de uma mulher; e que havia uma dominação masculina endógena a regular as relações sociais e sexuais. As mulheres não foram ensinadas desde cedo a buscar a sua independência, mas a procurar o homem certo para depender! Talvez por isso, muitas ainda estejam confusas com os novos ideais de independência que soberrondam seu envelhecimento.

Embora parte das mulheres que hoje protagonizem um “novo envelhecimento” parece diferir do que diz essa interlocutora. Desde o início lembro-me de que essa mulher é um devir, portanto está inserida em um processo de rupturas e continuidades. O que diz uma, às vezes é completamente diferente da outra, porquanto suas trajetórias são diversas também.

Convém reafirmar a discussão feita no capítulo 2, e ratificar que as minhas interlocutoras estão circunscritas a pertença de grupo específico, qual seja, mulheres nordestinas, nascidas no Ceará, historicamente vinculado a padrões e modos sexistas de encarar seu espaço no mundo. Isso é atordoante, pois requer o olhar atento a uma série de marcas que essas mulheres carregam ao longo de séculos. Escolher Ana Maria para retratar esse foco é desnudar as marcas que trazem consigo, internalizadas em forma de seu discurso conservador, mas que retrata sua trajetória de mulher, nordestina, advinda do interior cearense e aprendendo, desde muito cedo, o que isso significava.

Nesse período em que Ana, e tantas outras Marias, ainda eram jovens, era necessário adotar códigos de convivência entre os sexos. Para namorar, as meninas tinham que observar regras bem delimitadas. Não podiam fazer sexo antes

do casamento, contudo, sempre houve rupturas nessa geração e em outras⁵³. Corria-se o risco de ficar falada, podendo ser chamada de danada, ou mesmo “louca”, já que o normal seria acatar as determinações. Mas, ainda assim, corria-se o risco!

Ana Maria namorou vários rapazes com os quais manteve relações sexuais, mas o preço foi nunca ter casado. “Arranjou”, como assim disse, um homem que a trouxe para Fortaleza, montando casa para ela, e com o qual teve dois filhos, mas que era casado e tinha uma outra família. Esse homem, ela o trata como verdadeiro marido, mas a família sempre teve certo preconceito pelo modo como saiu atropelando as convenções sociais. Ainda mais aquela menina que desde cedo perdeu o pai, sendo criada por um irmão que exerceu sobre ela uma educação muito rígida! Difíceis tempos aqueles, que não podiam confidenciar suas transgressões nem para as melhores amigas! Mas agora, tomando o devido afastamento daquele tempo, falam sim! E acredita que nunca haverá uma geração como a sua! E essa geração retrata o protagonismo de envelhecer diferente. Permitem-se continuar buscando novos relacionamentos, ainda que não tenham mais que se confrontar com a opinião de maridos mas com a dos próprios filhos.

Porque vai acabar a vontade de ter vida afetiva que é isso aí que bota a gente pra frente? Se tiver nessa idade e não tiver uma pessoa, vai entrar em depressão. Não tem mais estímulo nenhum, nem pra se arrumar. Eu sempre achei que merecia uma pesquisa sobre isso! Há 40 anos atrás uma pessoa de 60 anos estava com os peitos lá nos pés, buchão, com o cabelo feito um cocó. Foi uma mudança muito rápida. Mas aqui tem um preconceito muito grande em cima da gente. Eles chamam as “raparigas”, porque pensam que a gente vai lá atrás de homem. Até homem mesmo que vem se enxerir pra gente, eles pensam que a gente vai ali atrás de homem. Não, de jeito nenhum! Tem aquelas que vão mas tem outras que tem todo respeito.

[...](O namoro) é para poder ficar viva, minha filha. Outro lado que você precisa mostrar é que só porque vamos pra essas danças se trouxer um amigo, ou arranjar namorado, isso cria uma situação! É outro ponto que a gente tem que enfrentar. A família não aceita, acha que o homem vem só pra poder tomar o dinheiro. Os filhos acham que o homem só se encosta. Realmente se você não tiver cuidado tem muito homem que se encosta em idosa para poder tomar as coisas. Porque sabe que a idosa é velha, carente, e a pessoa dá mesmo o que ele pede.

⁵³ Del Priore (2013) afirma que, ainda no século XIX, com toda a moral rígida da época, as mulheres brasileiras sempre deram um jeito de fazer o que bem entendessem. Desde os comportamentos mais arrojados de mulheres mais velhas que namoravam jovens que se passavam por “afilhados”, bem como as espertezas que algumas tinham de manter relações discretas. Assim, “por trás da dominação masculina, muitas faziam o que queriam.” (P.51)

Eu tenho um que passei 8 anos com ele aqui, mas por conta das brigas dos meninos (filhos), ele foi embora. Agora nós estamos namorando via ponte aérea. Nas datas importantes ele vem ou eu vou. Porque estando com filho dentro de casa e botar um homem é dose! Outra coisa, um homem dizia: 'Você tá pensando o quê, que essas mulheres vivem sem dançarino? Elas pagam 100 reais para dançar a noite toda e 150 para poder dormir com ela.' Na casa delas. (ANA MARIA, 64).

Os filhos são contra as iniciativas de suas mães de buscarem novos relacionamentos. Isso foi recorrente entre as mulheres. Por isso, muitas delas usam o argumento da dança para que sejam “liberadas” pela família para saírem. Esse recurso recebe aval dos próprios médicos que recomendam como se fosse um tratamento de rejuvenescimento. Cheguei mesmo a conhecer mulheres de idade bem avançada cujos filhos pagavam o dançarino para acompanhá-las às ditas festas da terceira idade. Os filhos pensam que as mães podem dispor de seus bens em favor de homens, que só querem se aproveitar delas. Na verdade, porém, alguns adotam esse comportamento por acharem que a vida das mães não merece tanto investimento financeiro quanto às suas próprias e que, no lugar de gastarem dinheiro consigo mesmas, deveriam investir neles⁵⁴.

Parte dos contatos iniciais são feitos também pela internet, nas redes sociais. Isso denota serem pessoas que têm absorvido com destreza o desenvolvimento de novas tecnologias como uso de computadores, telefones celulares etc. Conceição diz: “Eu acho que o *facebook* (FB) é muito importante! Se eu tinha 10, 15 amigas antes do FB, agora eu tenho 300.” E revela que, quando vai a uma festa à noite, durante o dia já sonda com os amigos quais são aqueles que irão, os colegas que podem ser parceiros de danças e combina as saídas.

Também utilizam esse meio para paqueras e namoros *on line*, ou como dizem: “namoros só na ficção!” Assim é relatado:

E, hoje, na internet, arranjo muito mais paquera do que minhas filhas. Nas redes sociais, você interage pelo *facebook*, *twitter*, precisa ver. Agora precisa diferenciar os interesseiros! Eu sou assediada, mas é aquela coisa comportamental, de atitude. Logicamente os homens são todos uns burrinhos. Olha, o homem, pode ser o mais inteligente, o mais culto, quando chega perto de uma mulher, a mais periguetete do mundo, a mais analfabeta bota ele no bolso! A mulher entra no FB e só fala em bebida: 'vai beber aonde?' Aí eu vou interagindo, falando de política, de tudo o que acontece no

⁵⁴ No Filme *Elza e Fred*, acontece algo semelhante. Ao tornar-se viúvo, Fred muda-se para um pequeno apartamento para idosos na Espanha. E a filha única pede o dinheiro de suas economias para que o genro abra um *cybercafé*. O começo do namoro com Elza o fez mudar de opinião e no lugar de facilitar o empréstimo, preferiu utilizar o dinheiro numa viagem romântica a dois para Itália.

mundo, dando pitaco. Aí eles dizem: 'Ah, essa mulher é cabeça'. Faz a diferença, não faz? Elas (as mais jovens) só conversam besteiras, baboseiras, até espantam os "analfas". (ZULEICA, 63).

Interessante é a representação que Zuleica faz dos homens como aqueles facilmente manipulados, que esquecem qualquer racionalidade quando estão na presença de uma mulher. E esta é apontada como aquela que é manipuladora, articulada, e que ela, ainda assim, tem mais vantagens do que as mais jovens, pois tem como tática de paquera mostrar seus interesses políticos e intelectuais. Para ela, e também outras, o grande diferencial que possuem é o acúmulo de experiências e conhecimentos. Ouvi de uma que o namorado mais novo "de uma amiga" disse que não trocava ela por uma de 20, pois com ela fazia era doutorado.

Considero relevante também a questão da pertença de classe, por isso enfatizei durante as entrevistas: o que hoje não tem mais relevância nos novos relacionamentos? Ana Maria chamou minha atenção para uma de suas amigas que não queria namorar um rapaz de 40 anos, mais novo 20 anos do que ela, pelo fato de ter descoberto que era taxista. Disse que ele ficaria na "reserva", ou como escrevi anteriormente, "ficaria de molho". Com a insistência dele, ela resolveu dar uma chance e encantou-se pelos seus dotes sexuais. Todas as mulheres entrevistadas falavam, enfaticamente, de ex-maridos que tinham ótimas condições financeiras e sempre quis saber se isso era ainda importante hoje. O relato é que elas não valorizam tanto quanto antes a necessidade de os novos namorados pertencerem ao mesmo nível social delas. Segundo Ana Maria: *"Hoje vale tudo. Temos que aproveitar o agora!"*

Na hora de dançar, elas aceitam um rapaz de classe social inferior e pagam não apenas a dança, mas a bebida e a comida. Costumam dizer que "eles comem muito" e que aproveitam para se "escorar"(sic), seja por um prato de comida, para "pagar suas entradas, bebidas, e até há os mais velhos que lhe pedem que comprem suas dentaduras"- disse Ana Maria. Em seus relatos, também ouvi certo temor de relacionamentos, pois, como possuem ótima condição financeira, temem que os homens se aproximem delas por interesse, para explorar. Elas conheciam histórias de mulheres que foram enganadas por homens, que lhe pediam dinheiro ou cheques emprestados.

A maioria que vai dançar não está preocupada com namorado, até porque não tem! Os *véi* [sic] que vão são tudo pobre demais e liso, que querem se dependurar pra ganhar até entrada. Tem homem que vai só pra ganhar entrada, para se dependurar, fingindo que tão querendo as velhas, quer é se encostar pra querer dentadura, roupa, remédio. Tem aquela parte da exploração porque aquelas velhas que tão lá tem muitas delas que tem grana. Tem uma que é bem velha que já tem...ela chama os dançarinos de namorado. Um dia, eu não sabia que era namorado, aí eu perguntei: mulher o teu dançarino nem veio hoje”. Aí ela disse: ‘meu dançarino não meu namorado!’ Eu disse: ‘mulher tu bota uísque?’ E ela: ‘É, eu boto uísque, eu dou roupa, eu que sustento ele’. Eu digo: ‘E tu não acha ruim não?’ Aí ela: ‘Eu não que eu tenho meu dinheiro e não tenho a quem dar. Quando eu morrer, eu não vou levar’. Deve ter uns trinta anos de diferença. (ANA MARIA, 64)

Os homens que casaram com elas ajudaram a custear seus gastos, e hoje, muitas delas não se importam em pagar as entradas de festas, roupas e carros para os namorados. Nenhuma confessou sustentar o companheiro, sempre se referiram que quem tinha esse procedimento era alguma amiga. É interessante, no entanto, a denegação desse tipo de relacionamento pós-60 baseado em interesse financeiro para si mesmas. O modo como falam desses relacionamentos depois dos 60, quando associados a dinheiro, é sempre o caso de uma amiga:

Tem caso de mulher que tem dançarino fixo, que o dançarino leva o carro dela, o dançarino toma dinheiro emprestado. Porque não vai um homem novo namorar com uma velha só pra olhar pra ela...Elas pagam caro porque elas ficam exclusivas e sabem que eles não vão fazer safadeza com elas. Até certo ponto, não é? Porque eles são capazes de pedir os carros pra ir pra casa. Uma me disse que deu foi um carro a ele(dançarino) pra poder ir buscar ela dia de domingo e depois deixar em casa. Tem 82 anos essa mulher e ele bem novinho e eu penso um rapaz desse podendo tá arranjando uma namorada bem novinha tá agarrado com aquela. (ANA MARIA, 64).

Eu sempre me pergunto se aquilo vai ser bom pra elas (pagar). Se esse tipo de troca, se depois de um bom período se não vai ter uma frustração. Elas dizem que não, não deu certo não deu certo, vão fazer de outra maneira, não vai ficar sem sexo, não vai se masturbar, porque não tá querendo. Eu me pergunto: e depois, será que ela nunca vai ter a frustração de tá pagando uma pessoa, se paga pra dançar, paga pra acompanhar.

Várias tem *personal dancer*, várias tem esses casos com garotos de programa. Eu tenho várias amigas de dentro da Universidade, casadas inclusive, casadas, que vão buscar esse tipo de situação. Não censuro de nenhuma forma, coloco a questão pra elas, mas elas dizem que não, que isso faz parte, e dizem: ‘Eu não estou querendo que ele me ame não, não estou querendo que ele vá morar comigo não!’ Será que você não está jogando uma situação lá para seu inconsciente e que no dia que se sentir roubada no sentido figurado não vai sofrer muito? Porque os anos vão passando, você vai ficando velha.

Lá no meu prédio tem uma senhora de setenta anos que tem um namorado de 20 anos. Não pode, não faz sentido! São casos raríssimos, se existir. Mas ela já falou comigo: 'O que você acha disso?' Eu disse: 'O que você acha?' E ela disse: 'Muito bom, mas eu não tenho expectativa nenhuma.' Será? No fundo, no íntimo, não fere? Porque no fundo, no fundo, todo ser humano quer ser amado, isso aí é muito artificial. Eu não gosto nem de contratar um *personal dance*, não me sinto bem. Quando vejo as meninas dançando no Center Um, eu acho quilo tão fora de propósito, é como se afetividade não estivesse ali. Não sei se rola algum tipo de afetividade. Vira um comércio.

Em São Paulo eu tenho uma prima que paga um cara para acompanhá-la nas compras do *shopping*. Ele acompanha, segura a sacola, dá a opinião, lancha e vai embora. Será que ela precisa mesmo disso? Será que uma amiga ou mesmo um amigo não resolveria? É uma relação muito artificial. Eu tenho medo que elas estejam buscando uma compensação que não vai acontecer, que vai ser sempre uma frustração. Se vier, um colega me tirar pra dançar, eu acho ótimo, mais natural, se eu não dançar eu também acho natural. (VERA, 68).

Nunca me detive sobre se elas falavam mesmo de amigas ou de si mesmas, pois acho o fato irrelevante. Interessa é que conseguem mostrar, por meio do outro, como são os novos relacionamentos adquiridos pós-60 anos. Na ordem da discursividade, aparece o argumento de que a mulher que paga - ou seja, aquela que troca afetos por pequenos ou grandes pagamentos para a pessoa que acompanha – sabe manter um distanciamento emocional, não ter expectativas de morar junto ou casar. Não há mais a ingenuidade da mocinha que baseava o namoro no amor romântico, no interesse afetivo; mas acham que precisam ter uma pessoa nem que seja para acompanhá-las a um passeio, ajudar a dar opiniões em suas compras e segurar sacolas. Há presente, nesse discurso, a relevância de ter um homem ao seu lado mais uma vez.

Tem uma velhinha que tem 80 anos e passou 4 anos com um dançarino. Os dançarinos começam a dançar e elas se apegam. Então ela começou a namorar. Quando foi um dia desses a vi e disse: "Senhora, cadê seu dançarino?" Ela respondeu assim: "Dançarino não, namorado! Ele tava com safadeza, eu vi... quando eu saía mais cedo, e ele ficava." Ela disse que ele dormia lá e que fazia tudo por ele, dava-lhe roupas, sapatos, tudo. Só que as roupas eram lá na casa dela, ele só vestia quando ia lá e saía com ela. Não era toda noite que ele dormia. Ela disse que as roupas estão todas lá, e que não entrega para ele. (ANA MARIA, 64).

Esse jogo sentimental reflete interesses de ambos os lados: ora se mostram e ora se escondem os reais sentimentos que um têm em relação ao outro. A mulher sabe, entretanto, o que quer e ela assumiu determinado *status* que pode,

como disse uma delas, “se dar ao luxo” de assinar um cheque para ter um namorado.

Alves (2004)⁵⁵ afirma que o vínculo econômico, que se constitui entre dançarina e dançarino, simboliza uma ruptura com a crença de que o baile é uma atividade lúdica por excelência. Em seu estudo, afirma que uma das acusações feitas sobre as atividades dos dançarinos é que seria similar a uma relação de prostituição. Daí, até mesmo por conta da diferença de classe entre as mulheres que pagam e os dançarinos, exige-se que eles que ajam com naturalidade, como se fossem cavalheiros.

Não foi à toa que Zuleica assim me narrou um episódio acontecido em um determinado baile da Cidade:

[...] O clube é o Círculo Militar. Não que eu goste, eu nem danço. Mas a minha amiga quer companhia. Vou mais para ouvir musica sábado à noite. Para quem dança é ótimo, mas eu fico só sentada. Engraçado eu estava lá semana passada, chegou um menino, sabe aquela coisa do filme *Crepúsculo*, aqueles cabelos tudo arrepiado, cheio de *piercings* e tudo, bonitinho, camisinha xadrez, todo assim...e disse “vamos dançar?” Eu disse: ‘nem sei dançar direito’. Aí para tirar um sarro, sou altamente cômica mesmo, eu disse ‘gente, vou sair aqui com meu professor.’ Aí o menino disse é pago. E eu disse: ‘tu que vai me pagar?’ Aí eu fui dançar. Aí ele disse assim: ‘já passa a primeira’. Depois disse: ‘estamos na segunda dança’. Aí eu disse: ‘o que isso quer dizer?’ Ele disse: ‘quer dizer que você já está me devendo 3 reais.’ Aí eu disse ‘Tu vai ficar rico em cara! Tu mora aonde?’ Contando todo tempo... (Risos) Aí eu disse menino, “tu vai ficar rico”. O menino só tinha o segundo grau né, então perguntei se ele não queria fazer uma faculdade. E ele disse que ‘não, eu gostei muito disso aqui’. Eu disse: ‘Então rapaz aumenta o preço dessa dança que tá muito barato, não vai enricar nunca.’1,50 cada música. (Risos).

Embora não me detenha na tese sobre a relação social entre mulheres que pagam e seus dançarinos, não me furto de completo a destacar esse ponto, discretamente abordado por algumas entrevistadas. Fica evidente que os dançarinos, a quem elas pagam, são bastante jovens, sem escolaridade universitária e pertencem às classes populares; diferentemente das mulheres que pagam, que provêm das camadas médias e alta da sociedade cearense. Alves (2004) diz que esse é considerado um motivo de degradação para elas. A autora detém seu olhar sobre essas questões e afirma: “Embora não se diga explicitamente, o que mais incomoda não é o pagamento, mas o fato de que são as mulheres quem pagam e,

⁵⁵ Andréa Moraes Alves, em sua tese *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*, propõe-se a estudar os bailes da terceira idade no Rio de Janeiro e as relações sociais aí constituídas.

mais ainda, são as mulheres velhas que pagam.”(P. 60) Acredito, também, que esse é o ponto que mais reflete o preconceito contra as mulheres que pagam. Daí a vergonha de algumas não mencionarem que também pagam.

Para não ficarem sozinhas, algumas aceitam tudo, segundo elas. Os homens velhos nem precisam se cuidar, pois de qualquer jeito tem quem os queira. Já a mulher, constantemente, se preocupa com a aparência e aquelas que não se sujeitam a essas relações baseadas no dinheiro, muitas vezes, permanecem sozinhas no seu envelhecimento. Segundo elas, um dos motivos é que os homens de sua faixa etária só querem mulheres bem mais jovens.

Há escassez de homens. Como a mulher se deu demais, se mostrou demais, perdeu muito o valor. Mas hoje há uma hierarquia. Hoje em dia você não vai discriminar a pessoa porque ela é negra ou não sei o quê. Mas você hoje, se for uma mulher branca, bonita, alinhada, anda com um malamanhado. Não tem opção, porque se ela tivesse opção de escolher, ela escolheria uma pessoa do nível dela, ela ia ter um catatau de itens para eliminar.

Se uma jovem não tem opção, imagina você encontrar um homem mais velho que queira se relacionar com uma mulher mais velha... Isso é um caso raro, minha filha. Não existe não! O homem quanto mais velho mais quer uma pessoa mais jovem. Embora ele saiba que paga um preço altíssimo. (ZULEICA, 63).

Esse discurso foi bastante recorrente entre as mulheres, quando abordavam a solidão do envelhecimento. Diziam ter dificuldades em namorar uma pessoa da sua idade, porque os homens mais velhos, como são elas, procuram pessoas com a metade de suas idades.

Estava sentada na lanchonete da Distrivídeo da Avenida Antônio Sales, por volta das 10h da manhã, quando fui abordada por uma senhora que inicialmente falava sobre filmes. Conversamos bastante! Ao saber que eu fazia uma tese sobre envelhecimento, a senhora diz para mim: “Primeira coisa, não há homens interessados em mulheres da minha idade! Não é nem que eu não queira é porque não tem! Um amigo do meu irmão tem 54 anos e vai casar pela quarta vez. É médico. A primeira, a segunda e terceira mulher, cada uma era mais nova. Agora essa tem 22 anos e é dentista! Veja bem, a moça é formada!”

Havia outra mulher que estava sentada à mesa ao lado e entrou na conversa, se identificou como Joana, e disse ser professora universitária. Diz ter assistido ao programa da Ana Maria Braga, na Rede Globo e que tinha um homem de 55 anos que procurava uma mulher para casar, relacionamento sério. Ele era rico

e a única condição que colocava era que a mulher tivesse entre 20 e 30 anos e fosse magra. Começamos a rir porque eu mesma seria reprovada pelos dois critérios!

Então a primeira retoma sua conversa dizendo que os homens só querem mulheres jovens, jamais querem uma mulher da mesma idade que eles. Joana assegura que: “Não existe esse negócio de não querer saber de homem não. Eu quando me separei tinha vontade de fazer mestrado e doutorado e fiz o primeiro da UFRJ. Fomos uma turma e no meio desse grupo tinha um rapaz de 17 anos, mais jovem que eu e comecei a namorá-lo!”

Ela disse que a confissão dele que estava interessado nela, a assustou, pois jamais tinha imaginado e sabia que esse relacionamento não teria futuro. Resolveu dar uma chance e foi muito bom! – revela. Hoje não está mais com ele. “Estou com um *namorado* como costume dizer. Eu o conheci já com meus 4 filhos e ele com os 4 dele. Estou muito feliz! Ele é mais velho, tem sessenta e poucos. E estou apaixonadíssima!”

Saídos do diário de campo, estas “conversas” aparentemente desinteressadas revelam bastante a respeito do que pensam as mulheres cearenses sobre afetos e sexualidade. Nesses encontros inesperados elas falam sem reservas, talvez pelo fato de não conversarem com pessoas próximas, de sua convivialidade, que poderiam pôr freios em suas narrativas, tão ricas e reveladoras.

Lembro-me ainda que em uma das minhas primeiras entradas em campo que me surpreendi ao ver um homem de idade em torno de 70 anos com uma moça que teria no máximo 18 anos. Ao chegar com ela, no Flórida Bar, parecia portar um troféu. A menina estava em uma situação de desconforto evidente, rosto sério, sem jeito, e tentando se desfazer do abraço que ele dava por trás dela, enquanto o homem estava tranquilo e sem demonstrar qualquer irritação. Outra coisa que me chamou atenção o fato de que nenhuma das mulheres mais velhas ali presentes pareciam se surpreender. Não só em Fortaleza, mas em várias partes do mundo, essa relação do homem velho e a mulher jovem é muito mais bem aceita do que o inverso!

Houve, contudo, duas mulheres que narraram ter um ótimo relacionamento pós-60 com homens de suas idades e que esses não se baseiam mais em sentimentos de insegurança. Os homens que encontraram se afastam do

modelo que conheceram no passado e se ajustam mais às transformações exigidas nas novas relações entre homem e mulher:

Às vezes, ele sai com os amigos dele aí a gente combina e, ele larga os amigos e vai encontrar comigo. Se ele tiver um compromisso com os amigos dele, tudo bem, ele vai e depois vai se encontrar comigo. Não tem mais esses problemas de quando a gente é nova que a gente morre de ciúme do homem, né, hoje não tem mais. A gente sente segurança.

[...] Eu era muito possessiva, hoje a gente não é mais. A gente acha que cada um tem que ter a sua vida. Desde que seja dentro da moral. Tem mulher que não tem né (moral), mas eu fui criada assim e tenho minha moral e não vou fazer nada que abomine minha moral. Se eu tiver com vontade eu saio com minhas amigas, não tem problema nenhum.

[...] Ah, antigamente eu nem saia que o homem não deixava, eles queriam mandar na gente, a briga era por causa disso. Ninguém pode mandar em ninguém! Nem pai e mãe a gente não queria que mandasse na gente. Como é que uma pessoa que não tem nada a ver, não é seu sangue nem nada quer mandar? (ANGÉLICA, 60).

Também houve uma revelação bem interessante feita por Conceição, uma contraposição sobre a relação afetiva entre homens mais novos e mulheres de 60 ser baseada exclusivamente na troca monetária. Ela conta que namorou um rapaz mais jovem, que tinha a idade de seu filho. E ela diz que esses rapazes muitas vezes se apaixonam por elas, ao contrário do que as pessoas pensam sobre a relação ser sempre mediada pelo interesse. E diz

Eu já namorei um rapaz mais novo. Foi bom. Foram momentos muito bons e prazerosos. Aí chegou o momento que eu mesma disse: “Olha, tá bom, já chega, você agora vai procurar uma namoradinha para você casar e ter seus filhos.” [...] (tomou essa atitude) provavelmente porque eu não estava apaixonada por ele como ele por mim. Olha, as pessoas às vezes não acreditam, mas os rapazes - eu acho que como aconteceu comigo, acontece com muitas mulheres – eles às vezes se apaixonam mesmo por uma mulher mais madura, acho que pela experiência da gente, pela segurança com que a gente decide as coisas. Não tem aquela coisa, de “ah, você olhou pra quem, onde você estava?” Essas besteiradas! Então, eu só fico com uma pessoa enquanto estou muito apaixonada, quando começo a ver que a coisa está esfriando, eu procuro outro lugar. Se eu fosse homem eu seria terrível. Eu sempre digo, se eu tivesse nascido homem, com voz boa e tocasse violão ninguém me aguentava.

É importante referenciar esse ponto de vista, uma vez que existe também esse relato em que os homens mais jovens têm interesse e se apaixonam pelas mulheres mais velhas, por elas serem mais leves, sem cobranças e que aprendem muito com elas. Os encontros são alegres e vivem o momento sem pensar em contas a pagar, filhos para levar ao colégio, enfim, sem responsabilidades! Esse é um aspecto bastante compreensível:

Num relacionamento de um rapaz com uma mulher que já está com a vida resolvida, que não vai ficar cobrando dele: 'resolva isso, pague minhas contas', quer dizer, eles vão viver só momentos prazerosos! Quando se encontram é pra dançar, pra beber, comer pizza, jantar, ir à praia. Diferente da mulher que tá em casa que vai só cobrar dele, quando a gente tá casada é isso que acontece. (CONCEIÇÃO, 65) .

O que elas procuram hoje em um relacionamento? Os motivos são diferentes de outros momentos de sua trajetória. Hoje, elas dizem o que é preciso ter um homem para que elas queiram namorá-los:

Hoje em dia isso não tem a menor importância, a questão da fidelidade ou dele sentir atração física por outra mulher. Mais importantes hoje são as afinidades mesmo, sabe. Carinho, consideração que a pessoa tem comigo, o companheirismo, aquela coisa assim que me faça feliz! Se quando ele não tiver perto de mim ele se envolve lá com uma pessoa, teve uma atração que eu nem fiquei sabendo...No dia que eu ficar sabendo também fica por isso mesmo. [...] Enfim, o todo. Tem que ser uma pessoa que goste das mesmas coisas que eu gosto, que entenda o que eu tô falando, uma pessoa de preferência bem informada. Não significa que tenha uma formatura, não! Mas tem que ser uma pessoa bem informada, que tenha uma conversa agradável, que discuta comigo o que tá acontecendo no mundo, porque a pessoa não passa 24 horas na cama né?![...] EU já me relacionei com um rapaz bem mais jovem que eu, com idade para ser meu filho, mas assim de uma cabeça extraordinária, a mil, que fala de tudo, da Nasa, de religião, do esporte de tudo. Não importaria se ele fosse bem pobrezinho, mas se ele fosse bem pobrezinha ele não teria essas qualidades que estou lhe dizendo. (CONCEIÇÃO, 65).

O companheirismo foi a primeira característica, que todas aquelas que procuram um novo relacionamento apontaram como preponderante! Refletir sobre isso requer pensar os relacionamentos anteriores, pois, embora casadas, elas não tinham maridos parceiros, que as acompanhassem a passeios, que as libertassem das amarras dos casamentos, pelo contrário. Ser companheiro é imprescindível para as mulheres que desejam um novo relacionamento.

O próprio homem não sente essa falta (do companheirismo). É uma coisa que é intrinsecamente feminina, a busca de companheirismo. É da própria mulher. Ela é muito mais seletiva que o homem. O homem seleciona o quê? É difícil de encontrar. O homem só quer saber de uma coisa da mulher: sexo e mais nada. Primeiro, a maioria dos homens não tem diálogo. Mulher gosta de conversar. Por que a mulher é tão ironizada por falar demais? Mulher gosta de conversar e homem não gosta. Sabe por que eu não vou para o Flórida Bar?! Porque eu fico deprimida! (silêncio) Olha, você vai pra qualquer lugar hoje, encontra todas as gerações, você encontra homens mais velhos com mulheres mais novas. (ZULEIKA, 63) .

Para mim o importante sempre é o companheirismo, a delicadeza. Eu era tratada (pelo ex-namorado) como uma princesa e isso para mim valia muito, eu me afeiçoava demais. (ISABEL, 62).

Não, hoje o sexo não tem um papel importante! Antes era, hoje não. Já esteve em primeiro lugar, depois vinha outras coisas. O mais importante hoje é o companheirismo, mesmos interesses, gosto muito de ler...Esse item(sexo) foi parece que eliminado. (VERÔNICA, 65).

A diferenciação entre os gêneros é constantemente enfatizada no discurso feminino. O companheirismo é uma marca dessa diferença. As mulheres procuram se relacionar com pessoas parecidas consigo e que compartilhem os gostos. Hoje o companheirismo é o que priorizam ao encontrar um homem. Na velhice elas precisam de uma pessoa que compartilhe um jeito de ser e viver, que acompanhe seus passos. E, talvez, o sexo nem tenha desaparecido das suas prioridades, mas é que esse outro fator ocupa tal papel no envelhecimento que estrutura toda a lógica do relacionamento pós-60 anos.

O companheirismo, para elas, exerce função deveras importante para começar um novo relacionamento. Arrisco dizer que essa característica é desejada por todas as mulheres e não só por aquelas de 60 anos. Conversando com uma mulher de 50 anos, ela me disse que o motivo que a levou a separar-se de seu último marido não foi nem pelo sexo, que já não era tão bom. Se fosse isso apenas, ela teria até continuado com ele, mas foi a ausência de companheirismo. Guardei isso por anos. Vez por outra, me lembrava dessas palavras e do que elas significavam. Aquele que é companheiro acompanha na vida, faz parte dela. Parece-me que só o sexo não segura uma mulher nos dias de hoje.

Esse fenômeno da busca preeminente de um companheiro não me parece tão enigmático, embora nas sociedades mais conservadoras as mulheres acreditem que é importante ter um homem para lhes dar *status*, além dos vários motivos já expressos por elas sobre a dificuldade de namorar em razão da escassez de homens mais velhos interessados em mulheres de sua idade, dentre outros fatores. Nesse sentido, Goldenberg (2008) revela a existência de um novo tipo de capital, o *capital marital*:

Ter um marido é um verdadeiro capital para a mulher brasileira. As pesquisadas sentem-se duplamente poderosas, pois além de terem um marido, acreditam que são mais fortes, independentes e interessantes do que ele (mesmo quando ele ganha muito mais do que elas). Em um mercado em que os homens são escassos, principalmente entre a faixa etária pesquisada, as casadas sentem-se poderosas por terem um objeto

raro e extremamente valorizado pelas mulheres brasileiras, e também por se sentirem superiores e imprescindíveis para os seus maridos. (P.40).

Elas acham importante ter uma pessoa para compartilhar os segredos da maturidade, vivenciando com ela as descobertas de um novo tempo; mas há espaço inclusive para o discurso que naturaliza as relações de gênero, constituído por papéis historicamente estabelecidos e que ainda organizam o discurso de algumas mulheres.

5.3 “*Eu não quero mais saber de homem*”: a inteligibilidade da emoção.

Existe também um contraposição ao discurso anteriormente retratado. As mulheres entrevistadas que afirmam que “não querem mais saber de homens” (sic). Ante a inserção cultural dessas mulheres, apontei anteriormente os aspectos do comportamento que era exigido delas desde a juventude. Algumas, que vivenciaram longos relacionamentos com homens e após os 60 anos estão sozinhas, afirmaram que não querem mais homens em suas vidas. Giddens (1993) revela uma pesquisa⁵⁶ feita com 20 estadunidenses nos anos 80 e diz:

Para elas, o casamento era o cerne da experiência na vida de uma mulher – embora muitas tenham tido retrospectivamente de reconstruir o seu passado, porque quando se casaram o casamento era muito diferente do que é agora. (P. 64).

Hoje, o casamento não estrutura mais as suas vidas. Há tempos, as mulheres de classe média passaram claramente a valorizar suas formações profissionais e trabalhos como estruturantes para suas vidas. Muitas dessas mulheres casaram muito jovens. Elas viam o casamento como uma forma de se livrarem do rigor da educação paterna e adquirir maior liberdade. Não foi, entretanto, o que aconteceu. Elas fugiram do controle dos pais, mas passaram a ser dominadas pelos maridos. Assim, segundo relataram, não desejam mais ter qualquer relacionamento com o sexo oposto.

Essas que dizem “não quero mais saber de homem”(sic) revelam uma ruptura com aquele padrão no qual, para a mulher, ter um homem é algo

⁵⁶ Trata-se de uma pesquisa feita por Emily Hancock com 20 mulheres entre 30 e 75 anos.

fundamental para dar sentido às suas vidas. Os casamentos serviram, além de outras coisas, para tolher-lhes a liberdade, dar satisfações do que iam fazer e exigir comportamentos submissos ao homem. Elas não querem mais isso! Talvez ao dizer essa frase, porém, elas queiram revelar mais é que não querem esse homem no molde do que tiveram como marido, não o querem dentro de casa, nem lhes dando ordens. Acredito, porém, que talvez fosse possível um relacionamento se houvesse um “novo homem” com quem constituíssem um relacionamento mais igualitário, aberto, sem precisar que se “anulassem” em favor deles, mas que eles fossem mais companheiros e menos maridos. O lugar que eles ocupariam em suas vidas, evidentemente, seria outro; contudo, ainda não tiveram esse encontro com os homens de sua geração; preferem denegar esse tipo de sentimento.

Le Breton (2009) afirma que o indivíduo, em suas relações, está constantemente sob influência dos acontecimentos e sendo por eles influenciado. A “razão” e a “emoção” não se opõem, mas inscrevem-se nas lógicas pessoais. Portanto, as decisões mais racionadas e frias envolvem a afetividade, embasando-se em valores e expectativas. O indivíduo consegue racionalizar a sua afetividade quando ela a prejudica. Essas mulheres adotaram uma inteligibilidade na emoção. Ao decretarem que não querem mais saber de homem, isso carrega uma indicação de que alguns fatos ocorridos as levaram a denegar esse tipo de relação. A racionalidade as leva a conduzir essa afetividade com bastante cautela.

Kehl (2011), na crônica *O que os homens querem da mulher?*, acentua que as mulheres de hoje, de mais de 40 anos, não querem mais saber de casar, e argumenta de modo contundente que, depois da criação dos filhos e de alguns casamentos, preferem não casar mais, simplesmente, porque não precisam mais disso.

As mulheres que já se casaram algumas vezes podem ter desistido do casamento porque este existe até hoje para tornar confortável a vida – dos homens. Separados, eles procuram imediatamente uma mulher que substitua a primeira, enquanto elas parecem não ter pressa nenhuma de voltar ao estado civil anterior. Isso não quer dizer que tenham desistido de amar. Pode ser que estejam a procura de outras coisas, além das que o casamento proporciona. Aliás, é nessa hora, quando uma mulher não se contenta mais com o que seu homem lhe oferece, que ele a acusa de não saber o que ele quer. (P. 29).

Isso é esclarecedor no que concerne à compreensão de um novo modo de viver das mulheres. Ela ainda diz que filhos, sim, elas querem ter, mas já cresceram e o que elas querem agora? A autora responde: querem viver “tudo o que

não puderam viver até então.” (KEHL, 2011, 29). E assemelha-se ao que tenho escutado, de um modo ou de outro, das mulheres de idade igual ou superior a 60 anos. Elas querem algo mais do que um casamento pode oferecer. Essa experiência já foi vivida e, frustrante ou não, elas procuram bem mais. Desejam viajar por lugares desconhecidos, assistir a peças e *shows* novos, viver a vida diferente de tudo o que já foi feito. A pergunta que finalmente faz essa autora é: por que os homens querem tão pouco? E demonstra que, nas filas de cinema, 60% são mulheres, em concertos, 70%, viagens, exposições de arte, segundo ela, são maioria. A presença é majoritária do público feminino.

De acordo com as minhas interlocutoras, esse é o foco de seus grandes interesses. Ao que os homens almejavam até pouco tempo era encontrar no bar um amigo para conversar de igual para igual; hoje, isso já está ao alcance delas. Apreciam esse novo lugar que ocupam que é o de fazer apenas o que tem interesse e vivem o pleno gozo de suas vontades. Concentram-se mais em si mesmas do que no outro, seja ele um parceiro ou um *namorado*.

Parece-me claro é que não querem mais o modelo que conheceram como maridos, noivos ou namorados. Aqueles que exigiam delas determinados comportamentos, obrigações que já foram exaustivamente cumpridas e que, ao chegarem à velhice, não querem mais para si. Elas buscam também um parceiro diferente, com novos valores e modos de encarar o que significa ser homem e ser mulher na velhice, que possam dividir os atributos diários e não acumular atividades em suas vidas. Não lhes interessa um companheiro para cuidar, fazer comida e ir a todos os seus programas sem resistência! Elas querem estabelecer igualdades de gênero, gozar dessa flexibilidade de vida que sempre esteve restrita ao domínio masculino.

Para essas mulheres que tiveram uma vida de trabalho e cuidados com a família, a velhice é sinônimo de liberdade. Elas revelam que não trocam essa liberdade por nada no mundo, e é proeminente diante de qualquer outro aspecto de sua vida afetiva. Goldenberg (2011), baseada em suas pesquisas sobre envelhecimento e gênero, conclui: “Muitos velhos mostram que a liberdade e a felicidade são conquistas só possíveis na vida madura. Daí a ideia de incorporar o tema da felicidade como um dos possíveis ganhos do envelhecimento.” (P.18).

Ao longo de suas trajetórias, estabeleceram uma carreira profissional, dedicaram-se à vida acadêmica e ainda tiveram filhos, portanto é possível compreender os motivos que as levam a viver o envelhecimento como o momento por excelência de usufruir da liberdade, mas essa jamais deveria torná-las suas escravas. É assim como foi recebida por mim uma frase de Mirian Goldenberg⁵⁷: “A liberdade não pode se tornar uma nova prisão, nem o prazer sexual deve se tornar uma nova obrigação para as mulheres.”

A liberdade deve ser cultivada como tal, no entanto, percebo que, no discurso das interlocutoras, ela chega a ser um bem, um capital inegociável. Em nome dela, as mulheres criam um muro intransponível, mesmo na busca de novos parceiros, o que para elas implicaria, necessariamente, a troca de liberdade por um relacionamento. Ser reticente nessa questão, provavelmente, aponta para uma memória afetiva de relacionamentos com homens tradicionais que as proibiam de fazer determinadas coisas ou lhes cerceavam a liberdade pessoal em nome do casamento. Verônica, ao falar que não quer mais se relacionar com homens na velhice, remete ao seu casamento como um espaço de tolhimento da liberdade

Sempre tive liberdade solteira, porque quis trabalhar desde cedo. Agora depois de casada foi diferente, ele era ciumento e tolhia a liberdade. Tinha um grupo de estudos lá em São Paulo e cada semana se reunia na casa de alguém. Quando eu saía e chegava, tinha uma tromba desse tamanho. Quando a gente se transferiu para cá, Fortaleza, parece que aumentou. Achei quando cheguei aqui, há 35 anos atrás, muito machismo. Acho que mudou muito hoje. Aqui tinha uma coisa de ser moça ou não ser moça. Parece que o ciúme ficou mais forte, não podia ir à praia de jeito nenhum porque (para ele) os homens daqui eram terríveis.

Esses foram os homens que as mulheres namoraram, casaram, e hoje estão separadas deles ou enviuvaram. A experiência que tiveram deixaram marcas, denotam perdas de um tempo em que eram mais jovens. Assim, a juventude é que foi para elas um tempo de perdas. A velhice é um tempo de ganhos, esses da liberdade de viajar, de passear, frequentar lugares antes impensáveis, pois a presença desses companheiros impedia a sua frequência a determinadas espaços sociais, a saber, cinemas, apresentações teatrais, *shows* etc.

⁵⁷ Essa referência foi retirada, com a autorização da autora, de sua página do *facebook*: Mirian Goldenberg/facebook.

No caso de Verônica, o marido, ao mudar-se para o Ceará, ficou ainda mais ciumento do que quando moravam em São Paulo. Ela entendeu isso, como um machismo muito grande encontrado aqui, reverberado nas conversas que ouvia que reproduziam os valores locais, a saber, a valorização da virgindade, de ser moça. Esses valores norteiam toda esta tese, e certamente atravessarão os discursos de todos os capítulos. Quem era moça era virtuosa, sabia resistir às tentações; quem não era ficava falada na sociedade cearense e recebia sanções sociais.

Os maridos preferiam assistir a futebol com os amigos, ir para churrascos e à praia. “Não sou mais obrigada a ir a churrasco que eu detesto, ou a praia que eu não tô afim” – dizia ainda Verônica sobre sua vida hoje. Enfatizo o fato de que esse modelo de casamento não lhes permitia ter as próprias vontades e desejos, tinham que viver à sombra dos maridos. Lembro-me que o que mais me chamou a atenção foi quando Verônica verbalizou a sua liberdade do seguinte modo:

Eu posso dizer que eu tenho uma vida, embora não saia tanto pras baladas, eu posso fazer várias coisas. Tem um livro legal, eu posso comprar, escolho filme que quero ver. Às vezes quando você está casada tem de assistir a tal coisa. Essa liberdade de viajar, decido que vou viajar e vou pra tal lugar.

Eu penso assim, domingo é aquele dia que dá preguiça de fazer almoço. As vezes ou eu vou pra cozinha, ou tem que sair pra almoçar fora. Aí penso “ai meu Deus, graças a Deus que não tenho ninguém para ter que pensar em comida. Levanto na hora que quiser. Vou à praia? Ah, não, não vou mais à praia. Já queimei tudo que tinha de queimar, manchei tudo que tinha de manchar. Vou a praia quando meus netos vem. Não sou mais obrigada a ir a churrasco que eu detesto ou a praia que eu não tô afim. Não sei se você lembra de um antigo restaurante japonês que tinha na beira mar chamado Hong Kong. Eu frequentava lá com minha família, e quando me separei continuei frequentando ainda. Aí a senhora dona de lá dizia, “você não casou ainda? Tem que casar! Como é que você vai ficar velha sozinha?” Então hoje eu penso no momento que esse aí (o filho) sair de casa, e a minha filha lá longe, talvez eu sinta falta. Mas não quero ninguém sabe, de repente vou ter que ser enfermeira de alguém, então, tá bom. (VERÔNICA, 65).

Verônica parece ter entrado numa zona de conforto, com relação a sua situação atual de mulher solteira e livre, da qual não sai por nada mais nesse mundo. Ela prefere ficar de pijama aos domingos, sem fazer nada e acordar quando quiser, sem obrigações. Nada a remove dali, nem mesmo a possibilidade de encontrar um parceiro que seja diferente desse modelo de homem que ela conheceu. Ela não acredita que possa vir a ter um relacionamento mais igualitário, no qual os deveres sejam repartidos. Ela é uma mulher muito bonita e jovem ainda e diz que não vai mais ter um relacionamento afetivo! Por que precisa ter? Lipovetsky

(2000) adverte para a ideia de que as visões tradicionais e as ideologias modernas se recusam a olhar a mulher como um indivíduo autônomo que vive para e por si mesma, que reforça a vinculação da identidade feminina e a vocação para o amor. Ela não sente necessidade de ninguém ao seu lado. Ao contrário, gosta de saber que não será tirada de seus domingos solitários, e se sente aliviada por não precisar fazer almoço para ninguém ou sair para almoçar. A possibilidade que em um dado momento parece abrir para novos relacionamentos é logo fechada ao pensar nas obrigações e que pode vir a ser uma enfermeira de algum homem velho.

A liberdade é mostrada como contraposição ao relacionamento, e foi assim evidenciado pelas entrevistadas:

A liberdade é importante, há o medo de sofrer, de ficar submissa aquela pessoa. A liberdade pra mim é tudo, porque eu tenho 66 anos mas meus sonhos não acabaram. A cada vez que consigo um sonho na minha vida vem outro sonho maior. A minha vida é dirigida e orientada por Deus e meus sonhos são muitos. Eu acho que a pessoa envelhece, não é na idade, é quando ela não sabe mais sonhar! (NELI, 69).

A liberdade é a razão da minha felicidade, a razão de eu ser feliz é me sentir livre hoje. (CONCEIÇÃO, 65).

Para elas, estar com um homem, hoje, seria se anular, porque foi assim a vida toda. São enfáticas ao revelarem “eu não quero mais saber de homem”(sic). Das nove entrevistadas, quatro disseram não ter mais interesse por homens. Há uma denegação dos afetos e dos novos relacionamentos. E assim dizem:

Não tenho, não é nem esperança de conhecer alguém, eu não tenho é esse querer. Não tenho esse desejo. Eu nunca saio com intenção de paquerar. Jamais! E não vejo mais no sexo oposto, que é meu interesse, nenhum atrativo. Acho importante você ter amigos homens que tem outra visão das coisas da vida, sinto falta de amigo homens para trocar ideias. E tive alguns, geralmente gays, achava legal. (VERÔNICA, 65).

Eu me sinto bem só (altera a voz), sem companheiro e sem sexo. Eu não sinto necessidade. Acho que se desde que [acabou o relacionamento com] ele (o ex companheiro), eu tivesse logo arranjado outro, talvez, mas não arranjei. Eu não sinto falta! Eu acho que se encontrasse aquele rapaz que eu digo que queria dançar com ele (namorado da juventude), acho que até podia ser. Mas eu honestamente não preciso. [...] Já aconteceu comigo, o homem dizendo que tinha isso e tal, e eu disse: ‘rapaz, não quero não, eu tenho muito mais do que o que tu tá dizendo que tem. (risos) não é você não, eu é que não quero ninguém. Você é bacana, tem uma conversa boa, mas é porque eu não quero! (ANNA, 69).

O que não importa mais para Verônica– e para algumas das outras mulheres que abordei – é justamente um companheiro para dividir seu dia, o relacionamento cotidiano com outra pessoa, e ter de viver acompanhada ou tendo de acompanhar alguém. O que lhe importa é a liberdade de estar consigo mesma e poder fazer apenas o que tem vontade. Talvez o processo de envelhecimento permita que algumas assumam não precisar mais de ninguém para “cuidar” delas e vice-versa, ou, ainda, não precisarem de um homem para sustentá-las. Passou-se o tempo em que precisavam de um acompanhante para dividir a educação dos filhos, as responsabilidades domésticas etc.

Insisto sobre esse ponto de vista, que me pareceu fundamental para compreender o envelhecimento: elas parecem desejar uma vida menos complicada, mais leve, na qual a condição primordial é a liberdade de ir e vir sem dar satisfações, a capacidade de prover o autossustento⁵⁸, dispondo de condições para arcar com suas necessidades e caprichos, e até mesmo, não precisarem se preocupar mais com o outro. Essa última característica é muito marcante na vida das mulheres pelo fato, já retratado de que, ao longo de suas vidas, foram levadas a exercer forte papel de *cuidadoras*, quando não de filhos, dos próprios pais. Aquela que não teve filho teve que cuidar dos pais e, depois que o pai faleceu, se dedicou a cuidar da mãe. A velhice feminina talvez tenha essa característica que a diferencia da velhice do homem, que, no geral, pouco assume essa função.

Por conseguinte, as mulheres que dizem preferir ficar sozinhas revelam uma certa solidão, que, embora não expressem em seus discursos, é intimamente vinculada à sua atual solteirice. Elas realizam tantas atividades em seu dia a dia porque vivem sozinhas e, assim, ocupam todo o seu tempo. O fato de saírem com amigas não as retira por completo dessa condição. Em suas falas, isso pode ser constatado, quando, relatam o medo de ficar sozinhas em casa, quando, acometidas por alguma doença, dizem temer dormir sozinhas, e que contratam empregadas domésticas para lhe fazerem companhia. É a essa solidão que estou me remetendo. Aquela vivenciada por Isabel quando está sozinha à noite, mudando de um canal para outro da televisão. Ou ainda quando a Neli preenche todos os horários do seu dia com atividades para o corpo não parar!

⁵⁸ Embora para três delas esse auto-sustento seja provido por sua aposentadoria acrescido da pensão dos maridos já falecidos, e uma do pai.

Quando há uma aproximação dos 70 anos e de doenças oportunistas são mais evidenciados os traços da solidão; principalmente, quando há o comprometimento da independência para exercer as atividades sozinhas. Um homem de idade superior a 70 anos, avô de uma colega de doutorado, queria muito dar um depoimento na minha tese sobre sua solidão. Principalmente após o início da sua dificuldade de controlar os esfíncteres. Como tinha uma vida boêmia, muitos amigos, começou a sentir vergonha de urinar-se na presença deles. E assim, foi entrando sozinho, numa profunda solidão. Pais (2006) diz

As reformas da vida activa e as doenças em idade avançada originam, por vezes, verdadeiras retiradas da vida. A solidão, nestes casos, transforma-se numa espécie de bolha pessoal que não se dissipa quando com outras se acumula. (P.145).

Ana Maria assim fala da solidão: “Eu desteto solidão. Para mim é uma coisa horrorosa na vida da pessoas. De tudo a gente tem que se livrar, mas da solidão é mais difícil!” Del Priore (2013) adverte para a ideia de que essa solidão também pode ser vista como o outro lado da liberdade tão almejada! O fato de estarem sozinhas implicaria o tempo disponível para si mesmas, e é necessário tecer novos projetos para que a solidão não as pegue de jeito! Confesso que esse não foi um foco abordado na pesquisa, mas certamente seria importante para outros estudiosos desenvolver essa perspectiva.

6 COMPORTAMENTO SEXUAL AOS 60: SEXO, MASTURBAÇÃO E TABUS

Não tenho portanto nenhuma intenção de me apegar tenazmente à vida, mas uma vez que continuo vivo, não posso deixar de sentir atração pelo sexo oposto. E acredito que a atração persistirá até o exato momento da minha morte. (J. TANIZAKI).

A sexualidade faz parte da vida humana e é por todas conhecida, de acordo com Elias (1994), mas foi carregada de vergonha e embaraços sociogenéticos, de modo que a mais simples menção dela está sujeita a controles e proibições. Por conseguinte, foi difícil para as mulheres falarem sobre aspectos da sua intimidade, aqueles que fazem parte da esfera privada de suas vidas, diverso do que é público, daquilo que é comumente propagado. Essas questões são muitas vezes escondidas mesmo das pessoas mais íntimas. O autor assegura que há uma divisão latente entre o comportamento secreto e o público, de modo que mal pode ser percebido pela consciência.

Foi no orbe do secreto que tive de adentrar. Perguntar-lhes sobre seus comportamentos sexuais me fez perceber a complexidade de desvelar uma dimensão que muitas vezes é inconsciente para os indivíduos. Mas foi possível observar que para algumas mulheres as estruturas sociais que incidem sobre o comportamento humano se evidenciaram na incorporação de proibições e autocontroles no que diz respeito às condutas sexuais. Algumas não apenas não querem mais saber de sexo considerando-se “aposentadas sexualmente”, como se sentem envergonhadas pelas outras mulheres que ostentam os namorados jovens e a evidente vida sexual.

O discurso de liberdade até agora proferido nem sempre é refletido em seus discursos íntimos, sobretudo quando se encontram diante de aspectos que revelam a sua sexualidade. Elas ainda receiam falar sobre sexo. Isso foi observado em várias situações na pesquisa. Uma interlocutora havia sugerido algumas amigas para que eu as entrevistasse e perguntou-me: “Sobre o que é mesmo sua pesquisa?”. Ao ouvir que se tratava de aspectos da sexualidade de mulheres, disse-me:

Ai, minha filha, minhas amigas dizem que não querem mais saber de homem não...(pausa). Olha, pensando bem tenho três amigas que você precisa conversar. Elas falam mesmo disso! Aliás três não, deixa eu ver...umas cinco, seis amigas que podiam falar com você sobre isso. Mas espere, vou conversar primeiro com elas. (DIÁRIO DE CAMPO: FEVEREIRO DE 2012).

Aconteceu, também, de alguém me indicar uma amiga, ao seu julgar, bastante aberta para falar sobre o tema, e eu ouvir dela, ao explicar minha pesquisa, que não falaria! Isso era assunto que ela conversava entre amigas, mas não para uma pessoa com a qual ela não tinha intimidade. Houve ainda a situação de uma mulher que marcou em uma Igreja Católica, meia hora antes da missa. Ao chegar lá, percebi que ali seria uma cilada, pois, além de não haver ambiente para isso, não tínhamos privacidade para conversar, pois havia muitas pessoas em todos os bancos.

Se existem tabus sobre o envelhecimento, principalmente o feminino, se pauta na sexualidade. Pouco discutido, levado à baila apenas recentemente, esse assunto deve ser compreendido, aprofundando-se seus mais variados aspectos conceituais, para que se possa atingir o âmago do tema. As mulheres que reinventaram os papéis que lhe foram historicamente atribuídos, que traçaram as primeiras linhas das transformações feministas dos anos 1960, são aqui chamadas para falar sobre sua sexualidade e esse discurso ainda é muito embotado, conduzido por passos duvidosos de tais conquistas.

Apesar de existir um discurso geriátrico, que favorece um desenvolvimento ativo de pessoas de idade igual ou superior a 60 anos, é muito focado na busca de uma vida sadia, independente, e a sexualidade é mostrada como fazendo parte desse grupo de atividades que faz bem para a velhice. A longevidade trouxe um crescimento da percepção de que se as pessoas ainda viverão mais de 30, 40 anos após a menopausa, logo, precisam se preparar para uma sexualidade plena. Esta é mostrada, contudo, no âmbito das afetividades, da singeleza e da presença de conjugalidade. Ainda ontem deparei a seguinte asserção na página do *facebook* de uma das minhas pesquisadas: “Extrema crueldade da nossa sociedade. Aceitamos apenas os “casais” como na Arca de Noé. Infeliz daquele que quer fazer seu caminho sozinho!”

Para esta tese, o enlace conjugal foi o primeiro a ser descartado, visto que eu queria trabalhar o segmento de mulheres que não têm um companheiro fixo, e que deve ser mais facilmente capturado pelas teias do preconceito familiar e social. As próprias interlocutoras apresentam preconceito entre elas mesmas, quando se referem às “amigas” que praticam sexo, chamando-as de ninfomaníacas. Aquelas que empregam esse termo o fazem como se fosse “anormal” que essas mulheres fossem ativas sexualmente. Foi desse modo que uma de minhas interlocutoras enquadrou sua amiga nesse perfil

Mas tem pessoas que necessitam [de sexo]. Eu viajei recentemente com essa amiga que foi diretora de colégio lá [no interior ao qual viajei]. Vive bem, tem carro zero. Eu fui criada sem me despir na frente dos outros, com pudor. Aí eu sentada na minha cama, mas se ela quisesse sentar junto, problema dela. Aí ela se despiu e tinha pintado o Benedito [vagina]! Ficou desfilando com o Benedito pra cima e pra baixo pra vê se eu falava alguma coisa! Ela estava usando um creme vaginal - até quando a gente tá usando um creme na casa da gente a gente bota um lençol e usa discretamente - ela arreganhou as pernas e botou o creme vaginal, aí ela foi conversando, conversando: ‘amiga tu não tem ninguém não?’ Respondi: ‘Não, eu não senti necessidade’.

Daí depois ela viu um amigo meu e comentou: ‘Já pensou amiga, o tamanho do pau[pênis] desse homem?’ O que é isso? É doença! Outra amiga minha, chegou um monte de africano no SESC, comentou: ‘Mulher, tu já pensou o pau de um nego desse?’ Eu lá vou pensar um negocio desse. [...] Sim, isso que ia te dizer, essa [que tinha viajado com ela para o interior] tinha no banheiro [na porta] uma cartola e no outro tinha uma luva. Aí disse: “Neli, onde é o banheiro feminino aqui?” Porque tem pessoas que tem Faculdade mas são lesadas! Mostrei: ‘olha ali é o dos homens e ali o das mulheres.’ E ela entrou no dos homens. Ela estava paquerando e quando ela estava subindo as calças, o paquera dela entrou e viu o bicho [vagina] pintado. Ela queria era mostrar esse bicho pintado!

Eu fiquei na minha, né. Ela dizia: ‘Ai ele tem medo de aranha’, ela botando quente. Eu disse: ‘mulher, tu não dá em cima dele não, pois eu vou já dizer pra minha prima.’ Eu estava brincando ne, mas ele já estava... ele é muito fino, educado, ele tem 63 anos, bonito. E ela, quero que tu veja, mulher muito fina! (NELI, 69).

Esse discurso depõe a favor de que as mulheres precisam adotar um determinado comportamento e pudores quando solteiras que foram apreendidos ainda na juventude. Neli não esperava de uma amiga que pertencia a uma classe social abastada comportar-se daquela maneira evidenciando sua sexualidade de modo tão espontâneo e contundente, revelando suas táticas e estratégias para “transar”. Nesse discurso, até pensar no formato do pênis dos homens parece ser pecaminoso, perturbador!

Ainda há uma representação deveras androcêntrica do mundo em que as relações entre os gêneros são hierárquicas. Bourdieu⁵⁹ (2011) entende que a força da dominação masculina se apresenta de tal modo que dispensa justificção e a visão androcêntrica impõe-se como neutra e prescinde de legitimação. A dominação masculina se alicerça sobre: a divisão sexual do trabalho, distribuição de atividades conforme o sexo; o espaço, ao opor os lugares públicos aos homens e os privados (casa) às mulheres; e o tempo, a jornada e ciclo de vida apontados como momentos de ruptura em oposição aos longos períodos de gestação femininos.

Bozon (2004) avalia:

[...]Tanto o persistente primado do desejo dos homens quanto a tendência a ignorar o desejo das mulheres não decorrem de uma lógica intrinsecamente sexual, mas correspondem a um dos aspectos de uma socialização de gênero diferencial, que não se manifesta apenas através da sexualidade. (P.14).

Embora na sociedade ocidental esteja presente um discurso de liberalidade sexual, parece circunscrito a determinados grupos etários, sociais e de gênero. Foucault (1988) acentua que, do século XVIII aos dias atuais, nunca se falou tanto em sexo. Esse é, contudo, um discurso organizado, sobretudo com origem em três lugares: um, orquestrado pela lei, que pune quem não obedece a lógica entre o certo e o errado na pureza dos corpos; o segundo, o da Pastoral Cristã, que, mediante a confissão, transforma o sexo em palavra, incentivando a detalhar minuciosamente as insinuações da carne; e o último é o discurso científico, dizendo o que é normal e o que é patológico do sexual. Nos três últimos séculos, as pessoas que transgrediam os discursos forjados pelas grandes instituições eram punidas e acusadas de desajustadas. O discurso é instituído especulando os mínimos desejos observados em si mesmos, para que aquilo que fosse visto como anormal fosse segregado da sociedade. Criou-se um lugar de fala e, ao mesmo tempo, se instituíram áreas de silêncio.

No primeiro tomo da *História da Sexualidade*, Foucault volta toda a sua análise discursiva à contestação da hipótese repressiva. Essa hipótese foi aceita durante muito tempo e se caracterizou por apontar as mudanças históricas no trato

⁵⁹ Bourdieu (2011) em *A dominação masculina*, propõe-se analisar as estruturas objetivas e formas cognitivas presentes numa sociedade exótica, qual seja, os berberes da Cabília, apontando para aspectos da sociedade como: falocentrismo, a visão androcêntrica, a divisão social constituída entre os sexos, o sistema de oposições, dentre outros aspectos.

com o sexo vinculada ao surgimento do capitalismo, este o grande algoz que reprimiu o sexo, por considerá-lo incompatível com o trabalho. Para seus defensores cabia a asserção de que as energias deveriam ser gastas com a produção e o sexo deveria ficar confinado ao silêncio dos quartos dos casais heterossexuais.

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. [...] Um rápido crepúsculo se teria erguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. (FOUCAULT, 1988: p.10).

Portanto a repressão sexual teria surgido com a ordem burguesa. Para tanto, o sexo passa a ser esquadrihado: ouve-se, interroga-se e obriga-se a falar aqueles que antes eram interditados, ou seja, a criança e sua sexualidade, os homossexuais, os loucos, os que tinham as pequenas ou grandes manias. O objetivo era controlar o sexo e categorizar. A própria família na Modernidade é vista pelo autor como uma rede de poderes e sexualidades múltiplas que revelam vigilância, contatos indutores, perseguições e desejos. E assevera que a sociedade moderna é perversa realmente por criar sexualidades múltiplas que aparecem com as idades. E assim diz

A implantação de perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações de poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram as condutas. E nesse avanço de poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática. (P.56).

A hipótese repressiva foi aceita⁶⁰ durante muito tempo. Com o surgimento do dispositivo biopoder, o Estado passou a se preocupar meticulosamente com a

⁶⁰ Isso decorre de dois motivos. O primeiro é o *benefício do locutor* - que consistia no fato de o intelectual se considerar fora do poder e em um lugar privilegiado de dentro da verdade. “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder.” (P.12). Foucault, porém, na sua condição de intelectual, não se considerava fora do poder e do discurso por ele engendrado. Em segundo lugar, pela aceitabilidade do poder moderno como algo tolerável, à medida que se mascara e produz um discurso aparentemente oposto a si mesmo.

vida dos indivíduos, surgindo dois polos: as categorizações científicas das espécies humanas e o interesse pelo corpo docilizado. Os corpos tornados dóceis, manipulados, esses sim, teriam seu nascimento datado do advento do capitalismo. Para Foucault, sem os indivíduos disciplinados, não haveria progresso do capitalismo e o poder administrativo passou a criar tecnologias disciplinares, ocultas ao sistema para disciplinar esses corpos. (DREYFUS E RABINOW, 2010).

Exige-se a confissão em todos os âmbitos institucionais, da Igreja aos consultórios. É preciso falar sobre sexo para controlá-lo. A Igreja incentiva a existência de uma investigação crescente de si mesmo. O sexo deve ser prudente. Desde o século XVIII, o discurso sobre o sexo, do ponto de vista moral, perde força e ganha sentido o discurso científico sobre o sexo. Criam-se especialistas que ditam regras e normas de conduta para o sexo. A escola, a Psiquiatria, a polícia, funcionam como barreiras de segurança.

Para Foucault (1988), há dois grandes modelos⁶¹ de produção da verdade sobre o sexo. A *ars erótica*, originada na China, no Japão, na Índia e em Roma. Aqui o critério de verdade é o prazer, de acordo com a intensidade, qualidade, duração e suas reverberações no corpo e na alma, não havendo um caráter utilitário. Tinha um dimensão de discríção e constituiu-se quase como um aprendizado, porquanto é arte e dela se espera gozo, elixir da longa vida, exílio da morte e suas ameaças. Já a civilização ocidental possuía uma *scientia sexualis* – ordenamento do poder-saber sobre o sexo, como um discurso coerente com base na confissão.

⁶¹ Embora não me detenha nesse aspecto, é interessante observar o ponto de vista da Psicanálise que desde os seus primórdios, esteve associada a sexualidade. Joel Birman (1999), adverte que a Psicanálise rompe com os cânones apresentados por Foucault de *scientia sexualis* e a *ars erotica* pois não se propõe a ser nem uma ciência e muito menos uma arte em si, mas move-se nos meandros da literatura e do senso comum. E ressalta que essas sexologias tratam a sexualidade no registro do comportamento, cujos padrões seriam universais, compostos pelas regularidades e abordando o caráter eminentemente biológico. O grande rompimento com a tradição discursiva do sexo que imperava no século XIX teria vindo com Freud que criou uma análise da sexualidade com procedência na sua complexidade, polissemia e polimorfia, com suporte em diferentes e múltiplas formas de manifestação, expressão e apresentação. Para aprofundar esse ponto de vista Cf: BIRMAN, Joel. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

Vivemos todos, há muitos anos, no reino do príncipe Mangoggul: presa de uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo, insaciáveis a ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos para inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua discrição. Como se fosse essencial podermos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos, não somente o prazer, mas saber e todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber; e como se esse animal extravagante a que damos guarida, tivesse uma orelha bastante curiosa, olhos bastante atentos, uma língua e um espírito suficientemente bem feitos, para saber demais e ser perfeitamente capaz de dizê-lo, desde que solicitado com um pouco de jeito.(P.87).

Portanto, a sociedade faz de nós o que somos. E o sexo nos constitui pois é falando dele que assumimos nossa posição ética e também moral. Tal qual o depoimento de Neli mencionado anteriormente, o sexo deve ser “escancarado” desde aqueles pensamentos e atos do qual temos consciência e o que também não temos (o inconsciente), afinal tudo é sexo. O sexo criou outra racionalidade ocidental. Para Foucault a sexualidade:

[...] é uma construção histórica e não um referente biológico subjacente. Ele contesta a noção de sexo amplamente aceita como uma essência subjacente, como uma pulsão arcaica, mostrando que esse conceito também surgiu em um contexto histórico particular sobre a sexualidade. (DREYFUS E RABINOW, 2010: p.221).

Assevera, então, que a sexualidade não é um instinto, nem um ímpeto que o poder tenta de modo quase fracassado conter, mas “um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, padres e leigos, entre administração e população.” (1988: p.114) O conceito de sexualidade é instrumental, podendo ser usado em várias manobras e articulando às mais diversificadas estratégias.

Foucault descreve quatro grandes conjuntos estratégicos na propagação generalizada e proliferação dos discursos sobre as sexualidades, que importam na presente discussão, quais sejam: o primeiro, *a histerização dos corpos das mulheres* – o momento no qual o corpo da mulher passa a ser visto como contendo algo de misterioso, “patologizado”, nervoso, e vira pauta médica, com fins de conter as saturações da sexualidade negativa dessa mulher – mãe. Ainda há resquícios desse olhar para a mulher como a doente, esquizofrênica, nervosa, ou como se algo lhe

faltasse quando não tem atividade sexual em sua vida.⁶² O segundo, a *Pedagogização do sexo das crianças* - considerado natural e perigoso. Assim, crescem a vigilância elaborada, técnicas de controle, armadilhas infundáveis com um forte apelo moral. Aparentemente, o combate se concentra mais especificamente contra a masturbação. Depois acontece a *Socialização das condutas procriadoras* – o casal recebeu a responsabilidade médica e moral, de proteger o corpo político e social das patologias das sexualidades descuidadas, devendo-se regular a procriação. Por fim, a *Psiquiatrização dos prazeres perversos*. Nos fins do século XIX, o sexo foi considerado instintivo, então foi esquadrihado, capturado numa proposta normativa de que tudo o que fugia da normalidade era considerado anomalia. E a Ciência passa a cuidar dessas sexualidades deformadas.

Quatro figuras passam a ser alvo de cuidados e atenção, quais sejam, a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso. Isso denota como foi produzido o discurso da sexualidade, quais os elementos dessa formulação. O autor demonstra como foi tecida a rede da sexualidade, tendo a mulher uma sexualidade histérica, sendo a sua falta existencial vista como negativa, nervosa, imagem que até os nossos dias perdura. O adulto que fugir desse discurso moral deve ter uma sexualidade errante. Patologiza-se a mulher velha, perversa, que precisa de tratamento para voltar à condição normal e natural. Esse é o discurso engendrado historicamente pelas ciências da sexualidade, que compõem e esquadriham o saber-poder, alicerça o biopoder.

Essas interdições estão ainda hoje presentes no cotidiano dos indivíduos. A sexualidade das mulheres, que já foi considerada doentia e histérica, teria de fato conseguido romper com as interdições no século XXI? Será que as pessoas mais velhas têm sexo ou são como as crianças que não têm? O discurso livre sobre sexo é um repertório sobre que tipo sexo? Embora essas perguntas sejam gerais e impossíveis de serem respondidas numa pesquisa com especificidades próprias como esta, ficam como propostas para reflexão. Arrisco afirmar, no entanto, que depois de leituras especializadas e da pesquisa empírica, que o sexo está intrinsecamente correlacionado a questões morais e valorativas, que traz consigo

⁶² Conversando com uma mulher sobre o envelhecimento, ela me contava de uma amiga sua que havia ficado louca, não era mais normal. E que o médico que a consultou disse que aquilo era só um problema: “falta de homem [para transar]” Ela me disse que depois disso, a amiga arranhou um homem e só foi transar que ela voltou ao normal. Ficou boazinha”- disse. Aqui no Nordeste brasileiro existe também um ditado quando uma mulher está nervosa no qual se diz: “Isso é falta [de sexo]”.

marcas de formulações passadas que ainda hoje reverberam na vida das mulheres em processo de envelhecimento. Em alguns desses discursos está presente a denegação da sexualidade, como se estivessem aposentadas sexualmente, além das interdições familiares que visam a conter a sexualidade delas.

Mais do que nunca, entretanto, a sexualidade dessas mulheres está livre de justificativas anteriormente forjadas, a saber, da vinculação com a reprodução, ou ainda como consequência natural do casamento, dentre outros. A grande novidade conceitual do termo *sexualidade*, segundo Giddens (1993), é que foi diferenciado o sexo da reprodução. Isso se torna completo com as novas tecnologias reprodutivas que liberam a sexualidade desse fim, passando a ser uma qualidade dos indivíduos e de suas múltiplas relações. O autor assegura que sexualidade é hoje:

Algo que cada um de nós “tem” ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do *eu*, um ponto de conexão primário entre corpo, a auto-identidade e as normas sociais. (GIDDENS, 1993: p.25).

Do mesmo modo, a sexualidade é algo que se possui ou não. Para conduzir uma reprodução de sucesso, nem é preciso mais atividade sexual! Cria-se uma *sexualidade plástica* como condição prévia para a revolução sexual. Para Giddens (IDEM), a revolução sexual existiu e, nos últimos 40 anos, forjou dois elementos básicos – a autonomia sexual feminina e o florescimento da homossexualidade de ambos os sexos. Claramente, ele acredita que houve revolução sexual em meados dos anos 1950, que modificou o comportamento de mulheres que passaram a ter maior liberdade sexual e autonomia, tal como afirma a contribuição que a “descoberta” da homossexualidade feminina e masculina trouxe à cena social.

Para pensar a sexualidade no século XXI, é preeminente resolvê-la longe do discurso que a relacionava às questões eminentemente biológicas e ambientais. Gagnon (2006), ainda em meados do século imediatamente passado, creditou a conduta sexual a atributos que dizem respeito apenas ao social, cultural e histórico. E assinala:

Parte de nosso saber convencional diz que a sexualidade é um impulso natural de força assustadora que aparece na nossa vida de uma forma ou de outra e que exige repressão e controle, para nossa própria proteção, ou liberação, a fim de que possamos realizar-nos [...] Minha sugestão é que se façam pesquisas que tomem as pessoas em sua particularidade cultural, examinando o caráter artificial e inventado da humanidade. Com demasiada frequência, os apelos à biologia ou à natureza têm impedido a discussão ou servido como uma defesa especial desta ou daquela ideologia. O que se sugere é uma postura de pesquisa que esgote o social, o psicológico e o cultural, antes de recorrer a uma natureza desconhecida. (P.108).

É interessante perceber nessa reflexão os ardis de uma percepção sociocultural da sexualidade que não titubeia em declarar que nela não há nada de essencialmente natural e que consiste em pensar no aprendizado do sexual; cogitar na humanidade como invenção no sentido de que nada está dado e que tudo foi criado culturalmente. Essa reflexão tomou corpo neste estudo após uma conversa com Ana Maria. Para ela, não acabou a vontade de lavar prato, por exemplo; por que então acabaria a vontade de fazer sexo? Mais à frente assinala: “Há quarenta anos uma pessoa de 60 anos tava com os peitos lá nos pés, buchão, com o cabelo feito um cocó⁶³.”

Essa mudança cultural do envelhecimento das mulheres o qual é relacionado a um período de plenas possibilidades de novos relacionamentos afetivos e sexuais, é uma elaboração relativamente recente. Seria fácil atribuir à sexualidade dessas mulheres aspectos meramente naturais ou biológicos como se fossem iguais as necessidades cotidianas, contudo, se assim o fossem, seria invariável a sexualidade de mulheres da mesma idade durante 40 anos. A diferenciação que aconteceu nesses últimos anos, no entanto, abre uma fenda que torna tão distantes mulheres da mesma idade, mas de décadas distintas. Conforme avalia Bozon (2004) – como faço, também – a sexualidade é menos uma questão biológica e mais um aprendizado social e cultural para saber de que maneira, quando e com quem agir sexualmente, ou seja:

⁶³ Essa descrição remeteu-me de imediato à imagem de minha avó, lá do interior do Piauí, que aos 60 anos já tinha uma aparência bem envelhecida, com cabelos brancos presos em “cocó” e principalmente, lembrei-me do dia que a vi trocar de roupa e que os seios, que eu achava que fossem pequenos, ficaram à mostra e os vi grandes, mas caídos. Essa avó morreu aos 64 anos (1994) e sempre que pensava em sua morte aliviava-me pensar que ela era velha. Hoje revendo esse quadro, percebo o quanto essa referência de velha e nova mudou em pouco tempo.

A sexualidade humana não é um dado da natureza. Construída socialmente pelo contexto social em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui, em retorno, para estruturar as relações culturais das quais depende, na medida em que as “incorpora” e representa [...] Histórica, sexual e socialmente, os próprios limites do sexual são movediços. (P.14).

Pergunto-me: desde quando se torna evidente a necessidade de uma pesquisa sobre a sexualidade de mulheres de mais de 60 anos? A pesquisa é oportuna em decorrência da mudança nos padrões de comportamento e de estilo de vida de mulheres dessa faixa etária em Fortaleza. Refletir sobre a sexualidade delas requer analisar que a sexualidade, por ser social, também é circunscrita por contextos cultural e normas valorativas. Assim, me detenho sobre alguns aspectos que influenciaram o modo como vivenciam hoje essas questões: a importância atribuída à virgindade e a primeira relação sexual, o discurso das mulheres que defendem uma sexualidade ativa após os 60 e aquelas que se dizem “aposentadas” nessa área.

6.1 “A mulher que perdia a virgindade era puta mesmo”: virgindade e primeiras relações sexuais.

Para muitas mulheres, durante algum tempo, o prazer sexual foi objeto de grande repressão e esteve ligado ao medo de perder a virgindade e de gestações repetidas. Nesses tempos pretéritos, mas não tão longínquos assim, as mulheres temiam ter relações sexuais não pela ausência de desejo, mas pelo medo de uma gravidez indesejada. O sexo era cercado de tantos tabus e temores que sobrepujavam o gozo.

As mulheres que hoje têm mais de 60 anos nasceram no final dos anos 1940-1950 e as suas adolescências foram vividas no cotejamento entre o que ditam as regras morais tradicionais vigentes e as rupturas advindas da chamada Revolução Sexual dos anos 1960. Afora o questionamento suscitado, se houve ou não revolução sexual elaborada por alguns estudiosos, como Foucault (1988), refiro-me a uma série de novos valores e mudanças nas posições antes ocupadas pelas mulheres advindas daquele período; transformações que tiraram as mulheres da exclusividade da cozinha, ou seja, do âmbito estritamente privado, e as trouxeram para a cena pública. Dentre esses fatores estão: o advento da pílula

anticoncepcional, que permitiu às mulheres a decisão sobre ter ou não filhos; o acesso à educação e à carreira profissional; o divórcio, dentre outros já mencionados.

Essas transformações, todavia, por serem processuais, não tiveram impactos imediatos em suas vidas. Em seus discursos, referem-se a valores tradicionais e alguns preconceitos continuam expressos em seus pontos de vista, oriundos, segundo elas, dos “anos dourados”, época em que chamam de “seu tempo”, qual seja, quando ainda eram jovens. Uma delas, Anna, fala em vários momentos da entrevista no seu “marido,” mas, quando eu investigo mais a fundo o casamento dela, revela:

Nunca casei com ninguém! Quando fiz 15 anos de namoro, engravidei. Quando vim aqui dizer que engravidei, ele estava em pé bem aí e eu bem aqui. Eu disse assim: ‘Tô grávida e só vim dizer que se não for seu é de obra e graça do espírito santo’, por que só saí com ele. E ele disse: ‘O que você quer que eu faça?’ Eu disse: ‘Nada. O que eu queria já está no meu ventre. Quando ele nascer, se você quiser dar seu nome, eu vou gostar muito. Vou aguardar um tempo para ver sua atitude, o que você vai resolver. Se dentro de um ano você não tiver registrado, eu registro como pai desconhecido. (ANNA, 69).

Percebo que Anna, provavelmente, passou a sua vida justificando que tinha um filho mas não era casada numa sociedade que estigmatizava a “mãe solteira”. A família dela assustou-se ao saber de sua gravidez pelo fato de ela ser considerada muito “séria e compenetrada. No Hospital então, quando cheguei com o buchão, meu Deus! Teve uma que disse: ‘Você casou?’ E eu respondi: ‘E precisa casar para ter filho?’” Na sociedade cearense em que vivia há quase 40 anos, porém, pressupunha-se que havia um caminho linear a ser tomado pelas moças: casar e ter filhos! Quem desobedecesse essa regra era censurada por ser “mãe solteira,” que significava o oposto de ser séria, ou uma “mulher direita”. Agora, que o pai de seu filho faleceu, ela o chama de marido. Isto parece ser uma queixa, pois disse que, quando saía com ele, até poucos anos atrás, pois continuaram namorando ao longo dos anos, o apresentava como seu “companheiro”. Ele achava feio o termo e a questionava obtendo dela a seguinte resposta: “Eu sou sua companheira e não sua esposa!” Ela agora pode dizer que é marido mesmo e deixar para trás todas essas questões que nortearam a sua existência até bem pouco tempo e, só diante da interpelação de uma pesquisadora, precisa de fato revelar.

Quando eram jovens, ser virgem até o casamento era algo importantíssimo e que era ensinado desde cedo para a menina. Assim contam duas interlocutoras

Na minha época, a gente morria de vontade de transar, mas tinha que casar virgem. Se você não casasse virgem estava lascada, o próprio homem que te deflorasse antes do casamento, depois passava na sua cara: 'Você não presta, transei com você antes de casar'. Era assim. (ZULEICA, 63).

Perder a virgindade naquela época era algo importante. **A mulher que perdia a virgindade era puta mesmo.** Perdeu porque quis, problema é seu. Você **deu** porque quis...se colar, colou. Ela é que era abestada. Quando eu era mais nova, tinha 13, 14, 15 anos, quem era menor o pai obrigava a casar. Eu achava uma barbaridade um negócio daquele! Se eu tivesse perdido minha virgindade naquela época eu não casaria não. Se eu ficasse grávida eu ficaria só, mas não me casaria com quem eu não gosto! Ali foi um momento de prazer, o sexo foi mais forte que o amor. Isso aí acontece ainda hoje também. (NELI, 66).

Essas falas carregam as marcas do discurso que legitimava virgindade como algo que era virtuoso “guardar” e que “perder” seria para as putas (sic) e não para as moças de família, casadoiras, que arranjariam um “bom partido” para casar! Ser virgem era preciso. O termo mesmo usado “deu” e “perdeu” tem uma conotação aviltante. Bozon (2004) assinala que no Brasil existe o uso da metáfora alimentar em um contexto de rigidez dos papéis sexuais, assim informando:

O verbo ‘comer’ é utilizado para indicar a ação e o papel social daquele que penetra no ato sexual, enquanto, para quem é penetrado, o verbo é ‘dar’. O binômio comer/dar está fundamentado na metáfora da absorção, apropriação e consumo do parceiro passivo (a mulher ou um sujeito simbolicamente feminilizado) pelo sujeito ativo. (P.23).

Isso remete à estrutura hierárquica da sociedade tradicional brasileira que reflete dependências e o binômio passivo/ativo como aquele em que um é dependente e outro é “protetor, chefe e pertence a ele.”(p.23). A virgindade feminina é da ordem das permissividades, passividades, portanto, deve ser vigiada para ser usufruída dentro do casamento. Bozon (IDEM) diz que a entrada dos jovens na vida sexual é acompanhada pelo olhar atento dos parentes e mais velhos, que criam regras para que o jovem tenha acesso a atividade estatutária da vida adulta. E denota dois grandes modelos do acesso das mulheres à sexualidade. No primeiro, presente em países da África subsaariana ou no subcontinente indiano, as mulheres

são estimuladas a ter uma vida sexual desde cedo vinculada a uma iniciação ao trabalho produtivo próximo à puberdade. O segundo grupo, das culturas latinas e latino-americanas, é o oposto:

O controle social visa, pelo contrário, retardar tanto quanto possível a entrada das mulheres na sexualidade, a fim de preservar sua virgindade até o casamento. Ali os jovens são levados a provar rapidamente que são homens, seja com prostitutas sejam com mulheres mais velhas, e sua iniciação sexual se realiza bem antes que a das mulheres.[...] a perda da virgindade antes do casamento permaneceu (e ainda permanece em alguns lugares) uma transgressão grave, levando essa mulher para fora da categoria das mulheres honestas que podem ser desposadas, trazendo a desonra para os homens de sua família e para seu esposo. (P.28).

As moças eram reprimidas por seus pais na conduta sexual como se delas dependesse a “honra” de toda a família. O impacto que essa forma de pensar teve na vida dessas pessoas que tiveram de controlar os seus desejos em nome da preservação dos valores e costumes da época foi avassalador. Ainda hoje muitas delas falam da “culpa” que trazem fincadas nas suas trajetórias afetivo-sexuais. Ao homem não cabia lutar para a preservação da sua virgindade nem daquelas de suas namoradas, mas testá-las, avalia-las para saber se valiam a pena como futuras esposas.

As primeiras relações sexuais aconteceram depois dos 18 anos, ou seja, quando já possuíam a maioridade, até os 23 anos, havendo apenas uma exceção aos 17 anos. Das nove entrevistadas, sete perderam a virgindade com os maridos. Apenas duas admitiram ter transado com namorados e, coincidentemente ou não, nunca casaram. Giddens (1993), ressalta que a geração pós-Segunda Guerra Mundial apreciava a virgindade e se a “perdessem” dificilmente revelariam

A virgindade antes do casamento, por parte das garotas, era apreciada por ambos os sexos. Poucas garotas revelavam o fato de permitirem a um namorado uma relação sexual mais completa – e muitas só admitiam que tal coisa acontecesse se estivessem formalmente comprometidas com o rapaz em questão. As garotas mais sexualmente ativas eram depreciadas pelas outras, assim como pelos próprios homens que buscavam “se aproveitar” delas. (P.19).

Ana Maria depõe nesse sentido, ao asserir que transou desde o primeiro namorado, mas não podia assumir para ninguém, “confessar” nem para a melhor amiga. Morria de medo de engravidar, mas, mesmo assim, teve relação sexual com os namorados. Quando foi descoberto que ela não era mais virgem, teve que se

juntar com o namorado da época, que já era casado. Assim passou grande parte da sua vida com esse homem que tinha outra família e, ainda assim, teve dois filhos com ela. Passou por preconceitos variados, pois rompeu com a ordem vigente. Para aquela época, a sua história impactou a sociedade no interior do Ceará onde vivia, porque, ainda que fosse bastante reprimida, não apenas ela mas outras mulheres, optaram por transgredir⁶⁴ as normas. Isso pode ser ainda mais evidenciado quando ela revela que

Minhas irmãs que são casadas ainda hoje me condenam porque tenho namorado. Não era para ter! Teve preconceito porque eu nunca casei, pense na barra que enfrentei, foi dureza. Eu digo: 'Eu me sustento, não preciso de ninguém nem pra me dar um pratinho.' Então eu vejo minhas irmãs casadas e se eu for analisar, de um sentido geral eu sou muito mais feliz! Sou e fui! Porque agora eu tenho liberdade, vou pra onde quiser...Andar com homem é assim: 'Vamos embora?'[...] Se tivesse vivido sua juventude hoje "dava pra todo mundo.

A liberdade que essas mulheres hoje gozam reflete um rompimento também com muito tempo de repressão, seja de seus pais e/ou de seus maridos. Na mocidade, tinham que reprimir os desejos, não podiam falar sobre sexo, e isso reflete em suas vidas do seguinte modo: seja para negar, rompendo com anos de opressão, seja para ter pudores ao falar ou praticar sexo. Quando seus companheiros morrem ou se separam delas, é chegada, enfim, a oportunidade de usufruir de tempos mais permissivos, de sair com os outros homens, se houver interesse recíproco, ou mesmo pagar para obter sexo. Quando elas afirmam que ainda trazem em si as marcas de seu tempo, evidenciam todos esses valores apreendidos, as tradições fincadas em suas trajetórias.

A trajetória de vida de uma das mulheres, que diz não buscar mais novos relacionamentos, despertou-me singular atenção por suas nuances, que delimitam exatamente o que é da ordem da subjetividade e o que não é. Lahire (2002) ensina que cada indivíduo é depositário de disposições de pensamento, sentimento e ação, produtos de experiências socializadoras múltiplas. O indivíduo é, portanto, definido por essas relações e pertencas a diversos grupos. Assim, ao analisar essas

⁶⁴ Del Priore (2013) explica que as mulheres sempre deram um jeito de transgredir a partir de relações amorosa for a do casamento. Ainda no século XVII, "[...] não faltavam os comportamentos arrojados. Nos registros de certo memorialista, a lembrança de algumas senhoras, 'mulheres de altos personagens', marcadas por certa desenvoltura, não escapou; e ele explicava: pois, 'não se querendo dar nunca por velhas,' tomando por 'afilhados distintos mancebos provincianos a quem faziam fortunas.' Houve sinhás famosas por essa espécie de prodígio: o de namorar jovens." (P. 49)

mulheres das camadas médias urbanas de Fortaleza, é sensível o fato de que elas detêm um conjunto de características referentes à dimensão cultural, de escolaridade, dos relacionamentos amorosos, intergeracionais, familiares etc.

O autor considera importantes todos os aspectos, não devendo nada ficar de fora das considerações do pesquisador, pois, para ele, não há nada mais social do que os problemas pessoais, aqueles que não são indiferentes a nenhum ser humano. Nas diversas escalas de atividades, existem incompatibilidades entre o que somos e o que exigem de nós. O mundo social está dentro e fora de nós.

Lahire (2002) afirma, ainda, que, quando refletimos sobre os hábitos dos indivíduos devemos apreender como esses foram adquiridos e o momento da biografia individual que encontra disposições para agir de determinada forma. É necessário compreender os agenciamentos individuais para conduzir, a exemplo de minha reflexão, uma velhice com projetos de vida positivos. Como esses novos sujeitos reagem às tensões da Modernidade depende também de vivências, como, ao longo de sua vida responderam a determinadas situações, dos investimentos pessoais em diversas escalas da vida.

Com esse propósito, trago a história de Vera, 68 anos, aposentada e que teve uma trajetória afetivo-sexual cujo o início aponta reverberações até o final. Advinda do interior do Ceará, teve dois casamentos, um ainda muito jovem, aos 17 anos, e outro já aos 30, sendo este o mais importante e cujos laços só foram desfeitos quando o marido faleceu, na sua frente, quando ela tinha acabado de completar 60 anos. Foi assim que tudo começou

[...] Eu conheci meu primeiro marido com 17 anos e ele tinha 19. Com um ano que a gente estava namorando, ele apareceu com câncer de próstata. Eu era aquela menininha de colégio de freira, classe média, valores morais...Ele estava nos Estados Unidos fazendo um curso e descobriram (a doença) lá. É tanto que nunca se operou. Fez um tratamento com cobalto, que há 40 anos era o que tinha, e ele ficou estéril.

Como antes a gente só namorava como adolescente, quando ele voltou forçou uma relação sexual porque achava que, além de ficar estéril, iria ficar impotente. Ele começou a me pressionar, e até me chantagear, dizendo que eu era a pessoa que ele amava e eu não queria tentar um filho com ele. Ele não tinha recurso pra casar então tinha que forçar o casamento, aquele discurso da década de 60.

Então, quando fui pra relação com ele parecia que eu ia pra um abatedouro. E o que me magoou muito foi porque isso prejudicou minha sexualidade também com ele, foi que no dia em que estive a primeira vez com ele, que rompeu o hímen e saiu sangue, ele não percebeu e me perguntou. Eu disse que não tinha saído, ele me perguntou se eu não era virgem. Aquilo me

magou! Como pingou um sangue discretamente e tal, ele também, perturbado, hoje entendo melhor ele... Ele passou a ter dúvida, “será que você era mesmo virgem?” Aquilo me matou, todos os meus princípios! A relação sexual com ele foi toda prejudicada!

Acabei casando, ele foi o único homem durante o casamento. Só tive outros namorados entre um casamento e outro, que também não rompi com a sexualidade, um negócio meio frígido. Quem veio a romper foi o meu marido(o último) porque ele era amadurecido e tal. Assim mesmo não foi plenamente, porque eu não ajudei! Nem ele ajudou porque ele achava bom, ele achava normal, porque ele era um homem tradicional, religioso. Não, não tinha religião não. Havia muito carinho na relação. (VERA, 68).

Esse discurso está carregado de valores da época em que as mulheres ainda eram muito jovens, que representam o que Lahire (IDEM) refere ao social que está dentro e fora de nós. A observância aos fatos revela como os comportamentos adotados hoje foram originados. A trajetória afetiva de Vera traz consigo um modelo de amor adolescente permeado de situações de violência: desde o homem que forçou a sua primeira relação sexual, baseada em chantagens psicológicas e emocionais, para provar que ainda não era impotente; ao fato de cobrar dela o comportamento que era exigido na época, o de ser virgem! Um discurso machista no qual, acima de tudo, ele queria provar que “ainda era homem”, e cuja relação pretendia forçar o casamento, uma vez que naquela época, ter relações sexuais era motivo para casar.

A relação sexual foi cercada por grande violência psicológica sofrida por uma jovem que sentia que ia para a morte, pois o marido passou a duvidar da sua integridade, porque ela não provou fisiologicamente o critério exigido como “prova” da virgindade: o sangramento no ato da relação sexual. Bourdieu (2011) reflete que todo ato sexual é uma relação de dominação e que as manifestações da virilidade entram na lógica da honra. Assim:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantem-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas da potência sexual – defloração da noiva, progeneritura masculina abundante etc.- que são esperadas de um homem que realmente seja homem.” (P.20)

Esse foi o modelo de homem que ela conheceu no início da sua vida afetiva, e por quem diz ter sido “apaixonadíssima”, que carregava consigo preconceitos e valores do que imaginava ser uma mulher, ainda nos anos 1960, no interior do Ceará. Ela, rodeada de valores advindos da formação em colégios de freira e da própria classe média, assim verbalizadas:

A minha geração tinha muita culpa! Beijava-se escondido, eu levei (bronca) por um funcionário do padre ter dito que eu estava beijando um rapaz e tudo.(...) Quando veio a notícia que ele, o noivo, estava com câncer nos Estados Unidos, eu fui para uma Igreja e disse assim: “meu Deus, se ele ficar bom dessa doença – que eu era apaixonadíssima por ele – eu não vou ter filhos!” Olha que promessa? Hoje nem na terapia descobri por que fiz isso!

Quando até o beijo era proibido e as promessas feitas a Deus pelas moças não podiam ser quebradas, elas levavam sua educação muito a sério, devendo ter cuidados com o modo como se comportavam diante das autoridades públicas e divinas. Elias (1994) ao tratar do que é publicamente permitido e o que é possível modificar, afirma

“As proibições apoiadas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole. A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca – estas são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada.”(P. 189).

As estruturas sociais que incidem no comportamento individual são notórias no percurso de Vera. Ela teve abortos e nunca filhos; não se pode determinar se foi por essa promessa feita na angústia de ver o noivo milagrosamente recuperado de sua doença, ou mesmo pelo que sua mãe dizia desde cedo a ela:

Eu digo que tive também abortos, foi por causa da minha história. Quando eu nasci minha mãe passou a vida toda dizendo que não me queria! Porque ela casou muito jovem, teve meu primeiro irmão, sofreu no interior muitas dores, não tinha anticoncepcional nem nada. Então quando ela não pôde mais evitar de ter relação com o meu pai, que ela fugia, aí ela engravidou de mim. Aí teve que me ter! Nasci com 5kl 200gr, mais que o sofrimento do irmão. Então ela passou a vida toda dizendo que não queria que eu nascesse, que procurou uma pessoa para me dar, para me criar e que não conseguiu e que eu não deveria ter filhos. Isso a infância todinha.

Sei que foi por conta dessa história dela dizer, que eu aproveitei e não tive filhos com meu marido. Quando eu estava com ele, botaram um bebê na nossa porta, isso já fiz na análise também, eu olhei, botei dentro do carro e fui deixar no abrigo. Não tive nenhum sentimento de ternura, desejo de ficar, foi quase assim, como uma frieza.

Casei com meu segundo marido, ele já tinha cinco filhos, aí eu tinha trinta e poucos anos, eu poderia ter tido filho, mas não quis porque ele já tinha. Não foram morar comigo, mas eu adotei mesmo, hoje são como filhos. Aí eu não tive filhos de novo. Liguei as trompas.

Aí botaram um menino na minha porta(de novo), eu devolvi de novo o menino sem nenhum sentimento. Quando foi agora, nesse período, que fui trabalhar esse negócio de não ter filhos, eu me desmontei. O que aconteceu, eu fiquei muito angustiada com a sensação de ter feito abortos, entre parênteses, uma coisa muito angustiante. E por não ter tido a sensibilidade nem de olhar a cara dos bichinhos. Não tive pena, não tive sentimento nenhum. Como se eu tivesse bloqueada. Porque meu marido tinha cinco filhos, ele também não fez questão que eu tivesse filho dele. Tinham tudo a faixa de 15 anos na época que eu fiquei com ele.

Duas gerações marcadas por relações sexuais conjugais obrigatórias e que revelavam a agressividade contida nelas. Vera não consegue ter uma relação “genuinamente feminina”, ou seja, dentro dos padrões esperados: mulher cuidadora e devota. Esse era o período em que para serem felizes as mulheres acreditavam que precisavam de um casamento, com filhos, e que a esposa fosse sinônimo de bondade e virtude. Ela não consegue ser essa mulher-mãe que as pessoas que colocaram as crianças em sua porta esperavam que fosse. A boa moça era vista assim:

A moça de família dos anos dourados porta-se corretamente, tem gestos contidos e ‘boas maneiras’, mantem-se no bom caminho, não abusa de bebidas alcoólicas, não se envolve em conversas picantes nem compreende piadas impróprias; obedece aos pais e se prepara adequadamente para cumprir o destino feminino, desenvolvendo prendas domésticas e guardando as intimidades sexuais para o futuro marido. (PINSKY: 2012, P.482).

Quando recordam essas concepções mais antigas, percebem as mudanças em relação aos comportamentos das mulheres das gerações mais recentes. Dizem ser mais afetivas, tolerantes e abertas às revelações sexuais de filhas e netas. Vera revela:

Eu tenho pelo menos 4 grandes amigas que tiveram problema de relacionamento com a mãe: falta de afetividade, mães mais duras, mais distantes etc. Mas elas entraram em confronto com esse tipo de modelo de mãe que não é afetiva, que acha que tudo deve ser feito por obrigação, que cuidava mas o que a gente queria era carinho. A gente foi transformando a ideia de que cuidado é uma forma de carinho[...] somos mais afetuosas e também mais sexuais.

Elas criaram suas filhas para serem independentes, ter uma formação acadêmica mais valorizadas socialmente, mas também para casarem e ter filhos. Caso findasse o casamento, apoiavam a separação e muitas vezes ajudavam as filhas recém separadas, seja financeiramente ou até recebendo-as de volta em suas

casas. Metade das entrevistadas possuem filhas nessa situação em suas casas. No entanto, encontrei vestígios ainda de modelos rígidos nos discursos atuais, sobretudo naquelas que atribuem as mulheres que vão aos bares e usam bebidas alcoólicas como tendo menos valor que aquelas que não bebem. Afinal, concluem, que acham “muito feio mulher que bebe”.(SIC) Ou ainda no julgamento pejorativo que algumas explicitamente fazem aquelas que tem namorado, seja velado ou não. Ou ainda na forma como expressam que são muito “fáceis” as mulheres de hoje.

6.2 “As velhas também tem cosquinhas”: sexo e masturbação

As mulheres entrevistadas nesta pesquisa revelaram aspectos da sua sexualidade que apontam, mais uma vez, para a mudança de paradigma do envelhecimento nos últimos anos. Elas revelam ter interesse em uma vida sexualmente ativa, embora atribuam valências diferentes para o sexo na juventude e pós- 60 anos.

Alves (2011) diz haver uma ambiguidade da geração mais velha com relação aos projetos atuais de vida afetiva e sexualidade:

Apesar de afirmarem que estão “fora do mercado sexual”, as razões para essa ausência revelam contradição. Por um lado, são os homens que não as desejam mais porque são velhas e pouco atraentes para os padrões de beleza hegemônicos. Por outro lado, são elas que dizem não se interessar mais por sexo e, portanto, não procuram os homens. Ambas as coisas podem acontecer simultaneamente e o resultado é que sobra pouco espaço para a afirmação de um projeto afetivo e sexual na maturidade. (P.171).

Essa autora pesquisou mulheres de classe média carioca. O Rio de Janeiro caracteriza-se como um polo que distribui tendências e modelos para o resto do País e é vanguarda de comportamentos. Assim, as cariocas teriam um estilo de vida mais libertário do que aquele da mulher nordestina, cearense, que traz em si as marcas do autoritarismo, da forte religiosidade, de padrões mais rígidos a serem obedecidos. Talvez para as cearenses seja ainda um pouco mais difícil falar sobre sexualidade e afetividade.

Ainda assim, há similitudes entre elas. As cearenses também afirmam que os homens de sua idade não querem saber delas, buscando sempre namoradas mais jovens.

O homem quanto mais velho mais quer uma pessoa mais jovem. Embora ele saiba que paga um preço altíssimo. Uma mulher mais velha, sai pra transar com um homem jovem o que que ela precisa? Se ela não tiver mais hormônio, basta ela botar uma pomadinha, lubrifica e está tudo bem, faz o mesmo trabalho melhor que essas meninas sem experiência. O cara tem que se empanturrar de viagra. Meu marido acho que morreu por causa disso. Apesar dele ser um homem muito viril, sempre foi, mas tomou muito remédio desde jovem pra pressão, muito remédio para o coração, perdeu. Começou a usar viagra por que? Pra casar com uma mulher de 20 anos, ele tinha 50 anos na época! O que acontece, todo mundo tomando remédio. (ZULEICA, 63).

As mulheres estão sozinhas, de acordo com o que dizem, porque os homens preferem mulheres mais jovens. Bozon (1998) afirma isso revelar que as desigualdades entre homens e mulheres permanecem: “devido a uma esperança de vida mais longa para a mulher e à preferência demonstrada pelos homens por mulheres mais jovens, continua sendo difícil para as mulheres sozinhas (por divórcio ou viuvez.” (P.242)

Esse discurso, todavia, é entrecortado por outro que, se não o nega, ao menos desfaz o caráter absoluto dele. Do mesmo modo como geram a ideia de que seus coevos as rejeitam pela idade, se sentem desejadas por eles. Ana Maria diz assim: “Me sinto desejada no momento. A pessoa que está comigo é cheia dos queixos pro meu lado. E assim quando eu ando por aí, observo que até as mulheres também, não sei se desejando, mas elas dizem: ‘Ô mulher bonita!’” Angélica, que tem um *namorado*, quando perguntada se ela se sente desejada, também responde

Me sinto. Esse namorado pelejou muito pra eu querer ele, demais, demais. Então ele tem um tesão muito grande por mim. A minha autoestima é mais elevada. Eu sinto que eu sou desejada! Ele também sente, ele nota que os homens olham pra mim, mas eu não noto.

O sexo é compreendido como um complemento da relação. E dizem que os homens é que adoram sexo, não elas. Elas diferenciam e hierarquizam o sexo: os homens teriam uma libido superior à das mulheres. A sensualidade masculina estaria à flor da pele e passam a naturalizar os desejos masculinos. Essa ideia remete mais uma vez à oposição e à diferença entre homem e mulher. Bourdieu (2011) diz que:

Uma sociologia política do ato sexual faria ver, como sempre se dá em uma relação de dominação, as práticas e as representações dos dois sexos não são, de maneira alguma, simétricas. Não só porque as moças e os rapazes têm, até mesmo nas sociedades euro-americanas de hoje, pontos de vistas muito diferentes sobre a relação amorosa, na maior parte das vezes pensada pelos homens como a lógica da conquista [...] mas também porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de 'posse'. Daí a distância entre as expectativas prováveis dos homens e das mulheres em matéria de sexualidade – e os mal-entendidos que deles resultam, ligados a más interpretações de sinais, às vezes, deliberadamente ambíguos ou enganadores. À diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades (falar, tocar, acariciar, abraçar etc), os rapazes tendem a 'compartimentar' a sexualidade como ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo. (P.30).

Assim existiriam valências sexuais diferentes entre homens e mulheres, nas quais elas esperam comportamentos diferentes dos companheiros, e, de fato, relacionam sexo com uma experiência de intimidade, na qual para algumas, é preciso ter certo nível de afetividade. As práticas sexuais devem ter um caráter diferenciado para ambos, contudo delimitei o meu trabalho a uma das perspectivas. O ponto de vista delas sobre os homens é o que prevalece, podendo, portanto, conter juízos enganadores. São as próprias mulheres que atribuem ao masculino as características da virilidade, do desejo preponderante de sexo e, imagino, de que os homens mais velhos querem mais sexo do que as mais velhas, principalmente após o Viagra. E para si, as características ligadas à afetividade e ao companheirismo, ao sexo como complemento da relação. Ou seja, elas partem do ponto de vista dos dominantes ao naturalizar tais comportamentos.

Bozon (2004) diz que na França, os anos 1960 e 70 assistiram ao desaparecimento do modelo comportamental no qual a sexualidade aparecia como um acabamento para os parceiros; o toque final da elaboração do casal. O que as interlocutoras revelaram, porém, é o sexo por si mesmo não é o que buscam. O sexo contém essa conotação já superada na França, há mais de 50 anos. Assim diz Isabel:

A minha vivência é que sexo foi um complemento de uma relação, eu não me vejo fazendo sexo com uma pessoa no dia em que conheço, nem pagando pra fazer sexo. Pra mim faz parte do contexto!...é um aditivo para uma relação completa, fazia parte do show, sempre como complemento nunca prioridade. (ISABEL, 62).

Ele adora sexo. Mas para mim sexo era mais quando eu era mais nova. Eu tenho 3 ou 4 vezes na semana, mas por insistência dele. Mas eu era muito quente, não sei se é porque era com meu grande amor[quando casada] Hoje eu gosto dele, ele faz tudo para agradar, mas não é mais aquele jeito...mas a gente precisa de sexo! (ANGÉLICA, 62).

Talvez por isso que o termo prostituição masculina seja algo jamais pronunciado por qualquer uma delas durante as observações e conversas informais ou mesmo entrevistas. Essa é uma palavra proscrita. Para algumas, não só pronunciar mas também recriminar a prática de pagar em troca de sexo. Para outras, é válido pagar, pois as mulheres dessa idade perderam os seus atrativos. Esses são alguns dos depoimentos:

O sexo comprado eu acho que não é valido... mas também ser ruim, não é... por que tá se aliviando naquilo ne... porque tem mulheres que são ninfomaníacas... ai se ela tem problema de ficar com necessidade, o problema e dela. Eu não vou censurá-la mas eu não faria. Eu jamais, nem pra dançar eu pago. Eu danço só. (NELI, 66).

Eu acho legal [as mulheres que pagam para obter sexo] se elas podem e querem...Agora, às vezes fica numa relação tipo de dominação. É bom que elas possam resolver isso pagando. Até porque a gente com mais de 60 anos vai ficando menos atraente, não tem, os mais novos não tem interesse! E eu sempre namorei gente mais nova, mas depois de 60 não tem interessei nem nos meus contemporâneos nem dos mais novinhos. Então de repente é uma oportunidade. Bom, se é uma necessidade, sexo, e eu quero ter carinho, um companheiro e não consigo, então pago pra ter. Mas tem gente que age pra se exibir. Eu nunca me ocorreu. (VERÔNICA, 65).

Tenho uma amiga de 70 anos que paga para transar, eu digo pra ela que nunca faria isso, mas ela encara como normal! (ANGÉLICA, 62).

A mulheres desta pesquisa em sua totalidade negaram ter feito sexo em troca de pagamento; contudo, afirmam que há uma “prostituição masculina” – embora não nomeiem a prática desse modo - voltada para esse perfil e todas elas dizem possuir amigas que pagam para os seus dançarinos. Ana Maria afirma que elas pagam assim: “100 reais a dança[a noite] e 150 para dormir com elas. Na casa delas, não é motel.” Saber se há ou não sexo entre as mulheres e dançarinos fez parte de um discurso proferido que não foi provocado. Não havia um interesse direto nessa relação, sobretudo porque não fiz um estudo sobre as ditas “festas da terceira

idade”, embora também fosse *locus* de observação eventual e 5 das entrevistadas frequentassem esses ambientes. Bozon (1998) informa:

A sexualidade das mulheres continua se inscrevendo em compromissos, e em quadros que diferem bastante dos apresentados pelos homens. Assim, a existência de uma liberação sexual feminina, que vem ocorrendo desde os anos 60 ou 70 (dependendo dos países), não se traduz por uma maior tolerância das mulheres em relação aos homens, mas, muito pelo contrário, por uma maior exigência das mulheres para com seus cônjuges e parceiros, e por uma facilidade maior para elas de interromperem relações pouco satisfatórias, e eventualmente, darem início a novos relacionamentos. As trajetórias sexuais e conjugais das mulheres tornaram-se mais variadas, mas isso não significa que suas aspirações tenham mudado: sua expectativa fundamental continua sendo de viver sua sexualidade em um casal estável. (P.241).

Ainda assim, essa sexualidade é mais livre hoje, solta das amarras de outrora, pois essa é a idade em que se pode tudo diferentemente da juventude que tiveram! Isso está posto quando é dito por Ana Maria:

Uma amiga de 64 anos arranjou um taxista que sempre vai deixa-la em casa. Aí ela chamou ele pra dançar, mas ele não sabia. O homem foi de tênis! Aí ela disse que ele ia ficar na reserva! Quando perguntei por ele, ela fez o sinal de que só era pra transar! Domingo me disse: ‘Mulher, na quarta saí com ele, bom demais! Pense nuns ovinhos[testículos] ainda atrepados...ô coisa boa!’ Ele tem 40 e ela 64 anos.”

Fica evidente que as mulheres são exigentes também com seus parceiros. Existem aqueles que não se enquadram no que esperam de um companheiro. Esses ficam na espera e servem apenas para transar e não para apresentar publicamente. Os mais jovens que não pertencem ao estilo de vida delas não incorporam o código de conduta de como deve se comportar ou como se vestir para esses locais de festa. Portanto, não sabem que os homens que vão às festas calçam sapatos sociais melhores para a desenvoltura da dança. Exigências à parte, as mulheres, quando dão oportunidade para os homens mais jovens, surpreendem-se com o vigor que eles trazem e flexibilizam as regras sociais.

Outra questão posta é que a juventude parece remetê-las à idade privilegiada da sexualidade, mesmo em contraposição ao que dizem do fato de terem sido reprimidas sexualmente nessa época. Angélica diz que adquiriu sua

independência depois dos 30 anos, quando se separou do seu único marido. Ela atribui a essa idade o período em que teve mais desejo sexual

Com 30 anos eu me achava uma garota. Eu achava que era a dona do mundo. Saía com o namorado (...) quando a gente se separa a gente morre de medo de arranjar outro namorado, de se apaixonar. Se tinha um namorado tinha que sair só com ele. Hoje a gente é mais leve, a gente é mais a gente... Quando eu tinha 30, 35 anos eu tinha muito desejo. Eu tinha um namorado que ele era mais novo que eu 10 anos, eu tinha 35 e ele 25. Mas eu achava que não tinha futuro aquilo ali (por ser mais desejo e sexo) é tanto que eu terminei. É isso. (ANGÉLICA, 62).

Contrapõem outra questão, no entanto, com relação ao sexo na juventude:

É como a história do sexo. Quando você é nova: "Ave Maria" tá com todo o gás, mas é a preocupação de engravidar. Depois são os filhos: Uma pessoa que nem você ainda está cuidando dos filhos, não pode sair e deixar os filhos em casa. A gente tem muita energia, mas não pode. Hoje a gente bota o cansaço pra lá e vai! Eu dizia que quando eu tivesse mais velha ia ser bom demais (sexo). Aí chegou a menopausa, as pernas dói, o joelho dói, não pode nem, meu Jesus Cristo! Mas hoje a gente não tem vergonha de nada. Quando eu era jovem eu tinha vergonha, eu não sugeria nada, não sabe. Se eu fosse fazer algo novo, o marido podia pensar que eu aprendi na rua!(ANA MARIA, 64).

Ana Maria esclarece mais uma vez que a velhice trouxe para as mulheres uma liberdade ainda não presenciada. Antes, quando eram jovens, tinham todas as atribuições do casamento, os cuidados com os filhos, o que limitava de certa forma as relações sexuais, pelo cansaço de tantos afazeres. Embora existisse uma libido mais aguçada, maior fosse o desejo sexual quando jovens, estavam mais ocupadas com outras demandas. Agora que estão vivenciando seu envelhecimento, elas podem tudo, mas já não têm todo o desejo de antes. Alves (2005) ensina que

A valorização do trabalho da mulher fora do lar e a 'revolução sexual', são aspectos de um processo de mudanças que atingiu essa geração de mulheres. Os efeitos dessas mudanças, se não foram diretamente sentidos na sua juventude, estão agora gerando consequências na velhice. Todas denunciam o atraso de sua geração: a educação excessivamente rígida que receberam dos pais, o desconhecimento sobre o sexo, a imposição do casamento e a limitação das opções educacionais são vistos como pontos negativos da vida que tiveram. (P.26).

Este relato permite refletir: será que o sexo teria mais importância para as pessoas quando são mais jovens? Não é porque a pessoa envelheceu que tenha perdido sua capacidade de ter uma vida sexualmente ativa. É percebido que a intensidade e a qualidade do sexo dependem de cada pessoa e que há uma mudança no modo de conviver com sua sexualidade. Enquanto quando eram jovens tiveram relacionamentos que se baseavam em primeiro lugar na atração física, no desejo sexual e avaliam, portanto, que esse foi o melhor momento de suas vidas, os relacionamentos pós-60 não têm essa prioridade.

As mulheres reconhecem ainda uma vantagem sobre os homens. Os mais velhos teriam mais dificuldade de acompanhar o ritmo delas que tem um cuidado de si bem maior do que a maioria dos homens de sua geração. Para elas, eles só pensam em beber com os amigos nos bares e essa vida excessivamente voltada para a boêmia, os afasta dos salões de dança, e da maioria das atividades físicas de que elas participam cotidianamente. E denunciam o fato de que eles “não têm pique” enquanto elas ainda são ativas sexualmente.

[O sexo] É ainda muito importante. Dou muita importância. Por exemplo, eu dou tanta importância que uma pessoa me paquera e tudo mais, há muito tempo que me ronda e eu fiquei sabendo que essa pessoa não tem mais capacidade sexual, que teve problemas aí de saúde que não pode mais [transar], não tem mais vigor físico. Eu não vou não! Eu não fico com essa pessoa porque eu ainda tô batendo um bolão. Se não dá, não sou eu que vou ficar ali presa do lado dele, para ficar curtindo só a companhia. Eu posso fazer companhia para ele assim, momentaneamente, numa festa, num aniversário, num churrasco, mas não para dizer que vou me comprometer aqui nesse relacionamento. Eu considero importante. (CONCEIÇÃO, 65).

O sexo é ainda importante em suas vidas e relacionamentos. Tanto é que existem as seguintes narrativas

Minha filha, a gente tá numa idade que a gente precisa de um afeto, não é só o novo que tem as cosquinhas não! As velhinhas também têm!
[...] A minha amiga mesmo que casou disse assim: ‘Mulher, fiz uma merda, o homem tem o negócio[pênis] tão mole, pensei que ainda era como antigamente!’ Eu disse: ‘E pra quê tu quer?’ (ANA MARIA, 64).

Eu estava num determinado lugar quando chega um homem botando em cima de mim. E disse: ‘Me diz uma coisa, como é o tipo de homem que você gosta?’ Eu notei né, a tirada, aí disse: ‘eu gosto de homem que daqui pra cima seja centrado, educado, fino, inteligente, culto.’ Aí ele disse: ‘E a parte sexual?’ Eu disse; ‘Tem que ser tinindo porque eu sou ligeiro bala.’ Aí ele

disse; 'Então me enquadro. E a parte financeira?' Eu respondi: 'podre de rico! Liso com liso escorrega.' Aí ele fugiu, disse que eu era muito exigente. (ZULEIKA, 63).

Vera embora não tencione ter mais relações sexuais, revela que isso para ela constitui uma exceção, pois suas amigas da mesma geração têm um comportamento bem mais aberto.

Elas [as amigas] até me questionam muito, como é que você pode não estar interessada em sexo? Tenho três amigas viúvas, tenho outras juntas, separadas, que elas vivem intensamente essa mudança. Embora não tenham vivido antes. Elas romperam, eu não, fiquei presa nessa história da espiritualidade e eu não sei ainda se isso é bom ou se é ruim. Ainda estou avaliando. Elas não, elas já estão nessa outra dimensão de se sentir mulher. E sem culpa, na minha geração havia muita culpa. (VERA, 68).

Já outra questão apontada por Zuleika é o fato de algumas mulheres não se sentirem à vontade para transar, porque têm vergonha de mostrar o corpo carregado pelas marcas do tempo: rugas, celulites e flacidez. É importante observar que o fato de a maioria delas ter passado bastante tempo casada fez com que o marido acompanhasse as mudanças no seu corpo: o de antes jovem e o envelhecimento gradativo. A novidade de sair com outro homem é que ele já vai conhecê-la no período de menor vigor físico de seu corpo. Logo traçam, porém, estratégias para que eles prestem menos atenção nos detalhes. Uma delas é apagar a luz para que não perceba as imperfeições⁶⁵.

Rapaz, o sexo é uma coisa que é inerente, uma necessidade natural. A questão da idade, a própria mulher não precisa de tanta coisa como o homem para poder ter uma relação sexual. O homem mais velho precisa de paliativos, você tá entendendo? A mulher também quer sexo. Quando estou com as mulheres conversando, sabe o que elas me falam? Que a mulher se retrai mais porque tem vergonha do próprio corpo! Ela se envergonha porque ela começa a ficar flácida cedo, ela se envergonha. Sim senhora, com certeza!

Essa minha amiga, ela me dava muitas dicas, por exemplo, ela me deu várias dicas que eu já tinha matutado aqui! Se eu fosse transar com um cara que realmente valesse a pena, tinha que ser tudo na surdina. Qual é a desculpa? "Sou pudica! Não, nunca, nem na frente de minha mãe eu ficava nua, pelada desse jeito." Outra coisa, seduzir o homem até um ponto tal que ele não vai nem se preocupar em procurar ruga...não vai ver nada, é só você saber fazer a cabeça do cabra. Se o cabra tiver interessado. (ZULEIKA, 63).

⁶⁵ GOLDENBERG (2008) em sua pesquisa com homens diz que essa queixa de que eles reparam nas celulites, rugas e imperfeições foi criado pelas mulheres, pois eles não dizem se importar de modo algum com essas questões.

A relação envelhecimento e corpo feminino tem implicações importantes para compreender essa condição. A mulher que está em busca de um novo relacionamento pós-60 anos sente um preconceito que começa consigo e o espelho. Goldenberg (2008) diz que no Brasil o corpo é um capital simbólico, econômico e social, mas esse corpo é o *sexy*, magro e jovem. As mulheres brasileiras se vestem como jovens e uma geração de filha-mãe-avó tem vestimentas semelhantes. “Em uma cultura em que o corpo é um capital, o processo de envelhecimento pode ser vivido como um momento de grandes perdas, especialmente de capital físico.”(P.31).

Essa reflexão sociológica foi evidenciada na forte cobrança de um modelo a ser perseguido e incorporado por elas. Esse é baseado na busca do controle do envelhecimento e de “correr atrás” incessantemente do eterno rejuvenescimento. As mulheres que passam por essa fase das suas vidas estão desejando recursos que amenizem o impacto da idade. Não encontrei uma mulher em meu campo de pesquisa que tivesse, por exemplo, cabelos brancos: todas tinham os cabelos pintados, a maioria com tons louros⁶⁶. Isso é interessante por ser um padrão adotado por grande parte das mulheres brasileiras desde os primeiros fios.

Já os homens que encontrei ao longo desta pesquisa, nos bares e festas, não pareciam ter problemas com os seus fios brancos. Talvez se trate do que Le Breton (2011) chamou de “sedutor das têmperas cinzas”, referindo-se que o homem que envelhece é um sedutor ao contrário da mulher:

A mulher idosa perde socialmente uma sedução que ela devia essencialmente ao seu frescor, à sua vitalidade, à sua juventude. O homem pode ganhar com o tempo uma força de sedução crescente, porquanto se valoriza nele a energia, a experiência, a maturidade. Fala-se do “sedutor das têmperas cinza”, de “belo velhinho”; esses qualificativos, porém, nunca são associados a uma mulher. Uma mulher que busca ainda seduzir um homem bem mais jovem que ela atrai um juízo sem complacência da sociedade; ao contrário, é absolutamente admitido, e testemunha, em última instância, o “vigor” do homem. (P. 233).

A primeira grande dificuldade de encontrar outra pessoa está nela mesma e passa também pelo olhar do outro. Na sociedade ocidental contemporânea, que baseia seus pilares na juventude e no corpo belo, não ter nenhum desses atributos causa certa dor, temendo uma rejeição possível, mas que não é garantida. Ela teme

⁶⁶ Há um ditado popular no Brasil a dizer que a mulher aqui não envelhece; fica loura.

ser rejeitada porque já tem as marcas dos tempos em seu corpo, manifestas por meio de rugas e sinais de envelhecimento que só seriam possíveis de disfarçar com as lâmpadas apagadas. Goldenberg (2008) assevera que são as próprias mulheres que se aposentam na área do sexo e não os homens que as aposentam.

Esse fenômeno, ao ser para mim confiado, me fez lembrar de imediato do trecho final da obra *O amor nos tempos do Cólera*, de Gabriel Garcia Márquez, no qual Fermina Daza e Florentino Ariza, principais personagens, depois de terem passado toda a juventude e vida adulta separados, resolvem consolidar o seu amor na velhice. O prodígio tão esperado pelo leitor é brutalmente realizado pela óptica desnudada da realidade da velhice. Assim é mostrado:

[...] Animado por essa ilusão, atreveu-se a explorar com a ponta dos dedos seu pescoço flácido, o peito encouraçado de varetas metálicas, as cadeiras de ossos carcomidos, as coxas de corça velha. Ela o aceitou com agrado e olhos fechados, mas sem arrepios, fumando e bebendo aos goles espaçados. No final, quando as carícias deslizaram para seu ventre, já tinha bastante anis no coração. – Se temos de fazer safadezas, vamos a elas – disse – mas que seja como gente grande. Levou-o para o quarto e começou a se despir sem falsos pudores com as luzes acesas. Florentino Ariza se estendeu de costas na cama, procurando recobrar o domínio, de novo sem saber o que fazer com a pele do tigre que tinha matado. Ela disse: “Não olhe.” Ele perguntou porque sem afastar a vista do teto baixo. – Porque você não vai gostar – disse ela. Então ele a olhou, viu-a nua até a cintura, tal como a imaginara. Tinha os ombros enrugados, os seios caídos e as costelas forradas de um pelame pálido e frio como uma rã. Ela tapou o peito com a blusa que acabava de tirar, e apagou a luz.[...] era a primeira vez que fazia amor em mais de vinte anos, e o fizera embargada pela curiosidade de sentir como podia ser, em sua idade e depois de um recesso tão prolongado. (MÁRQUEZ, 2006: p. 147-148).

Essa narrativa poderia pertencer a qualquer uma de minhas pesquisadas, pois a literatura retrata explicitamente a vida, uma vez que se ocupa dos fragmentos do dia a dia e, de um modo sucinto, nos faz entrar na cena e visualizar cruamente o que acontece na privacidade de suas vidas. Fermina Daza acabara de perder o marido e, como algumas viúvas, fala da esquisitice de pôr-se nua na velhice para um outro homem; diferente do ex-marido que envelheceu junto a ela.

Logo, vale ressaltar, que nas entrelinhas desse discurso que relega ao sexo o segundo plano nos novos relacionamentos, pode haver um receio em manifestar seus sentimentos e desejos. A masturbação, que é um ato de obtenção de prazer sexual induzido pela própria pessoa, embora possa ser feita na presença e com a participação de outra, em geral, para elas consiste em um ato solitário. Conversando com uma psicanalista acerca das possibilidades de obter das minhas

interlocutoras uma fala verdadeira sobre esse processo íntimo, ela me disse ser algo que, em geral, as pessoas negam de imediato, e que, ao longo de mais de 30 anos de consultório, as pessoas nem lá “confessam” que se masturbam. Empreitada essa difícil: “você se masturba?”

A resposta foi “sim”, praticam a masturbação. E que nisso não há problema algum, pois, além de ser um modo de obter prazer, também possibilita autoconhecimento. Anna assim afirma

A masturbação não é nada demais nem para o jovem! Não é nada demais não, nem falta de pudor. Muito melhor se satisfazer assim do que pegar qualquer um, pegar uma doença, se encher desse tipo de coisa! [...] Tem gente que nem sabe fazer nada, pensa que é só introduzir o pênis e pronto! Ela tem, deveria, se masturbar para saber como ela gosta! Tem homem que só quer saber de xereca [vagina] mas o resto deixa pra lá. A mulher gosta que mexa nos seios, beijar outras partes! (ANNA, 69).

A masturbação é um ato que eu preciso me dominar. Eu mantenho esse hábito desde menina. É impressionante. Mas sabe o que acontece? Preste bem atenção. Eu tento me controlar por uma questão religiosa porque eu sei dos preceitos e tudo. Menina, não sei se é porque isso depende da pessoa, eu sinto muito assim, meu marido dizia que eu era tarada! Acho que ele casou comigo por isso! O homem só via sexo na frente dele, mesmo com essa mulher (a amante), ele vinha atrás de mim. É uma coisa que não dá pra você fugir. Você tá lendo uma coisa, você é normal, ainda tem hormônios ainda, eu tô dizendo, eu sou um caso pra estudo. Eu sinto isso ainda. Eu tô vendo uma coisa aqui, eu procuro fugir disso, mas acontece, poxa. Desperta, a necessidade. Eu tive uma vida sexual muito ativa, muito, muito, muito. Acordada às vezes meia noite, aí eu me masturbo pra poder dormir. É estrutura, vou me envergonhar de quê. (ZULEIKA, 63).

A masturbação é encarada como forma de satisfação das suas necessidades, sem precisar de um homem para que isso aconteça. Elas alegam que é uma maneira também de aprender mais sobre sua sexualidade uma vez que os homens não se detêm em explorar as zonas erógenas femininas, compreendendo a relação sexual mais como uma penetração. Assim, além de se beneficiarem com a atividade, também se afastam do perigo de pegar doenças sexualmente transmissíveis. Até porque os homens velhos dessa geração, concluem, nunca usaram camisinha, dizem que eles não se acostumaram a se preservar.

Nas grandes cidades, há um sentimento de preservar-se do olhar do outro, daquele que não faz parte do seu grupo. As pessoas têm uma ilusão da intimidade, de que, quando estão sozinhas, desfrutam do seu verdadeiro eu. Existem coisas das quais só se confessa a si mesma. E outras que nem isso. Ainda assim é preciso indagar. Escutar que *“nunca tinha refletido sobre isso, mas já que*

você perguntou...” não gerou tanta surpresa em mim, pois, afinal, as pessoas não vivem debruçadas sobre suas questões mais íntimas. Embora o sexo seja o assunto por excelência do século XX (FOUCAULT, 1988), o sexo bom de se falar é o do outro, é aquele que pode ser escrachado, debochado, podendo ser emitidos juízos de valor.

6.3 “Sinto como se estivesse capada”: a denegação da sexualidade.

Das mulheres que participaram da minha análise, quatro delas relataram que não querem mais praticar sexo. Duas delas admitiram ter se masturbado até pouco tempo, contudo dizem não persistir, por não sentirem mais vontade. De acordo com elas, esse desinteresse sexual advém da entrada na menopausa. Suas idades são: 65, 66, 68 e 69 anos. Trazem consigo outras características: não vão aos bailes ou pagam para dançarem; associam sexo com amor, sendo o sexo por dinheiro algo que não fariam; e dizem não se masturbar mais, embora duas já tenham se masturbado em algum momento de suas vidas.

Essas são as mesmas mulheres às quais, em capítulo anterior, me referi que a proximidade dos 70 anos e algumas doenças oportunistas da idade, as fizeram manter um discurso de uma velhice mais solitária e afastada do desejo de novos relacionamentos. Assim foi abordado o assunto por uma delas:

Olha, tem a questão sexual, afetiva, que com a menopausa cai... “fuuu”! (Gesticula com o polegar para baixo) Usei hormônio sintético durante muito tempo, depois resolvi parar, depois tomei aqueles baseados em soja, parei. Porque isso tem uma mudança significativa na libido(para menos), fisicamente inclusive. Teve uma época que, uma coisa engraçada – não podia me imaginar beijando alguém que me dava nojo de trocar saliva, mas passou. Faz algum tempo que eu não tenho mais essa coisa da libido, morreu, eu não sei, pode estar adormecido, mas eu não tenho. [...]eu nunca saio com essa intenção. Jamais! E não vejo mais no sexo oposto, que é o meu interesse, nenhum atrativo. Acho importante você ter amigos homens que têm uma outra visão das coisas da vida, tenho falta de amigos homens pra trocar ideias. Eu tive alguns, geralmente gays, achava legal. (VERÔNICA, 65).

Enquanto as mulheres se queixam de que existe uma vida sexual antes da menopausa e outra depois, entra em cena um questionamento: porque não foi criada até hoje uma pílula que funcionasse como estimulante sexual para a mulher?

A resposta foi dada ao longo da tese, ao destacar a valência diferencial dos sexos, essa hierarquização desigual entre homens e mulheres. Não é à toa que Hérítier (2002) assinala ter sido o Viagra aprovado em 1998 um sucesso. Usado no mundo todo,⁶⁷ menos por aqueles que realmente precisavam por motivo de impotência e mais pelos que queriam mostrar o aumento de sua potência e prolongar as relações sexuais. Ou seja, ao homem é assegurado o direito ao desejo sexual e ao prazer, enquanto, para a mulher, foi produzido apenas um medicamento para reposição hormonal, o que não há relação, uma vez que

Os tratamentos da menopausa não visam restaurar uma função sexual que se teria tornado deficiente com a idade, nem a estabelecer a qualidade do prazer, visam remediar inconvenientes hormonais com consequências pesadas na saúde: osteoporose e certos câncers. (HÉRITIER, 2002: p.180).

Algumas mulheres estão tanto tempo sem ter relações sexuais que, a exemplo de Verônica, nem lembram direito quantos anos faz que teve sua última relação sexual, afirmando seu desinteresse. Alegam que isso decorre mais de uma questão hormonal. Talvez essa seja, porém, uma desculpa que elas criaram para si mesmas. O nojo que minha interlocutora revelou ter passado ao ver um casal se beijando, é contrariado pela cara que faz ao mencionar isso! Há uma resistência grande a todo e qualquer aspecto sexual de sua existência. Santos (2003) explica que

As perdas dos hormônios modificam o mecanismo e a frequência da ereção, assim como altera a lubrificação vaginal, dificultando a realização do coito. Isso parece decretar que a penetração é a única fonte produtora de prazer e a ausência ou as dificuldades dessas possibilidades funcionais incapacitam o velho como ser sexuado. O que interfere na vida sexual do velho está para além das limitações orgânicas, que são decorrentes do processo natural de evolução do ser humano. O que interfere na vida sexual do velho é de ordem psicológica e sexual. (P.30).

É assim que compreendi essa ausência de desejo sexual. O sexo ao longo da vida é transformado de acordo com a fase em que se vive. Enquanto na juventude e seus arroubos a presença do sexo tem um caráter de descoberta, de

⁶⁷ Hérítier (2002) diz que nos primeiros 6 meses de seu lançamento a pílula foi usada por 4 milhões de Americanos perfazendo o montante de 411 milhões à época. Segundo a *Food and Drug Administration* apenas 15% era impotente.

busca de conhecer o outro, na velhice, há uma transformação de intensidades. Daí que muitas mulheres dizem que não é como antes.

Além disso, o fator emocional e psicológico parece ser o elemento que mais produz esse discurso. Retomo a trajetória de minha interlocutora já iniciado à frente. Vera parece ter sublimado toda a sua energia sexual para os caminhos da espiritualidade, pois depois de o segundo marido ter falecido foi que diz ter reconhecido o quão profundo foi esse amor. Isso ela ainda não sabe se é bom ou ruim, mas sente-se “aposentada” da vida sexual.

Nós fomos casados 26 anos. Meu foco era o trabalho, e ele apareceu na minha vida. Mas quando morreu foi uma coisa tão profunda, tão sentida, que eu não tinha consciência de quanto eu ia sofrer, nem de que a nossa relação era tão boa, tão profunda, que se ele saísse da minha vida ou talvez eu saísse da vida dele, eu sofreria tanto. Não foi os 60 anos, nem a aposentadoria, que modificou a minha vida, mas a perda.

Não [não teve outro relacionamento]! Isso trabalhei também com esse psicanalista, não, ele não é nem psicólogo, ele é espiritualista, tô até tentando voltar. Isso ficou assim...Na missa de sétimo dia, eu já recebi a primeira mensagem dele. [...]Eu disse que tinha alguma coisa querendo se comunicar comigo, aí a minha irmã e minha sobrinha disseram que era isso mesmo. Eu não vi nada na missa de tão apagada que estava. Eu disse que era ele que estava dizendo que chame meu sobrinho que é médium que ele tem uma mensagem para me dar e depois vai me dar um passe energético.

Eu nunca tinha falado de espiritismo, não sabia nem o que era passe energético! Meu sobrinho era espírita, e veio. Ele tinha tirado uma mensagem na internet para ler na missa e não conseguiu ler, mas ninguém sabia, e ele leu: “Não transforme em fel a vida dos que se foram, que eles continuam contigo para sempre e nos veremos um dia na presença de Deus.” Quando acabou de ler, eu recebi um passe energético, e pulei da cama, com toda a energia.

A partir daí o que foi que aconteceu comigo para responder sua questão? É como se eu fosse aos poucos tomando conhecimento que o amor que sentia por ele fosse ultrapassar essa dimensão da terra e eu não fosse precisar de outra pessoa. Isso foi aos poucos se consolidando em mim, até hoje. Mas vou dizer outra descoberta: esse amor homem e mulher já tinha transcendido com ele, com esse sofrimento, essas comunicações que ele continuou mantendo comigo, e que eu não preciso de outra pessoa para me amar, mesmo fisicamente.

Eu dizia, meu Deus, eu criticava tanto os padres, privados do sexo, isso não pode ser possível, hoje eu tô achando que é possível desde que você transcenda a ideia do amor, que o amor não é só sexo. Nem precisa do sexo numa outra dimensão! Aí se isso é bom ou ruim, não sei. Mas na verdade, eu não sinto interesse! Teve pessoas até que demonstraram interesse, mas eu não sinto o menor interesse, menor vontade. Não tive nenhuma relação, mas descobri uma outra forma de amor mais abrangente que é o amor da minha família, que eu não dei. E que eu vou compensar tudo isso com essa nova maneira de amar. Complexo não é?

Ela sublimou - como diz em determinado momento da entrevista, que eu deveria estar pensando - toda a sua afetividade para uma dimensão transcendental. Esse amor e esse relacionamento que ela nem reconhecia, enquanto vivia com o marido, agora tomou a proporção de abrangê-la em sua totalidade. Será que ainda resiste aquele sentimento de culpa que as mulheres de sua geração carregaram desde muito jovens? Uma outra viúva entrevistada também parece ter colocado o marido falecido num lugar de destaque da sua vida, sobretudo, por ter sido uma época muito boa e como se não fosse possível encontrar outra parceria como aquela.

Vera volta-se na velhice para a espiritualidade. Essa foi a maneira que encontrou para “levantar-se” depois de todo o sofrimento vivido. Ela ficou na solidão, sem filhos, muito doente e desestruturada, ao perder o seu marido, e hoje diz não querer mais nenhum relacionamento, pois o seu amor é além da vida.

A sexualidade, porém, nunca teve grande importância em sua vida, débito contabilizado também na rubrica de sua mãe pela forma como foi criada. O modo como elabora essa questão é feito da seguinte maneira:

É como se eu fosse aos poucos tomando conhecimento que o amor que sentia por ele [o marido falecido] fosse ultrapassar essa dimensão da terra e eu não fosse precisar de outra pessoa. Isso foi aos poucos se consolidando em mim, até hoje, mas vou dizer outra descoberta: que esse amor de homem e mulher, já tinha transcendido com ele, com esse sofrimento, essas comunicações que ele continuou mantendo comigo [além vida], e que eu não preciso de outra pessoa para me amar, mesmo fisicamente.

Eu dizia, meu Deus, eu criticava tanto os padres, privados do sexo, isso não pode ser possível! Hoje eu tô achando que é possível desde que você transcenda a ideia do amor, que o amor não é só sexo. Nem precisa do sexo numa outra dimensão. Aí se isso é bom ou ruim, na verdade, eu não sinto interesse. Teve pessoas até que demonstraram interesse, mas eu não sinto o menor interesse, a menor vontade. Não tive nenhuma relação depois que ele morreu, mas descobri uma outra forma de amor mais abrangente que é o amor da minha família que eu não dei. E que eu vou compensar tudo isso com essa nova maneira de amar. Complexo não é? (VERÔNICA, 68).

A trajetória de vida das mulheres ainda contém reflexos de valores e crenças conservadores que se consolidaram ao longo de suas biografias e ainda hoje repercutem em suas velhices. Os traumas enfrentados persistem, assim como existem aquelas que superaram dramas pessoais e buscaram novos rumos,

esquecendo-se do que passaram e rebelando-se contra um conjunto de normas que tentou submetê-las.

Elas tiveram casamentos tradicionais, daqueles que se baseiam em papéis que a mulher e o homem ocupam dentro do casamento. O sexo era tradicional também. Como diz Vera, o sexo era “muito arrumado” no seu casamento. Díaz-Benítez (2010) diferencia o sexo pornográfico do sexo “doméstico,” aquele que, “segundo o imaginário social, é efetuado rotineiramente por um casal unido por afetos na intimidade de seu quarto.”(P.109). Ou seja, é o sexo convencional. Tanto é que Vera se admira dos novos papéis sexuais femininos nos dias de hoje, e reflete:

Eu tinha um bom relacionamento sexual com meu marido e a gente se dava muito bem, mas tudo muito tradicional. Eu valorizava pouco a sexualidade. Eu achava que fazia parte e a gente era um casal normal. Tinha relação duas vezes por semana, ele já estava com 70 anos e eu com 60 e poucos, eu achava bom, mas sem muitos exageros.

Hoje que eu cheguei mais perto dessa outra geração e nas conversas já acho que a minha sexualidade poderia ter sido melhor com ele. Eu fiquei muito travada ainda. Tem muitas travas que eu consegui tirar, mas outras não consegui por conta das minhas heranças históricas, do comportamento da minha mãe e da formação que eu tive. Às vezes fico pensando assim, se eu não tivesse tão travada, teria vivido mais intensamente minha sexualidade? Será que é por isso, como eu não vivi com ele, estou me poupando de viver agora?

Aí eu penso que tenho 68 anos, para ter uma sexualidade com uma pessoa mais jovem, vai ser muito difícil uma pessoa mais jovem me amar. E eu pegar uma pessoa idosa, que vai morrer logo também, primeiro do que eu, eu fico sempre nesse dilema. Eu acho que minha sexualidade não se desenvolveu completamente até hoje, porque não tinha sido desenvolvida até ele (o marido) morrer totalmente. Porque ele era muito tradicional, muito normal, não tinha nada de extraordinário.

Até as minhas amigas me contarem suas histórias de hoje, as novas formas, eu fico pensando “mas meu Deus, eu nunca tive a ideia disso, mas deve ser tão bom”. Eu fico pensando que podia fazer isso hoje, mas com essa idade? ‘Um velho não vai fazer mais essas estripulias’ - fico pensando sozinha, e um novo não sei se eu vou aceitar numa boa, porque a minha formação não dá pra fazer o sexo pelo sexo, eu não me concebo vendo, só fazendo sexo assim: eu não gosto dele, estou pagando e vou fazer sexo com ele, para ver como é que são as coisas... eu não consigo sentir assim!

A sexualidade é uma coisa que eu não desenvolvi, que acho que eu deveria ter sido mais solta, mas era muito arrumada demais, ele era arrumado e também deu certo. Eu não percebia isso, hoje percebo que se ele tivesse sido mais desarrumado e eu também a gente poderia ...hoje eu digo pras meninas, tudo que eu tenho lido da filosofia masculina, para eles o sexo é mais importante do que pra gente. Me lembro de uma entrevista do Ziraldo que ele dizia assim: “Quando a gente casa parece que a mulher esquece que a gente tem pinduricalho”. Aí vai cuidar dos meninos, da casa, a gente esquece que o sexo pro homem é importantíssimo. Não é talvez pra ela, mas pra ele é importantíssimo. Sabe, é isso mesmo.

Vejo hoje como as meninas inventam, vai viajar um dia e é uma novela, *deixa roupa esparramada* para quando voltar. Eu acho que pra mim foi mais sério e que eu sinto pena é essa não dimensão da sexualidade. (VERA, 68).

O que esse relato indica é uma confluência de três componentes: a culpa, os valores tradicionais e a perspectiva de uma mulher que passa a vida toda casada e admite não ter explorado sua sexualidade como deveria; casamentos tradicionais cuja sexualidade do casal heterossexual não é visto como algo importante. O “casal normal” é aquele que não arrisca, que cai numa rotina cuja atividade sexual é mais pesar do que prazer. A “relação comportada” denota a ausência de criatividade ou mudança durante o sexo, cujas novidades seriam encaradas como se a mulher tivesse aprendido as novas posições fora do casamento, ou seja, com outros homens.

Assim a mulher se continha e se contentava com sexo “com respeito”, como alega Vera, na qual não fazia muita “estripulia” (sic), porque havia regras implícitas de comportamento jamais quebradas. Embora seja uma mulher independente, que viaja o mundo todo, e frequenta os mais variados espaços de lazer da Cidade, com amigos, ainda se diz “travada”, circunscrita que está em determinados lugares sociais. Os fatores sociais e as pressões a levaram a determinadas escolhas e caminhos percorridos na sua trajetória pessoal. Ela é castrada simbolicamente, e é assim que se percebe:

Não (masturbação), nem hoje em dia. Quer dizer, já pratiquei masturbação hoje em dia por conta assim da terapia que ele (o terapeuta) me disse que meu lado racional era maior que o meu lado emocional, e que meu corpo não respondia a estímulos por todas essas histórias que eu lhe contei. Aí eu comecei a meditar e pensei ‘meu deus, não sei se o meu corpo responde aos estímulos.

Como eu nunca me masturbei, eu vou me masturbar’. Não funcionou! Me masturbei, tentei e não funcionou e eu dizia: ‘isso não é imoral, eu estou fazendo pra fazer o equilíbrio do meu corpo, porque tem muitos anos que estou sem fazer sexo.’ Até que eu parei de fazer, porque o psicólogo disse: ‘Não, deixe ver se acontece naturalmente!’ Ele fez um teste lá espiritualizado, não é que ela tenha se acabado, ela tá presa por algum motivo. Que já estava com ele(enquanto o marido era vivo) e depois que ele se foi, se fechou mais. Mas não resolveu, não senti prazer nenhum.

Eu sei, ele disse 'você ainda está viva', tem mulheres de 70 anos que ainda encontram um amor. É porque eu fiquei cheia de preconceito[...] fica esse dilema, e é isso que eu to trabalhando nesse processo de autodesenvolvimento. **Sinto como se eu tivesse assim "capada"**, eu não sinto assim desejo sexual, nem olhando assim para um homem, nem vendo uma cena na TV. (VERA, 68).

Essa questão de se sentir como se não tivesse mais sexualidade, como se ela tivesse sido arrancada, além do preconceito que muitas mulheres e não só Vera sentem, é consequência de uma vida de resistências, pudores e de aprendizados de que o comportamento feminino deve ser contido. Verônica também diz que "Hoje não sairia com alguém só por sexo. Já sai, várias vezes. Hoje não, esse item foi eliminado!"

Esse, embora seja um aspecto sociocultural, também é de origem psicológica associada às questões físicas e hormonais. A denegação total da sexualidade, ora relacionada com os valores aprendidos desde a infância, ora atribuída a um casamento comportado, é de tal modo arraigada que mesmo quando está sozinha, não consegue sentir prazer na masturbação. A culpa não se dissipou. Continua marcada na sua carne, de tal modo que não consegue sentir nada, é preciso que o outro a lembre que continua viva.

Houve também quem dissesse que não se masturba mais desde que descobriu que estava doente (do coração) e acreditou que: "não vou ter mais dor com nada não! Porque eu tinha medo de morrer, mas aí a vontade passou, acabou!" (ANNA, 69). A ausência de sexo pode ser também sublimada através dos sonhos: "Eu não quero mais sexo. Eu acho que a gente pode viver bem só. A gente sente falta de sexo, tudinho, mas no sonho Deus ajuda a ultrapassar esses momentos difíceis. Porque sexo é para sempre e não tem idade." (NELI, 66). Santos (2003) adverte sobre esse aspecto

A partir da redescoberta do sexo e do amor o velho reconquista o lugar vital de homem e mulher e não mais de velho, que tem como futuro o fim da vida. Novamente, é na relação com o outro que está a importância da redescoberta do desejo de viver. As fantasias sexuais, sob forma de sonho, ou sublimadas em expressões artísticas, retomadas na relação direta com o namoro, ou na relação com os familiares, netos, bisnetos, amigos, recolocam a vida viva, independente da idade ou da limitação física do velho. (33-34).

Todas essas mulheres reforça a noção de que, embora esse aspecto de suas vidas esteja “aposentado”, ainda há muitas outras questões que valorizam em seus cotidianos. Elas continuam ‘vivas’ para sair com os amigos e familiares, viajar para outros países, exercer atividades remuneradas ou não remuneradas, aspectos já explorados em outros capítulos. Suas vidas não se restringem às questões sexuais.

CONCLUSÃO

A atitude de leitor, que resolvi adotar, não me é, percebo agora, de modo algum desconhecida. Minhas “constantes”, o que ainda conserva um valor pra mim neste livro, ainda mais: o que constitui “minha” imagem tal qual a vejo eu mesmo - são precisamente as passagens que escrevi como se eu já fosse um leitor, um outro. Onde eu escrevia não para mim mas para outrem, não para me exprimir, mas para fazer (falar) o texto. Só se escreve lendo: paradoxo cuja digna contrapartida reside no próprio ato da escritura, que parece ter sido inventado para dar um exemplo perfeito da impossibilidade. Pois a escritura não conhece um “antes”, ela não é a expressão de um pensamento prévio; mas então, que é que se escreve? O ‘mistério nas letras’ tem isto de atraente: torna-se mais espesso à medida que se tenta dissipá-lo. (TODOROV, 2004: P.23).

Escrever com atitude de leitor revela uma preocupação intrínseca com o outro, ou como eu, feita outro, entenderia a voz que ecoa deste texto. Ao se escrever lendo, paradoxo revelado por Todorov, percebemos, de fato, a impossibilidade de que tudo seja expressado, de poder tudo dizer. Numa tese, corre-se o risco de ser repetitivo pelo excesso de tentar dizer, fazer falar, revelar. O perigo contrário, entretanto, também nos assombra: o de silenciar, o de não ter escutado, de dissipar quando deveria tornar mais consistente.

Foi atentando aos indícios, que procurei dar conta dos caminhos que me levaram às narrativas das mulheres de 60 a 70 anos; elas que me fizeram ver as transformações e mudanças ocorridas em seu devir e a compreender o processo que conduzia a um novo modo de envelhecer. A velhice é uma elaboração histórica, cultural e social vivida por cada sociedade ao seu modo.

A sociedade ocidental passou por várias ressemantizações que revelam parte da inadequação de determinados termos ante a mudança de comportamentos das pessoas mais velhas. Terceira Idade, quarta idade, melhor idade, sênior, longevos e idosos são algumas palavras que podem ser usadas ao dirigir-se a essas mulheres; contudo, não dão conta da diversidade de velhices.

Tal ocorre ao contrário do que dizia Beauvoir (1990), que pretendia quebrar a conspiração do silêncio e revelava que, “para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar. Sobre a mulher, a criança, o adolescente, existe em todas as áreas abundante literatura: fora das obras especializadas, as alusões à velhice são muito raras.”(P.8). Hoje os estudos nessa área crescem gradativamente, embora seja reconhecido o fato de que ainda pouco se refiram a sexualidade e afetividade. As pessoas em fase

de envelhecimento não estão mais escondidas, pois frequentam os espaços diversos da Cidade e mostram sua face.

Em Fortaleza, as moradoras pesquisadas apontam para um Circuito de Lazer que se constitui com base em restaurantes, bares e clubes, que têm uma programação voltada para esse público. São as nomeadas “Festas da Terceira Idade”, carnavais, bailes de máscara etc, ou ainda outros lugares, necessariamente organizados com músicas ao vivo e cujas bandas tocam sucessos de outrora. daquelas que me aproximei com maior intimidade, observei como esse circuito é frequentado com assiduidade, fazendo parte do estilo de vida das mulheres nessa faixa etária. Mesmo que eu tivesse intenção de acompanhá-las aos diversos espaços, foi verdadeiramente difícil cumprir a rotina de “noitadas” dessas mulheres.

Além disso, destinam parte de suas energias para viagens ao Exterior. Esse é um ponto alto do envelhecimento que denota a liberdade na qual vivem após os 60; mas, também, podem revelar uma outra face, qual seja, historicamente; as viagens de turismo são carregadas por uma conotação sexual, na qual os (as) turistas podem ter “aventuras” com os moradores locais sem o olhar discriminador de seus pares. Isso é relativamente comum nas narrativas de viagens de mulheres mais velhas, ao mencionarem que são muito paqueradas em outros países ou mesmo que os “italianos são muito quentes.” (sic). Bozon (2004) admite que, nos anos 1960 e 1970, os franceses procuravam paraísos sexuais em outros países, primeiro, na Suécia e depois, na Califórnia e afirma:

No século XX, continuávamos procurando fora de nossa própria sociedade uma sexualidade mais livre, em que as relações entre parceiros fossem mais fáceis. Ou seja, os amores exóticos continuavam a fazer sonhar. Essa tendência persistente de ver o paraíso sexual longe de sua própria casa aponta o caráter mítico da noção de liberdade sexual, amplamente apoiada na ignorância dos sistemas de imposições e dependências que caracterizam as outras sociedades. (P.108).

Na juventude, passaram por grande vigilância em seus comportamentos e rigidez de valores ensinados; tendo sido constatado, com base nos relatos sobre a perda da virgindade, como foi algo doloroso e desvirtuoso se ocorrido antes do casamento. As primeiras relações sexuais aconteceram com os primeiros maridos e delas geraram filhos. Após a separação, descobriram a liberdade de reservarem tempo para si mesmas e investiram em seus interesses. Esses são desde os cuidados de si, que passam da dietética à dimensão estética, seja pelo retorno aos

estudos para cursarem especializações, a busca por novas ocupações, sejam atividades remuneradas ou não pagas e atividades culturais.

Isso porque o trabalho teve grande centralidade em suas vidas. Ele seguramente foi o primeiro passo para a sua independência. Depois de medirem a vida doméstica com a formação universitária e posteriormente um trabalho remunerado, revelaram grande interesse pelas atividades laborais; tanto que há aquelas que, mesmo aposentadas, continuam trabalhando, mas esse trabalho é organizado em um expediente do dia para que no outro possam usufruir dos benefícios da vida em envelhecimento. Outras que trabalham desde muito jovens assumem a condição de aposentadas e sentem-se à vontade na vida sem compromissos formais, utilizando seu tempo em outras atividades não pagas, a exemplo do voluntariado ou cursos de teatro, línguas e artes. Elas revelam satisfação nessa etapa de suas vidas, movidas por novos desafios e interesses, como pisar no palco do teatro pela primeira vez como atrizes.

Essas transformações vêm à guisa de terem vivido anos revolucionários, como os 1960-70, que trouxeram grandes transformações no modo de encarar os papéis das mulheres que passaram de donas de casa a trabalhadoras, mães divorciadas e carregando o brasão da mudança dos tempos. O novo modo de encarar a velhice advém de circunstâncias revolucionárias de toda uma geração pós-Segunda Guerra, os *baby boomers*, nascidas de 1945 a 64, anos de prosperidade e inovação tecnológica. A autonomia das mulheres foi restituída mediante controle da contracepção, do direito ao divórcio e da entrada em grande volume nas Universidades, ainda que em profissões eminentemente femininas que primam pelo cuidado.

A *valência diferencial dos sexos* se evidencia, muitas vezes, em seus discursos, revelando um desequilíbrio de poderes entre homens e mulheres, e a desvalorização de um pelo outro, ainda presente nestes tempos. Daí se fez imprescindível abordar determinadas questões de gênero, compreendido como performance, devir, buscando romper com a naturalização de certos discursos sobre o “macho” e a “fêmea”.

Como estão sozinhas aos 60, reveem essa situação na busca de outros relacionamentos, esses diferentes de outrora. O que querem é um homem companheiro, que some qualidades às suas vidas e não alguém para cuidar e ter trabalhos domésticos; uma relação mais igualitária baseada na liberdade, no afeto e

no carinho. São os *namoridos*, nova denominação que não as constrange, e que revela um meio-termo nos relacionamentos escolhidos. Difícil é encontrar homens nesse perfil, pois eles parecem aturdidos com essas transformações que vão de encontro ao que aprenderam culturalmente como sendo a função da mulher e do homem.

Existe também a denegação de novos relacionamentos afetivos ou sexuais. Essas são as mulheres que descartam o padrão no qual a mulher precisaria de um homem para ser valorizada socialmente, ou seja, o *capital marital* tão valorizado ainda na sociedade brasileira. Como vieram de casamentos que tiraram sua liberdade, exigindo que tivessem um comportamento de submissão aos homens, elas não querem mais a presença deles em suas vidas. Mais claramente, não o querem dentro de casa, dando ordens.

A denegação da sexualidade também é um destaque por essas mulheres que dizem “não querer mais homens”. Elas afirmam que se sentem “aposentadas” sexualmente, não tendo mais interesse nesse aspecto de suas vidas. Esse quadro foi assim caracterizado por mulheres de idade de 65 a 70 anos, ou seja, aquelas que tiveram algum tipo de doença associada à idade mais avançada, ou mesmo que vinculam essa situação a uma questão hormonal: a chegada da menopausa. Parece ser mais, contudo, uma questão emocional e psicológica, uma vez que três componentes marcam suas trajetórias afetivo-sexuais: a culpa, os valores tradicionais e os casamentos tradicionais que as levaram a uma sexualidade reprimida. Bozon (2004) diz que a menopausa é uma construção social e psicológica com origem numa realidade biológica que não marca mais o fim da vida sexual das mulheres. Para a menopausa, existem tratamentos hormonais, tanto preventivos como para aquelas que já chegaram a esse momento, que atenuam o impacto dessa queda hormonal na vida sexual de muitas mulheres.

Embora haja esse discurso, o que prevalece é a mudança de comportamento sexual entre as interlocutoras desta pesquisa. Ao anunciarem que ainda têm as cócegas, referindo-se ao desejo sexual, elas mostram que possuem atividade sexual ativa, procurando homens que possam dar ainda prazer sexual. Dizem que sexo é muito importante, desde que associado a certa afetividade. E, embora reconheçam que existem “amigas” suas que pagam para sair com os dançarinos das festas que frequentam, jovens que recebem dinheiro para dançar por música, elas dizem que não fazem isso! As opiniões se dividem entre as que acham

que é normal, uma vez que a mulher sente necessidade de sexo e não tem mais tantos atrativos, e as outras que acham que não é válido, uma vez que a relação vira um jogo que mostra-esconde os reais interesses.

As mudanças são grandes e o sentido atribuído à liberdade é diferente entre homens e mulheres. As últimas, diferentemente dos primeiros, que sempre gozaram de liberdade, só agora sabem o que é viver sem responsabilidades domésticas e de trabalho, pois, ao longo da vida, acumularam funções. Portanto, a liberdade aparece como a maior de suas conquistas! Preferem ficar sozinhas a abrir mão dela.

Muito ainda é preciso ser gestado no campo da pesquisa sobre o envelhecimento humano, como a perspectiva masculina, para se compreender se de fato e quais os motivos levam os homens a buscarem mulheres mais jovens, ou entender a vida deles pós-aposentadoria, uma vez que o trabalho foi o pilar de suas vidas. A perspectiva das mulheres precisa também ser mais desvelada, apontando aspectos que ainda são tabus, mas que aos poucos os estudiosos tem buscado revelar; e a questão da sexualidade e da afetividade de outras mulheres, de travestis e transexuais com idade igual ou superior a 60 anos, dentre outros.

São tantos os aspectos que ainda precisam de destaque no plano da Sociologia do Envelhecimento, que o meu trabalho retrata apenas um grão de areia, mas, sem dúvida, sem ele, não haveria imensidão. Pela responsabilidade atribuída a mim por todas as mulheres que me falaram sua intimidade, que abriram as portas de suas vidas e me receberam de braços abertos, acredito que a minha missão foi cumprida; não aquela de falar por elas, nem de “dar voz”, mas de revelar, dentro das possibilidades de uma pesquisadora, as principais nuances das transformações ocorridas em suas trajetórias.

O trabalho não está encerrado. Pretendo, ainda, explorar muitas questões pela riqueza de informações contidas em suas falas e as abordagens que podem ser mais escrutinadas, pois, assim como diz Todorov sobre a escrita, à medida que tentamos dissipá-la, torna-se mais espessa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa. **A dama e o cavalheiro**. Um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Família, sexualidade e Velhice Feminina. *In* HEILBORN, Maria Luiza. (Org) **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. *In* BARROS, Mirian Lins de. (org.) **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. Gerações em perspectiva: os sentidos da sexualidade feminina na velhice e na vida adulta. *In* Goldenberg, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ANTUNES, Ricardo L. C. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2011.

AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. *In* PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1973.

ARY, Zaíra. 1983. **Domesticidade: Cativo Feminino**. Rio de Janeiro: editora, 1983.

_____. **Masculino e feminino no imaginário católico**. Annablume. Fortaleza: Secult, 2000.

BADINTER, Elisabeth. **O Conflito**. A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BALANDIER, George. **O Contorno. Poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Zigmund. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. e MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

BOBBIO, Norbert. **O tempo da memória**. De senectute e outros escritos autobiográficos. São Paulo: Editora Campus, 1997.

BORN, Cláudia. Gênero, **Trajetória de vida e biografia**: desafios metodológicos e resultados empíricos. Porto Alegre: Interfaces. Sociologias. Ano 3. No5. 2001. (P.240-265).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Memória de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre.(Dir) **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **A distinção**: crítica social e julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Novas Normas de entrada na sexualidade no Brasil e na América Latina. In HEILBORN, Maria Luíza. [Et al]. **Sexualidade, Família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRASIL. **Estatuto Nacional do Idoso**. Instituído pelo Projeto de Lei 3561/97, aprovado pelo Plenário em 23/09/2003.

BRITO DA MOTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. Cadernos Pagu (13), 1999. (P.191-221).

_____. “Chegando pra idade”. In BARROS, Miriam Moraes Lins. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____.Elas começam a aparecer. In PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASOTTI, Letícia; e CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de campo e de tempo. In **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. (apresentação) In BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Memória de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2004.

DAMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blue.”** In Nunes, Edison de O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBERT, Grita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 1999.

DE CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

DELPRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

_____. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

_____. **Histórias íntimas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. Michel Foucault. **Uma trajetória Filosófica**. Para além do estruturalismo e da Hermenêutica. Tradução: Vera Portucarrero e Gilda Gomes Carneiro. Introdução: traduzida Antônio Cavalcante Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ELIAS, Norbert. **A busca de excitação**. Lisboa: DIFEL, 1985.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **A solidão dos moribundos**. Seguido de Envelhecer e Morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ESCOFFIER, Jeffrey. (Introdução). In GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**. Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro, Garamon, 2011.

FONDA, Jane. **O melhor momento**. Aproveitando ao máximo toda a sua vida. São Paulo: Paralela, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Curso dados no Colège de France. (1981-1982) Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**. Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro, Garamon, 2011.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S&A, 1978.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

_____. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 2002.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo**. São Paulo: Unesp, 1993.

GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa, Relógio d'água, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal**. Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Intimidade.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **A bela velhice.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

GOLDENBERG, Mirian e ITURRUSGARAI, Adão. **Tudo o que você não queria saber sobre sexo.** Rio de Janeiro: Record, 2012.

GOLDMAN, Márcio. **Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões.** In: Anuário Antropológico, Nº. 93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HAGUETTE, Teresa Maria. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HEILBORN, Maria Luíza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In OLIVEIRA COSTA, Albertina e BUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

_____. **Dois é par.** Gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. **O que os homens querem da mulher? In 18 crônicas e mais algumas.** São Paulo: Boitempo, 2011.

HÉRITIER, Françoise. **Masculino e feminino/II.** Dissolver a hierarquia. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação.** Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: 2002.

_____. **Retratos sociológicos.** Disposições e variações individuais. São Paulo: Artmed, 2004.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo.** Antropologia e Sociedade. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: SP: Papirus, 2003.

_____. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Tradução: Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade.** Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher.** Permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOBATO, Josefina Pimenta. **Antropologia do amor.** Do oriente ao Ocidental. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens.** São Paulo: Cosacnaify, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro:** notas para uma etnografia urbana. In Revista Brasileira de Ciências Sociais. Nº 49, 2002.

_____. **Festa no Pedaco.** São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

MALINOWSKI, 1978. **Os argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné Melanesia. São Paulo: Abril Cultura, 1976.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **O amor nos tempos do cólera.** Tradução de Antonio Callado. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MESQUITA, Charles Jean Gomes de. **Em carne viva:** estética da feiúra e redefinições corporais. Fortaleza, Gráfica LCR, 2013.

MESQUITA, Paula Fabrícia Brandão Aguiar. **No Abrigo da Fala:** as referências familiares das crianças e adolescentes das Casas Abrigo de Fortaleza. (Monografia) de Conclusão do Curso de Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará – UECE, 2002.

_____. **Roleplaying Games:** o imaginário e a sociabilidade de jovens contadores de outras histórias. Dissertação. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, 2006.

MONZANI, Luiz Roberto. Sedução e Fantasia. In **Manuscritos.** Revista de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Vol VII, n 1-2, abril-outubro - 1984.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política:** uma introdução crítica. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de Oliveira. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15, 1988.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, Pobreza e Gênero:** o lugar da dominação masculina. Fortaleza: Editora EDUECE, 2001.

PAHL, Ray. **Depois do sucesso**. Ansiedade e Identidade Fin-de-Siècle. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão**. Deambulações Sociológicas. Porto, Portugal: Ambar, 2006.

_____. Cursos de vida, padronizações e disritmias. *In* PAIS, José Machado, FERREIA, Vitor Sérgio. (orgs.) **Tempos e transições de vida. Portugal ao Espelho da Europa**. Lisboa: ICS, 2010.

_____. **Sexualidade e afectos juvenis**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais - ICS, 2012.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Melancolia de gênero e envelhecimento homossexual: figurações da velhice no contexto da homossexualidade feminina. *In* VALE, Alexandre Fleming Câmara (org). **França e Brasil: olhares cruzados sobre imaginários e práticas culturais**. São Paulo: Annablume, 2012.

PEIXOTO, Clarice. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. *In* PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In* POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. 1997. **A pesquisa qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

RABINOW, Paul. **Ensaio da antropologia da razão**. Relume Dumara. 1999.

RODRIGUES, Lea Carvalho. **Metáforas do Brasil**: demissões voluntárias, crises e rupturas no Banco do Brasil. São Paulo: Annablume, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em desordem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas**. Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica editora, 2011.

SANTOS, Suely Souza. **Sexualidade e amor na velhice**. Uma abordagem de análise de discurso. Porto Alegre: Editos Sulina, 2003.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SESC. **Velhices**: Reflexões contemporâneas. São Paulo: Sesc, 2006.

SIMMEL, George. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOUZA - LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: editora Perseu Abramo, 2011.

TANIZAKI, Junichiro. **Diário de um Velho Louco**. São Paulo: Estação Liberdade. 2007.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo social**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

THERBORN, Goran. **Sexo e Poder**. A família no mundo 1900-2000. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O vôo da beleza**: travestilidade e devir minoritário. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, 2005.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **Individualismo e Cultura**. São Paulo: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Nobres e anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: editora FGV, 2008.

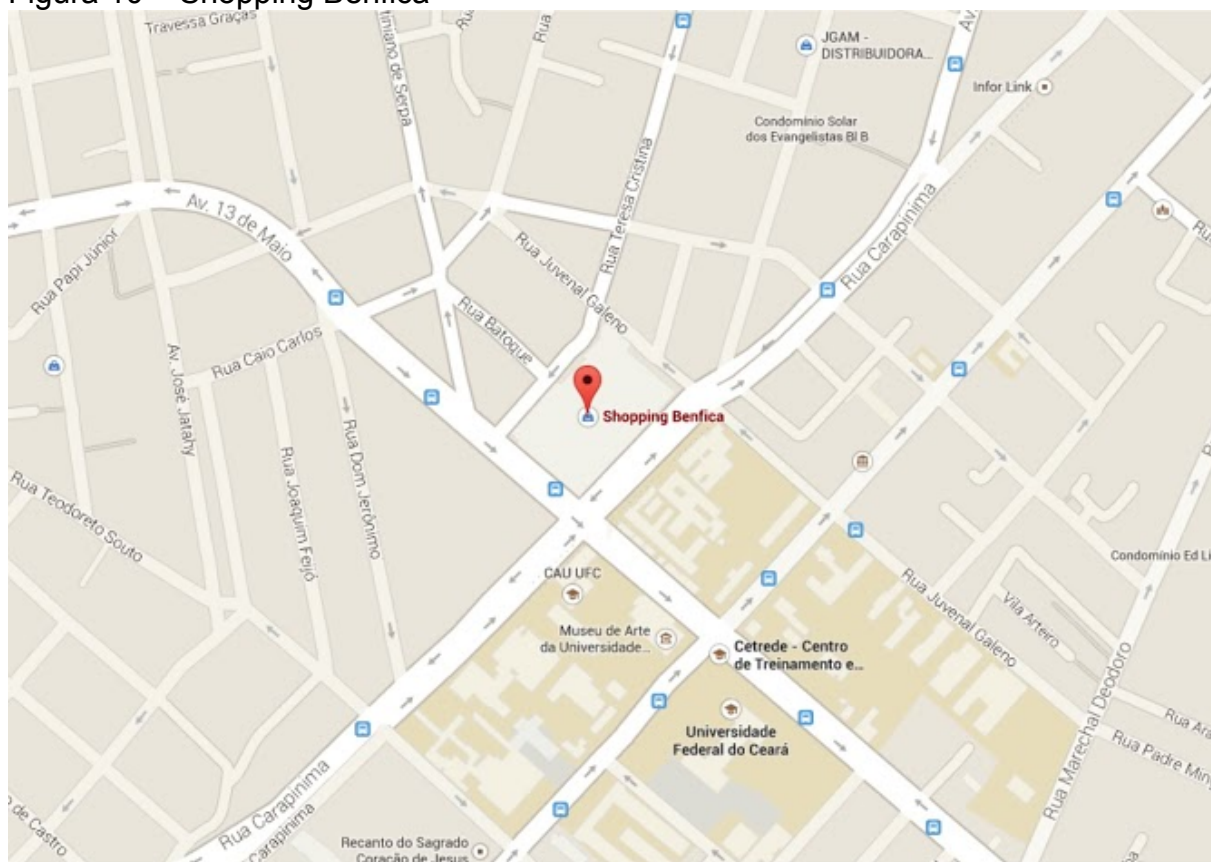
VON Simson, Olga; NERI Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. (orgs.) **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

FILMOGRAFIA

COCOON. A aventura dos corais perdidos. Direção: Ron Howard. Produção: David Brown. Estados Unidos: Twentieth Century Fox Film Corporation, 1985.

ELZA e Fred. Um amor de Paixão. Direção: Marcos Carvenale. Produção: José Antonio Félez. Espanha/Argentina: Paris Filmes, 2005. 1 DVD (108 min).

Figura 10 – Shopping Benfica



Fonte: Google maps.